"BEAUTIFUL, ROMANTIC, AND AS ALWAYS, HILARIOUS."
–#1 AMAZON BESTSELLING AUTHOR BRITTAINY C CHERRY

Wasted WORDS

Inspired by
Jane Austen's
Emma



staci hart

Wasted Words

A ROMANTIC COMEDY
BY BESTSELLING AUTHOR
STACI HART

Tradução, Revisão e Formatação por
WhitethornTeca.

A Kandi por ser a roda traseira do Tribecycle, para que possamos ir muito rápido.
E para Becca por ser a roda dianteira constante que nos impede de bater.

SEMPRE CERTO

Cam

EU SOU PARTE MÉDIUM.

OK, TALVEZ não do tipo prevê-o-futuro, Madame Esmeralda ou qualquer coisa, mas com pouco mais de um olhar, eu poderia lhe contar várias coisas sobre uma pessoa, desde os tipos de livros que lêem até sua bebida favorita.

Eu sempre classificava as pessoas, como livros no Sistema Decimal de Dewey, onde tudo tinha seu lugar. Geeks com geeks. Chique com chique. Por exemplo, quando conheci meu colega de quarto, Tyler, soube instantaneamente que várias coisas eram verdadeiras. Ele praticava esportes – futebol, imaginei – qualquer homem alto e musculoso daquele jeito seria louco por não usar seu corpo para praticar esportes. Ele havia tomado um pé na bunda recentemente, considerando o fato de que veio morar comigo com pouco mais do que uma mala cheia de roupas e algumas caixas. E, quanto à sua bebida favorita, eu o classificara como um bebedor de cerveja. Essa última foi apenas um palpite, mas eu apostaria meu dinheiro e estava certa.

Eu só usava meus poderes para o bem, para fazer combinações entre pessoas que conheci ou estranhos que encontrava, plantando pequenas sementes, cutucando-as juntas. Não cutucando-as fisicamente – como uma idiota de 1,57cm usando óculos e pesando um pouco mais do que 47kg, eu não conseguia nem abrir algumas portas sem grunhir. Mas podia ver padrões entre as pessoas e, com uma palavra bem colocada ou talvez com um pouco de manipulação bem-intencionada, conseguia colocar as pessoas na linha de visão uma da outra por tempo suficiente para que elas realmente se vissem.

Embora, no final do dia, a verdadeira razão pela qual eu fazia isso era por estar apaixonada pelo amor.

Há algo terrivelmente satisfatório em imaginar duas pessoas se apaixonando e aí testemunhar isso. Saber que você deu uma mãozinha para eles encontraram

alguém para se apaixonar, especialmente quando você mesmo não tinha encontrado o amor.

Não que eu não estivesse procurando, mas minha vida amorosa era meio que inexistente há muito tempo. Era mais seguro assim.

Além disso, é mais fácil cuidar da vida dos outros do que da sua própria e eu estava perfeitamente feliz juntando todos que eu podia.

Meu trabalho na Wasted Words era gerente de peças iguais, revendedor de gibis, *barwoman* e casamenteira – o último sendo a minha parte favorita do trabalho. Misturar os garotos nerds e as garotas românticas que entravam se tornou meu *hobby* favorito. Era eu quem cuidava da *noite dos solteiros*, que era a noite mais fácil para fazer mágica, e atender o bar era outro caminho para fazer conexões de amor. Eu fazia isso desde a faculdade, mas desde que fui contratada para ajudar a abrir e administrar o Wasted Words, eu havia aumentado minhas estatísticas exponencialmente.

Era quase fácil demais. Como pescar em um barril, e essas coisas. Conhecer pessoas em Nova York não era fácil e o conceito do nosso bar – que também era uma cafeteria e livraria, com uma extensa coleção de quadrinhos – trazia um grupo eclético de clientes.

Tínhamos tudo, desde advogados corporativos à procura de hentai, mais conhecido como pornografia de tentáculos, até adolescentes navegando em nossos enormes corredores de romance. Havia também os jovens da faculdade, especialmente da Columbia, já que estávamos bem perto do campus e, é claro, o romance estereotipado padrão para ler: mulheres gatas e os super nerds. Esses eram os mais fáceis de combinar.

Por exemplo, havia uma garota do outro lado do bar – vamos chamá-la de “A Leitora” – com o nariz em um livro enquanto bebia seu *chai*. Enquanto eu limpava o balcão na minha frente, notei que ela virava as páginas com a velocidade de uma vida, provavelmente lia desde que ela era uma criança. Seus dedos estavam manchados de tinta ou grafite e toda vez que ela levantava os óculos, esfregava um pouco no nariz. Observando o caderno preto embaixo do que ela estava lendo, parecia uma suposição segura de que ela era uma artista de algum tipo. Alguma coisa nela – sua postura talvez, quase como se ela estivesse tentando se tornar menor, ou suas roupas, folgadas e um pouco fora de moda – me dizia que ela não era do tipo de dar o primeiro passo, mas ela era bonita, com certeza, com pele como creme e cabelos em um coque com franja pesada.

Algumas mesas depois sentavam um cara que estava assistindo A Leitora por trás de um litro de *guinness* e um gibi japonês. Seus olhos se lançavam para observá-la, embora ela continuasse folheando as páginas, completamente inconsciente, tão absorvida em seu livro que não o havia sentido, mesmo com

ele lançando sinais não ditos em ondas na direção dela. Ele tinha a aparência dos caras comuns que frequentavam a loja de quadrinhos onde eu trabalhava antes de Wasted Words – desajeitado, alto, magro pelos padrões da sociedade, pelo menos. Eu achei ele adorável, com cabelo escuro desgrenhado e um capuz sobre uma camiseta de Batman comendo ramen, emoldurado como uma capa de quadrinhos e intitulado em caracteres japoneses que diziam "*Batman e Ramen. Está delicioso.*"

Eu a imaginei olhando para ele e sorrindo, depois ele descendo para falar com ela. Então ele a convidava para sair, eles trocavam números e ela corava docemente. Eles iam jantar, conversavam sobre livros e vida, ele a beijava na frente da porta dela. E então casamento, bebês e todo o resto.

Eu suspirei, sonhadora.

Batman poderia ter tido uma chance sólida com A Leitora com nada além de uma autoconfiança, mas esse sempre foi o truque. Ele não tinha, e ela também não. Era aí que eu entrava.

Meu colega de quarto, Tyler, bufou. — Deixe-os em paz, Cam.

Eu estreitei meus olhos para ele. — Não me diga o que fazer, Tyler.

Ele riu e balançou a cabeça, e tudo que eu pude fazer foi sorrir do outro lado do bar para ele. Tyler estava sentado no assento que ele sempre ocupava, perto da parte traseira do bar, onde me fazia companhia no trabalho. Ele tinha um metro e oitenta e cinco centímetros de homem absoluto, com olhos calorosos e amigáveis, um sorriso como as luzes de um estádio e um maxilar que saía direto de um anúncio da Abercrombie. Eu odeio Abercrombie, mas compraria tudo o que eles vendessem se Tyler estivesse no cartaz apenas de cueca.

Que pegadinha, certo? O problema era que o peixe dele e o meu nem viviam no mesmo lago. Não, o lago dele estava cheio de líderes de torcida e rainhas da beleza, modelos e garotas que também pertenciam a anúncios da Abercrombie e… não sei. Não eu, isso eu tinha certeza. Não me interpretem mal – eu não ficava mal com isso ou algo assim. Era apenas um desses fatos da vida.

Garotas nerds vestindo flanela e camisetas da Estrela da Morte brandindo a frase "*Isso não é lua*" , não namoram caras como ele.

Elas namoram testadores de videogame e baristas que fazem luar nos torneios Magic: The Gathering. Caras que gastam dinheiro com roupas de cosplay e atualizações de PC.

Eu sorri e empurrei meu queixo na direção dos dois, guiando meus pensamentos de volta para as coisas que eu poderia mudar. — Olhe para eles. Eles seriam tão lindos juntos.

— Você não sabe disso. Talvez ele seja abusivo.

Eu bufei.

— *Tá bom*. Tenho certeza de que ela aguentaria ele.

Ele sorriu e pegou sua cerveja. — Apenas dizendo. Você não sabe nada sobre eles.

— Não é verdade, eu sei pelo menos um pouco. Olha, ela tem tinta nos dedos, então aposto que ela é uma artista.

— Talvez ela venda jornais.

Eu dei-lhe um olhar plano.

— Ninguém mais compra jornais.

Tyler me olhou, divertido. — Não tem como você estar certa.

Eu pendurei minha mão no meu quadril. —Sério? Devo lembrá-lo de Jane e Charlie?

— Não, sério, Cam. Não, por favor.

Mas eu fiz assim mesmo. — Se não fosse por mim, eles nunca teriam ido ao seu primeiro encontro, o que significa que eles nunca teriam se casado, o que significa que eles não teriam seus bebês adoráveis dos quais eu sou tia. Eles se odiavam, Tyler. Odiavam. E agora são as pessoas mais felizes que conheço, tudo graças a mim.

Ele balançou a cabeça novamente e inclinou a cerveja em minha direção. — E assim começou sua cruzada para fazer combinações para todos que encontrar.

— Sim. Porque se eu posso fazer duas pessoas tão felizes quanto Jane e Charlie? É disso que se trata.

— Mas ainda acredito na ideia antiquada de deixar as pessoas decidirem com quem querem namorar.

— Mas e se eles quiserem namorar, mas eles ainda não sabem disso? — Perguntei enfaticamente.

— É um passatempo doentio, Cam. — ele brincou.

— É tão satisfatório. Como descascar uma queimadura de sol.

Ele fez uma careta, mas riu.

— Ah, ou assistir pornografia de *power washing.*

— O quê?— Seu lábio se curvou.

— Você nunca viu?— Peguei meu telefone, rindo. —Você não perde por esperar. — Ele olhou em volta. — Tem certeza que eu deveria estar assistindo pornô?— Revirei os olhos e entreguei meu telefone. — Não é pornô de *verdade* , são apenas gifs de pessoas lavando coisas. Tipo antes e depois.

Ele assistiu por um segundo antes de cantarolar. — Realmente. É satisfatório.

— Não te disse? Assim como eu te disse que essa garota é uma artista.

Ele não parecia convencido.

— Aposto cinco dólares.

Tyler suspirou e, internamente, eu gritei com sua derrota. — Provavelmente

vou me arrepender disso. Você deve estar errada a qualquer momento a partir de agora.

Eu ri, virando para os dois novamente, sorrindo ainda mais quando percebi o que eles estavam lendo. — Aposto vinte que eu posso juntá-los.

Ele apertou os lábios, considerando. — Se você conseguir que ele a convide para sair agora, o jantar é comigo.

— Você não pode apressar a arte, — eu disse com uma piscadela e um sorriso enquanto me dirigia à Leitora para trabalhar minha mágica.

Ela ergueu os olhos do livro e empurrou os óculos pelo nariz, ampliando a mancha de grafite.

— Tudo bem por aqui?

— Sim, obrigada. Eu poderia ter um copo de água?

— Com certeza. — Peguei um copo e o enchi de gelo. — O que você está lendo? — perguntei, já sabendo a resposta.

— Ah, — ela disse enquanto deslizava o dedo entre as páginas para manter seu lugar antes de olhar para a capa. — *Outlander.*

Eu balancei a cabeça em aprovação. — Um clássico. Jamie Fraser é o cara perfeito, certo?

Ela corou um pouco e suspirou, sorrindo suavemente. — Esta é a minha quarta leitura da série. Ele é *tudo*, sabe? Macio e duro, sensível sem ser fraco. Ele é o último homem. — Ela suspirou novamente. — Pena que não é real.

— Bem, se ele fosse, ele seria feito apenas para uma mulher.

Pelo menos assim, todas nós o temos.

Ela sorriu novamente, seus óculos escorregando um pouco. — Eu acho que isso é verdade.

Coloquei a água na frente dela e ela tomou um gole. — Então, você é uma artista?

— Sim, como você sabia?

— Suas pontas dos dedos estão borradas. Na verdade, você tem uma coisinha bem aqui. — fiz um gesto para a ponte do meu nariz.

— Ugh, — ela gemeu e olhou para as mãos antes de procurar em sua bolsa um pequeno pacote de lenços. — Você pensaria que eu me lembraria de lavar as mãos depois de desenhar, mas só o faço se estiver no estúdio. Por isso, transporto-os como se estivesse viajando com uma criança. Quero dizer, a menos que eu seja a criança, nesse caso, faz muito sentido.

Eu ri. — Qual é o seu método?

— Eu amo carvão, mas é uma bagunça. Claramente.— ela levantou as mãos em exibição.

— Foi o que eu ouvi. O namorado do meu chefe é um artista e a mesma

coisa acontece com ele. Ele pintou a peça logo acima de você. — eu apontei e ela se inclinou para trás para olhar.

— Ah, eu amo tanto esse quadro e amo que é a primeira coisa que vejo toda vez que entro.

— Ele é super talentoso. — eu me inclinei no balcão. — Pergunta aleatória, mas você já leu algum quadrinho?

Ela balançou a cabeça. — Nunca.

— Então, tem essa história em quadrinhos japonesa que eu amo chamada *InuYasha*. É sobre uma garota que cai em um poço e é mandada de volta no tempo para o Japão feudal.

O sorriso dela floresceu. — Uau, assim como Claire em *Outlander.*

— Totalmente. Quero dizer, tecnicamente é classificado como comédia romântica, então o tom não é como *Outlander*, mas é fantástico. Eles estão caçando essas joias, e InuYasha é sua protetora, mesmo que ela geralmente não precise, sendo uma durona como ela é. Você deveria dar uma olhada. Posso ligar você com uma cópia do primeiro livro com 50% de desconto, se você estiver interessada.

— Absolutamente, — disse ela, corando feliz. — Isso é tão gentil da sua parte, você não precisa fazer isso.

Dei de ombros. — Qualquer coisa para converter pessoas para os quadrinhos. Vou pedir para Ruby pegar uma cópia e adicioná-la à sua guia. — empurrei o balcão e sorri para ela. – Vou deixar você voltar ao seu livro. Deixe-me saber se precisar de mais alguma coisa, ok?

— Obrigada, — ela disse com um sorriso, e eu me senti como um chefe enquanto caminhava para o Batman. A semente havia sido plantada, e o bônus adicional de convencê-la a ir de *Outlander* para mangá me deixou tonta.

— Como está indo aqui?— Eu perguntei, feliz por ele estar bem na frente da louça para que eu pudesse me demorar.

Ele balançou a cabeça e passou uma mão pelos cabelos escuros. — Muito bem, obrigado.

Mergulhei bem as mãos na água e sabão do prato e procurei um copo sujo para limpar. — *InuYasha*, hein?— eu balancei a cabeça para o gibi japonês em sua mão, meu ás no buraco.

— É um clássico. Eu li a série pelo menos meia dúzia de vezes.

— Eu também. Eu peguei todos eles quando estudei em Tóquio por um semestre.

Ele pareceu surpreso. — Você sabe ler japonês?

Eu balancei a cabeça e movi o copo para o poço de enxágüe. — E falar. Você sabe o que diz sua camisa?

— Na verdade não. Deixe-me adivinhar: *americanos estúpidos vão comprar qualque coisa que ver pela frente*?

— Perto. "*Batman e Ramen. Está delicioso.*"

Ele olhou para ele, rindo. — Eu gostaria de saber disso esse tempo todo. — Lavei um copo. — Você lê ficção?

Ele encolheu os ombros. — As vezes. *Canção de Gelo e Fogo* foi a última série que li. Você sabe, *Game of Thrones* ?

— Sim. Eu li todas as oito mil páginas. — eu sorri. *Peguei ele.* — Então, uma das minhas séries de ficção favoritas é sobre uma mulher que é chutada no passado por um *stonehenge*. Chama-se *Outlander*, você já ouviu falar?

Ele estreitou os olhos em pensamento. — Sim, há um programa de TV sobre isso, certo?

— Sim. E o escritor da série é realmente amigo de George R. R. Martin.

Ele pareceu impressionado. — Eu não fazia ideia.

— Certo? Claire é enviada de volta duzentos anos, para a Rebelião Jacobita. Guerreiros escoceses. Cenas épicas de luta. Cenas épicas de *sexo.* — eu balancei minhas sobrancelhas.

— Vocês têm aqui?

— Se não tivéssemos, eu já teria me demitido. Mas você deve assistir ao programa primeiro. — sequei minhas mãos e me inclinei no bar, como havia feito com A Leitora. — É mais um *fandom* de garotas, mas você vê meu colega de quarto bem ali?— Eu balancei a cabeça para Tyler.

— O grandalhão?

— Sim. Ele costumava jogar futebol e deve ser um dos homens mais masculinos que eu conheço, e ele ama a série. A última vez que assisti sem ele, tive que ouvir reclamações por uma semana. Mas não conte a ele que eu te disse isso.

Batman riu.

— E mais. Esse conhecimento pode ajudá-lo um dia, entende o que eu quero dizer? Eu olhei para A Leitora, e ele seguiu meu olhar.

— Oh, — disse ele com compreensão quando viu o que ela estava lendo. — Parece que estou aumentando minha assinatura a cabo hoje à noite. Obrigado pela dica — acrescentou ele, agradecido.

— A qualquer momento, cara. Espero que você goste. Me dê um grito se precisar de alguma coisa, ok?

Ele assentiu, sorrindo enquanto observava o leitor. — Claro.

Voltei para Tyler, e ele levantou uma sobrancelha escura. — Você parece muito segura de si, considerando que nem sequer os fez falar um com o outro.

Mas balancei minha cabeça. — Plantando as sementes, cara.

Ela está lendo *Outlander,* e ele está lendo uma história em quadrinhos japonesa com a mesma premissa.

Ele me olhou. — Você disse a ele que eu assisti, não foi?

Dei de ombros. — Eu tive que convencê-lo de que não era só para meninas. Você foi meu melhor argumento.

Ele gemeu. — Você me usou contra mim mesmo.

— Sinto muito. Na verdade, é mentira, não sinto muito, e você *é* fã de *Outlander*, então nem tente negar. — falei com uma risada. — Ah, e por falar nisso, ela é uma artista, preferindo carvão, muito obrigado. Vou levar cinco agora e vinte no encontro... — Olhei para o futuro casal e balancei a cabeça. — Três. No teceiro encontro, eles estarão juntos.

Ele suspirou e puxou a carteira do bolso de trás, pescando antes de tirar dez, as veias nos antebraços musculares se destacando. Eu não pude deixar de assistir, era como um pequeno farol de virilidade, chamando meu nome.

— Tem troco? — Ele perguntou.

Peguei a nota entre os dedos dele com um estalo e um sorriso.

— Claro que sim. Eu trabalho em um bar.

Tyler

Eu assisti as costas de Cam enquanto ela abriu o registro e fez a mudança para mim, apenas um pouco irritado. Na maior parte do tempo, eu me divertia. Eu a tinha visto trabalhar em muitos casais, e nunca deixou de me surpreender. Ela me explicou uma vez, comparando-a com a capacidade de ver conexões entre as pessoas – tudo o que ela tinha que fazer era se concentrar nisso e ela poderia juntar um casal, apenas assim. Tudo começou com sua colega de quarto na faculdade e, uma vez que ela conquistou a vitória, ficou impossível.

Eu sorri para mim mesmo com meus olhos ainda nela. Seus cabelos escuros caíam pelas costas em ondas suaves – você podia ver que seu corpo era leve, mesmo em uma flanela solta de preto e vermelho. Quando ela se virou para mim, seus lábios rosados estavam inclinados em um sorriso, os olhos escuros atrás de seus óculos.

Aqui está a coisa sobre Cam Emerson: ela sabe tudo.

Certo, talvez não *tudo,* mas eu já a ouvi conversando em japonês, alemão e francês, e ela sabe português o suficiente para fazer mais do que perguntar onde encontrar o banheiro ou a biblioteca. Eu a vi assar um suflê do zero que realmente derreteu na minha boca, e eu a vi reconstruir um laptop para jogos,

com lábio entre os dentes, curvada sobre a mesa de café cheia de parafusos e ferragens. Também tem uma série de obscenidades que deixam sua boca quando ela está assistindo futebol e discorda de uma ligação, o que é frequente, porque Cam está sempre certa.

Ela me entregou uma nota de cinco dólares do outro lado do balcão, com um olhar no rosto que dizia que eu deveria saber melhor do que apostar nela. Ela estava certa sobre isso também.

— Então, o que você vai fazer hoje à noite?— Ela perguntou.

Dei de ombros. — Não tinha planos, pois tenho trabalho de manhã. Kyle acabou de me mandar uma mensagem de que ele está a caminho. — tomei um gole da minha bebida para esperar a reação dela, pois sabia que haveria uma.

Ela estreitou os olhos, o canto do lábio puxando uma pequena careta. — Ugh.

— Eu sei. Talvez ele não seja tão ruim hoje.

— Podemos esperar.

— Ele nem sempre é um idiota.

Ela pendurou a mão no quadril. — Você sempre diz isso, mas ainda espero para ver qualquer outra versão do Kyle.

Uma pontada formigou no meu peito. — Eu sei, mas ele nem sempre foi assim. Quando jogamos juntos em Nebraska... não sei como explicar, Cam. Quando vocês passam por esse tipo de treinamento juntos, saem dele irmãos. Talvez ele tenha deixado sua fama subir um pouco...

— Muito. — Eu olhei para ela. — -mas ele é um cara legal com tudo isso. Quando me machuquei, ele era a única pessoa que sempre estava lá para mim, além dos meus pais. Ele vinha todos os dias ao hospital e, depois, me distraía da gravidade do que aconteceu, me distraía do conhecimento de que nunca mais jogaria, nunca me tornaria profissional. Fiquei arrasado, Cam, e ele estava lá por mim.

— Eu sei, — ela disse calmamente, seus olhos suaves.

Eu sacudi a emoção. — De qualquer forma, funcionou. Ele me ajudou nos meus dias mais sombrios. Eu devo muito a ele, inclusive ficar com ele durante sua fase de babaca.

Ela sorriu, os óculos escorregando pelo nariz minúsculo. — Você é uma das pessoas mais genuinamente boas que eu já conheci. Então, se você diz que Kyle é legal, eu não devo discutir.

— Mas você vai mesmo assim.

— Claro que eu vou. Você não me conhece? — Ela disse com uma risada. — Mas vou tentar ser legal. Por você.

— Obrigado.

Os olhos dela voaram atrás de mim. — Falando do diabo...— ela murmurou antes de se afastar para se ocupar em outro lugar.

Eu me virei para encontrar Kyle caminhando na minha direção com um toque de gangster, sorrindo sob a aba chata do chapéu. Se ele tivesse um aparelho de som portátil para rastrear sua entrada, estaria tocando Kanye. Ele era uma das únicas pessoas com quem eu mais saía. Eu simplesmente não sentia que pertencia, não fazia muito tempo, mas Kyle era familiar, mesmo que ele tivesse mudado nos anos desde a faculdade.

— Qual é, cara?— Ele disse em saudação enquanto eu me levantava.

Nós demos um meio abraço. — E aí?

Kyle olhou em volta quando nos separamos, balançando a cabeça. — Que porra de lugar é esse? É o bar mais estranho que eu já vi. E você se pergunta o porquê nunca vim aqui antes. — ele sentou-se ao meu lado enquanto olhava em volta com desdém no rosto. — Você precisa parar de sair em lugares como este. Vai estragar sua reputação.

— Que reputação?— Sentei-me e peguei minha cerveja.

— Exatamente. — Ele sorriu quando se virou para mim e se inclinou no bar. – O que há de novo, irmão? Não vejo você há semanas.

— Não muito. Acho que estou chegando perto de um sim para meu primeiro jogador. Eu tenho um sim bastante sólido de Darryl Johnson, eu acho, pelo menos, mais alguns que estou cortejando, mas Darryl é onde estou colocando a maior parte da minha energia.

Ele levantou uma sobrancelha loira. — Correndo de volta para Nebraska?

Eu balancei a cabeça e tomei um gole da minha bebida. — Estou indo para o baile. Só espero que ele fique por aqui.

— Talvez se você parasse de ser um filho da puta nobre e comprasse um carro para o garoto, ele assinaria os papéis assim que você os colocasse na frente dele.

Eu o encarei. — Você sabe que não é assim que fazemos as coisas.

Ele riu e levantou as mãos em sinal de rendição. — Eu sei, eu sei. É honroso e tenho orgulho de você por ter se apegado à sua integridade, fazendo da maneira 'certa' e tudo. Só não sei como isso vai pagar as contas.

— Se um jogador não quer assinar comigo porque outra pessoa comprou um carro para ele, não quero representá-lo.

— Justo. — Ele olhou em volta novamente, franzindo o nariz. — Cheira a café e *aprendizado*. Este lugar é péssimo. Só não entendo o porquê de você vir aqui quando posso levá-lo a qualquer clube de Nova York.

Cam virou a esquina do balcão e caminhou em nossa direção, e Kyle riu um pouco alto demais.

— Ah, certo. Esqueci que *ela* trabalha aqui.

Lancei-lhe um olhar antes de olhar para Cam, que tinha um sorriso que eu só podia descrever como falso.

— Ei, Kyle. Uísque? — Ela jogou um olhar para dele que dizia: "*A melhor maneira de descobrir se você pode confiar em alguém é confiar neles." - Ernest Hemingway.*

— E coca-cola. Como você adivinhou?

Ela encolheu os ombros. — Você parece com alguém que beberia uísque.

Ele deu de ombros e se virou para mim, ignorando-a enquanto ela servia sua bebida, mas eu podia dizer que ela estava ouvindo tudo, os cantos de sua boca apertados.

— Então,— ele começou, — você definitivamente deveria vir comigo a *Noir* hoje à noite.

— Kyle, é quarta-feira.

— E daí? Vamos ter tratamento VIP.

Ele olhou para mim como se eu fosse louco quando ele tomou a bebida que Cam colocou na frente dele, sem oferecer a ela nem um olhar. Seus olhos encontraram os meus, e eu quase podia ouvi-la dizer "*viu?*" antes de voltar para o registro.

Eu ri.

— Você vai vomitar no treino amanhã.

— Talvez, mas o que eles vão fazer sobre isso? Eu sou o receptor número dois da NFL. Você acha que eles vão me expulsar porque estou de ressaca no treino? — A risada grande e obscena voltou, como se ele não se importasse com nada. Como se ele fosse invencível.

Eu senti Cam revirar os olhos, mesmo de costas para nós. Eu estava começando a me lembrar porque fazia um tempo desde que eu o vi, e eu o observei. O garoto de olhos arregalados de Nebraska não estava em lugar algum hoje em dia, mas eu sabia que, no fundo, sua bondade não o deixara completamente. Eu só esperava que ele não se auto destruísse antes de descobrir isso por si mesmo.

— Vamos. — ele insistiu. — Garcia e Jensen estarão lá, e uma tonelada de garotas. Eu vou até deixar você ficar com algumas.

Com isso, Cam se afastou como se estivesse carregando um peso enorme entre os ombros.

Kyle finalmente olhou em sua direção, observando-a ir embora.

Ele apontou o queixo para ela enquanto ela se inclinava sobre o balcão, sorrindo para a garota com o livro enquanto conversavam.

— Bar esquisito, garotas esquisitas.

Eu fiz uma careta, segurando meu copo um pouco mais apertado. — Cam não é estranha.

— Sim, ela é. Aposto que ela nem possui um único par de saltos.

— Isso não a torna estranha, — eu disse com naturalidade. — Isso significa que ela não gosta de saltos.

Ele ainda parecia confuso. — Ela nem usa maquiagem.

— Porque ela continua linda sem. Qual é o seu problema?

— Eu não sei, cara. Ela estaria transando se colocasse um pouco de maquiagem e um sutiã *push-up*.

Eu balancei minha cabeça, resistindo à vontade de socá-lo. — Você é um idiota.

Mas ele riu e me deu um tapa no ombro. — Ah, qual é, cara.

Não seja tão sensível. Eu só estou brincando com você. A Cam é legal, você sabe que eu gosto dela. Ela é uma garota engraçada , só que não é seu tipo.

— E qual é exatamente o meu tipo?

— Não isso. — Ele apontou para Cam novamente.

— Ela me diz isso o tempo todo. — Eu me mexi no meu assento, observando-a.

— Bem, então ela também é inteligente. Graças a Deus você a colocou na *friendzone*. — ele disse com uma risada e tomou um gole.

— *Nós* nos colocamos, — eu o corrigi.

— Tanto faz. Então você vai sair hoje à noite ou o quê?

— Ou o quê. — respondi, agradecido pela mudança de assunto.

— Eu tenho trabalho de manhã.

— Eu também, e isso não está me impedindo.

— Bem, aparentemente eu não tenho a mesma segurança no meu emprego que você tem no seu.

Ele riu. — Tudo bem, tudo bem. Este fim de semana funcionaria melhor para você, princesa? Para que você possa descansar sua preciosa beleza?

Revirei os olhos com um sorriso. — Sim, este fim de semana funciona para mim.

— Boa. Então está resolvido. Vamos ficar bêbados, fazer você transar, sair com os caras. Será tudo o que você precisa.

— Se você diz. — murmurei, nem um pouco interessado.

— Eu digo.

— Então, como eu poderia argumentar?

Kyle ergueu o copo e sorriu. — Um brinde a isso, filho da puta.

Eu levantei meu copo para ele com um tinido e bebemos, Kyle terminou o dele em um único gole. Colocou o copo no balcão e ficou de pé, pescando no

bolso de trás a carteira.

— Já saindo?

— Sim, este lugar me deixa desconfortável, cara. — Ele jogou uma nota de vinte no balcão e me deu um tapa no ombro. — É bom ver você, irmão. Este fim de semana, então, já está marcado.

Eu sorri. — Bom te ver também. Boa sorte esta noite.

Ele riu. — Ah, a sorte não tem nada a ver com isso. Não fique louco aqui na livraria, ok?

— Ei, não brinque com isso. Você ainda não viu esse lugar quando as novas edições de quadrinhos chegam.

Ele estreitou os olhos em concentração. — É como se você estivesse tentando falar comigo, mas eu não consigo entender uma palavra. — ele brincou antes de se virar, falando por cima do ombro: — Até mais tarde, cara.

Eu levantei a mão em despedida.

Cam não voltou até que ele tivesse ido embora e ela tinha um sorriso exagerado no rosto.

Eu levantei uma sobrancelha. —Qual é a desse olhar?

— Uma vez me disseram que se não tenho nada bom para dizer, é melhor não dizer nada. Além disso, prometi a um amigo que não falaria mal de um certo amigo dele que parece ter medo de livros.

Eu ri. — Eu acho que você está certa. Sobre ele ter medo de livros.

Ela se inclinou no bar, sorrindo docemente para mim. — Eles não mordem. Muito.

Eu não pude deixar de rir, inclinando-me para ela também.

— Não deixe que ele saiba, ou ele pode voltar. — eu disse conspiratoriamente.

— Seu segredo está seguro comigo.

TODOS OS LIVROS

Cam

TYLER SORRIU PARA MIM DO outro lado do balcão, e eu suspirei, contente com a companhia dele. Sabe, de todos os *matches* que já fiz, nunca tentei juntar o Tyler com alguém. O motivo era simples: Tyler merecia o melhor, e eu ainda não havia encontrado ninguém para ele que correspondesse às minhas expectativas por ele. Não que eu estivesse procurando muito, mas isso estava fora de questão.

Bayleigh passou pelas portas duplas bem em frente ao bar, acenando para mim alegremente enquanto passava. — Ei, Cam.

— Tudo bem, Bayleigh?

Ela foi para trás do bar e enfiou a bolsa no cubículo onde guardávamos nossas coisas. Quando se levantou, passou as mãos pelos cabelos loiros, puxando-os para um rabo de cavalo. — Pergunta estranha, mas você poderia me chamar de Leigh?

Minha testa franziu. — Claro, mas por quê?

Ela suspirou e revirou os grandes olhos castanhos. — É idiota.

— Duvido. Vamos lá, o que aconteceu?

— Bem, eu estou cansada de ver todo mundo pronunciar meu nome errado. Fui tomar um café esta manhã e o barista soletrou *Baylee.* Não que isso importe –quero dizer, é apenas café. Mas chegou ao ponto de eu soletrar meu nome para todos que conheço, importando ou não. Tipo, eu conheci um cara na outra noite, e quando soletrei meu nome, ele olhou para mim como se eu fosse louca. Então, eu estou tentando apelidos. Pelo menos há uma chance de alguém soletrar meu nome corretamente, se for mais comum.

Leigh parecia a escolha óbvia.

Tyler inclinou a cabeça. — Soletrado *Lee*?

O nariz de Bayleigh enrugou. — Ugh. Não, *Leigh*. Viu? — Ela fez um gesto

para Tyler. — Estou condenada, Cam. Meus pais pensaram que eles estavam sendo fofos, aqueles idiotas.

Eu ri. — Poderia haver coisas piores, eu acho.

— Eu sei. Eu sei que é estúpido se importar com isso. Eu não costumava me importar tanto, mas ultimamente isso tem me deixado louca. Acho que não há uma saída fácil, no entanto. Além disso, nem sei se responderia a Leigh. – De volta à prancheta. Ela passou o cartão de identificação no terminal de registro e registrou o tempo. – Como está hoje? Movimentado?

— Fomos agredidos no almoço hoje – tive que puxar Elizabeth do chão para ajudar a fazer café com leite.

— E Rose também. — disse minha chefe atrás de nós.

Eu me virei para o som da sua voz. — Ei, Rosie. Terminou aquela papelada para o contador?

Ela revirou os olhos e colocou os cabelos longos e escuros por cima do ombro. — Sim, e só me levou o dia todo. Papelada está no topo de coisas que eu odeio sobre ter uma loja.

— Quer uma bebida? Uísque ou *Scotch*?

Ela sentou-se ao lado de Tyler. — Scotch, se você vai ser tão legal.

Peguei um copo e coloquei alguns dedos de líquido âmbar em um copo de vidro.

— Você é uma heroína, Cam.— disse ela enquanto pegava a bebida oferecida.

Eu sorri. — Eu faço o que eu posso.

Rose tomou um gole de sua bebida. — Bayleigh, não se esqueça da reunião pela manhã. Temos inventário o dia todo.

— Sim, e depois *noite dos solteiros* amanhã. Eu estarei aqui – ela disse. — Embora eu ainda precise de uma fantasia. Eu não tenho nada nem remotamente relacionado a quadrinhos para vestir.

— Ah, — eu disse, aproveitando a oportunidade não planejada de pôr planos em prática, como uma casamenteira malandrinha. — Eu tive uma ideia para você. Que tal o primeiro amor do *Spiderman*, Gwen Stacy? Ela é loira também, tudo que você precisa é uma faixa preta e uma saia e blusa. Uma jaleco de laboratório, se você estiver se sentindo aventureira.

Ela assentiu animada. — Eu posso fazer isso. Acho que minha colega de quarto foi uma cientista sexy no ano passado no Halloween.

Rose riu.

— Perfeito, — eu disse. — E você e *Greg* estarão trabalhando juntos no bar amanhã à noite. — eu os imaginei atrás do balcão juntos, e a animação de juntar A Leitora e Batman voltou.

Tyler me deu um olhar que dizia para parar de se intrometer, e eu devolvi um a ele que disse que eu faria o que bem quisesse.

Bayleigh sorriu e corou. — Sim.

— É ótimo trabalhar com Greg, não é?— eu cutuquei.

— Com certeza, — ela deu uma risadinha. — Ele é doce e engraçado. Além disso, quero dizer, quando ele veste camiseta e você pode ver todas as tatuagens dele? Eu poderia assisti-lo fazer Harvey Wallbangers o dia todo.

Eu ri. — Eu deveria fazê-lo espremer suco de laranja fresco para o bar. Tipo, bem aqui no chão, onde nós podemos assistir.

Seu rubor se aprofundou. — Ah, por favor, me avise quando estiver acontecendo para que eu possa fazer pipoca.

— Tenho certeza que isso não vai me processar por assédio sexual. — disse Rose e tomou um gole.

Tyler arrastou a cadeira ao se levantar e sorriu. — Essa é a minha deixa.

Eu fiz beicinho. — Espere, você não está indo embora, está?

— Por mais que eu goste de ficar por aqui, vou deixar vocês objetificarem homens sozinhas.

Eu ri. — Aw, ciúmes?

Seu sorriso se estendeu um pouco mais. — Talvez. — ele jogou algumas notas em cima do bar. — Divirtam-se, garotas.

— Tchau. — nós três cantarolamos enquanto ele saia, e nós assistimos até que ele se virou para a calçada e desapareceu.

— Cara, esse garoto está *bem*, — disse Bayleigh com um suspiro, balançando a cabeça. — Não acredito que ele não tem namorada.

— Certo? — eu disse. — Ele teve algumas namoradas sérias e muitos encontros, mas passou por uma difícil recentemente. Olha isso: na faculdade, a namorada dele o largou quando ele se machucou.

Rose ficou boquiaberta. — Você está brincando comigo?

— Eu gostaria. Ela deu muito trabalho. Mas a última namorada séria dele o largou por ser ''chato'' e ''muito legal''.

— Isso não é motivo, — Rose murmurou e tomou outro gole de seu uísque.

— Eu acho que é, mas apenas se você é uma idiota. Enfim, foi por isso que ele foi morar comigo. Ele morava com ela e não tinha para onde ir quando ela o largou.

Bayleigh suspirou. — Como você compartilha um banheiro com alguém tão gostoso e não liga? Estou morrendo de vontade de saber.

Rose balançou a cabeça e apoiou o cotovelo no bar, a bebida pendurada na mão. — Não é fácil. Eu vivi isso uma vez e tenho que dizer que o resultado é inevitável. Minha aposta é em vocês acabarem transando em algum ponto, mas

não se crucifique se acontecer. Isso acontece com os melhores de nós.

Eu ri e balancei a cabeça para elas, embora eu pudesse sentir o calor nas minhas bochechas. — Somos apenas amigos, meninas.

A testa de Bayleigh se curvou em confusão. — Mas ele fica aqui o tempo todo. Vem para os nossos eventos. Tipo, vocês são próximos, certo?

— Como eu disse, somos amigos. — Torci distraidamente uma garrafa de bola de fogo para que o diabo no rótulo me encarasse com aquele sorriso malicioso no rosto.

— Não é sempre que a garota acaba na *friendzone*.

— Não, acabar na *friendzone* significa que você acabou sendo só uma transa. — Eu ri. — Acho que sou apenas uma das sortudas. É impossível para mim que nós dois pudéssemos ficar juntos, mesmo em sonho. Somos muito diferentes, até mesmo na altura. Ele tem um metro e oitenta, o que o torna *vinte e três centímetros* mais alto que eu. Isso é quase um pé. Você pode imaginar como seria fazer sexo com ele?

Bayleigh umedeceu os lábios. — Sim, eu poderia.

Revirei os olhos. — *Ha, ha*. Quer dizer, ele basicamente me esmagaria. Meu nariz mal chega ao peitoral dele. Aposto que fazer sexo com ele me dividiria em duas, se o amiguinho dele for tão grande quanto eu acho que é baseado em vê-lo em calça moletom.

— Oh, meu Deus. — Rose riu.

— Então você *já* imaginou. — Bayleigh disse enquanto cruzava os braços.

— Vocês viram ele. Como eu não teria? Mas é como fantasiar sobre um personagem literário. Cem por cento do tempo, é fictício, o que torna inofensivo.

Rose riu. — Certo. Totalmente inofensivo, você está imaginando o martelo gigante do Tyler e o que ele faria com as suas partes íntimas.

— Não, eu imagino muito mais dele no chuveiro do que qualquer coisa. — brinquei, mas não *totalmente* brincando. — De qualquer forma, — comecei, ansiosa para mudar de assunto, — não é nada como você e Greg. Vocês dois já passaram por muita coisa, principalmente no namoro. Ele é carinhoso e você também. Vocês trabalham juntos, o que facilita o conhecimento um do outro, e vocês estão no mesmo nível na escala de gostosura. Se dão bem. A diferença de altura não é ridícula. Devo continuar?

— Nada disso significa que seríamos bons juntos, — argumentou Bayleigh. — Ele nem gosta de mim.

— Absolutamente não é verdade. Eu vi vocês conversando e posso dizer. Algo na maneira como ele olha para você, na maneira como ele sorri. Só porque ele não está de olhos arregalados ou tropeçando no próprio pé para chegar até você não significa que ele não gosta de você. Rose, diga a ela.

Ela levantou as mãos. — Ei, não me arraste para isso. Só porque nós namoramos por um minuto, não significa que eu saiba muita coisa. — ela tomou um gole de sua bebida e estreitou os olhos.

— Eu provavelmente deveria ter uma opinião sobre a conversa sobre você namorando um dos funcionários, mas quem liga, certo? Eu não.

— Então, — disse Bayleigh, perdido em pensamentos, — o que devo fazer sobre isso?

— Fale com ele, — Rose respondeu. — Ele patina, talvez você possa pedir lições para ele. Foi um dos truques de Patrick me conquistar.

Bayleigh se animou. — Eu sempre quis aprender a patinar.

— Apenas pense, — eu disse enquanto a puxava para o meu lado e acenava com a mão em direção ao futuro dos seus sonhos, ou às portas do bar, o que fosse. — As mãos de Greg em volta da sua cintura para segurá-la no skate. Sol e Central Park, sorrisos. — Olhei para cima e a encontrei olhando sonhadora na direção que eu gesticulara. — Você deveria fazer um movimento nele. Deixe ele saber que você está interessada.

Ela se mexeu e desviou o olhar. — Eu não sei, Cam.

— O que tem para saber?

— Se ele realmente gosta de mim? Seria bom saber antes de me jogar nele – disse ela, exasperada. — Eu sou uma espécie de idiota em relacionamentos. Eu fui oferecida um emprego no Habits por um cara que só queria fazer sexo comigo, e uma vez que ele fez, fui enviada para Rose para ele se livrar de mim. — suas bochechas estavam rosadas e ela fungou, seus olhos brilhando. — Eu não quero me machucar novamente. Esse é o meu histórico, sabe? Eu só quero um cara legal que me ame e me traga *donuts* quando eu tiver um dia ruim. Isso é pedir muito?

Eu a puxei para um abraço, e ela suspirou contra mim. — Não, não é pedir muito. Mas Greg *é* um cara legal. Ele não vai te machucar. Ele é um dos caras mais legais que eu conheço.

Ao lado do Tyler. Eu quase disse isso em voz alta, mas hesitei.

Não sei o porquê. Acabei de ver Bayleigh com Greg antes de Tyler.

Talvez fossem os altos padrões.

Bayleigh suspirou e se afastou. — Isso é verdade. Acabei de terminar com uma longa fila de idiotas e estou meio cansada.

— Bem, — eu disse, — fique feliz por você não estar aqui mais cedo, porque o rei dos idiotas estava aqui com Tyler há pouco tempo.

— Uh?

— Sim, Kyle Churchill.

Os olhos dela estavam atentos. — O mesmo Kyle Churchill que joga para o

Giants?

Eu balancei meu dedo para ela. — Ah, ah, ah. Esse é exatamente o tipo de cara que vai acabar machucando você. Vá para o Greg. Ele é um bom partido, basta perguntar a Rose.

Ela assentiu. — É verdade. Eu e ele fomos a alguns encontros, mas eu ainda estava apaixonada pelo Patrick. Ele é um dos bons.

— Bem, então por que ele não tem namorada?— Bayleigh perguntou, ainda desconfiada.

Rose deu de ombros. — Não é por falta de tentativa. Ele entrou no mercado de carne on-line procurando por alguém , mas isso não deu certo, e então seu pai ficou muito doente e faleceu alguns meses atrás, antes de abrirmos.

— Eu não tinha ideia. — Bayleigh respirou.

Rose assentiu. — Sim. Então, ele está muito ocupado fora do trabalho. Mas tenho certeza que se você puder ser paciente e entender a vida familiar dele, isso definitivamente pode dar certo.

Os grandes olhos castanhos de Bayleigh eram macios. — Sim. É realmente admirável que ele sacrificaria tanto.

— Ele *é* admirável, — eu disse. — Ele é um cara admirável, com músculos, tatuagens e um ótimo sorriso, que é *exatamente* o que você precisa. E você, minha amiga linda e amorosa, é exatamente o que *ele* precisa.

Ela sorriu, suas bochechas corando mais uma vez. — Talvez você esteja certa.

— Claro que estou certa. — eu bati em seu quadril com o meu. — Eu estou sempre certa.

Tyler

Eu cheguei em casa no apartamento tranquilo e troquei de roupa, optando por calças de moletom e uma camiseta antes de me sentar no sofá para ler.

Ou: *tentar* ler.

Os únicos livros que eu já li foram para a escola, nunca para entretenimento ou lazer, e ao ouvir essa verdade, Cam fez de sua missão pessoal encontrar um livro que eu adoraria.

No último ano, eu li – *tentei* ler – dezenas de livros, de uma série de romances gráficos a alta fantasia, ficção científica e até romance.

Mas até agora nada havia atraído meu interesse, nem mesmo o do meu colo – *O Marciano.* Não é que eu não gostei, porque gostei. Era fascinante, mas eu

continuava atolado pela ciência, o que me fazia sentir denso, e quando tentei avançar, senti como se tivesse perdido alguma coisa.

Eu torci e parei a página em que estive, provavelmente em três sessões de leitura seguidas, e naquela noite abandonei a história, optando por vasculhar meu telefone. Eu estava no meio de um artigo sobre previsões para o baile da faculdade naquela semana, quando Cam entrou pela porta.

Ela sorriu alegremente quando tirou a chave da fechadura e entrou. — E aí? — ela olhou no meu colo e, quando viu o livro, se iluminou como o Quatro de Julho. — Você está lendo!

Sua bolsa atingiu o chão com um baque, e ela pulou ao redor do sofá, caindo ao meu lado para que ficássemos ombro a ombro. Tudo bem, estava mais para ombro e *bíceps.*

— Me conta.

Fiz uma careta, não querendo admitir a derrota, mas tinha certeza de que não iria lê-lo novamente. — É meio... científico.

Seu sorriso caiu, se transformando em um biquinho. — Droga, eu realmente pensei que seria esse. Quer dizer, é um filme importante, pelo amor de Deus. — ela sacudiu o marcador. — Você fez bem neste. Veja até onde você chegou.

— Não é o livro, — eu disse encorajando. — Sou só eu. Acho que simplesmente não gosto de ler.

Ela revirou os olhos. — Todo mundo gosta de ler. Você só precisa encontrar um livro que o excite.

Eu levantei uma sobrancelha, e um rubor floresceu em suas bochechas quando ela olhou para mim.

— Não desse jeito, seu pervertido. — ela riu e me deu um soco no braço para desviar seu constrangimento. — Figurativamente. Todo mundo tem esse livro, o primeiro livro, que apenas, sei lá... destranca seu cérebro.

Afundei um pouco mais fundo no sofá. — Qual foi o seu?

— *O Hobbit*. — disse ela sem hesitar e apoiou os pés na mesa de café. — Foi o primeiro que li que não foi escrito especificamente para crianças, e uma vez que eu o li, eu devorei tudo o que pude ter em minhas mãos, até esgueirando alguns dos romances de minha mãe. Os da prateleira alta. Com penetração.

Eu ri enquanto ela continuava.

— Algumas crianças jogavam beisebol e andavam de bicicleta. Eu lia livros. Livros eram o que eu pedia para o Natal e aniversários. Eles eram onde eu gastava toda a minha mesada.

— Acho que esse é o melhor uso de mesada que já ouvi. Eu estraguei as minhas em cartões de beisebol e *Bomb Pops* no caminhão de sorvete.

Ela encolheu os ombros. — Eu era estranha, mas meus pais também. Eu

acho que é apenas coisa dos Emerson. Mas eu realmente não me importo, sabe? Eu vivi mil vidas para fugir da vida real, porque a vida real é chata. Não há aventura, não como temos com *Tolkien* ou *Lewis.* É divertido escapar para dentro de um livro, e eu quero que você experimente isso, então voltemos à caça. — Ela pegou o livro com um suspiro, seus dedos roçando minha coxa sem querer, e sacudiu cabeça. — Eu realmente pensei que dessa vez daria certo.

— Aposto que da próxima vez dará.

Ela deu um tapinha no meu joelho e me deu um sorriso condescendente. — Você tão legal.

Ela se recostou no sofá e afundou um pouco na fresta das almofadas. Sua coxa estava pressionada contra a minha do quadril ao joelho, e ela soltou um suspiro. Eu a ecoei com o meu próprio, confortado por seu corpo quente contra o meu.

— Como é bom sentar. — disse ela, se inclinando sobre mim um pouco mais.

— Aposto que é.— eu queria colocar meu braço em volta dela, mas me contive. — Ainda não está acostumada a ficar de pé por tanto tempo?

— Alguém realmente se acostuma com isso?

— Não sei. Eu imaginei que eles precisariam, certo?

— Bem, se acontecer, ainda não estou lá. Passei a maior parte do tempo gerenciando a seção de quadrinhos a partir do conforto de um banco atrás da caixa registradora. Mesmo quando fizemos o inventário, sentei naquele banquinho. Um bumbum cansado eu consigo aguentar, mas pés cansados são os piores.

Eu ri.

— Amanhã é outra dia. Uma reunião com todo mundo de manhã, administrando o dia todo e depois noite de solteiros. Você ainda está vindo, certo?

— Só por você, — respondi, e isso era verdade, mesmo que o evento fosse divertido. Eu não era a criatura mais social hoje em dia. Já fui, por um longo tempo. Mas com Cam, sempre foi fácil.

— Eu me sinto melhor quando você está lá.

— Por quê? Você consegue administrar tudo com os olhos fechados.

— Não sei. Você apenas facilita. — ela sorriu para mim, e as maçãs de suas bochechas tocaram as armações de seus óculos.

Eu a cutuquei com meu ombro, sorrindo de volta. — Eu sinto o mesmo.

— De qualquer forma. Eu acho que este será ainda melhor que o anterior. Todo mundo adora se vestir, e se vestir como personagem de quadrinhos é melhor ainda. Sua roupa está arrumada?

Eu assenti. — Basta dar os retoques finais no meu escudo.

— Boa. Você será um Capitão América melhor do que o Capitão América de verdade.

Eu ri.

— Estou falando sério, — disse ela. — Parece que você saiu direto de um pôster para cigarros dos anos 40. Eles sempre usaram os modelos mais gostosos para eles.

Eu sorri para cobrir o fato de que, de repente, eu estava muito consciente de sua coxa pressionada contra a minha. — Aww, você acha que eu sou gostoso?

Ela me deu uma olhada. — Qualquer pessoa com córneas funcionando diria que você é gostoso. Eu nem deveria limitar a isso.

Tenho certeza de que vi um cara cego te dar uma segunda olhada no outro dia.

Uma risada explodiu em mim e ela sorriu, parecendo presunçosa. — Valeu. Você não é tão ruim assim, também. Tenho certeza de que vi um cara do Wasted Words prestes a te pedir em casamento.

Ela fez um barulho em dissidência. — Por favor. Os únicos caras que pensam que eu sou gostosa se parecem mais com *Jabba the Hut* do que com *Han Solo.*

Eu ri. — Qual é, você já namorou alguns caras decentes.

Cam riu. — É verdade. Quero dizer, eu só namoro nerds, mas eles têm sido decentes, se não esquecíveis. Mas vou pegar o que posso conseguir. Quero dizer, os caras que jogam *Magic* não são tão ruins, embora geralmente se tornem bebês chorões sempre que eu os venço.

— Ninguém gosta de um perdedor.

— Nada expulsa a libido mais do que um homem adulto em uma camiseta do *My Little Pony* chorando sobre *Magic*.

O pensamento me fez sorrir. — Você deveria me ensinar como jogar.

Ela levantou uma sobrancelha. — Não sei, não. Você vai chorar?

—Prometo que não.

A sobrancelha dela subiu.

— Escuta, *Street Fighter* não conta porque você trapaceia.

Ela ficou boquiaberta, surpresa. — *Senhor*, eu *não* trapaceio.

— Claro, claro. E eu odeio bife e cerveja. — Diz o cara que trapaceia no xadrez.

Eu olhei para ela. — Não dá para trapacear no xadrez.

Ela cruzou os braços. — *Uh-huh*. Você pode pesquisar no Google. Existem sites de estratégia onde ele te mostra como vencer.

Dessa vez fui eu quem cruzei os braços para ela. — Ah, é? E como *você*

saberia?

Os lábios dela apertaram. — Eu não trapaceio.

— Prove. — eu desafiei.

Ela bufou, revirando os olhos enquanto descia do sofá. — Tudo bem, mas desta vez estamos jogando no tabuleiro, sem trapacear nos telefones. Eu pratiquei por pelo menos seis horas na semana passada, então pode vim. Ah, e desta vez eu fico com a cor preta.

Eu esfreguei minhas mãos juntas. — Tudo bem, pode perder com a cor que quiser.

— Eu vou te vencer um dia, nem que seja a última coisa que eu faço, Knight. — disse ela por cima do ombro.

— Ótimo. — eu disse, sorrindo para ela de volta. — Então eu vou ter alguém para vencer por toda a vida.

SEXY KALE

Cam

EU ACORDEI CEDO NA manhã seguinte, como sempre, fazendo um bule de café enorme para Tyler e eu compartilharmos antes de me aconchegar no sofá com o que estava lendo no momento. Atualmente, era *Mists of Avalon,* que era o meu favorito. Eu não tinha lido desde o ensino médio e estava muito atrasado para uma releitura. Eu estava em uma ressaca literária, sem inspiração pelos últimos três livros que tentei, mas como meu pai sempre dizia – a melhor cura para uma ressaca era ler a coisa certa.

Ouvi o alarme de Tyle, quebrando o silêncio no apartamento silencioso e fiz o possível para não olhar quando ele saiu do quarto com nada além de sua calça moletom, os cabelos escuros bagunçados. Eu esperei até que ele desse as costas para dar uma rápida olhada, pelo menos. Sua pele era lisa e imaculada, e a conicidade de sua cintura longa era de uma proporção matemática que fazia meus ovários se apertarem.

Qualquer mulher heterossexual teria olhado, eu disse a mim mesma pela milésima vez desde que ele se mudou. Isso fazia eu me sentir um pouquinho melhor sobre secar ele descaradamente.

Voltei minha atenção para o meu livro, mais ou menos. Não conseguia me concentrar totalmente enquanto ouvia seus passos. Eu conhecia seus hábitos tão bem que eu quase conseguia cronometrar a descarga do vaso sanitário, a duração de seu banho, o momento em que ele abria a porta e saía, encharcado, com a toalha enrolada na cintura em frente a uma nuvem de vapor, água pingando em seu abdômen-Olha, eu sei que é vulgar, eu olhando Tyler como *hippies* encaram couve no Whole Foods. Mas Tyler era um couve bonito, se é que isso faz sentido. Se não for, eu faço fazer sentido. O cara foi construído como um sonho. Como um sonho adolescente que você colaria em todas as suas paredes e passaria as noites fantasiando sobre o seu casamento na Revista Seventeen. A

aparência dele era irreal. Ele era tão bonito que você ficaria tentada a tocá-lo apenas para se certificar de que ele era feito de carne e osso e não apenas uma invenção de algum artista erótico inventor da eroticidade.

Eu atribuía meus pensamentos luxuriosos por Tyler ao fato de que eu não namorava ou dormia com alguém há um tempo. Meu corpo era um traidor – a falta de contato físico havia chegado a alturas incontroláveis, me forçando a fantasiar sobre o cara inatingível que pagava metade do aluguel.

A vida é tão injusta que eu estava atraída por um cara que nunca namoraria. Éramos muito diferentes, e eu já fiz isso antes, o que resultou em nada além de humilhação e arrependimento.

Tyler e eu éramos amigos –eu não era nada além de seu amiguinha divertida e engraçada, definitivamente não o tipo de garota com quem ele poderia namorar publicamente. Minha boca não era confiável, nem minha capacidade de andar de salto alto ou parecer bonita.

Eu era o que chamo de *condenada geneticamente*. Meu pai era um homem pequeno e esbelto, que passava mais tempo com livros do que com as pessoas. Ele tinha uma coleção de cardigãs que dariam um tesão ao senhor Rogers, e quase todas as paredes da minha casa de infância na cidade cosmopolita de Walnut, Iowa, estavam cheias de estantes de livros. Ele conheceu minha mãe na Universidade de Iowa. História clássica: ele era formado em inglês e estudou Ciências da Biblioteca. Ela admirava o cardigã do outro lado da biblioteca e ele se aproximou dela, complementando a corrente em seus óculos gigantescos. O casaco dela também –ele o apreciara do outro lado da sala. Ela sorriu e disse que havia encontrado na Sears, no departamento de marketing, à venda.

Isso foi o suficiente. Amor à primeira vista.

Nenhum deles havia deixado Iowa por mais de quarenta e oito horas e, depois da formatura e do casamento, voltaram para Walnut, cidade natal de mamãe, para ficar perto dos meus avós, e ocuparam empregos em escolas públicas. Meu pai ensinando inglês no ensino médio e mãe como bibliotecária no ensino fundamental.

Aqui está a questão de ter pais esquisitos – eles cultivam o seu esquisito, tornando o esquisito, o seu normal.

Olhando para trás, acho que deveria ter ficado envergonhada quando minha mãe fez coisas como me mandar para a escola com roupas que eram uma década fora de moda ou com tofu e cuscuz para o almoço. Uma vez ela cortou meu cabelo com uma tigela de verdade –ela me fez segurar a tigela de plástico laranja enquanto ela usava a tesoura da cozinha para cortá-lo.

Mas, em vez de ter vergonha, fui para a escola e disse a eles que minha mãe havia cortado meu cabelo porque, quando era longo, eu era muito forte. Por

causa das minhas superpotências e tudo. Eu tinha uma galeria de amendoins encantada debaixo de uma árvore no recreio enquanto contava como tinha quebrado acidentalmente a mesa quando me afastei dela depois do jantar ou quando abri a torneira do chuveiro por acidente, mas desenhei a linha quando puxei a porta do carro, tentando abri-la. Nós cortamos para a segurança de todos, eu disse a eles, e eles acreditaram facinho, os olhos arregalados.

Eu era capaz de ler pessoas até então, o que tornava muito mais fácil sobreviver aos perigos da escola pública em uma cidade pequena. Eu conhecia os valentões e como fazê-los *me* dar o dinheiro do almoço e com um sorriso no rosto. Eu sabia como fazer as garotas malvadas elogiarem minhas estranhas escolhas de moda no ensino médio. Eu sabia em quem confiar e em quem evitar. E essa adaptação me ensinou a sobreviver pelo resto da vida.

Eu não fui nomeada como a *Mais Provável de Ter Sucesso* por nada.

Claro, então eu fui para a faculdade. Veja, eu tive esse problema com autoridade a vida toda. Talvez seja em parte porque meus pais nunca tiveram autoridade. Eu seguia as regras, na maioria das vezes, e quando não o fazia, tinha um argumento muito bom sobre o porquê.

Então, quando chegou à faculdade, quando me dirigi para a Universidade de Iowa, me conheci o suficiente para reconhecer que não sabia o que queria fazer da minha vida. Eu gostava de aprender, não apenas qualquer coisa que eu não *quero* para aprender. Cinco anos depois, foi sugerido que eu escolhesse um curso para poder me formar. Eu imaginei por que diabos não, especialmente depois de descobrir que eu só tinha um punhado de aulas necessárias para fazer exatamente isso.

Por isso, avaliei minhas aulas para descobrir qual seria a pista mais rápida e cheguei a um curso de História com especialização em japonês.

Estranho, eu sei. Como eu disse, é genético.

Eu havia estudado em Tóquio por um semestre e, depois que me formei, o último lugar que eu queria ir após a formatura era voltar para Walnut. Eu estava pronta para outra aventura, então decidi me mudar para Nova York por capricho. Meus pais ficaram o que eu chamaria de horrorizados por eu querer ficar fora de Iowa, o que fazia sentido, uma vez que a maior cidade em que já haviam estado era Omaha. Mas aventura era basicamente o meu nome do meio. Eu tinha vivido mil vidas através dos livros que li, o que significava que eu tinha certeza de que poderia conquistar praticamente qualquer coisa.

A primeira coisa que fiz foi encontrar um emprego, pensando que ser uma balconista de uma loja de quadrinhos era temporária.

Meu chefe – que pareciam um pouco com um personagem de quadrinho dos *Simpsons*, rabo de cavalo e tudo – me deu uma olhada e me contratou na hora.

Eu gostaria de dizer que não foi baseado na minha aparência, mas seria uma mentira. Eu era perfeita para o cargo– uma garota que conhecia seus quadrinhos melhor do que a maioria dos caras que entravam. E em poucos meses, ele me promoveu como gerente. Estou feliz em dizer que isso foi estritamente baseado em minhas habilidades.

Eu tenho trabalhado lá por dois anos, contente por estar em um ambiente em que me sentia confortável, tinha as vantagens de ter material de leitura na ponta dos dedos e podia usar Converse para trabalhar. Mas o dia em que Cooper Moore entrou para comprar quadrinhos pela primeira vez foi, sem saber, um dia que mudaria tudo.

Cooper fazia parte das elites de Nova York, um socialite e playboy renomado que aparecia na capa de revistas de fofocas tanto quanto as Kardashians. No dia em que o conheci, parecia que ele estava tentando se esconder em um chapéu de beisebol, com óculos escuros e foi o primeiro na loja naquele dia, que era uma hora em que os nerds geralmente ainda estavam adormecidos no porão de suas mães, sonhando com Sailor Moon. Eu soube quem ele era quase imediatamente, e quando ele perguntou sobre alguns quadrinhos *underground* específicos, eu soube duas coisas: **1)** nós acabaríamos sendo amigos e **2)** ele era o nerd mais legal que eu já havia conhecido.

Então, eu me tornei, de alguma forma, sua “negociante”. Ajudei-o a se infiltrar em um *ComicCon* em um traje do Batman totalmente feito por encomenda. E quando ele se tornou o investidor de sua amiga Rose para abrir uma livraria/bar, ele pediu para que eu a ajudasse a administrá-la, e o salário que ele ofereceu quase me fez desmaiar.

Quase.

A segunda coisa que fiz quando cheguei a Nova York foi encontrar um apartamento, que acabou no Upper West, alugando um quarto de um cara chamado Giovanni, que eu nunca conheci. Minha companheira de quarto era Francesca, que tinha sido a namorada de Giovanni até que ela chegou em casa e o encontrou transando com uma amiga dela. Aparentemente, houve muitos palavrões em italiano, quando ela jogou todas as roupas dele para fora da escada de incêndio – uma história que minha vizinha do andar de cima, Sra. Frank, adorava contar.

Alguns meses depois que me mudei – tempo suficiente para convencê-la a me ensinar como fazer macarrão e falar um pouco de italiano – ela conheceu um cara de Wall Street que a mudou para sua cobertura no East Side, e o carrossel de aluguéis começou.. Eu morava no apartamento há dois anos e, naquele tempo, havia tido pelo menos seis colegas de quarto, incluindo Francesca e Tyler, e ele morava comigo por quase um ano. Cada um acabou deixando o apartamento

para outra pessoa, mudando o cenário a cada dois meses. Minha última colega de quarto enviou Tyler para tomar seu lugar, o cara que sua amiga acabou de largar e que não tinha mais para onde ir.

Eu nunca tinha vivido com um cara hétero antes, certamente não um *assim.* Mas, no segundo em que ele me disse seu nome, eu soube exatamente quem ele era. Todo mundo conhecia Tyler Knight, o *tight end* de Nebraska, a certeza de um contrato com a NFL. Na verdade, ele jogou quando eu era uma caloura na faculdade, e eu ainda me lembro de assistir ao jogo que ele foi ferido na TV, vendo-o inconsciente no campo enquanto administravam a RCP. Mas a lesão na coluna vertebral tirou qualquer esperança que ele tinha de uma carreira na NFL, e todos lamentamos por ele.

Eu fiquei um pouco emocionada por estar conhecendo ele, no começo. O fato de que eu morava com uma lenda era louco. O fato de sermos amigos era a coisa mais louca de todas.

Mas amigos nós éramos, caindo facilmente em nosso relacionamento. A ideia de nós sermos algo mais nunca havia nem passado pela minha cabeça. Ele pertencia à sua prateleira e eu à minha – a separação entre nós podia muito bem ser chamada de a Grande Divisão. Mas o fato de sermos amigos era um campo de atuação completamente diferente, um que nos elevava ao mesmo nível, desde que os termos estivessem em vigor. Nós nos equilibrávamos bem, até nas pequenas coisas – eu fazia o café, ele cozinhava os ovos. Eu sabia quando fazer piada dele e quando ele precisava de uma vitória. Ele também. E ter algo familiar tornou um pouco mais fácil ficar tão longe de tudo que eu conhecia.

Ele saiu do quarto, vestido da cabeça aos pés em traje de negócios – ainda estava descalço – feito com perfeição, sem que uma falha na costura ou mal ajuste fosse vista. A imagem enviou outra vibração através de mim, enquanto destacava, ao mesmo tempo, as diferenças entre nós. Ninguém me veria assim, nem em um milhão de anos. Ele sorriu enquanto entrava na cozinha, indo direto para a cafeteira.

— Dormiu bem?— Perguntei, abandonando meu livro.

— O melhor que pude com Kafka latindo a noite toda. — disse ele enquanto se servia de uma xícara.

Eu bufei quando me levantei e peguei minha xícara de café, indo para a cozinha para me sentar à mesa. — Esse cachorro late até para a própria sombra, eu juro. Se a Sra. Frank não fosse a velhinha mais legal do mundo, eu me revoltaria.

— Considerando que ele pesa apenas dez quilos, aquele cachorro tem cordas vocais impressionantes. — Ele se apoiou no balcão e tomou um gole.

— Você precisa comprar uma máquina de ruído ou algo assim. Eu aprendi

isso anos atrás. Está no topo da lista de coisas que você deve ter para morar neste apartamento.

Ele encolheu os ombros. — Eu sei. Sempre esqueço de conseguir uma.

— Tem um aplicativo para isso.

Ele me jogou o telefone. — Ótimo. Instale.

Eu peguei e fiz uma careta para a tela quebrada enquanto ele assistia, divertido. — Quando você vai consertar isso? Quero dizer, você é todo organizado, mas seu telefone está uma merda. Não consigo nem ler os ícones. — apertei os olhos para enfatizar. — Como diabos você joga xadrez nisso?

Mas ele sorriu. — Funciona muito bem. É o que tem dentro que conta.

Eu bufei e revirei os olhos.

Ele piscou e tomou outro gole de café, colocando a xícara no balcão antes de abrir a geladeira. Ele pegou os suprimentos necessários para fazer ovos – primeiro a tábua de cortar vegetais, depois cortou os tomates, cebolinhas e cogumelos em cubos, e vasculhou as gavetas para encontrar sua frigideira favorita e a tigela de prata.

— Você vai voltar para casa antes da noite dos solteiros para trocar de roupa? — Ele perguntou, pegando um ovo marrom e o quebrando na lateral da tigela.

Peguei minha caneca de Dalek, envolvendo meus dedos em volta dela. — Não, vou levar minha fantasia e tudo comigo.

— Ah, eu esqueci de te dizer, eu vou levar um amigo hoje à noite.

Minha sobrancelha se levantou.

— Ah, é?

— O nome dele é Martin. Eu o conheci em uma classe de negócios na faculdade – ele é contador. Nós não saímos há um tempo, então eu o convidei para vir, imaginei que você poderia juntá-lo com alguém. Ele é um dos melhores caras que eu conheço, verdadeiro e honesto, sabe?

Eu sorri. — Parece o nosso tipo de cara. Vou ver se consigo encontrar um par adequado para ele. — tomei um gole. — Como vai ser seu dia?

Ele levantou as mangas da blusa azul, segurando a tigela com a mão livre em ângulo bom para bater os ovos. — Tenho algumas reuniões para participar com Jack e uma ligação telefônica com um dos meus clientes.

— Qual?

— Darryl Johnson.

— Ah, ele é quem joga no Nebraska? Sob o seu pai?

Ele assentiu. — Só espero que tenha feito o suficiente, sabe?

Esse negócio nem sempre é o que você chamaria de honesto, então fazer parte de uma agência que atua de acordo com as regras e mantém a integridade é quase aterrorizante. Quando todo mundo chantageia os jogadores e você não, é

um risco.

— Mesmo que seja ilegal?

— Existem maneiras de contornar as regras. Todo mundo olha para o outro lado, porque é assim que as coisas são feitas. Mas Jack construiu algo diferente e, por causa de seus princípios, temos alguns dos melhores jogadores da NFL. Darryl confia em meu pai e ele confia em Jack. Eu acho que ele confia em mim também.

Eu sorri, olhando em seu olhos, sabendo o que Darryl veria nele.

— Tenho a sensação de que vai dar tudo certo.

Tyler sorriu de volta para mim. — Obrigado, Cam. — Ele olhou para a frigideira e derramou a mistura de ovos com um silvo. — Bem, hoje à noite deve ser agitado, hein?

— Deve ser. Obrigada por ir novamente.

— Ei, não se preocupe. Eu odeio admitir, mas é divertido ver você trabalhar sua mágica – ele disse enquanto empurrava os ovos pela frigideira. — Em quem você está trabalhando agora?

— Bem, — eu disse, inclinando-me sobre a mesa, — hoje à noite, estou selando o acordo com Bayleigh e Greg.

— Diga-me como todos se conhecem novamente.

— Então, Rose costumava trabalhar com Bayleigh no Habits.

Bem, você sabe que ela é uma garota doce, meio quieta, um pouco tímida até conhecer você. Ela teve algum problema no departamento de homens que encontrou alguém em quem pudesse confiar, então a prioridade número um era encontrá-la como um cara honesto. Greg é um cara super legal. Rose costumava sair com ele – ele estava trabalhando em uma cafeteria e ela pediu que ele fosse o gerente do bar.

— Ele é o skatista, certo?— Ele perguntou enquanto mexia os ovos.

— Sim. Enfim, Greg é o melhor, e o cara simplesmente não consegue dar um tempo. Toda garota com quem ele tentou namorar acaba sendo um desastre de uma maneira ou de outra.

— E ele e Bayleigh são mais um *match* infalível feito por Cam Emerson?

— O resultado parece ser favorável. Os dois... eu não sei. Eu só quero que eles sejam felizes e acho que eles podem se fazer felizes.

Ambos precisam de uma vitória, e exatamente da mesma maneira, então sim. Eu acho que vai ser um *match* satisfatório. Vamos ver hoje à noite. — eu me encontrei sorrindo com o pensamento.

Tyler folheou os ovos e riu novamente. — Tão animada assim?

— Só um pouco. Mas primeiro tenho que contar histórias em quadrinhos o dia todo. A boa notícia é que hoje estou no comando da playlist.

— Para o lado. — Ele colocou um prato na minha frente com um guardanapo e um garfo. — Seu café da manhã, minha madame.

Eu abaixei minha cabeça. — Obrigada, meu senhor.

O vapor salgado dos ovos atingiu meu nariz, e eu realmente salivei, umedecendo meus lábios antes de mexer no prato. Um suspiro apreciativo escapou de mim, e quando olhei para Tyler, o peguei me observando. — Eles são tão bons. Você não pode continuar me dizendo que não há ingrediente especial porque isso é, com certeza, uma mentira.

Ele deu de ombros e colocou o guardanapo no colo. — Ah, há um ingrediente secreto, sim.

Engoli uma mordida e fiquei boquiaberta para ele. — Você está brincando? Eu tenho pedido há um ano. O que é?

Ele bateu os cílios e me encarou. — Amor.

Revirei os olhos, apesar de me sentir corar. — Fofo.

Ele riu. — É a batida que faz isso. Está tudo no pulso.

— Foi o que ela disse.

Seus olhos brilharam quando ele deu uma mordida. — É assim que fica espumoso.

— Sim, tem que bater muito bem ou fica mole. Ninguém gosta quando está mole.

Uma risada saiu dele. — Você venceu.

Ele espetou um pedaço de ovo e colocou na boca.

— Claro que sim, — eu disse, dando minha própria mordida. — Eu sou uma boa vencedora. Alguns diriam que eu sou a melhor.

Nós terminamos nosso café da manhã e terminamos de nos arrumar, Tyler calçando seus *oxfords*, enquanto eu optava por uma calça skinny, minha camiseta do *Visit Mordor* e um cardigan.

Deixamos o apartamento juntos, como sempre fazíamos, nos separando na estação de metrô, seguindo em direções opostas. Os trens estavam lotados para a hora do rush, mas eu me sentei quando alguém se levantou e senti como se tivesse ganhado na loteria.

Aqueles eram os melhores dias, quando eu podia me sentar no caminho do trabalho sem ter que ficar em pé e manter o equilíbrio.

Levava muito mais poder cerebral do que você imagina.

Passei a viagem de trem no meu telefone, jogando xadrez com Tyler. Eu tinha praticado, e juro que estava tão perto de vencê-lo que podia sentir o gosto da vitória na minha boca. Mas com meus fones de ouvido, absorvendo o último momento de solidão que eu teria durante o dia, eu sorri para mim mesma, sentindo que seria um bom dia.

Coloquei meu telefone no bolso quando cheguei à minha estação e saí do trem, observando as pessoas ao meu redor. Um velho atravessou a ampla passagem enquanto as pessoas corriam ao seu redor, nem mesmo o vendo. Toquei seu braço quando passei e sorri para ele, e quando ele sorriu de volta, todo o seu rosto se iluminou.

Havia todos os tipos de pessoas – os jovens executivos com seus telefones nos ouvidos e caudas de cachecol voando enquanto corriam para seus dias importantes. Crianças pequenas, o tipo de idade em que você se perguntava se elas não deveriam estar na escola, crianças cheias de alegria, como se a cidade vivesse em seus pulmões, corações e veias. Mães e filhos. Velhinhas rindo juntas.

Imaginei uma história para cada um deles que consistia em uma frase.

Um velho sentado no banco: *ele a amava, mas quando ela deixou o mundo, ele nunca mais foi o mesmo.*

Um homem de negócios amarrando o sapato: *ela deixou cair o cartão de visita sem querer e, quando ele o pegou, olhou para cima e viu suas pernas longas indo embora.*

Um adolescente e sua namorada: *ele conhecia todos os becos de Hell's Kitchen, mas não sabia dizer a capital de nenhum estado, um fato que não o incomodava nem um pouco, porque o que havia realmente além de Nova York?*

Subi as escadas da estação e caminhei pelos quarteirões até Wasted Words, que ficava ao sul de Columbia. Paredes de janelas cobriam o comprimento da loja, que consistia em dois espaços alugados que Rose havia transformado em um, construindo o bar bem no centro, flanqueando-o com quadrinhos de um lado e ficção do outro.

Abri as portas e entrei, trancando-as atrás de mim, sorrindo quando o cheiro de livros e café me atingiu.

O espaço era amplo, com tetos abertos e um loft na parte de trás. As estantes de livros alinhavam-se nas paredes e ficavam em filas como soldados de ombros largos, com sofás de couro, luminárias e mesas agrupadas entre grupos. Tínhamos até uma sala grande no meio do loft que as pessoas podiam reservar para clubes ou festas de livros.

Também serviu como o espaço ideal para reuniões de funcionários.

Subi uma das amplas escadas que levavam ao segundo andar e acenei para Rose através das paredes de vidro. Ela acenou, mas não sorriu, seu cabelo preto amarrado em um nó na cabeça, vestindo um decote em V cinza e calças. Era clássico de Rose, parecer elegante, mesmo sem um pingo maquiagem e basicamente de pijamas.

Ela estava arrumando caixas de donuts ao lado de uma caixa de café

enquanto Greg colocava uma pilha de copos de papel sobre a mesa.

— Ei, pessoal. — eu disse quando entrei. Fui direto para os donuts, molhando meus lábios enquanto os olhava. — *Mmm*. Obrigada, Rose.

— Não me agradeça. Agradeça ao Greg.

Eu levantei minha mão para um *high five*. — Obrigada, cara.

Ele sorriu e bateu em minha mão. — Pode apostar.

Os funcionários começaram a aparecer então, primeiro em uma gota, depois em um derramamento. Tínhamos doze funcionários, incluindo Rose e eu, cinco *barmans* e cinco funcionários de andar, mas estávamos trabalhando para treinar todos em tudo. Rose até atendia o bar ao lado de todos nós, e às vezes administrava o andar, como eu. Eu estava encarregada de quase todas as coisas que ela estava também, nós duas compartilhando a responsabilidade perfeitamente. Eu era a mão direita dela, preenchendo as lacunas onde elas precisavam ser preenchidas. Além disso, eu era responsável por encomendar quadrinhos.

Aos vinte e cinco anos, eu havia adquirido meu emprego dos sonhos.

Sentei-me ao lado de Greg e tomei meu café enquanto todos babavam pelos donuts. Beau, o piadista e Harrison, seu melhor amigo, que não fazia ideia de que ele era super gostoso da maneira mais nerd possível. Os dois eram como a equipe de bartender dos sonhos, em quesito de beleza. Havia também aqueles funcionários que estavam na maioria das vezes encarregados do andar – Warren, o único idiota do grupo, Ruby, uma adolescente de dezoito anos de cabelos vermelhos que estava treinando para cuidar do bar, Elizabeth, a garota quieta que quase desaparecia quando você não estava olhando diretamente para ela, Eva e Polly, o equivalente feminino de Beau e Harrison, e então havia Jett.

Jett era perfeito.

Com um nome saído direto de um livro de romance e abdômen para combinar, ele era o gerente assistente que lia romances obsessivamente. Ele poderia estar na capa de qualquer livro de romance com todos aqueles músculos, sorriso lindo e cabelo perfeito.

Como eu disse. Perfeito. Há apenas um outro cara que eu vi garotas – e às vezes garotos – acabarem tropeçando ao olhar para ele, e esse é o Tyler.

Bayleigh entrou por último, os cabelos louros e lisos presos na cabeça quando um bocejo esticou os lábios em um 'o'. Depois que ela tomou café na mão, ela examinou a mesa em busca de um assento , mas eu a sinalizei e ofereci a minha.

Ao lado de Greg.

O que eu havia totalmente planejado..

Ela se sentou enquanto eu caminhava para a frente da sala para ficar ao lado

de Rose, vendo Bayleigh se situar. Ela olhou para Greg e sorriu timidamente, e eu me dei um tapinha nas costas quando ele devolveu um belo sorriso, inclinando-se para sussurrar algo. Ela riu.

Eu sorri, descaradamente orgulhosa.

— Bom dia a todos, — Rose começou. — Vamos tentar manter isso breve, porque as manhãs são idiotas. Eu só queria agradecer a todos por seu trabalho árduo neste mês passado. A maioria das empresas perde grande parte de sua equipe nas primeiras semanas, mas vocês ainda estão aqui com rostos sorridentes, prontos para trabalhar, então obrigado por isso também. Eu não poderia ter pedido um time melhor. Obrigada por não darem o fora. E isso é tudo o que tenho a dizer. Cam?

Eu sorri enquanto ela se sentava e tomava um gole de seu café.

— Então, nossos números estão ótimos, muito melhores do que projetamos. No que diz respeito às aberturas, vocês têm arrasado, o que me faz ter uma boa imagem. Continuem assim.

Eles riram.

— A noite dos solteiros é hoje à noite, e espero que os vejamos lá. Bebidas gratuitas para vocês. Não esqueça que é uma festa a fantasia, então se você não se fantasiar, prepare-se para se envergonhar. Publicamente. Por mim. E eu não tenho pena. — eu disse com um sorriso. — Estamos fazendo um novo pedido amanhã, por isso não deixe de sugerir autores ou livros na caixa de sugestões antes do meio dia. Esteja também preparado para a programação da próxima semana, podemos lhe dar algumas horas adicionais para rotulagem e armazenamento. Vou servir os turnos extras com burritos e pizza.

— E bebida? — Beau perguntou.

— Bebidas depois. — eu disse com uma risada. — Qualquer pessoa que não seja treinada como bartender e gostaria de ser só precisa falar comigo, Rose ou Greg, para que possamos ajudá-la. Gostaríamos realmente que todos fossem capazes de trabalhar em tantas áreas quanto possível. Todo mundo pode se oferecer quando precisarmos de ajuda, porque no final do dia, somos mais uma família do que qualquer coisa, ou pelo menos é assim que Rose e eu vemos isso tudo. Espero que vocês também.

— Aww, obrigado, mãe, — disse Harrison.

Eu bufei. — Rose é a mãe. Eu sou a tia legal.

Fui até as pilhas de pranchetas em cima da mesa. — Nós dividimos todos vocês em equipes para fazer inventário, um para contar e outro para organizar. Venha quando eu chamo seus nomes.

— peguei o primeiro. — Beau e Harrison, vocês ficam com suspense e erótico.

Eles usavam sorrisos quase idênticos.

— Meu favorito. — disse Beau enquanto pegava a prancheta e eles saíam.

— Imaginei. Eva e Polly, vocês duas estão com comédia romântica e metade do romance contemporâneo. — elas pegaram a prancheta e recuaram. — Bayleigh e Greg, paranormal e histórico. — eles pegaram o deles, e eu tentei não parecer muito óbvia sobre me gabar. — Ruby e Elizabeth, ficção geral e ficção científica, e Jett, você fica com a segunda metade de romance contemporâneo.

Warren fez uma careta. — E quanto a mim?

Eu entreguei a ele uma prancheta. — Você está sozinho em quadrinhos comigo e Rose.

— Por que eu não tenho um parceiro?

— Porque você não trabalha bem com outros. — olhei ao redor da sala. — Alguma pergunta?— eles balançaram a cabeça. — Então vamos lá. O caminhão de tacos estará aqui em três horas e, se você terminar sua lista a tempo, comprarei seu almoço.

Eles aplaudiram e Rose sorriu para mim. Eu era o policial bom e ela era o policial mau, o que significava que eu podia distribuir tacos enquanto ela distribuía reclamações. Saímos da sala, todos pegando um último donut no caminho.

— Lavem as mãos antes de tocar nos meus livros.— disse Rose enquanto apontava o dedo para nós.

— Lambê-los conta? — perguntou Beau.

— Se quiser perdê-los. — Rose respondeu por cima do ombro.

COMO TER ESPERANÇA

Tyler

O DIA ESTAVA FRIO, O clima soprava com uma rajada, carregando o aroma familiar da mudança. Durante toda a minha vida, também trouxe futebol, e o arrepio da mudança de estação foi o que costumava me encher com nada além de desejo pela vida. Agora eu só estava cheia de lembranças daquela época, o desejo por esse sentimento. Seis anos não foram suficientes para esquecê-los completamente.

Eu acho que nunca faria, o que era uma bênção e uma maldição.

Respirei fundo enquanto me dirigia para a estação de metrô, sentindo o ar frio nos meus pulmões, lembrando que estava vivo. Isso facilitava a aceitação da perda.

O dia em que fui ferido entrou na minha mente, como sempre acontecia, em lampejos de lembranças, cheiros, sons. A multidão rugindo. O brilho do sol nos capacetes da linha defensiva quando nos erguemos. Os gritos e grunhidos de jogadores, como se estivéssemos em guerra. Lembrei-me do equipamento, lembrei-me de cair, mas depois não havia nada, apenas escuridão, até que acordei no hospital.

Eles me contaram as histórias do que aconteceu, e eu vi a gravação uma vez – era só o que eu podia aguentar. A jogada terminou e todo mundo ficou de pé, menos eu. Eu continuei deitado na grama, o corpo imóvel. Muito imóvel. Assistindo, eu sabia que não estava respirando. Também não acho que muitas pessoas no estádio estivessem.

Um silêncio caiu sobre a multidão, foi estranho ter milhares de pessoas tão silenciosas enquanto médicos corriam para o campo.

Meu capacete foi removido cuidadosamente, cautelosamente – ficar paralisado não importaria, porque eu teria morrido naquele momento, ali mesmo.

Observar alguém realizar RCP no meu corpo sem vida foi uma das coisas

mais estranhas que já experimentei. Eles bombearam meu peito, respiraram por mim até meus pulmões começarem a trabalhar novamente, ambas os times circulando meu corpo em silêncio.

Parei de respirar por mais de um minuto antes que eles me ressuscitassem. E então eles me levaram para uma maca e eu deixei o campo em uma ambulância.

Um pouco mais de pressão teria quebrado meu pescoço. Uma ligeira mudança de ângulo teria terminado minha vida.

Meu primeiro senso de consciência foram apenas sons e formas borradas em flashes e rajadas, e quando eu finalmente acordei, estava tossindo contra o tubo rígido na minha garganta. Eu tentei lutar contra, tentei retirá-lo, mas não consegui. Não minhas mãos, meus braços, pernas – meu corpo inteiro estava inútil na cama do hospital.

Terror. Foi tudo o que senti – puro terror me pressionando em todas as direções. Eu estava trancado no meu corpo como uma cela de prisão. Minha mãe chamou a enfermeira, chorando, meu pai do outro lado, dizendo para eu ficar calmo, que tudo ficaria bem. Mas meus olhos percorreram a sala em pânico, ofuscados de choque e a dor de saber que ele estava errado. Nada ficaria bem novamente.

Depois que eles removeram meu tubo respiratório e eu me acalmei, eles me disseram que eu havia sofrido uma lesão na coluna vertebral das minhas duas vértebras superiores, disseram que as próximas setenta e duas horas nos diriam quanto dano havia sido causado, quanto disso era permanente. Disseram que eu era jovem e forte, que as probabilidades estavam a meu favor. Eles disseram que tínhamos que esperar para ver.

Foram os três dias mais longos da minha vida.

Tudo o que eu queria, além de voltar e fazer tudo diferente, era ficar sozinho. Eu queria pensar. Eu queria chorar. Eu queria tentar sair da avalanche, mas pareciam quilômetros antes que eu pudesse alcançar o ar. Antes que eu pudesse respirar. Mas olhei nos olhos de minha mãe e pai, e foi aí que encontrei força.

Era fraco no começo, um fio de esperança brilhante que me forçou a sorrir, para dizer a eles que eu estava bem, que eu ficaria bem, mesmo que não acreditasse. Mas, no final daquele primeiro dia, enquanto estava deitado na cama que eu não conseguia sentir por baixo de mim, implorei silenciosamente que meus dedos se movessem, enviei o comando pelos meus braços como havia feito milhares de vezes naquele dia, um mantra repetido várias vezes, até que, finalmente, eles obedeceram.

Houve poucas vezes na minha vida em que me senti tão feliz, tão emocional, *tão*. Como se cada fibra de mim vibrasse com esperança, possibilidade e determinação.

A esperança surgiu a partir daí. Na manhã seguinte – eu não dormi, apenas fiquei acordado, desejando que meu corpo escutasse, voltasse à vida – eu podia levantar meus braços e dobrar meus dedos, nada perto de movimento total, mas a alegria de meus pais, seus rostos, me encheram de ainda mais determinação.

No terceiro dia, dei meus primeiros passos, e foi então que os médicos acreditaram que era possível que eu me recuperasse completamente. Mas eu nunca jogaria outra vez.

Eu nunca mais jogaria, mas viveria.

Aqueles primeiros dias foram preenchidos com essa afirmação.

Porque sem ele, não sei o que teria acontecido comigo. A escuridão do conhecimento do que poderia ter acontecido estava sempre presente – eu podia sentí-lo no limite de tudo, e no centro disso havia esperança. A princípio, aquele vislumbre de esperança era pequeno, a escuridão pesada. Mas minha família estava lá. Minha equipe estava lá. Kyle estava lá. E a cada dia a esperança aumentava, empurrando os limites da escuridão para mais longe.

Eles me colocaram em uma auréola e me mantiveram no hospital por duas semanas, todos os dias cheios de fisioterapia diária, enquanto eu recuperava o uso de minhas habilidades motoras finas, começando a me alimentar. A frustração de não poder comer pudim por conta própria era tão alta que jurei que nunca mais o comeria enquanto vivesse, e foi uma promessa que cumpri.

Nessas duas semanas, minha namorada Gretchen não veio me ver uma vez. Demorou dias para que eu pudesse usar meu telefone, e quando o verifiquei, ela não havia enviado nada, então eu também não a mandei nenhuma mensagem. O que eu poderia dizer? Ela sabia onde eu estava e não queria me ver. Eu não podia nem fingir saber o porquê, e eu não conseguia entender como compartimentar isso, não com todo o resto.

Mas Kyle veio todos os dias. Ele passou horas sentado comigo, trazendo notícias, filmes e, quando eu pude usar minhas mãos o suficiente, ele trouxe um PlayStation. A melhor terapia que tive para minha mente ou corpo foi sentar e jogar Call of Duty com ele, como se tudo estivesse normal naqueles momentos. Como se meu universo não tivesse implodido e se transformado em um enorme buraco negro.

Ele continuou vindo quando eu cheguei em casa, todos os dias, sem falta. Ele me salvou de mim mesmo naqueles dias.

Gretchen veio à casa dos meus pais uma semana depois que fui liberado, parecendo desajeitada e envergonhada. Ela não podia fazer isso, ela disse. Ela não havia se inscrito para isso, pelo estresse de tudo. Naquela época, eu estava esmagado, o sal na ferida aberta, um sublinhado de tudo que havia perdido. Olhando para trás, não fiquei surpreso. No fundo, eu sabia que Gretchen não

estava naquilo por mim. Ela estava apaixonada por ela, e quando eu não servia mais para ela, ela foi embora. Se ela me amasse, ela teria ficado. Era simples assim. Não fez doer menos, no entanto.

Jack Jones também passou muito tempo em Nebraska, passando uma semana na casa dos meus pais. Ele e meu pai eram amigos há quase trinta anos – ele foi o agente de meu pai, o primeiro cliente de Jack. Jack teria sido meu agente, também.

Antes de ele sair da cidade, nos sentamos juntos, ele e eu, e conversamos sobre o meu futuro. Era o tema que ele sempre tornara fundamental, o *meu futuro,* como um quadro de avisos para uma vida que eu não poderia mais ter. Mas só porque eu não estaria jogando bola não significava que ele não poderia me ajudar a garantir um novo futuro. Então ele me ofereceu um emprego.

No começo, eu só aceitei porque não tinha outras perspectivas, decidindo sobre uma coisa certa. Mas ao longo do ano seguinte à minha lesão, eu deitei meu coração nela. Eu poderia ficar conectado com o jogo de uma forma que eu poderia ser um mentor, ajudar outros jogadores com os *seus* futuros. Treinar era muita pressão – por mais que eu amasse o jogo, não sabia se queria ser um líder nesse nível. Além disso, estar tanto no jogo, os jogadores, a energia... eu simplesmente não sabia se poderia lidar com isso. Eu precisava de separação. Eu precisava de espaço. E achei no minuto em que me formei e me mudei para Nova York.

Foi um novo começo em todos os aspectos.

Eu ainda estava perdido em pensamentos quando entrei no prédio onde trabalhava em Midtown e peguei o elevador até o arranha-céu da torre, onde todas as janelas tinham uma vista panorâmica de Manhattan – o porto de um lado e o trecho da cidade que se estendia em direção ao Central Park, por outro. De qualquer maneira que você olhasse, era uma visão bonita.

Fui em direção ao meu pequeno escritório perto da casa de Jack , cumprimentando meus colegas de trabalho no caminho. Na carreira, não éramos muitos – apenas oitocentas posições de agente para mil e oitocentos jogadores da NFL, embora tivéssemos alguns agentes que cuidavam de outros esportes, alguns agentes de beisebol, alguns basquete e alguns de caras que negociavam contratos com hóquei e futebol. Mas o futebol era a nossa especialidade e a base da nossa empresa.

Jack estava sentado em sua mesa, ombros largos curvados enquanto martelava o teclado, parecendo áspero. A gravata já estava solta, o botão superior desfeito, as mangas da camisa arregaçadas.

Ele era um cowboy no sentido literal e figurativo – Jack Jones jogou pelo Cowboys nos anos 80 e cresceu no leste do Texas. Ele era um gângster, o tipo de

cara que não se importa, mas que sempre foi honesto, mesmo que isso o perdesse um cliente. Ele era um rebelde, sempre fazendo as coisas da maneira que ele disse que o ajudariam a dormir melhor à noite.

Balancei minha cabeça. — Bom dia, Jack.

Ele olhou para cima e sorriu por baixo do bigode. — Ei, garoto. Já é uma manhã ocupada – Pharaoh Carson recebeu um DUI na noite passada e empurrou um policial quando o acusaram, então eu tenho um monte de merda para lidar, o que significa que *nós* temos um monte de merda para lidar. — ele suspirou. e passou a mão pelos cabelos cor de ardósia. — Eu sabia que aquele garoto seria um problema, mas eu o assinei de qualquer maneira. Deixe-me lhe ensinar uma lição, sempre siga seu instinto. Se você perceber que um jogador é problema, se você acha que ele vai te dar trabalho, lembre-se de que assina esse contrato com a mesma tinta que ele.

Eu assenti. — Por onde começamos?

— Já resolvi algumas coisas, apenas algumas das grandes coisas. Eu preciso que você comece a falar com patrocinadores dele.

Deixe-os saber que estamos nessa e veja se você não pode nos comprar algum tempo. Quando é a sua reunião com Darryl?

— Depois do almoço.

— Tudo certo. Vamos resolver isso antes que piore. Cathy recebeu ligações da TMZ a manhã toda e, assim que Pharaoh sair da cadeia, eu estarei ao telefone com ele. Talvez tenha até que voar para Atlanta para resolver isso pessoalmente, estar lá quando ele for solto. — ele suspirou, parecendo cansado. — Vou te dizer uma coisa: são em dias como hoje que eu gostaria de não ter parado de fumar.

Eu ri. — Eu cuidarei dos patrocinadores. Apenas me diga o que você precisa.

— O que eu preciso é de uma dose de uísque e que aquele idiota tivesse se comportado, mas o que podemos fazer além de limpar a bagunça, certo? Tudo parte do trabalho, apenas minha parte menos favorita.

— Bem, tenho certeza que posso fazer essa dose acontecer em algum momento.

Ele sorriu. — Pelo menos nós temos isso.

Com isso, entrei no meu escritório e tirei minha bolsa. Quando me sentei na minha mesa e liguei o computador, minha caixa de entrada se encheu de encaminhamentos de Jack sobre Pharaoh.

Tudo bem, a merda tinha explodido. Abri nosso banco de dados de contatos e entrei, começando com a Nike.

Trabalhar como agente era muito mais pressão do que jogar futebol. Sei que parece estranho dizer, mas o futebol era simples, fácil. As regras foram claramente definidas, mas, como agente, tudo dependia da sua rede, de seus

relacionamentos. Nada era fácil ou simples, era uma teia que precisava de remendo constantemente. E o meu próximo passo, o próximo avanço na minha carreira, dependia do meu primeiro contrato.

Mas primeiro eu tinha que lidar com Pharaoh.

Levou horas antes de eu finalmente sair para pegar um ar.

Dezenas de chamadas, dezenas de conversas. Tomei três xícaras de café e me sentia nervoso, mas graças à cafeína e à boa reputação de Jack, eles ficaram calmas, mesmo que apenas por um momento.

Cathy nos pediu um almoço, *cheesesteaks* quentes de Philly e os entregou com uma dose. Às ordens de Jack, ela disse.

Fiquei na janela por um longo minuto depois de terminar, apenas respirando, tentando tirar da cabeça o estresse do dia. E então eu me sentei e liguei para Darryl.

Ele atendeu no segundo toque. — Ei, Tyler.

— Como você está indo, cara?

— O de sempre. Escola, futebol, dormir, repetir.

— Conheço essa rotina. — eu sorri com carinho com a memória.

— Pronto para o jogo no sábado?

— Cara, estamos estudando jogadas e o treinador está nos pressionando. Owens desmaiou em campo ontem e eu nunca vi nada parecido com aquela queda.

— Parece correto. Espere até o jogo em Iowa. Se há uma coisa no mundo que papai quer, é matar os Hawkeyes em campo.

Ele riu. — Eu não esqueci. Está tudo certo? Eu ouvi sobre o Pharaoh. Que merda.

— Sim, foi um dia ocupado por aqui. É uma boa lição para você – todo patrocínio que ele tem está em risco e para quê? Uma noite fora? Ele poderia ter pagado um motorista, mas pegou a Ferrari e agora está sentado na cadeia. Um erro. É tudo o que é preciso para perder tudo.

Darryl suspirou. – Não consigo imaginar por que ele seria tão estúpido. Quero dizer, eu nunca colocaria minha carreira em risco assim.

— Eu sei que é assim agora, mas é diferente na NFL. Na faculdade é mais puro– é sobre o jogo, só isso. Mas quando você se torna profissional, é mais do que o jogo. É dinheiro, mulheres, status. Fama. É um estilo de vida, mas você pode decidir como isso o afetará. Você vai ser um jogador profissional que gasta todo seu dinheiro em um iate e em uma cobertura? Ou você vai se preparar para um futuro após a sua carreira?

— Como você fez?

— Sim, mais ou menos. Meu pai sempre me dizia que não havia coisa certa,

então eu nunca relaxei na escola. Eu queria um plano B sólido, mesmo que achasse que nunca precisaria, e se eu não tivesse feito isso, me machucar teria sido um problema ainda maior. Eu não teria uma única perspectiva. Essa é parte da razão pela qual eu queria entrar nesse campo. Para ajudar os jogadores em suas carreiras. Para protegê-los e guiá-los. Não é pelo dinheiro.

— Não que o dinheiro doa. — eu podia ouvi-lo sorrindo do outro lado da linha.

Eu ri. — Não, não dói nem um pouco. Mas não estou tentando ganhar dinheiro com você, não da maneira que alguns desses outros caras tentam.

— É uma loucura, cara. Quase todo mundo é esperto o suficiente para não falar sobre isso, mas sei que esses agentes estão cortejando alguns deles com força.

— E quanto a você? Alguma outra oferta? — Meu estômago se contraiu, apesar de minha voz não revelar nada.

— Nada oficial, você sabe. Um deles até ofereceu a minha mãe uma passagem de avião para casa para ver sua família, mas eu disse que não. Eu disse a mamãe não. Vou levá-la para lá quando conseguir um contrato.

Eu sorri. — Claro que vai. Estarei lá para o baile e podemos conversar melhor. Consegui permissão para entrar em campo para o jogo com você e papai, e talvez possamos malhar no domingo.

— Com certeza, cara. Boa sorte com Pharaoh e toda essa bagunça.

— Obrigado. Diga ao meu pai que eu disse que ele está parecendo velho hoje.

Darryl riu. — *Certo*, para ele me torturar no treino? Você está por conta própria.

— Falo com você em breve.

— Valeu, Tyler.

Desliguei o telefone e ele tocou imediatamente. A voz de Cathy estava do outro lado.

— A Nike está ao telefone para você, Tyler.

Suspirei. —Tudo bem. — O telefone tocou e, quando ouvi a conexão aberta, disse: — Tyler Knight.

— Sr. Knight, aqui é Adrienne Christie, representante sênior da Nike. Eu estava retornando nossa ligação sobre Pharaoh Carson. Suponho que você tenha uma boa desculpa para o seu jogador?

— Depende. *Estúpido* é uma desculpa válida?

Ela riu. — Na verdade não, Sr. Knight. A Nike geralmente não costuma patrocinar criminosos que agridem policiais. A menos que haja alguma dúvida sobre o que aconteceu, a probabilidade de o Sr. Carson manter seu contrato

conosco é muito pequena.

A preocupação passou por mim na extremidade de suas palavras, mas eu mantive minha calma e respondi com confiança: — Saberemos mais em breve. Eu só pediria que você esperasse até que algum progresso tenha sido feito para tomar uma decisão sobre o que fazer com ele.

Ela parou para respirar. — Tudo certo. Gostaria de marcar uma reunião na segunda-feira com o Sr. Jones para discutir o assunto. Isso é tempo suficiente?

— Ótimo. Agradeço sua compreensão. — Jack entrou e levantei um dedo. — Obrigado, Srta. Christie.

— De nada. Vou pedir ao meu assistente para marcar um horário. Tenha um bom dia. — A linha clicou, encerrando a ligação.

Soltei um suspiro e desliguei o telefone.

Jack se apoiou no batente da porta. — Srta. Christie? Como em Adrienne Christie? Da Nike?

— Sim. Ela está nos dando o fim de semana para descobrir o que fazer com Carson.

Ele sorriu. — Você não a conheceu, não é?

Eu balancei minha cabeça. — Ela não é a representante com quem eu costumo lidar.

— Não, ela é uma representante sênior, só lida com coisas importantes. Ela não é muito mais velha que você, mas é outra coisa, deixe-me dizer. Fale sobre uma vendedora. A mulher é um tubarão. — ele balançou a cabeça e suspirou. — Bem, eu tenho que voar para Atlanta. Estou de folga em uma hora para estar lá quando ele for pego. Preciso que você lide com tudo enquanto eu estou fora, mas devo voltar na segunda-feira a tempo de conhecer Adrienne. Acha que pode lidar com isso?

— Sem dúvida, Jack.

— Obrigado, garoto. Me deseje sorte. Eu vou precisar.

— Boa sorte. Tenho certeza de que Cathy tem uma garrafa de Makers para mandar você embora.

Ele se virou para sair. — Deus abençoe essa mulher maravilhosa. Lembre-me de lhe dar um aumento.

Fiz as malas e saí um pouco mais tarde, indo em direção à academia ao entardecer. Os dias estavam ficando mais curtos, as noites mais longas, mas o tempo estava tão bom após o verão escaldante que me senti revigorado enquanto caminhava em direção à estação de metrô.

Meu telefone tocou no meu bolso e eu o puxei para ver uma foto da minha irmã em um par de orelhas de coelho, mordiscando uma cenoura.

— Ei, Meg. — eu respondi, sorrindo.

— Ei. Você está ocupado?

— Não, acabei de sair do trabalho. O que há? — eu saí do meio-fio e atravessei a rua, decidindo caminhar uma milha e meia para casa.

— Só queria conversar.

— Estarei em casa em pouco mais de uma semana, você sabe.

— Eu sei, mas mesmo assim. Além disso, você estará ocupado e eu também. É o baile, lembra?

Eu bufei. — Então você estará ocupada bebendo?

— Estou em uma irmandade. Claro que vou estar ocupada bebendo. Como foi o trabalho?

Suspirei. — Corrido. Pharaoh Carson foi preso e eu e Jack estávamos ocupados apagando incêndios o dia todo. Mas está tudo bem – estou a caminho da academia antes de voltar para casa para me preparar para a noite dos solteiros no bar da Cam.

— Qual é o tema?

— Cosplay de quadrinhos.

— *Oooh*. Eu amo me fantasiar. De quem você vai?

— Capitão América.

Ela caiu na gargalhada. — Tinha que ser idéia de Cam.

Eu sorri. — Sim, foi.

— Gênio. Ela está em uma missão para juntar você com alguém, ou você mesmo vai procurar por garotas?

— Não, só vou sair.

Ela suspirou. — Faz um ano desde Jessica. Você tem que subir no cavalo novamente, Tyler. Não posso deixar uma escória como ela te arruinar assim.

— Ela não me arruinou. — eu disse simplesmente enquanto colocava minha mão livre no bolso. — Isso não é sobre Jes.

— Bem, então o que é isso? Você não namorou ninguém desde então.

— Isso não é verdade. Estive em encontros.

— Certo, mas você não *namorou* ninguém.

Eu parei na calçada e observei o sinal, lutando para encontrar as palavras. — Não sei, Meg. Não encontrei ninguém que me interessasse o suficiente, eu acho. Não estou mais interessado em investir em alguém até ter certeza das intenções dela.

— Então, *é* culpa da Jessica.

Meu rosto estava liso. — Isso faria você se sentir melhor se eu admitisse que ela era uma das muitas razões? — o sinal mudou e eu saí da calçada e entrei na rua.

— Sim. Obrigada.

Eu ri. — Vou namorar quando estiver pronto. E quanto a você?

— Ninguém sério. Estou muito ocupada entre a irmandade e o fato de estar no meu último ano para pensar em namorar. Mas Jamie e Grace foram convidadas por garotos para ir. *As duas.*

— Elas são jovens demais para ir ao baile com meninos.

— Elas têm dezesseis e dezoito anos, Tyler.

— Como eu disse, muito jovens. Agora me diga quem eu preciso matar.

Ela riu. — Oliver Wilson e Jesse Crawford.

Eu suspirei. — Bem, pelo menos eu conheço a família deles, o que significa que sei onde eles moram.

— Sinto sua falta, — disse ela. — Prometa que você sairá pelo menos uma vez comigo.

— Sem promessas.

Ela gemeu. — Qual é. Você está tão chato agora que cresceu.

— Eu sei. — eu soltei uma risada. — Você é a próxima.

— Nunca. Talvez eu vá para Nova York e use meu diploma de Literatura para trabalhar no bar da Cam.

— Ei, não é um uma má opção.

— Qualquer coisa para sair de Lincoln.

— Exceto que você sentirá falta. — acrescentei. — Todo mundo sente falta. Nova York é um lugar solitário.

— Bem, felizmente, mamãe e papai têm todos esses quartos extras para mim quando eu for visitar.

— Isso é verdade.

— Bem, não vou demorar muito, só queria dizer oi. Divirta-se esta noite e tente evitar brigar com o Homem de Ferro. Veja se você não consegue encontrar uma garota para levar para casa, especialmente se Cam arrumar uma para você.

Eu sorri. — Tudo certo. Ah, e Meg?

— Sim?

— Também sinto sua falta.

Eu podia ouvi-la sorrindo do outro lado. — Mal posso esperar para ver você. Uma semana!

— Uma semana.

— Falo com você mais tarde.

— Tchau, Meg.

Desliguei o telefone e coloquei-o de volta no bolso, pensando no que ela havia dito. Era verdade que eu não namorava ninguém seriamente desde o meu término com Jessica. Quando eu apareci na porta de Cam, eu não tinha muito mais do que uma mala no meu nome. Estar com alguém, *morar* com alguém que

você achava que amava e que te amava de volta, apenas para que ela te deixasse por motivos que você acreditava serem, na verdade, qualidades.

Eu era muito legal. Legal demais. Chato. Eu fui a todos os clubes e festas com ela, mesmo que não quisesse. Eu joguei o jogo dela, mas não foi suficiente. Mas eu não podia fingir estar interessado no que ela estava interessada, assim como ela não podia. Eu sempre soube que ela e eu não fomos feitos um para o outro. Mas ser despejado assim, por esses motivos? Foi um soco que eu não estava preparado.

Mas talvez Meg estivesse certa. Talvez eu devesse me esforçar um pouco mais para encontrar alguém com quem ficar, *realmente* ficar. Cam foi o primeiro rosto que vi quando considerei minhas opções e desejei que fosse possível algo acontecer entre nós. O pensamento me surpreendeu, mas quando eu considerei, ela estava no topo da lista.

Mas Cam não estava interessada em mim, então eu me afastei das imagens na minha cabeça em que eu a beijava ou a segurava.

Nós éramos amigos. Isso era tudo, e a situação não mudaria tão cedo.

PETER SURTANDO PARKER

Cam

O DIA FOI LONGO E cheio de cortes de papel, embora a pausa para o taco fosse a redefinição ideal antes de mudar de marcha para a noite de solteiro.

Nada dizia “vamos fazer isso”, como carnitas e abacate.

Todos estavam de bom humor quando o inventário terminou, e a maioria dos funcionários voltou para casa para se arrumar para a festa naquela noite. Um dos primeiros conceitos para o bar era uma noite de solteiros uma vez por semana, um evento que aceitei com prazer. Cada um tinha um tema literário, e eu tinha tantos planejados que ficaríamos prontos por alguns anos. Como Alice no País das Maravilhas, distópico, conto de fadas, zumbis, anime, vitoriana, viagem no tempo... e a lista continuava. Alguns eram de cosplay.

Alguns eram quase como um clube do livro, onde todos seriam incentivados a ler algo, com pontos de bônus por um prêmio, se você o fizesse. E sempre havia trivialidades – comprávamos tablets especiais projetados por bares que ofereciam jogos de trivia – e eu tinha maneiras de separar as pessoas para que elas conhecessem o maior número possível de solteiros.

Até agora, todos eles foram um sucesso, mas hoje à noite pode superar todos os outros. Todo mundo adora uma boa festa a fantasia e quando você mistura com quadrinhos? É como um sonho tornado realidade. Para mim, pelo menos.

Às sete, todos tínhamos nos trocado. Bayleigh estava vestida, como planejado, como Gwen Stacy, em um jaleco sobre uma saia lápis e uma blusa justa, com uma faixa preta na cabeça e franja desgrenhada. Seus cabelos loiros caíam sobre os ombros enquanto cortava limões no bar para preparar reforços para as guarnições.

Greg usava uma fantasia de Homem-Aranha, estocando a barra em um terno vermelho apertado, boné.

Talvez eu tenha tido uma pequena ideia do plano dele quando sugeri a

fantasia dela.

Meu armário consistia principalmente de flanela, camisa e roupas, e eu tinha escolhido uma peruca ruiva com mechas brancas, skinnies pretas, um top amarelo e verde sob uma jaqueta de couro marrom e botas de combate. Ela era minha favorita. Eu só precisava encontrar um Gambit, e eu estaria pronta.

Bayleigh fatiou o último limão e olhou por cima das banheiras de plástico. — Merda, usamos mais do que isso na semana passada. É melhor eu pegar um pouco mais.

— Acha que pode pegar algumas garrafas para mim, também? — perguntou Greg.

Ela sorriu. — Certo.

Ele examinou a plataforma empilhada com garrafas. – Pegue uma garrafa de Grey Goose e duas de Juarez.

Ela estremeceu. — Não consigo imaginar porque alguém beberia tequila.

Ele riu. — É assim que você acaba acordando na banheira de um estranho.

Bayleigh deu uma risadinha e partiu, e eu me movi para ficar ao lado de Greg, alinhando os copos. — É tão engraçado que vocês estão combinando hoje à noite. Você planejou isso? — eu perguntei, me fazendo de boba.

— Não. — eu podia ouvi-lo sorrindo por baixo da máscara. — A maioria das meninas escolheria Mary Jane, mas eu sempre preferi Gwen. Ela era a doce, Mary Jane na época era meio superficial, mas Gwen... ela era a boa garota.

Apertei meus lábios, tentando não sorrir..

— Além disso,— ele disse enquanto arrumava as garrafas na ordem que queria, — eu tenho respeito por garotas que usam fantasias que não se resumem apenas a *spandex** e peitos. Existe uma triste falta de roupas para garotas que não são indecentes, e eu odeio as que são indecentes.

Eu levantei uma sobrancelha.

Ele riu e puxou sua máscara. — Quero dizer, não me interprete mal, não me importo de olhar. Eu odeio que seja a norma para vocês.

Como se tivessem a obrigação de parecer sexy. Pessoalmente, acho que é mais sexy quando não são tudo pernas e decotes.

— Tipo marshmallow sexy. Ou cachorro-quente sexy. Ou unicórnio sexy!

Greg balançou a cabeça, sorrindo. — No Halloween passado, eu vi uma garota vestida como milho sexy. *Milho.* Ela estava perdida, correndo pelo bar gritando *“descasque, descasque.”*

Eu ri. — Meu Deus. — Esse mesmo bar teve um concurso de fantasias, e a garota que ganhou estava apenas usando lingerie.

Minha cabeça inclinada. — Então.. máquina do sexo sexy?

— Acho que sim. Ela andou a noite toda de salto alto, meia arrastão,

espartilho e calcinha.

— Original.

—Sim. Eu respeito uma garota que não acha que a única maneira de conseguir um cara é andar quase nua, vestida como um vegetal indecente.

— Bem, Bayleigh definitivamente não é do tipo de se vestir como um vegetal indecente.

Ele riu. — Não, definitivamente não. Ela é boa demais para isso. Estou surpreso que ela não tenha namorado.

Eu sorri. — Eu também. Talvez isso mude mais cedo ou mais tarde.

Ele olhou por cima, sorrindo novamente. — Talvez sim.

Bayleigh dobrou a esquina com os braços cheios de limões e garrafas, mas três degraus depois seu sapato ficou preso no tapete da barra e seus olhos arregalaram quando ela começou a cair. Em um movimento rápido, Greg parou na frente dela e a pegou. Ela caiu em cima dele. Os braços dele estavam logo abaixo dos dela, que ainda seguravam as coisas, e ela olhou para ele com olhos brilhantes e respiração pesada.

Meu coração nerd pulou ao ver Gwen nos braços de Spidey, e eu me inclinei para frente, esperando que eles se beijassem.

— Você está bem? — Ele perguntou, olhando para ela.

Ela assentiu, as bochechas coradas. — Obrigada. — ela disse suavemente.

Greg a levantou, certificando-se de que ela estava estável antes de voltar. — Quando precisar…

Ele pegou as garrafas dela e foi para o bar, ficando de costas para nós, e Bayleigh e eu compartilhamos um sorriso. Suas bochechas ainda estavam rosadas quando ela pousou os limões no balcão e alisou a saia, sorrindo para as mãos enquanto terminava de cortar as frutas.

O bar começou a encher pouco depois e, às oito e meia, o local estava bombando. A maioria de nossa equipe apareceu para a festa, até Warren, o rabugento, estava vestido como o Duende Verde, que combinava perfeitamente com sua carranca. Bem, todo mundo estava festejando, exceto Ruby, que não tinha idade suficiente para beber.

Em vez disso, ela ficou na frente com o segurança e Jett, distribuindo pequenas capas e máscaras para as pessoas que vieram sem fantasias. Jett estava sentado à mesa com ela, distribuindo crachás.

Todos foram instruídos a escrever seu nome, bebida preferida e um livro de sua lista de *para-ler*. Jett compôs uma lista principal, reuniu todos os livros e os colocou em um carrinho perto do bar. Qualquer um poderia comprar um livro e uma bebida para o solteiro que eles estavam de olho por 50% de desconto.

Livros e bebidas. Que leitor poderia recusar? Nenhum, esse é o número.

Fiz minhas rondas, conversando com nossa equipe e alguns de nossos frequentadores. Encontrei A Leitora e Batman – ela estava vestida como Kagome, de *InuYasha*, e ele usava um *kil* e uma túnica, embora com seus cabelos escuros ele se parecesse mais com Roger Wakefield do que com Jamie Fraser. Mas de qualquer maneira, ele estava incrível. Ambos estavam. Ela se fantasiou por ter ficado animada após ter lido dois livros em um dia, e ele se fantasiou por ela, esperando que ela estivesse lá.

Viu? Satisfatório. Eu disse a eles que não me oporia se eles nomeassem seu primeiro bebê, Cameron. Menina ou menino, não importava.

Um pouco mais tarde, eu misturei todo mundo, dividindo-os em equipes para os jogos de trivia baseados em suas roupas. Sempre foram trivialidades literárias que cobriram todas as formas de ficção, incluindo histórias em quadrinhos e *graphic novels*, para que cada equipe tivesse esperançosamente uma variedade de conhecimentos para se reunir. Depois de uma hora de jogos de trivia liderados por mim, aumentamos a música novamente e, como eu suspeitava, quase todo mundo ficou todo misturado com seus grupos, se misturando com estranhos logo após o jogo terminar.

Eu tinha acabado de pousar o meu *gamepad* atrás do bar quando olhei para cima e encontrei Tyler entrando.

Tudo parou por um longo segundo.

Tínhamos adotado uma abordagem diferente de seu traje do que a roupa toda apertada, vestindo-o como Steve Rogers em uma jaqueta, calça cargo e botas de combate, com um capacete militar antigo. Ele usava uma camisa do Capitão América embaixo da jaqueta, que fechava parte do caminho, e ele carregava um escudo que nós o fizemos de uma lata de lixo e tinta spray, que ficou incrível, devo dizer. Ele era alto – tão alto – seu sorriso direto de um sonho ou de um comercial de pasta de dentes, sua mandíbula cortada com perfeição. Ele acenou para mim e eu pisquei, sorrindo enquanto acenava de volta.

Percebi que ele tinha um amigo do lado. Levei um minuto para descobrir sua fantasia. Calça azul *royal*, um cardigã vermelho escuro, uma camisa de botão azul e gravata borboleta vermelha. A câmera de 35 mm pendurada em seu pescoço o denunciou... imaginei que ele fosse Peter Parker ou Jimmy Olsen, mas Jimmy não usaria essas cores. Realmente, ninguém deveria usar essas cores, mas ele era adorável à sua maneira , com olhos gentis e um sorriso amigável que eu me vi refletindo.

— Ei, Cam, — disse Tyler quando ele se aproximou. — Este é meu amigo Martin.

Ele estendeu a mão, usando a outra para empurrar os óculos de armação preta pelo nariz. — Prazer em conhecê-la.

Eu agarrei e balancei. — Igualmente. Peter Parker, certo?

Suas bochechas coraram um pouco. — Sim. Que bom que você adivinhou. Eu estava preocupado que não fosse criativo o suficiente, mas montei tudo de última hora.

— Não, você está ótimo. — Eu sorri para ele. Ele realmente era fofo para um contador de quarenta quilos e, além disso, eu era louca por nerds. Meu próximo pensamento foi que eu trabalharia para fazer um *match* para ele hoje à noite. Meu sorriso se alargou, avaliando as garotas que eu tinha visto, classificando-as por uma garota que complementaria seu charme. Eu estava quase certa de ter visto uma garota adorável vestida de Branca de Neve da Fable que poderia ser perfeita para ele.

— Vamos lá, vamos pegar uma bebida para você. — Eu balancei meu braço em convite e fui para o bar.

Havia alguns assentos abertos perto da parte de trás do bar, já que quase todo mundo havia se espalhado entre as mesas de coquetel no chão, e algumas pessoas haviam ido para os fundos da loja, sentadas nos sofás de couro.

Nós nos sentamos quando Bayleigh se aproximou com um sorriso. — Ei, Tyler, é bom ver você. O que você vai beber hoje?

— Yuengling. Bayleigh, este é meu amigo Martin.

Bayleigh sorriu docemente. — Eu sou Bay, prazer em conhecê-lo, Martin.

— Bay? — Eu perguntei com uma sobrancelha levantada.

— O que? Estou experimentando — ela respondeu.

Tyler levantou uma sobrancelha. — *Bae*? Tipo a gíria para *baby*?

Bayleigh gemeu e revirou os olhos. — Sério, nada funciona. Não tenho opções. Que tal só me chamar de B?

Os olhos de Tyler apertaram os olhos. — Tipo abelha?*

Ela gemeu de novo e eu ri. — Qual é o seu nome do meio?

Mas ela balançou a cabeça. — Não vou dizer.

Minha sobrancelha subiu. — Tão ruim assim?

— Pior. — disse ela, os lábios pressionados. — De qualquer forma, o que você vai querer beber, Martin?

— Faça Cam adivinhar. — disse Tyler a Martin. — É um dos truques dela.

Eu ri. — Hum, deixe-me pensar. — eu o olhei e bati meu lábio.

Ele parecia um cara bastante exigente, mas definitivamente não bebia cerveja. Algo leve sem ser fraco. — Refrigerante com vodka.

Ele sorriu. — Rum e coca. Eu tenho desejo por doces.

Tyler me cutucou. — Olhe só. Cam estava errada. Eu deveria ter apostado nisso.

Eu o cutuquei de volta, irritada. — Falando em apostas, você me deve vinte

dólares. Dá uma olhada nelas. — apontei para a Leitora e Batman enquanto eles estavam perto um do outro, sorrindo e corando alegremente.

— Droga. — ele quase choramingou, mas enfiou a mão no bolso e tirou vinte de qualquer maneira.

Bayleigh sorriu para Martin do outro lado do bar. — Então, quem você deveria ser?

— Peter Parker. Quem é você?

O sorriso dela se alargou quando ela serviu a bebida dele. — Gwen Stacy. Eu vi Green Goblin por lá mais cedo – ela disse com um aceno de cabeça na direção do lado romântico do bar. — Certifique-se de ficar de olho nele.

Martin inclinou-se para ela. — Não gostaria que ele te roubasse.

Ela se inclinou também, entregando-lhe a bebida lentamente. — Seria uma pena, não é?

Eu pisquei. *Não. Não. Não.* O homem-aranha de verdade estava a alguns metros dela atrás do bar, com os abdominais que eu podia ver através do elastano e uma bunda que parecia saída de uma fantasia, e ela estava encarando Peter Parker de gravata borboleta.

Todos os meus planos desapareceram em um *puf*, bem diante dos meus olhos. Greg ficaria sozinho sem Bayleigh – eu não tinha outras perspectivas para ele, e ele merecia alguém tão doce e amorosa quanto Bayleigh. Depois de trabalhar nos dois, eu não estava pronta para desistir deles, ainda não.

O que significava que eu tinha que acabar com Martin.

— Então, Martin. — falei um pouco mais do que pretendia, — conte-nos sobre o seu trabalho.

Porque se falar em contabilidade não mataria a vibe, eu estava com mais problemas do que pensava.

— Ah, é meio chato, — disse ele com um encolher de ombros e corar, colocando os óculos no nariz. — Sou contador de Nelson e Neilson. Trabalhamos principalmente com pessoas da indústria do entretenimento.

Bayleigh se iluminou. — Tipo em estúdios e essas coisas?

— Não, com os próprios artistas.

— Alguém de quem eu teria ouvido falar?

Ele sorriu — Nós trabalhamos com Jay-Z e Martin Scorsese.

Ela ofegou. — Ah, meu Deus, você já os viu?

As orelhas de Martin ficaram vermelhas. — Eu conheci os dois.

Além de serem super intimidadores, os dois são na verdade caras muito legais.

Os olhos dela estavam arregalados e cheios de estrelas e corações brilhantes. — Isto é tão legal.

— Definitivamente, uma vantagem do trabalho. Lady Gaga chegou na semana passada, ela está pensando em nos contratar.

Bayleigh se inclinou no balcão e apoiou a cabeça na mão.

Eu pisquei novamente. De todos os contadores de toda a cidade de Nova York, Tyler teve que contratar alguém que já apertou mãos com Jay-Z. Ou pelo menos cuidava de números para ele.

Tyler riu, e me virei para encontrá-lo sorrindo para mim com um olhar que dizia: *te avisei.* Desgraçado.

Então, eu entre na conversa. A fase dois era tomar controle da situação. – Uh, Bayleigh? Preciso pegar algumas coisas lá atrás, você poderia me ajudar?

Ela sorriu para mim. — Sim, claro. — ela se virou para Greg. — Ei, você cuida disso por um segundo?

Ele nos deu um polegar para cima estilo homem-aranha, com uma das mãos no quadril e a postura reta.

Eu escorreguei do banquinho, Tyler fez uma careta para mim, e Martin olhou para Bayleigh com um olhar que eu só podia descrever como desejo. Eu apenas dei um aceno estranho.

— Nós já voltamos. Vamos lá, Bayleigh. — Agarrei-a pelo braço e torci para não parecer que a estava arrastando para a parte de trás da loja.

Assim que atravessamos as portas dos fundos, eu a soltei.

Eu soltei um suspiro. — Cara, essa foi por pouco. Acho que Martin gosta de você.

Ela sorriu esperançosa. — Sério? Você acha?

— Absolutamente. Coitadinho. Você está muito fora do alcance dele. – falei com naturalidade enquanto caminhávamos até as bebidas e eu puxei minhas chaves do bolso.

Bayleigh franziu a testa. — Eu não tenho preferências, Cam.

— Claro que tem, e não é Martin, o contador. É Greg com o braço pornográfico. É o Homem-Aranha, não Peter Parker.

Abri a porta com um rangido metálico das dobradiças.

O cenho dela se aprofundou. — Peter Parker é o cara de verdade, no entanto. O Homem-Aranha é apenas uma máscara.

— Sim, mas Peter não é sexy sem o Homem-Aranha. — eu disse enquanto passava por suas garrafas de bebidas.

— Certo, — ela concordou momentaneamente, — exceto que o Homem-Aranha é apenas figurativo.

Acenei com a mão como se estivesse espantando moscas. — Não importa. Greg é o mocinho quente e musculoso, e você está a um centímetro de distância de selar o acordo. — ela não parecia convencida, então tentei uma nova

abordagem. — Sabe, ele estava me dizendo o quanto ele amava sua roupa antes. Ele achou que era elegante e disse que Gwen era a favorita das namoradas do Homem-Aranha.

Ela mordeu o lábio. — Sério?

Eu assenti. — Estou te dizendo, ele está na sua. Como quando ele te pegou mais cedo? Ele te impediu de cair, quebrar duas garrafas de bebida e de ter que lavar os limões novamente. Quero dizer, você provavelmente teria caído sobre eles e estragado sua roupa. Ele é basicamente seu cavaleiro de armadura brilhante e, por um segundo, quando ele estava te segurando, pensei que ele poderia até te beijar.

Os olhos dela se arregalaram. — Ah, meu Deus, eu achei que tivesse imaginado isso.

— Não. Quase aconteceu. — *poderia ter acontecido. Provavelmente.* — Escute, seja legal com Peter, mas escolha o Homem-Aranha. Ele é realmente o que você quer.

Ela suspirou, o rubor nas bochechas rosadas. — Ele realmente é meio que o máximo, não é?

Peguei duas garrafas de rum e as entreguei, me sentindo instantaneamente melhor. — Claro que é.

*N.T.: *Spandex* é uma fibra sintética de elevada elasticidade, obtida através do etano. Trata-se de uma fibra muito utilizada na confecção de *leggings*.

*N.T.: Abelha significa *bee* em inglês, que tem o mesmo som da pronúncia do B no alfabeto estadunidense.

UMA COMBINAÇÃO ADEQUADA

Tyler

AS MENINAS SÓ SE foram por alguns minutos, mas Martin estava olhando na direção em que caminharam desde que se afastaram, esperando Bayleigh aparecer novamente. A música parecia ter ficado mais alta quando o bar se encheu e as pessoas se espalharam pela livraria, voltando apenas ao bar para pedir bebidas. Algumas das fantasias tinham sido fantásticas – eu tinha visto Harley Quinn andando com um martelo gigante nos ombros, um Coringa de cabelos compridos e verdes, um cara vestido com uma fantasia de Loki que realmente parecia Loki e um cara com o traje mais legal de Rorschach que eu já vi com uma tela de LED nele para fazer sua máscara parecer uma mancha de tinta em constante movimento.

Havia pessoas vestidas como personagens de mangá, os quadrinhos japoneses que Cam gostava, e alguns personagens de *The Walking Dead*, e então, é claro, os que não usavam fantasias e receberam máscaras e capas em cores primárias.

Todo mundo parecia estar se divertindo. Cam estava certa – o que era novidade. As pessoas adoram festas a fantasia.

As meninas finalmente voltaram, Cam com sua peruca Rogue e jaqueta de couro – embora ela não tenha abandonado os óculos pela causa – de alguma forma doce e sexy, completamente vestida em uma sala cheia de *spandex*. O sorriso de Bayleigh estava mais tenso do que antes, e ela passou direto, perguntando se queríamos bebidas antes de descer o bar para ajudar Greg. Não perdi o fato de que ela passou muito tempo conversando com ele e longe de nós.

Tentei dizer a Cam telepaticamente que ela estava sendo idiota, e ela estendeu as mãos em questionamento, como se não fosse culpa dela que ela tivesse se intrometido.

Quando ela estava prestes a se sentar para que eu pudesse dar a minha

opinião não solicitada sobre o assunto, uma garota atrás de nós disse: — Cam?

Cam sorriu. — Sarah? Você está brincando comigo? Não acredito que você veio! — ela passou por mim e me virei para vê-la abraçar uma garota fantasiada de Mulher Maravilha.

A garota soltou Cam e recostou-se para olhá-la. — Rogue, hein?

— E eu vejo que a princesa Diana está viva e bem. — Cam riu.

— Nossa, já faz tanto tempo.

— Sinto muito por não ter passado por aqui antes, mas estamos super ocupados no Shady's desde que você se foi. As coisas simplesmente não são as mesmas sem você.

O sorriso dela se transformou em algo que parecia um pouco com culpa. — Eu sei. Não pude deixar passar a oportunidade.

— Não, eu entendo. — Ela sorriu de volta com um tipo triste de conforto, mas seus olhos se arregalaram. — Oh! Cam, gostaria que você conhecesse minha amiga Adrienne.

Ela saiu do caminho para revelar uma Mulher-Gato do tipo que eu não via desde os seriados dos anos 60. Adrienne era alta, provavelmente 1,77cm *antes* dos saltos de quinze centímetros que ela usava para combinar com o resto de seu macacão de couro, com pele marrom profunda e lábios vermelhos, olhos grandes e brilhantes por trás de sua máscara da Mulher-Gato.

Cam sorriu para ela. — Prazer em conhecê-la.

Adrienne sorriu de volta. — Igualmente. Você trabalhava no Shady's com Sarah?

— Sim, ela aceitou meu antigo emprego. — Cam inclinou a cabeça. — Espera, você é a Adrienne que foi à *ComicCon* com Sarah no ano passado?

Sarah se iluminou. — Sim! Eu gostaria que tivéssemos ido no mesmo dia para que vocês pudessem se conhecer antes.

— Ugh, eu também, confie em mim. — Cam virou-se para mim, sorrindo brilhantemente. — Este é o meu colega de quarto, Tyler.

Eu levantei, sorrindo enquanto estendi a mão. — Prazer em conhecê-las.

— Você também, — disseram ao mesmo em um tom sonhador, e meu sorriso se estendeu de um lado.

— Precisam de uma bebida?— Cam perguntou.

Sarah sorriu. — Aah, qual é, Cam. Adivinha.

Ela riu. — Ok, pela última vez. — seus olhos apertaram os olhos em concentração. — Whisky.

A boca de Adrienne se abriu de surpresa e Sarah a curvou. — Viu? Eu te disse.

Todos nos sentamos e, na confusão, Cam acabou no final com Martin, um

fato que ela não parecia muito feliz com, mas sorriu e conversou com ele mesmo assim.

Adrienne sentou-se ao meu lado e Sarah do outro lado dela.

Sarah se apoiou no balcão, as algemas de ouro descansando na superfície.

— Então, Tyler, o que você faz da vida?

— Sou agente esportivo. — notei Adrienne sentar um pouco mais reta ao meu lado. — E você dirige o Shady's agora que Cam se foi?

— Sim, vivendo o sonho. — Sarah disse com uma risada seca.

— Pelo menos eu recebo todos os quadrinhos que posso ler e descontos em ingressos para a ComicCon.

— E você, Adrienne?

Ela acenou com a mão. — Eu não quero falar sobre trabalho. É estressante e não aprovaria que eu andasse por Nova York vestida como Mulher-Gato.

Sarah riu. — Ela é importante, trabalha para a Nike.

Meus olhos se estreitaram em pensamento. Não poderia ser a mesma Adrienne. Essa garota não era nada parecida com a trituradora de bolas com quem falei por telefone mais cedo naquele dia, mas eu perguntei de qualquer maneira. — Adrienne Christie?

Sarah ficou boquiaberta. — Como você sabia disso?

Adrienne suspirou. — Tyler Knight?

Eu ri. — Bem, que tal isso?

— Não acredito. — disse ela, balançando a cabeça quando Bayleigh caiu na nova rodada. Adrienne pegou o copo com dedos longos e escuros e tomou um gole.

Eu a observei curiosamente. — Você não é o que eu esperava.

Ela riu: — Sim, bem, estou de folga.

— Ou não.— acrescentei, apontando para sua fantasia.

O sorriso dela se encolheu de diversão. — Então, como está indo com Pharaoh?

— Boa pergunta. Não tenho notícias de Jack há seis horas, então isso provavelmente é um mau sinal — brinquei.

— Estou bastante confiante de que ele vai conseguir passar por isso ileso. Mas não diga à Adrienne do trabalho que eu disse isso.

Eu ri. — Combinado.

— Ele está em Atlanta?

—Sim. Estamos esperando para descobrir mais, mas ele foi libertado.

— Bem, pelo menos tem isso. Mas vamos deixar o trabalho hoje à noite, certo, Steve Rogers? — Ela levantou o copo e eu levantei minha garrafa, tocando a borda na dela.

— O que você disser, Selena Kyle.

Cam

Fiquei no bar, tentando ouvir por trás de Martin o que quer que os outros estavam falando, mas Tyler estava de costas e eu não conseguia ouvir nada. A cada segundo que passava, minha curiosidade – e frustração – crescia.

— Então, — Martin começou. — você gosta de trabalhar aqui?

Eu quebrei meu olhar, que estava preso na parte de trás da cabeça de Tyler, e sorri para Martin.

— É o trabalho dos meus sonhos. Eu administro uma livraria, o que faz meu coração nerd cantar músicas da Disney. Tenho sorte de que Cooper escolheu Shady's para visitar por sua necessidade de quadrinhos.

Ele assentiu. — Claro, Tyler me disse que Cooper Moore era o dono do lugar com uma amiga dele.

— Rose, — acrescentei. — Na verdade, eu era a traficante de quadrinhos de Cooper antes de tudo isso. Agora ele me ajuda a fazer os pedidos para a loja.

A conversa parou, e eu treinei meus ouvidos em direção a Tyler, pegando-o rindo.

— Bayleigh parece legal. — disse ele e tomou uma bebida.

Suspirei e olhei de volta para Martin, formando um sorriso. — Ela é.

— Vocês se conhecem há muito tempo?

— Desde que ela começou a trabalhar aqui, alguns meses atrás, — eu disse breve, não pretendendo ser curta, mas Adrienne estava sorrindo amplamente para Tyler, e me perguntei sobre o que eles estavam falando.

Ele sorriu, uma expressão calorosa que transformou seu rosto em algo um pouco mais bonito do que era antes. — Ela, ah... tem namorado?

Meu sorriso apertou. — Meio que sim.

O sorriso dele caiu. — Sim, claro. Quero dizer, faz sentido. Eu ficaria surpreso se ela não tivesse.

— Eu também. — murmurei distraidamente enquanto Tyler ria.

Adrienne também, e com isso, eu me vi incapaz de ficar parada por mais tempo. — Desculpe, você poderia me dar licença por um minuto?

— Claro. — ele disse amavelmente, se não um pouco desanimado.

Eu sorri e toquei seu braço, aliviada, pensando novamente em um *match* adequada que eu poderia fazer para ele. — Obrigada, Martin.

Eu escorreguei do meu banco e caminhei até a parte de trás do bar para

verificar as vendas no computador, em um esforço para parecer que eu realmente tinha algo a fazer, então fui até Greg e Bayleigh para checá-las. Uma vez que minha caminhada falsa estava completa, eu voltei para o grupo, embora em vez de tomar o meu lugar ao lado de Martin, eu fiquei de pé logo atrás de Adrienne e Tyler, que tinham se virado para ficar de frente um do outro, enquanto Sarah verificava seu telefone do outro lado dela. Ela sorriu agradecida por eu tê-la salvado do posto de vela e girou em seu banco.

Todos os outros fizeram o mesmo, exceto Martin. Bayleigh apareceu novamente e estava encostada no bar, rindo com ele sobre alguma coisa.

Meu humor azedou um pouco, mas sorri de qualquer maneira.

— Estão se divertindo?

— Muito, na verdade. — disse Adrienne, inclinando-se para Tyler. — Tyler e eu descobrimos que já nos conhecíamos.

— Mais ou menos. — acrescentou. — Ela é representante de Pharaoh Carson.

— Ah, — eu disse com um aceno de entendimento. — Espero que essa bagunça toda acabe logo.

Tyler sorriu. — Jack é o melhor no que faz, então não duvido que acabe.

— Talvez eu possa resolver as coisas com meu chefe também. Trabalho em equipe, certo? — Adrienne tomou um gole de sua bebida. — Cam, estou com tanta inveja que você tem um trabalho tão legal. É muito melhor do que ficar sentada em algum escritório em Midtown todos os dias de salto alto e uma saia lápis.

— Amém. — eu disse com uma risada, levantando meu copo enquanto olhava Adrienne novamente. Ela era absolutamente linda, poderia facilmente ter sido uma modelo. Seu rosto era perfeito, desde a estrutura em si até sua maquiagem impecável, seus cabelos escuros caindo em ondas sob a máscara da Mulher Gato. E de todas as mulheres do Wasted Words vestidas com elastano, ela era a única que não tinha uma gordurinha – apenas a curva suave e sensual dos seios e quadris.

Ela era bonita. Bem sucedida. Agradável. E ela gostava de Tyler.

Ele também estava na dela.

Eles seriam um match perfeito.

Eu sorri para ela, planejando tudo na minha cabeça. Em parte, isso me fazia sentir um pouco enjoada, como se estivesse olhando do alto do Empire State Building. Eu não entendi direito, apesar de reconhecê-lo à distância como uma forma de ciúme – não do tipo furioso, apenas mais um... desejo, acho que você poderia dizer. Mas balancei a cabeça, afastei-me da borda e coloquei meu chapéu de casamenteira. Porque Tyler merecia o melhor, e essa garota era o melhor.

— Estou tão feliz que você veio hoje à noite, Adrienne. — E eu quis dizer isso de várias maneiras.

Ela sorriu de novo. Sério, ela e Tyler poderiam estar em um anúncio sobre clareamento de dentes ou ortodontia. — Eu também. — disse ela. — Este lugar é ótimo. Tem tudo o que uma garota precisa: bebida, livros e garotos. — Ela olhou para Tyler, e ele se inclinou para mais perto.

Eu senti como se fosse vomitar. Deve ter sido o taco de mais cedo.

Ruby correu, o cabelo vermelho brilhante. — Ei, Cam. Acabei de pegar algumas pessoas se beijando no corredor de Eróticos.

Eu ri. — Bem, pelo menos eles escolheram o corredor certo. Você os separou? Não quero danificar os livros do inventário por conta de fluidos corporais.

— Sim, eu pedi ao Sammy que os separasse, mas o cara está muito bêbado e meio que causando uma cena. O que deveríamos fazer?

Voltei para o grupo. — Me dêem licença. Divirtam-se, ok? Vou tentar voltar quando puder.

Todos acenaram, até Bayleigh, aquela traidora, e eu segui Ruby através da multidão para lidar com os bêbados excitados. Essa foi a minha primeira dica de que a noite tinha sido um sucesso e de mais de uma maneira.

Cam

A partir daí, foi uma coisa atrás da outra. A máquina de gelo perdeu a cabeça e atirou gelo por toda a sala dos fundos. Quando terminamos de limpar, era hora de outra rodada de jogos, e dessa vez eu dividi todos por bairro. Tyler e Adrienne acabaram juntos, o que era apenas mais uma razão pela qual eles seriam ótimos juntos. Se ela morasse no Brooklyn, toda a operação estaria condenada.

Encontramos mais pessoas se refrescando nos cantos mais escuros da livraria, e eu comecei a calcular números para ter um homem extra na equipe para cuidar só dessas pessoas.

O bar ainda estava cheio quando o fechamos e expulsamos todos, e os solteiros fantasiados saíram, alguns de mãos dadas ou pendurados um no outro, pulando em táxis juntos.

Como eu disse, foi um sucesso.

Tyler levou Sarah e Adrienne para fora, e eu os observei pelas portas duplas de vidro com um sorriso estranho no rosto. Pelo menos, parecia estranho, com as minhas bochechas doendo de uma maneira que não parecia muito natural. Todo

esse tempo, eu tive meus olhos abertos para um match para Tyler, e agora eu encontrei um. Eu simplesmente não conseguia descobrir por que me sentia tonta com isso. Minha mente vagou novamente para o caminhão de taco. Tinha que ser isso, porque a outra alternativa era muito estranha de entender.

Eu não tinha sentimentos por Tyler. O pensamento era absolutamente absurdo.

Tyler colocou as meninas em um táxi, abrindo e segurando a porta para elas, acenando adeus enquanto se afastavam do meio-fio.

Enquanto ele entrava, suas mãos estavam nos bolsos e ele estava sorrindo, lábios juntos, uma expressão simples e contente.

— Foi ótimo, Cam. Você conseguiu – mais uma noite de sucesso.

Eu sorri de volta, pegando seu braço quando ele se aproximou e nós caminhamos em direção ao bar. Seu cheiro era ótimo, e eu tentei não inalar super alto como uma stalker. — Espero que todas as outras sejam assim.

Ele olhou para mim. — Ah, serão. Esta é a sua zona, seu campo, sua casa. Não duvido que a próximo seja ainda melhor.

Suspirei aliviada. — Obrigada, Tyler.

Ele apertou minha mão entre seu bíceps e costelas, ainda sorrindo. — A qualquer momento.

Bayleigh e Greg já estavam desmontando o balcão, puxando os tapetes e guardando as guarnições, limpando as superfícies e lavando os copos. Eles fizeram o *check-out*, e eu passei por seus recibos para garantir que tudo correspondesse quando Sammy trancasse e vasculhasse a loja para garantir que não demorássemos muito. Em pouco tempo, estávamos prontos para ir, todos, exceto Bayleigh e Greg.

Greg havia tirado a máscara e seu cabelo estava despenteado, empurrado em todas as direções, as bochechas um pouco coradas.

Eu peguei Bayleigh olhando para ele mais do que algumas vezes, suas bochechas coradas também.

— Vocês podem fechar?— Eu perguntei.

— Claro. — disse Greg.

Coloquei minha bolsa por cima do ombro. — Bayleigh, você tem alguém vindo para levá-la para casa?

— Ah, eu ia pegar um táxi. — disse ela com uma pitada de incerteza.

Greg virou-se para ela. — Você mora perto, certo? Eu posso levá-la para casa.

—Sério?— Ela perguntou, aliviada. — Seria ótimo, obrigada.

— Sim, não há problema. — Ele sorriu para mim. — Vou garantir que ela chegue em casa bem.

Eu sorri de volta, completamente satisfeita com a ideia de eles voltarem para casa juntos. — Sei que vai. Obrigada, vocês dois.

Vocês arrasaram hoje.

— Você também – disse Bayleigh, dando adeus enquanto sorria também, tentando reprimir sua animação. — Tenha uma boa noite!

— Vocês também. — gritei por cima do ombro enquanto Tyler e eu saíamos.

Uma vez que estávamos do lado de fora, Tyler riu. — Cara, você é boa, sabia disso? Quanto disso você planejou?

Tyler pisou no meio-fio assim que saímos e balançou a mão para pegar um táxi.

Dei de ombros. — Bem, eu os coloquei em fantasias combinando, então essa foi a grande vitória. — Eu não mencionei as perdas. — Eu provavelmente teria deixado qualquer um de nossos barmen para fechar sozinho, especialmente Greg. Mas ele está levando Bayleigh para casa? Totalmente não planejado.

Um táxi parou e ele abriu a porta para mim. — Golpe de sorte.

— Você quem está dizendo. — eu disse enquanto entrava.

Ele subiu ao meu lado, apoiando o escudo contra o assento na frente dele e disse ao taxista nossos endereços.

— Então, você e Adrienne realmente se deram bem, hein?— Eu perguntei enquanto tirava minha peruca e deslizava meus dedos no meu cabelo para sacudi-lo com um suspiro.

Ele assentiu, me olhando. — Ela é meio que uma lenda. Jack trabalha com ela há alguns anos, desde que foi promovida. Ele não tem nada além de coisas boas a dizer.

Dobrei o cabelo falso no meu colo e o penteei com os dedos, ainda me sentindo estranha. — Conheço Sarah há muito tempo. Ela me contou tudo sobre Adrienne, e ela realmente fez jus ao hype. Eu tenho um bom pressentimento sobre ela.

Ele sorriu para mim. — Estou feliz que você gosta dela.

— Estou feliz que você gosta dela também. — Eu sorri de volta, me perguntando o quão profundamente eu quis dizer isso.

Ele me deu uma olhada, finalizada por um sorriso. — Escute, não tente nos juntar, ok? Posso selar o acordo sem a sua ajuda.

Eu levanto minhas mãos inocentemente. — Claro que você pode. Ninguém jamais negaria sua capacidade de fechar um acordo. Porque *você* é um negociador. — Eu apontei para ele em busca de impacto.

— Isso mesmo. — ele disse com um aceno de cabeça. — Sou um negociador e sei como convidar garotas bonitas em fantasias de Mulher Gato para sair.

Eu levantei uma sobrancelha. — E você fez isso, senhor negociador?

Ele sorriu. — Não.

Eu fiz beicinho, embora tivesse passado a respirar um pouco mais fácil. — Por que não?

Tyler olhou pela janela. — Não sei. Eu simplesmente não quis.

— Bem, talvez você só precisem sair mais um pouco. Sem pressão. Aposto que posso convencer Sarah a trazê-la para a noite de solteiros na próxima semana.

— Aposto que você poderia. Vamos ver, Cam. Entrarei em contato com ela sobre o trabalho a semana toda.

— Você pelo menos conseguiu o número dela? — perguntei, já fazendo planos para mandar uma mensagem para Sarah e colocar Adrienne no bar novamente.

— Eu *já tenho* o número dela.

Fiz um cara de "*não seja espertinho, Tyler*", e ele riu, puxando um pedaço de papel do bolso.

— Ela me deu isso antes de entrar no táxi.

Eu dei um tapa no braço dele. — Olha só para você.

Ele riu e enfiou o papel no bolso do casaco. — E quanto a você? Encontrou algum cara que desejava?

Eu bufei. — Desejava. Como um bife.

— Claro, por que não? — ele disse e deu de ombros. — Bife de homem.

— Não, eu estava muito ocupada para realmente procurar, mas estou bem. Não sinto vontade de namorar ninguém, no momento.

— Eu sei o que você quer dizer. Fico dizendo a mim mesmo que é só porque me machuquei, mas já faz um ano. Não pode ser isso. Eu sou apenas... eu não sei. Conteúdo, eu acho. Eu não recusaria a oportunidade, se surgisse. Mas não estou tentando caçar, se isso faz sentido.

— Faz muito sentido. Todo mundo quer companhia, sabe? Mas não quero perder meu tempo. Tenho vinte e cinco anos e já me sinto velha demais para essa merda.

Ele riu. — Concordo.

O táxi parou em frente ao nosso prédio e Tyler pagou a ele. Eu aprendi há muito tempo a não protestar, era uma luta que eu perderia.

Ele tinha forçado a minha alma feminista a aceitar seu cavalheirismo.

O que fazia minha alma feminista realmente tremer era que eu gostava.

— Então, o que você achou de Martin? — ele perguntou quando entramos.

— Ele é legal. — foi tudo o que pude dizer.

Ele olhou para mim, erguendo uma sobrancelha. — Tão ruim?

Dei de ombros. — Ele seria um namorado perfeitamente maravilhoso para

alguém.

— Mas não Bayleigh. — subimos as escadas.

— Bayleigh tem uma queda por Greg.

— Sério? — Ele perguntou. — Porque ela com certeza passou muito tempo conversando com Martin hoje à noite.

— Ela estava apenas trabalhando na multidão, só isso. Faz parte do trabalho dela, sabe?

— Sim, eu sei. Só estou dizendo que me pareceu que havia alguma coisinha lá, só isso.

— Talvez só para ele. — eu pressionei.

— Talvez. — ele respondeu e deixou o assunto para lá.

Caímos em um silêncio contente, quieto e cansado da longa noite, temendo a manhã que inevitavelmente chegaria muito cedo.

Pelo menos eu dormiria até um pouco mais tarde, o que me lembrou de fazer o café para ele, para que ele ainda o tivesse quando acordasse.

Ele destrancou a porta, a abriu para mim e a trancou em segurança.

Passeamos pelo apartamento em movimentos automáticos. Primeiro trocamos de roupa, depois fomos ao banheiro para escovar os dentes, lado a lado, revezando-nos na pia. Preparei o café para a manhã seguinte e ele apagou as luzes. E nos separamos do lado de fora da minha porta com sorrisos e promessas de nos ver pela manhã.

Mas uma vez que minha porta foi fechada e eu estava na cama, meus pensamentos oscilaram entre planejar como juntar Tyler e Adrienne, enquanto lutavam contra o desejo de mantê-los separados, o que era bobo. Porque eles podem ser perfeitos um para o outro. E Tyler... ele merecia alguém como ela.

GUARDIÃO DO PORTAL ENCONTRA PORTADOR DA CHAVE

Tyler

A MANHÃ SEGUINTE FOI APRESSADA depois de eu ter prolongado meu sono por tempo demais. Eu pensei, enquanto servia o café que Cam havia preparado para mim, se eu não estava ficando velho demais para tentar trabalhar um dia inteiro com apenas cinco horas de sono, o que eu pensei que era realmente uma coisa velha de se perguntar.

Apressei-me a trabalhar em uma névoa e, quando cheguei lá, Cathy já tinha uma pilha de coisas para eu resolver, incluindo ligar para Jack. Nenhum dos trabalhos parecia fácil – quase todos exigiam respostas que eu não tinha.

Mas Deus abençoe Cathy. Ela manteve minha xícara café fresco cheia o dia todo, administrou o fluxo de chamadas e e-mails, manteve o dilúvio do lado de fora da porta do meu escritório.

Jack tirou Pharaoh da cadeia e ele emitiu uma declaração parecendo arrependido e penitente. Ele havia recebido uma suspensão de seis jogos sem pagamento e disse que, durante esse tempo, iria se recuperar por beber. Ele disse que foi um erro, um que ele aprendeu com e que o humilhou.

Eu, por exemplo, sabia que isso era um monte de besteira.

Pharaoh estava fora de si mesmo em primeiro lugar – ele provara repetidas vezes, em campo e fora, que realmente não se importava.

Mas esse movimento provavelmente salvaria sua carreira e, por isso, fiquei agradecido por ele ter desistido. Eu só esperava que ele se acalmasse para sempre. Conhecendo Jack, ele sentou o garoto e disse exatamente como as coisas seriam. Que encerraríamos o contrato dele, se ele não entendesse. Que se ele não deixasse a agressão em campo, ele iria mandar sua carreira pelo ralo. Cabia a ele se controlar.

E hoje, cabia a mim salvar seus patrocínios.

Foi outro dia longo , cheio de telefonemas e e-mails tensos, mensagens com Jack, organizando tudo para sustentar o fim de semana. No final de tudo, eu estava exausto e pronto para uma bebida, encontrando conforto no fato de que veria Cam mais tarde e ansioso para contar a ela sobre como tinha sido o dia. Eu estava me preparando para sair quando Cathy me chamou.

— Ligação de Adrienne Christie na linha um.

— Obrigado, Cathy. — Peguei o telefone e liguei, me perguntando se era uma ligação comercial ou pessoal. — Boa tarde, Srta. Christie.

— O mesmo para você, Sr. Knight, — disse ela, a Adrienne, toda voltada para os negócios, de volta à ação, embora parecesse mais suave do que ontem. — Eu só queria fazer uma ligação rápida para falar sobre Pharaoh. Eu vi o comunicado de imprensa hoje. Até agora, o ciclo de notícias foi receptivo ao seu anúncio sobre reabilitação, então parabéns por isso. Se você tivesse me perguntado, há vinte e quatro horas, se Jack poderia ter mudado isso, eu provavelmente teria rido.

— Eu provavelmente teria também. — eu disse com um sorriso e recostei-me no assento.

— Bem, fico feliz que o burburinho tenha diminuído um pouco, mesmo que ainda seja o principal ponto de discussão em todos os meios de comunicação esportivos. Pelo menos agora eles estão falando sobre como ele é sincero e desejando-lhe sorte na reabilitação, em vez de seu comportamento geral inadequado na NFL.

— Qualquer coisa para tirar a tensão desse fato. — brinquei.

Ela riu. — Jack fez bem, e você também. Salvo qualquer circunstância imprevista, seu patrocínio deve estar seguro.

— Isso é um alívio. Obrigado Adrienne.

— De nada. — Ela parou por um segundo. — Escute, Tyler, eu sei que não é profissional perguntar isso a você, mas eu ia encontrar alguns amigos para o *happy hour* hoje à noite e queria saber se você estava livre.

Eu pisquei, surpreso. Mas antes mesmo de considerar aceitar, uma resposta saiu da minha boca. — Obrigado pelo convite, mas eu vou encontrar Cam no Wasted Words hoje à noite. Remarcamos?

— Sim, claro. — disse ela, embora não tenha coberto completamente sua decepção. — Certo. Sinto muito por colocá-lo nessa situação.

— Não colocou. — eu menti, voltando a conversa ao trabalho. — Eu te ligo na segunda-feira e podemos ver como o fim de semana tratou Pharaoh.

— Absolutamente. E talvez eu possa conseguir remarcar em breve.

— Apenas diga a palavra.

— Tudo bem. — eu podia ouví-la sorrindo. — Obrigada, Tyler.

— Tenha um ótimo final de semana, Adrienne.

Desliguei o telefone e o encarei.

Acabei de ser convidado para sair por uma mulher bonita e bem-sucedida com quem eu me dava bem, alguém cuja companhia eu gostava e não conseguia descobrir por que havia optado por ir a um bar de livros para sair com minha colega de quarto.

Talvez fosse porque eu não namorava há um tempo. Talvez eu fosse tímido. Mas no fundo eu sabia que era mais do que isso.

No papel, Adrienne e eu fazíamos sentido. Não havia motivo para recusá-la, e até Cam estava bem com a ideia. Pensei na noite passada e na conversa que ela e eu tivemos sobre Adrienne. Cam era insistente e determinada – eu podia ver nos olhos dela, ela queria que eu namorasse Adrienne. Ela via isso como uma boa combinação, e talvez fosse, mas eu não estava realmente interessado.

Prefiro ficar sozinho.

Não, não sozinho. Com Cam.

Minha alma cambaleou quando me sentei à minha mesa no meu escritório, as palmas das mãos úmidas na superfície fria.

Cam e Adrienne não eram nada parecidas, e eu percebi que isso era parte da razão pela qual me vi procurando pela companhia de Cam. Ela era minha amiga, a pessoa que eu contava quase tudo.

Encontrava conforto nela, a familiaridade, a *realidade* dela. Eu a conhecia, e ela me conhecia, o verdadeiro eu, e isso foi tudo o que ela já pediu.

Era nos momentos mundanos que eu a notava. Quando estava observando-a ler, encolhida no sofá com o rosto refletindo qualquer emoção que ela lia. Foi vendo aquele rostinho, a língua cutucando entre seus lábios rosados enquanto ela me ganhava no Smash Brothers. A decepção em seus grandes olhos castanhos quando outro livro falhou em capturar minha atenção.

Mas ela não estava interessada. Quero dizer, às vezes ela me olhava diferente, mas eu não pensava muito nisso. Ela também estava atraída por mim, mas era isso. Apenas físico.

Não era?

Eu não tinha chance com ela – não era o seu tipo. Ela disse isso mil vezes. Mas isso não nos impediu de sermos amigos. Isso não me impediu de querer sair com ela. Isso não me impediu de vê-la fazer café ou se exercitar naqueles shorts minúsculos que ela usava para dormir, tudo enquanto eu pensava em seu corpo contra o meu.

Eu me perguntei, e não pela primeira vez, se ela alguma vez iria me namorar. Se ela me deixasse beijá-la. Se ela me beijasse de volta.

Não, eu disse a mim mesmo.

Ela só iria me rejeitar, e isso poderia arruinar a nossa amizade, se transformaria em uma situação que apenas tornaria a vida com ela incrivelmente estranha. Não que eu não aguentasse a rejeição – eu havia sido rejeitado muitas vezes e por várias razões. Mas a rejeição de Cam seria diferente. Não seria tão fácil quanto as outras, e algumas das outras eram um nível do difícil que eu normalmente não queria discutir.

Foi então que decidi que iria na academia para limpar minha cabeça e depois ficar em casa pelo resto da noite. Ou talvez eu ligue para Kyle, desabafe. De qualquer maneira, o espaço parecia uma jogada inteligente e, enquanto eu arrumava minhas coisas, me perguntava se estava certo ou errado.

Cam

Greg sorriu para mim do outro lado do bar quando entrei naquela noite. A multidão do *happy hour* estava cada vez mais forte, e eu andei pelos fundos do bar para ajudar ele e Beau, felizes por estar me ocupando depois de passar o dia inteiro lendo e deitada como um gato gordo. A coisa mais produtiva que fiz foi assar biscoitos, mas neguei minha produtividade ao comer metade deles.

Não vou dizer quantas dezenas eu fiz. Uma garota tem que ter seus segredos.

Depois que controlamos o balcão, descemos a fila, certificando-nos de que tudo estava abastecido, limpando as superfícies enquanto Beau se dirigia para trás com prateleiras de cerveja e copos para enviar para a máquina de lavar louça. Greg e eu ficamos com a louça dos copos e pratos mais delicados e, enquanto Greg lavava e eu secava, sorri para ele.

— Como foi ontem à noite?

Ele encolheu os ombros. — Bem. Ganhamos um bom dinheiro, fechamos com força.

— Levou Bayleigh para casa bem?

— Sim, ela mora por perto, então não foi grande coisa. — ele deu um sorriso, seus braços tatuados mergulhados na água e sabão.

Eu sorri de volta, imaginando os dois juntos. — Foi realmente ótimo da sua parte oferecer. Ela é tão adorável.

Ele riu. — Ela é. Muito doce.

— Vocês são duas das melhores pessoas que temos trabalhando aqui, sem mentira nenhuma.

— É por isso que você nos agenda juntos o tempo todo?— ele perguntou

com uma sobrancelha erguida e um sorriso nos lábios.

Eu sorri de volta. — Um dos motivos.

Ele riu e me entregou um copo.

— Aposto que a multidão amou suas fantasias ontem à noite.

Legal que vocês combinaram.

— Tenho certeza de que não machucou a jarra de gorjetas nem um pouco. Embora eu não saiba se vou usar uma roupa completa de *spandex* novamente.

— Aww, — eu disse com uma risada. – Mas as mulheres com certeza adoraram. Acho que devo fazer você, Beau e Harrison trabalharem um turno inteiro vestidos como Homem-Aranha, Super-Homem e Batman. Beau tem o cabelo para isso, eu aposto que daria para fazer até o ondulado na frente. Tenho mil por cento de certeza de que todos iriam amar.

— Então, livraria, bar e clube de strip?

— Ei, quem disse algo sobre se despir? Estou falando de cobrir vocês da cabeça aos pés em um belo e sexy elastano.

Ele riu. — Foi divertido. Havia algumas Mary Jane's na multidão que queriam fotos. Bayleigh era a única Gwen.

— Bem, ela é única.

— E a Harley Quinn tirou uma foto martelando minha bunda.

Eu bufei.

— O traje de seu colega de quarto também foi ótimo. Original ir no Steve Rogers ao invés do Capitão.

— Foi idéia dele. — eu disse enquanto pegava outro copo dele e o lavava.

Uma sobrancelha se levantou. — Sério?

— Não. Mas *foi* ideia dele fazer um escudo com a tampa da lata de lixo.

Ele riu, mas a multidão se alinhou novamente, e antes que eu percebesse, algumas horas se passaram. A corrida da noite de sexta-feira estava esbarrando no Wasted Words, e eu examinei a multidão, procurando por Tyler. Ele já deveria estar lá, mas ele não estava em lugar nenhum, então, assim que houve uma pausa no trabalho, eu peguei meu telefone para mandar uma mensagem de texto.

Mas encontrei uma mensagem dele.

Ei, eu estou exausto da noite passada e de um longo dia. Então vou passar a noite aqui, mas talvez eu te veja hoje à noite, se você chegar em casa antes que eu caia no sono. Se não, amanhã é dia de folga, o que significa que você é minha, o dia todo. Tenha uma bom turno.

Meu coração deu um salto desajeitado e eu li a linha novamente.

Você é minha, o dia todo.

Então, eu surtei.

Como assim *dele*? Ele disse como se estivesse falando do meu coração, da

minha alma ou da minha vagina. Talvez todos os três.

Minhas coxas se apertaram com o pensamento. Quero dizer, assistimos futebol todos os sábados que ele não estava viajando, então é claro que eu estaria lá. Claro que estaríamos juntos. Mas *dele*?

Não duvido que alguém atraído pelo cromossomo Y se oponha a ser *dele* por qualquer período de tempo. Uma hora. Diversas semanas. Vida. Tanto faz.

Eu seria a última pessoa a reclamar. Eu me importava muito com Tyler, talvez até mais do que estava disposta a admitir. Cometi o erro de me deixar realmente considerá-lo pela primeira vez, mas não cheguei muito longe antes que a memória de Will me chamasse. Eu me afastei do pensamento.

A ansiedade familiar floresceu no meu peito e respirei fundo para me fortalecer.

Eu sempre fui sozinha no ensino médio, não pertencia a nenhum grupo, embora também não fosse o que você chamaria de solitária.

Eu era extrovertida o suficiente para me sentir confortável na maioria das situações sociais, amiga de todos e de ninguém, uma parte peculiar da escola. Eu era a garota que dizia o que queria, ganhando-me a liberdade e o isolamento simultâneos que eu queria.

No segundo ano, fui colocada em física com os veteranos. Em geral, sou bastante desagradável , mas estar nessa classe com todas os mais velhos era intimidante, e fazer parceria durante o ano com Will Mercer não fez nada para ajudar.

Will era aquele cara lendário que todos conheciam e amavam, desde os nerds da banda às líderes de torcida e todos os demais. Ele sempre era nomeado para alguma coisa – presidente do conselho estudantil, rei do baile, prêmios de basquete, e ele honestamente parecia um dos caras legais, do tipo que não parecia tirar proveito de seu status para obter ganhos pessoais, o que fazia dele ainda mais atraente.

Tudo começou inocentemente. Ele não tinha namorada na época – seu relacionamento vai e volta com Kenzie Schroeder não estava acontecendo na época. Trabalhamos bem juntos, facilitados pela conversa encantadora e pelos interesses mútuos de esportes e quadrinhos. Ele era inteligente – inteligente, bonito e engraçado – e ao longo dos primeiros meses do ano letivo, nossas conversas e risadas se transformaram em olhares que queimavam, cheios de algo mais profundo. Tudo o que eu sabia era que todos os dias, aquela aula de cinquenta e cinco minutos era tudo o que eu ansiava.

Estávamos no outono quando me vi sentada ao lado dele na mesa da cozinha, trabalhando em um projeto. Quando levantei os olhos para falar com ele, encontrei-o apenas me observando, seu rosto suave, e congelei quando ele se

inclinou e me beijou.

Ele não foi o meu primeiro beijo, mas o dele foi o primeiro que senti da ponta do meu nariz até os dedos dos pés.

Lembrei-me do seu sorriso, tão forte, implorando por minha confiança. Lembrei-me de sua mão quente na minha bochecha e seus lábios contra os meus, mesmo agora, mesmo anos depois.

Todo dia eu estava na casa dele, todo dia beijando ele, todo dia nos braços dele. Na escola, mantivemos distância, lançando olhares furtivos um para o outro no corredor, sua mão roçando a minha na sala de aula. Mas quando estávamos no quarto dele nas tardes tranquilas, não havia nada entre nós. Sem paredes, sem regras, apenas ele e eu, e nossos corações. Passamos horas conversando, nos beijando, abraçados. E então eu decidi que não queria me segurar. Eu queria deixar ir. Então eu me entreguei a ele.

Ele foi gentil e doce, cada toque cheio de adoração, levando um tempo comigo, sabendo que eu era virgem. Foi a primeira vez que eu dei a alguém meu coração, e eu acreditava que ele o aceitaria – seus olhos e lábios me disseram isso.

Depois, eu deitei em seus braços, e ele sussurrou promessas.

Ele me pediu para ser a acompanhante dele para o baile, me pediu para ser *dele*. Mas eu já era, e eu disse a ele.

Saí da casa dele naquele dia com a sensação de poder voar. O resto da minha noite foi gasto à procura de um vestido para o baile, e eu estava deitada na cama naquela noite, olhando para o meu teto com um sorriso no meu rosto enquanto eu sonhava em cada momento do dia em que tinha passado, das noites que viriam, de segurar a mão dele pelos corredores e ser beijada contra o meu armário.

Na manhã seguinte, eu ainda estava sonhadora, escolhendo minha roupa com cuidado, demorando um pouco no meu cabelo, até usando rímel e um pouco de brilho labial. Eu queria parecer bem para ele, digna de ficar ao lado dele, e fiquei cheia de esperança ao pensar em vê-lo novamente.

Nada me preparou para o que aconteceu depois.

Eu estava radiante enquanto caminhava pelo corredor movimentado antes do sinal tocar – eu podia sentir o calor em minhas bochechas e a luz em meus olhos. Ele era alto o suficiente para que eu o visse facilmente, meu coração disparando quando o fiz. E então meu estômago revirou.

O braço dele estava pendurado no ombro de Kenzie e ele estava olhando para ela, rindo de algo que ela dissera. Ele olhava para ela como se tinha olhado para mim no dia anterior, e eu me perguntei se tudo tinha sido um sonho.

Eles pararam no armário dela, e ele a pressionou contra ele e a beijou,

exatamente como eu imaginava que ele faria comigo. Exceto que ela não era eu.

Eu não sabia que tinha parado no corredor, colegas correndo ao meu redor como se eu fosse uma pedra no rio, e meus olhos se fixaram em Will enquanto meu peito ardia de mágoa e vergonha.

Ele olhou para cima e me viu, seu sorriso desaparecendo quando nossos olhos se encontraram.

Respirei fundo antes de me virar e fugir.

Eu atravessei o caminho entre as pessoas, os olhos borrando em lágrimas, precisando de ar, precisando sair do prédio onde eu sentia que seria esmagada se ficasse mais um pouco.

Eu o ouvi atrás de mim, mas não parei, não até estar debaixo das arquibancadas. Não queria que ele me visse chorar, não queria que ele me visse, não queria que ele soubesse que me machucara.

Mas não adiantou.

Seus olhos estavam tão tristes quando me virei para encará-lo, a dor evidente quando ele se desculpou. Ele não estava pensando direito quando me convidou, ele disse. Nós nunca funcionaríamos, ele me disse. Ele disse que não importava o quanto ele gostasse de mim ou o quanto eu gostasse dele, nós éramos muito diferentes, de mundos diferentes, e como duas pessoas tão diferentes poderiam funcionar? Além disso, ele e Kenzie foram ambos indicados para competir para rei e rainha do baile a casa e teriam mais chances de ganhar se estivessem juntos.

Aquele momento foi a primeira vez que eu senti que não o conhecia. Então olhei para ele com os olhos cheios de lágrimas e o coração disparado em mil pedaços e disse que ele estava certo. Esse foi o meu erro, porque pensei que éramos muito mais parecidos do que realmente éramos.

Ele me abraçou, sussurrando desculpas antes de beijar meu cabelo e se afastar.

Por um longo tempo, sentei-me embaixo da arquibancada e chorei. Eu fui estúpida, tão estúpido. Como eu poderia ter pensado que ele realmente queria estar comigo? Suas palavras foram vazias, sem sentido, mas eu acreditei em todas. Eu pensei que era real, mas eu era uma idiota. Ele me traiu. E para quê?

Eu tinha lhe dado tudo, e ele aceitou sem intenção de se entregar a mim.

Então, com o coração partido, sentei-me na terra fria à sombra das arquibancadas e escrevi uma lista de regras enquanto esperava meu rosto parar de parecer uma framboesa inchada. E essas regras eram algo que eu ainda vivia.

1) Saiba com quem você está lidando e coloque-se na sua própria prateleira.

2) Não namore ninguém que não esteja na sua prateleira.

3) Quando algo parece bom demais para ser verdade, provavelmente é.

E segui as regras que eu fiz, mesmo que segui-las significasse que eu estava

sozinha. Voltei a ser amiga de todos e de ninguém, não me importando, ou fingindo não me importar. Requisitei um novo parceiro de laboratório e suportei o ano de aulas com Will, fazendo o meu melhor para não encontrar seus olhos quando ele me assistia do outro lado da sala. E toda vez que eu via Will e Kenzie nos corredores ou na lanchonete, um pedacinho de mim se apertava.

Quando eu fui para a faculdade, eu já havia aceitado tudo isso, namorando caras da minha prateleira e apenas da minha prateleira.

Alguns eram ótimos, caras com quem eu poderia estar realmente feliz, mas não eram para mim. Eu não sentia que era uma questão de confiança, mas quem sabe como realmente era, porque, por dentro, eu provavelmente estava cega demais para ver.

Tyler deveria estar com alguém como Adrienne, não com alguém como eu. Minhas estômago torceu com o pensamento dele com ela, e eu percebi que era a primeira vez desde que eu o conhecia que ele tinha uma combinação que eu achava que poderia ser real. Mas meus sentimentos por Tyler não significavam nada. Eu os colocaria de lado mil vezes, se isso significasse que ele poderia ser feliz.

Ele quis dizer aquilo na mensagem de texto de um jeito amigável. De repente, me senti ridícula de ter pensado que seria de outra maneira. Não que ele alguma vez fosse dizer algo assim para seus amigos homens, como Kyle, ou acabaria com um soco no meio do rosto.

Não, eu estava sonhando demais, isso era tudo. Apenas pensando um pouco longe demais da caixa.

E como se eu precisasse de um sinal, olhei para cima e encontrei Adrienne e Sarah sentando-se bem na minha frente.

— Ei, — eu disse, aproximando-me do bar, desejando que meu coração desacelerasse enquanto dobrava guardanapos na frente delas. Um deles dizia: “*Aqui estamos, presos no âmbar do momento. Não há porque. – Kurt Vonnegut”*, e o outro: “*Toda bênção ignorada se torna uma maldição. – Paulo Coelho.”* — Não esperava ver vocês novamente tão cedo.

Adrienne sorriu, suas bochechas escuras corando. — Nós também. Na verdade, estávamos em outro bar, mas decidimos passar por aqui. — ela olhou em volta, esperançosa. — Tyler está aqui?

Ela é perfeita para ele. Eles serão perfeitos juntos. Agora, não tenha piedade. Eu sorri, me sentindo melhor com a ideia de fazer um match com ele, certa de que me sentiria melhor do que isso uma vez que eles estivessem juntos e felizes. — Eu acho que ele vem aqui daqui a pouco. Deixe-me perguntar a ele. O que as senhoras estão bebendo?

— Whisky azedo para mim. — disse Adrienne.

— O mesmo. — Sarah acrescentou com um sorriso.

Saí em silêncio, compondo minha mensagem para ele na minha cabeça, e na primeira oportunidade que tive, disparei um texto.

Se você ainda não tirou o sutiã, devia vir aqui. Adrienne apareceu perguntando sobre você, e ela está maravilhosa. Tipo, ma-ra-vi-lho-sa.

Os pontos saltaram enquanto ele digitava uma resposta.

Tarde demais. Eu já estou livre e limpo de todas as roupas íntimas.

E então ele enviou um emoji dando os ombros.

Qual é. Ela veio até aqui procurando por você. Levante sua calcinha de volta e venha até aqui, Knight.

Pontos novamente. Então eles pararam. Uma pausa, então eles começaram e pararam novamente para outra pausa. A próxima vez que saltaram, não pararam.

Não posso deixar uma garota bonita sozinha em um bar. Me dê um minuto e estarei aí.

Ele quis dizer eu? Afastei o pensamento, quase rindo alto, imaginando o que havia acontecido comigo. Claro que ele não quis dizer eu. Ele nunca quis dizer eu.

Bom garoto. Te vejo daqui a pouco.

Eu sorri enquanto deslizava meu telefone de volta no bolso, aplaudindo a mim mesma por ter colocado tudo de volta nos eixos.

Seu texto estranhamente revigorante não foi endereçado, e ele estava no caminho para convidar uma garota para sair, uma que não era eu. Tudo estava certo no mundo.

— Ele está a caminho. — eu disse.

Adrienne se iluminou, os olhos brilhando e um sorriso brilhante.

— AAh, que bom. Espero que não seja estranho eu estar aqui, ele acabou de mencionar que estaria aqui hoje à noite e eu pensei em passar e dizer oi.

Dei de ombros e brinquei: — Quero dizer, é um pouco estranho, mas Tyler não se assusta fácil.

Ela riu e o som foi desarmante. Para uma representante de anúncios de alta potência da Nike, ela estava nervosa com Tyler.

Tomei isso como um sólido sinal de que ela era genuína. Ela era sincera e honesta, inteligente, e se o que eu tinha ouvido de Sarah fosse verdade, ela era uma das melhores do mundo.

— Então, — comecei, procurando mais informações. — você falou com Tyler hoje?

— Apenas para o trabalho. Eu meio que chamei ele para sair, mas ele disse que tinha planos de estar aqui. Depois da noite passada, pensei que nos demos bem, e ele parece ser um cara legal.

— O melhor, — eu disse com um sorriso enquanto me apoiava no bar.

— E ele não tem namorada, certo?

— Não, sem namorada. — Eu sorri. — Pensando em preencher o papel?

Seus lábios estavam vermelhos, curvando-se em um sorriso. — Eu acho que estou. O problema é que sou uma garota do tipo A, não tenho medo de ir atrás do que quero, sabe? As pessoas jogam jogos de namoro: espere três dias para ligar ou enviar uma mensagem, não pareça desesperada, blá, blá, blá. — ela acenou com a mão como se quisesse desfazer o pensamento. — Mas eu não brinco. Eu quero conhecê-lo melhor, então é isso que vou tentar fazer. Espero que eu não tente demais, às vezes é um problema para mim — ela disse com uma risada.

Sarah riu também. — Eu a chamo de Durona.

— Entendo o porquê. — eu disse, divertida. — Bem, você veio ao lugar certo. Sou a "porteira" dele.

Ela riu. — Então esta é uma entrevista para ver se eu tenho a chave mestre?

Eu ri. — Bem, você acabou de ganhar pontos importantes por uma referência aos Caça-Fantasmas, por isso está no caminho de garantir o emprego. Esta é a sua segunda entrevista, a propósito, a primeira foi ontem à noite.

— E como eu fui?

Eu sorri, admirando-a por tantas razões. — Muito bem.

— Bem, me dê o seu melhor. — disse ela enquanto se inclinava no bar.

— Tudo bem. — meu sorriso desapareceu em seriedade. — Geléia de uva ou morango?

Ela riu. — Morango.

Eu assenti. — Boa escolha. Unicórnios, sim ou não?

— Eu sou uma acreditadora. — ela levantou o copo.

— Uísque ou vodka?

— Depende da noite da semana, — disse ela antes de tomar um gole de sua bebida.

Eu ri. — Último relacionamento de longo prazo.

Ela engoliu em seco, com a voz um pouco mais apertada quando respondeu. — David. Nós namoramos por três anos, terminamos porque ele estava transando com outra pessoa.

— Então, não é estranha em termos de ter o coração partido, hein?

Ela encolheu os ombros. — O que não nos mata, certo?

Eu a observei por um momento, me perguntando se eu poderia ter achado uma garota mais ideal para Tyler. — Eu gosto de você, Adrienne.

Ela sorriu de uma maneira que me fez acreditar, até o fundo do meu estômago, que ela era legal e tinha boas intenções. — Eu também gosto de você, Cam.

— Se você machucá-lo, eu acabo com você, mesmo que você provavelmente possa me esmagar só com as suas coxas. Apenas saiba que eu corro rápido.

Adrienne riu. — Eu não vou machucá-lo. Eu prometo. Não brinco, lembra?

— Eu acredito em você.

Greg me chamou do outro lado do bar, acenando para a multidão de garotas que haviam se alinhado na frente dele.

— Volto quando eu puder. Fique de olho em Tyler por mim. E Adrienne?

— Sim?

Eu sorri. — Parabéns. Você está dentro.

Ela riu enquanto eu me afastava, sentindo-me tão segura quanto eu me sentia desconfortável.

CRISTO EM UMA BICICLETA

Tyler

EU NÃO ME SENTIA MENOS confuso enquanto caminhava para o Wasted Words, ainda procurando nos meus pensamentos por respostas. Eu havia recusado um encontro com Adrienne por Cam, se eu estava sendo honesto comigo mesmo, e então Cam me pressionou a ir ao bar com a intenção de me convencer a convidar Adrienne para sair.

Balancei a cabeça enquanto atravessava a rua, tendo optado por andar novamente para me dar mais tempo sozinho. Nada fazia sentido, nem meus sentimentos por Cam ou meus sentimentos por Cam tentando me juntar com outra pessoa. Mas ela deixou claro mais de uma vez que não estava interessada em mim. Acabei de perceber que isso me incomodava muito.

Quando entrei no bar, vi Adrienne e Sarah, sentadas em frente a Cam. Quando Cam olhou para cima e me viu, seu sorriso contente falou com meu coração – foi um sorriso que me conhecia. E então Adrienne se virou e sorriu – o sorriso dela era um que me queria.

Eu só queria que o sorriso dela estivesse no rosto de Cam.

Respirei fundo, colocando um sorriso em meu rosto quando cumprimentei as mulheres e me sentei no assento vazio ao lado de Adrienne. Cam não perguntou o que eu queria, apenas me serviu uma cerveja e a colocou na minha frente, enviando-me um sorriso encorajador antes de ir embora para fazer companhia a Sarah.

Adrienne se mexeu na cadeira ao meu lado, colocando o cabelo atrás da orelha. Ela parecia incrível, como Cam havia dito, uma camisa jeans desabotoada, jeans preto e sapatilhas. Seus lábios eram vermelhos, cílios longos, enquanto ela olhava para mim.

— Eu sinto que não deveria ter surpreendido você assim.

Eu sorri, não querendo que ela se sentisse insegura. Era quase inquietante

que alguém tão forte pudesse ficar nervosa. — Adoro uma boa surpresa.

— Eu não. Na verdade, eu odeio surpresas. Uma vez, eu realmente dei um soco no meu ex-namorado quando ele me levou para uma festa surpresa.

Uma risada saiu de mim. — Aposto que ninguém esperava..

— Ele, definitivamente, não. Foi apenas a minha primeira reação. *Wham*, bem na bochecha. Doeu como um filho da puta também.

— A festa acabou acontecendo?

— Sim. Eu me senti melhor depois de tomar uma bebida, e Dave também estava bem, além de agir como um bebê , choramingando e olhando no espelho por dias, — ela disse e tomou uma bebida.

Eu ri de novo, confortavelmente divertido.

Adrienne virou-se para mim enquanto se inclinava um pouco no bar. — Mas, sério. Espero que não seja estranho eu ter vindo. Ainda não consegui parar de pensar em você depois da noite passada e queria conhecê-lo um pouco melhor. Ver se há mais, se você estava interessado.

Ela estava tão à frente, e de uma maneira que normalmente me pegaria desprevenido, mas havia algo tão honesto na admissão que me vi encantado. Mas não respondi imediatamente, olhando para Cam, que me deu um sorriso tranquilizador.

Adrienne ainda estava me olhando, sorrindo. — Você pode dizer não, Tyler. Eu joguei isso em você com muita força, mesmo depois de ser rejeitada esta tarde.

Eu ri. — Ei, eu não rejeitei você. Eu só tinha planos, só isso.

Ela pegou sua bebida, pendurando-a entre os dedos. — Se você diz. Parecia uma espécie de rejeição, mas não sou nada senão persistente. Como você acha que venci três dos melhores representantes do ramo no meu trabalho?

Eu me virei para ela, espelhando-a, encostada no bar. — Persistência é uma qualidade admirável. Ser determinado é como você consegue o que quer da vida.

O rosto dela se suavizou. — Lição de futebol?

Eu assenti. — Mas é relevante para toda a vida, eu descobri.

Tão importante quanto saber quando deixar ir. — tomei um gole. — Então, o que Cam disse sobre mim antes de eu chegar aqui?

— Ah, bem, ela me entrevistou.

Eu sorri, balançando a cabeça. — Claro que sim. Ela te deu muito trabalho?

— De modo nenhum. Ela tinha algumas perguntas muito importantes, do tipo se eu era uma garota que gostava de géleia de uva ou de morango.

— Como você respondeu?

— Morango. Qualquer outra coisa é blasfêmia.

Eu ri, em parte porque Cam realmente era tão boa no departamento de

matchs. Morango também era o meu favorito para vencer o grande debate sobre geléia.

Adrienne me observou, sorrindo com os lábios fechados e os olhos brilhantes. — Vá a um encontro comigo, Tyler Knight.

— Eu pensei que *eu* quem deveria te convidar para sair?— Eu sorri, embora o desconforto tivesse se estabelecido.

Ela encolheu os ombros. — Eu sou uma garota que sabe o que quer e eu quero jantar com você.

Ela me olhou com grandes olhos castanhos, esperando por uma resposta com os dedos longos e escuros em torno de sua bebida.

Depois de um segundo, seus lábios vermelhos se curvaram em um sorriso.

— Vamos lá, Knight. Eu tenho que implorar? Eu não hesitaria.

Mas meus olhos dispararam para Cam, que estava na torneira, servindo uma cerveja em shorts jeans e uma camiseta, sorrindo do outro lado do bar para uma garota que ela estava servindo.

— O que você tem a perder?

Nada. Tudo. Eu olhei de volta para Adrienne. Ela era sexy e divertida, e eu realmente gostava muito dela. Mas eu não a queria como deveria.

Por outro lado, confiei em Cam para saber o que eu mesmo não sabia, o que não podia. Ela viu algo lá, e Adrienne parecia uma ótima garota.

Qual é o pior que poderia acontecer?

Talvez eu me divirta muito, volto a pensar no jogo. Foi apenas um encontro que Cam mencionou. Talvez a intuição dela nos servisse bem. Talvez alguma mágica acontecesse como aconteceu em tantas conmbinações que Cam fez.

Então, respirei fundo e tomei uma decisão com um sorriso. – Adoraria levá-la para jantar, Adrienne. Apenas diga quando.

E seu sorriso aumentou ainda mais, o rosto brilhando quando ela respondeu: — Quando.

Cam

Não tive muito tempo para conversar depois que Tyler apareceu, e contei isso como uma bênção, não querendo atrapalhar. Eles conversaram por um longo tempo antes de Sarah e Adrienne partirem, mas já era tarde e Tyler estava morto em seu assento, depois de um longo dia sem dormir uma noite inteira. Tentei mandá-lo para casa, mas ele não sairia sem mim, o que significava que ele continuava bebendo para se manter ocupado. Então, quando a pressa diminuiu e

Beau e Greg puderam aguentar o fim da noite, dei um tempo e agarrei-o pelo braço para colocá-lo na cama.

Saímos para a noite fria e fechei o capuz, parando no meio-fio para procurar um táxi, mas Tyler me parou.

— Vamos andando. O clima está tão bom esta noite. — ele sorriu torto para mim, suas pálpebras um pouco pesadas.

Eu ri. — Está frio e você está bêbado. Vamos pegar um táxi.

— Eu não estou tão bêbado. Você quer minha jaqueta? — ele perguntou seriamente e começou a se despir.

— Não, eu não quero que você fique com frio. — eu ri e o parei.

— Vamos. São apenas vinte minutos. Vamos apenas andar. Por favor?— ele fez uma cara de cachorrinho e implorou.

Suspirei, incapaz de negá-lo. — Tudo bem.

Ele tinha um grande sorriso bobo no rosto quando começamos a andar pela Broadway em direção ao nosso prédio, e eu não pude deixar de sorrir também, contente e feliz com ele. Eu não queria falar sobre Adrienne, mesmo sabendo que deveria, e lutei com o pensamento de que algo que normalmente estaria morrendo de vontade de ouvir todos os detalhes sangrentos era a última coisa que eu queria trazer à tona.

Um cara que parecia Jesus andava de bicicleta, o homem e a máquina cobertos por luzes de Natal piscantes, e nós o observamos, acenando.

Ele não acenou de volta.

— Nova York é estranha. — disse Tyler.

— Tão estranha e incrível. Acabamos de ver Cristo em uma bicicleta. Você não tem esse tipo de entretenimento em Walnut.

Ele riu. — Quero dizer, talvez em uma festa da faculdade em Lincoln, mas não apenas voltando para casa, com certeza.

— Quanto você sente falta de casa?

Ele encolheu os ombros. — Alguns dias são piores do que outros. Quero dizer, eu não poderia me importar menos sobre Lincoln, mas sinto falta das minhas irmãs e dos meus pais mais do que qualquer coisa.

— Gostaria de ter uma grande família como você. Ser filha única era meio chato. Eu tinha que fazer minha própria diversão.

— Ter três irmãs mais novas era um saco. Havia muita discussão sobre coisas importantes, como escovas de cabelo e quem estava sentado no carro. Mas cara, eu sinto falta deles. Elas ficaram um pouco mais legais agora que são mais velhas. Tipo, eu nunca pensei que Meg e eu seríamos tão próximo como agora. Antes do ensino médio, meus pais tinham o trabalho impossível de garantir que não nos matássemos.

Eu ri e enfiei as mãos nos bolsos do capuz.

— Papai sempre fazia panquecas aos domingos. Claro, você cozinha para mim agora e é muito melhor que ele. — nós saímos do meio-fio e atravessamos a rua vazia.

— Ei, você cozinha para mim também.

— Ovos não contam como cozinhar. — Ele suspirou. — Não sei. Minha família e eu costumávamos passar muito tempo juntos, e às vezes é estranho que eu não faça parte disso como costumava ser.

Mas não pude ficar lá, e não apenas porque Jack me ofereceu um emprego. Muitas lembranças que não posso aguentar vivem naquela cidade.

Suas palavras eram sombrias, e eu enganchei meu braço no dele, apertando-o em vez de um abraço real.

— De qualquer forma, — ele continuou, se animando um pouco, — será bom ir para casa no próximo fim de semana e ver todo mundo.Comer um pouco das panquecas do meu pai. O que você vai fazer enquanto eu estiver lá?

— Ah, não sei. Provavelmente contemplar como diabos eu poderia sobreviver sem você.

Ele olhou para mim, sorrindo novamente quando ele bateu no meu nariz. — É verdade. Você não pode viver sem mim.

Eu ignorei o rubor nas minhas bochechas e ri. — É verdade, mas você também não. Você se lembra de como fazer café?

Ele bufou e revirou os olhos. — Não é ciência de foguetes, Cam.

— Não, mas você se atrasaria todos os dias se tivesse que fazer sozinho.

— Isso provavelmente é verdade, — ele admitiu. — Como estão as coisas com Greg e Bayleigh?

Eu peguei uma pitada de desdém em sua voz. — Bem. Ele a levou para casa ontem à noite e me contou tudo.

— Ele a beijou? — Tyler perguntou cético.

— Ainda não.

— Então, não. — ele estava sorrindo de novo.

Eu fiz uma careta para ele, e ele riu.

— Você parece um personagem de desenho animado.

— Bullwinkle?

— Ha, ha. Não, você parece um personagem de um filme da Pixar. Olhos gigantes, nariz pequeno, grande sorriso. E você faz todas essas carinhas. Como quando você está se concentrando, você coloca a ponta da língua para fora, mas sempre do lado direito.

Nunca do esquerda.

Eu ri, sentindo-me constrangida. — Deve ser a parte crítica do meu cérebro

trabalhando.

O nariz dele enrugou. — Isso não significa que sempre ficaria do lado esquerdo? Esse é o lado lógico, certo?

— Sim, mas quando as informações cruzam o hemisfério, elas revertem os lados. É por isso que as pessoas que trabalham com o cérebro direito são algumas vezes canhotos. Ou esse é o boato, pelo menos.

— Viu? E também é inteligente. Você está tão ocupada combinando todos, mas como é que você não encontrou alguém para si mesma?

Eu tomei uma pausa. — Porque é mais fácil ver as conexões de todos os outros do lado de fora.

Ele fez um barulho de quem não concordava. — Adrienne é legal. — ele disse do nada, e meu coração disparou.

— Ela é legal. Eu gosto dela.

— Ela gosta de você também. — ele não deu mais detalhes, mas eu quase podia ouvi-lo pensando. Tomei a pausa como uma abertura.

— Vocês pareciam bem juntos. Eu te disse que era uma boa combinação.

— Você sempre tem razão.

Eu não sabia dizer se ele estava brincando ou não, então eu me iluminei para não haver perguntas. — Tenho. Fico feliz que não haja dúvidas sobre o assunto ou eu rasgaria toda a minha lista de conquistas no ramo dos *matchs*.

Ele riu. — Então, ao invés de livro negro…

— Eu tenho um caderninho rosa. E álbuns de recortes com anúncios de noivado e convites de casamento.

— Não para se gabar.

— Quem, eu? Nunca.

Ele sorriu para mim novamente enquanto caminhávamos para o prédio, embora quando ele alcançou a porta, seus lábios se esticaram em um bocejo.

Suspirei e entrei. — Você não deveria ter me esperado hoje à noite.

Ele me olhou enquanto nos direcionávamos para as escadas. — Como se eu fosse deixar você andar para casa sozinha.

— Só andei porque você insistiu, Drunky McTankerson. Eu teria pegado um táxi.

Ele bufou. — Não é seguro. Você precisa de músculos. — ele fez uma cara de durão e flexionou os braços.

—Calma aí, valentão. Não há necessidade de se gabar para mim.

O sorriso voltou quando ele tirou a camiseta. — Psh, agora eles estão realmente se desenrolando. — ele parou em frente à escada e rangeu os dentes, flexionando os braços.

Eu ri até meu rosto se contorcer enquanto ele mudava para outra posição.

— Você gosta, é? — ele perguntou. — Que tal isso?— Ele se moveu novamente, e eu tenho que admitir, não foi fácil tirar os olhos de seus bíceps. — E um pouco disso?

— Eu já vi esse show, idiota. Lembra que você sai do chuveiro todos os dias com nada além de uma toalha?

Nós caminhamos até a porta, e seu sorriso era tão torto quanto seu estado mental. — Sim, eu vi você olhando. Você é uma fã do show. Ingresso ilimitado.

— Ah, meu Deus, — eu disse, rindo e revirando os olhos para afastar a vibração no meu peito. — Você está tão bêbado.

Eu soquei seu peito de brincadeira, mas ele agarrou minha mão, de repente muito sério, seus olhos escuros. Eu não percebi o quão perto estávamos, e olhei para ele, silenciosamente.

— Não tão bêbado assim, Cam. — as palavras mal estavam acima de um sussurro, e eu não conseguia respirar.

Ele estava prestes a me beijar.

Eu ri sem jeito e muito alto quando dei um passo para trás. — Está sim. Super bêbado. Abra a porta, nerd.

Ele sorriu, mas demorou um momento para ele apagar o olhar que estava em seus olhos. Meu coração ainda estava disparado pela adrenalina enquanto o observava destrancar a porta.

Não falamos muito assim que entramos, apenas passamos por nossa rotina de nos trocar e escovar os dentes, brincando quando falávamos. Eu não queria falar sério, não queria pensar no que tinha acabado de acontecer. Ele estava bêbado, só isso, provavelmente envolvido no fato de que eu estava olhando seu corpo. Ele sabia que eu pensava que ele era atraente, era apenas a energia disso, nada mais. Eu tinha certeza disso.

Enchi um copo de água para ele e peguei um ibuprofeno, encontrando-o subindo em sua cama, sem camisa.

Eu sorri quando me aproximei de sua cama, entregando-lhe as pílulas e a água, e ele sorriu com gratidão antes de tomar. Ele colocou o copo na mesa de cabeceira enquanto eu mexia com as cobertas.

— Talvez eu estivesse errado.

— Sobre o quê? — eu perguntei distraidamente enquanto puxava o cobertor sobre ele.

— Sobre você poder viver sem mim.

— Ah, é?

Ele encontrou meus olhos, dizendo gentilmente: — Talvez seja eu quem não possa viver sem você.

Apaguei a luz para que ele não pudesse ver meu rosto, não tinha certeza de

qual expressão eu usava. E tudo o que pude fazer foi rir e dizer: — Boa noite, Tyler .

Ele suspirou na escuridão e respondeu: — Boa noite, Cam.

E fiz o meu caminho para o meu quarto, deslizando na cama enquanto me perguntava como a vida poderia ser tão cruel.

INFALÍVEL

Cam

COM O ZUMBIDO CONSTANTE DA multidão chegou na cozinha pela TV enquanto eu puxava o recipiente do forno. O queijo e o tomate borbulhavam ao redor do chouriço e, juro por Deus, eu salivei de verdade quando o cheiro do molho atingiu meu nariz.

— Chegando. — eu disse enquanto caminhava para a sala, colocando a pequena frigideira de ferro fundido ao lado das batatas fritas e salsa que estávamos mordiscando.

Tyler não tirou os olhos da TV, apenas murmurou. — O que diabos você está fazendo? Passe! *Passe!*

O quarterback foi derrubado.

Ele revirou os olhos e jogou as mãos para o ar. — Isso, — ele apontou para a tela, — é por isso que o A&M não chegará às finais esse ano. O jogo de passe deles não é forte o suficiente para competir.

Eu bufei e me sentei ao lado dele, inclinando-me para mergulhar um pedaço da batata frita no queijo derretido. — Ser derrubado por Purdue me diz que eles têm problemas maiores, como a falta de uma linha ofensiva decente. Ele não tinha um receptor para jogar. — dei uma mordida e gemi.

Tyler bufou e mudou de canal para começar um jogo diferente.

— Acho que não consigo mais assistir a isso. Dói demais. — ele mudou para o jogo Tennessee-Georgia e jogou o controle remoto sobre a mesa, inclinando-se para a frente para pegar a batata ao meu lado. Ele também gemeu quando deu uma mordida. O som me deu uma profunda sensação de satisfação.

— Você está pronto para o próximo fim de semana?, — Perguntei. — Estou meio triste por você ter que testemunhar os Huskers sendo massacrados pelos Hawkeyes.

Ele riu. — Sem chance, Cam. Vocês vão perder feio. Não há um único

atacante defensivo dos Hawkeyes que possa parar Darryl. Ele é muito rápido.

— Ninguém é infalível.

— É verdade, mas Darryl é a coisa mais próxima que eu já vi há muito tempo. — ele jogou outro pedaço de batata na boca. — O que está cozinhando lá?— ele acenou com a cabeça em direção à cozinha.

— Chili branco para a Sra. Frank.

— E nós? — ele perguntou esperançoso.

Eu sorri. — E nós.

— Eu achava que idosos não deviam comer coisas apimentadas — Não a Sra. Frank. Juro que ela faz as Bloody Marys mais apimentadas que eu já provei.

Ele riu. — Você vai lá mais tarde?

— Sim, depois do jogo. O que você vai fazer hoje à noite? — coloquei um pedaço de molho na minha boca.

— Vou sair com Adrienne. — respondeu ele, algo indecifrável em sua voz.

Felizmente, eu tinha uma boca cheia para me impedir de me entregar. *Você está feliz. Isso é bom. Melhor coisa de todas. Eles são perfeitos juntos. Pare de ser estranha, Cameron.* Engoli em seco e tomei um longo gole da minha cerveja. — Que bom. — eu disse, soando completamente normal. — Onde vocês vão?

— Frenchie's, é um bistrô francês-americano moderno, ou algo assim. Foi o que Adrienne disse, pelo menos. Ela me convidou para sair.

Uma risada saiu de mim. — Eu amo isso. Ela é tão corajosa.

Ele sorriu. — Estou feliz que você gosta dela. Não sei quando me tornei tão dependente de sua aprovação, mas realmente me sinto melhor sabendo que você a aprova.

Era como se a noite passada nem tivesse acontecido. Eu me perguntei se eu tinha imaginado a coisa toda, ele quase me beijando, dizendo coisas que eu não sabia como interpretar. Ele apenas ficou sentado ao meu lado, os olhos na tela, bebendo sua cerveja como se tudo estivesse bem.

Tudo o que eu podia fazer era fingir que estava tudo bem também. Então eu engoli em seco e fiz exatamente isso.

— Bem, estou feliz com isso tudo. Depois que você trouxe para casa aquela garota Julia, eu tive que parar de deixar você tomar suas próprias decisões sobre o assunto. Ela era uma bagunça.

— Ela não era tão ruim.

Meu queixo caiu. — Ela ria como um cavalo e chamou um gol de futebol de *touchdown.*

Ele riu. — Ela poderia ter aprendido os termos adequados.

— Sim, mas você teria que viver com a risada. E, por consequência, *eu* teria que viver com a risada.

Ele se sentou no sofá sorrindo, e eu tentei não prestar atenção em como sua camisa dos Huskers se esticava sobre seu peito largo.

— Ah, vamos lá, Cam. Você tem que admitir que seus padrões são altos.

— Bem, alguém tem que mantê-los altos. Caso contrário, você estaria trazendo para casa garotas que são muito erradas para você.

As sobrancelhas de Tyler arquearam. — E o que é "muito errado" para mim?

— Bem, — eu disse, tomando um gole da minha cerveja para me comprar um segundo, — se eu não te monitorasse, você estaria trazendo para casa quem sabe o quê. Nerds. Garotas baixas. Garotas que não gostam das coisas que você gosta.

Ele deu de ombros e tomou um gole de sua própria cerveja. — Até onde eu sei, não há certo ou errado. Eu realmente não penso em pessoas assim. Categorizado.

— E é exatamente por isso que você precisa da minha ajuda. — eu disse com um sorriso.

Ele riu e balançou a cabeça. — Se você diz.

— Então, o que você realmente acha de Adrienne? — perguntei, curiosamente mórbida, como se estivesse pedindo algo que não deveria saber, como a cor da calcinha que ela usava.

— Ela é inteligente, interessante, — disse ele, esfregando a mandíbula. — Temos muito em comum, não apenas no trabalho, mas ela gosta de algumas das coisas que faço. Futebol. *Law and Order.*

Eu ri. — É como uma novela baseada em crimes.

— Não zombe do meu programa favorito. Enfim, parece uma boa combinação, no papel, pelo menos. Vamos ver como vai esta noite.

— Você não parece entusiasmado.

Ele levantou uma sobrancelha para mim. — Bem, o que faria você se sentir melhor sobre isso?

Eu me contorci. — Eu não sei. — *Não vá.* A parte lógica da minha consciência perfurou a parte carnuda do nariz. — Estou animada para ouvir sobre quando você chegar em casa hoje à noite.

— Quem disse que eu estou voltando para casa? — ele balançou as sobrancelhas, e eu ri, tentando não pensar na possibilidade real disso.

— Ugh, eca. É como pensar no meu irmão transando. — eu menti.

Toalha molhada: jogada.

Ele parecia um pouco magoado, embora tenha disfarçado com uma falsa ofensa. — Quero dizer, eu sei que sou horrível e tudo, mas que uma maneira de machucar meu ego, hein?

— Nem finja que você não sabe que é material de modelo masculino, Tyler.

Ele fez uma careta. — Mas ainda assim. Seu irmão?

Dei de ombros. — Eu nunca tive um irmão, então é assim que eu imaginei que seria. — menos a parte onde eu me sentia excitada toda vez que o assistia sair do chuveiro pela manhã, mas eu não estava dizendo isso a ele. A mentira parecia tê-lo acalmado, e eu me senti melhor e pior.

— Hmm, — ele disse com uma careta e olhou para a TV, tomando outro gole de cerveja.

— Oh! — eu me animei um pouco. — Então, Bayleigh me mandou uma mensagem, e adivinha o que ela disse?

— Que ela está fugindo com Martin para Las Vegas?

Eu estreitei meus olhos. — Ha, ha. Não. Greg quase a beijou no armário de bebidas! — eu pulei no sofá enquanto fazia movimentos de discoteca de John Travolta, mesmo que eu tenha aumentado completamente a história – ela sinalizou, inclinou-se para ele, mas ele acabou dando um tapinha no braço dela. Como se algo pudesse ser menos romântico do que um tapinha no braço.

Ele franziu o cenho, as sobrancelhas fechadas. — Hmm, — ele disse novamente.

— Você ainda não está apostando em Martin, está? — perguntei.

— Eu não sei, Cam. Eu acho que ele realmente gosta dela.

Agora eu também estava franzindo a testa. — Bem, isso é culpa sua, aumentando as esperanças dele quando você sabia que ela gostava de Greg.

— Eu não sabia que ela gostava de Greg, só sabia que você pensava que ela *deveria* gostar de Greg. Vou ter que discordar de você dessa vez, Cam. Eu os assisti na outra noite e não tive uma única sensação de que ele gostava dela. Nenhuma. Mas eu vi ela e Martin juntos, e vou lhe dizer uma coisa, eles não pareciam da mesma forma que ela e Greg. — ele tomou um gole. — Não que eu seja um especialista ou algo assim.

— Desculpa. Eu não queria que ele se machucasse. — toquei seu braço, me sentindo arrependida, esperando que ele soubesse que eu estava falando sério.

Ele suspirou. — Não, eu não achei que quisesse. E, de qualquer forma, não é como se ele estivesse realmente machucado, apenas tem uma queda por uma garota que pode ou não gostar dele de volta.

— Bem, — eu disse alegremente, — talvez eu possa encontrar alguém para ele também.

— Você percebe que não é sua responsabilidade combinar o mundo, certo? As pessoas lidavam com isso sozinhas por milhares de anos antes de você.

— Mas eu sou tão boa nisso, — brinquei.

— Sim. Eu acho que você é. Mas você já pensou em desistir e deixar as pessoas por conta própria?

Dei de ombros, me sentindo um pouco tola, um pouco intrometida. A verdade é que isso me mantinha ocupada e realizada o suficiente para não considerar o fato de estar sozinha. Mas, em vez de admitir tudo isso, eu disse: — Me sinto bem em trazer outras pessoas à felicidade. Acho isso satisfatório.

Ele olhou para mim com seus profundos olhos castanhos, olhos que acreditavam em mim e me aceitavam, mesmo quando eu era presunçosa e orgulhosa. Olhos em que eu poderia cair, se olhasse por tempo suficiente.

— Acho que não posso discutir com isso. — disse ele.

— Que bom. — eu sorri como se estivesse tudo bem, como se ele não tivesse me afetado do jeito que fez. — Eu odeio discutir.

— Mentirosa.

— Tudo bem, justo. Mas eu odeio discutir com você.

— Mentirosa.

Eu ri e dei um soco no braço dele. Ele fingiu que doeu, esfregando o local que minha mão minúscula bateu em seu bíceps. E então me acomodei no sofá ao lado de Tyler, durante a tarde e a noite, tentando não pensar no encontro dele mais tarde ou no que isso significaria. Tentando me lembrar de que ele não pertencia à minha prateleira. Ele pertencia na prateleira com as Adrienne Christies do mundo.

A noite tinha caído, e o jogo que estávamos assistindo quase terminou quando ele finalmente se levantou do sofá.

Ele bocejou e se espreguiçou, arqueando um pouco as costas.

— Acho que eu deveria me vestir. Vou buscar Adrienne em meia hora.

— Ugh. — eu gemi, enquanto recolhia os restos de nossos petiscos da tarde e cerveja. — Não é justo. Uma garota não pode se preparar em menos de uma hora. É um fato.

— Não é verdade. Já vi você se preparar em dez minutos.

Revirei os olhos. — Quero dizer garotas *de verdade*.

Ele não respondeu, e quando eu olhei, ele tinha um olhar no rosto que eu não conseguia identificar.

— O quê? — perguntei.

Ele balançou a cabeça, quebrando o contato visual enquanto se aproximava para me ajudar a limpar. — Você é a garota mais real que eu já vi, Cam. — ele pegou algumas garrafas de cerveja. — Aqui, deixe-me ajudá-la com isso. — disse ele antes que eu pudesse responder.

Acenei para ele, tentando fazer meu coração desacelerar. — Eu consigo. Vá se preparar para o seu encontro quente, senhor.

Ele pegou garrafas de cerveja. — Tarde demais.

Eu ri e o segui até a cozinha, jogando garrafas de cerveja no lixo antes de

colocar os pratos no balcão. Tyler ligou a água e pegou uma esponja.

— Sai daqui, Tyler. — eu o chutei no traseiro, e a ponta do meu pé cobriu uma das bochechas duras de sua bunda.

Ele riu e levantou as mãos. — Tudo bem, tudo bem. Não quero que você quebre nenhum osso tentando me machucar.

— Ha, ha. — eu me virei e voltei para a sala enquanto ele se dirigia ao seu quarto.

No momento em que eu tinha acabado de limpar tudo, menos a tigela de queijo, ele saiu do quarto parecendo simplesmente lindo.

Sua camisa era cinza claro, as mangas algemadas logo acima dos cotovelos, os primeiros botões desfeitos. Calça preta e cinto com uma fivela cinza ardósia que você não podia deixar de olhar, mesmo que não fosse nada de especial, apenas um pequeno flash de metal em torno da linha da cintura. Ele usava oxfords de camurça cinza-escuro e, enquanto ele caminhava pelo apartamento para o banheiro, eu me vi congelada no lugar, observando-o inspecionar seu reflexo através da moldura da porta do banheiro.

Algo mudou, mudou naquele momento, e eu percebi que tinha acabado de encobrir o fato de me importar com ele de uma maneira que não estava preparada para lidar. Talvez eu estivesse escondendo o fato de que o queria mais profundamente do que as simples regras da atração, sabendo que ele nunca poderia ser realmente meu.

Talvez eu estivesse errada sobre tudo.

Ele se virou e me pegou olhando, sorrindo bruscamente enquanto se aproximava de mim, e eu voltei para a ação, pegando a frigideira e mantendo meus olhos nos restos de queijo lá dentro, para evitar encontrar seus olhos.

— Não se meta em nenhum problema, entendeu? — perguntei para minhas mãos enquanto enrolava o molho com uma colher. — Se Jack tiver que voar de volta para *te* tirar da prisão, ele não ficará feliz.

Ele riu enquanto pegava as chaves. — Você não pagaria minha fiança?

— Eu não tenho esse tipo de dinheiro, Knight. Diga a Adrienne que eu disse oi.

— Certo.

Eu olhei para ele, minhas mãos parando. — E Tyler?

Ele estava indo para a porta, com o rosto virado para trás para olhar para mim, os olhos ansiosos.

— Divirta-se. — sorri, lábios fechados, engolindo em seco enquanto lutava com a sensação de que estava enviando a ele uma marcha da morte.

Ele sorriu de volta, um sorriso torto. — Obrigado, Cam.

E com isso, ele se foi.

Olhei para o queijo como se a junção de lingüiça e tomate pudesse mostrar o meu futuro como as folhas de chá de um vidente.

Mas não encontrei respostas. Então eu me afundei em uma cadeira à mesa e comi tudo.

Tyler

Saí do apartamento sentindo que ela tinha mais a dizer, a sensação era tão forte que lutei contra o desejo de me virar e voltar para falar com ela. Mas Cam era Cam, e eu era eu. E ela deixou bem claro que nós dois estávamos separados, até se referindo a mim como seu irmão.

Estremeci com o pensamento. Eu tinha irmãs o suficiente para saber de fato que o que eu sentia por Cam não estava nem no mesmo universo.

No caminho para o apartamento de Adrienne, considerei os últimos dias.

Ontem à noite eu quase beijei Cam. Eu não sei o que tinha acontecido comigo. Talvez estivesse apenas um pouco bêbado, como se eu precisasse apenas de uma pequena pausa nas minhas inibições para fazer uma jogada. Mas ela se afastou. Riu. Me rejeitou da maneira que só ela conseguia, de uma maneira que não doía tanto. Tudo o que eu podia fazer era fingir que não tinha acontecido, embora desejasse ter a coragem de encontrar aquela parte de mim que não estava com medo e soltá-la.

Mas ela era ela. Eu era eu. E não estávamos juntos. Ela não me queria.

Não, ela queria que eu namorasse Adrienne.

Fiquei intrigado com todo o pensamento, tentei afastá-lo e me preparar para o encontro, mas quando cheguei ao apartamento dela, eu ainda estava distraído, me sentindo distante.

Eu deveria ter sido aplaudido pelo sorriso de Adrienne. Eu deveria ter apreciado a maneira como ela estava no vestido vermelho escuro que ela usava. Eu deveria ter me sentido melhor quando ela colocou o braço no meu e fomos jantar.

Mas isso não aconteceu.

Nossas saladas foram levadas antes que ela me perguntasse se eu estava bem, e tomei um gole do meu vinho, sabendo que tinha que pelo menos ter minha cabeça reta o suficiente para entretê-la durante o jantar.

— Desculpe, eu estou bem. — sentei-me na minha cadeira, observando-a através do brilho da vela entre nós, fazendo o meu melhor em conversa fiada. — Cam disse que você faz cosplay?

Ela sorriu tranquilizadoramente. — Eu realmente só vou porque Sarah odeia ir sozinha. Muitos arrepios, ela diz. Mas é divertido se vestir. Ela gosta muito disso, assiste anime praticamente sem parar.

Ela leu mais histórias do que eu assisti *Law & Order.*

Eu ri. — Bem, se o que você diz é verdade, isso é impressionante.

— Sarah me convenceu a ler alguns, mas não é realmente o meu assunto. Na verdade, eu prefiro não ficção.

— Eu sou da mesma maneira. Cam está tentando encontrar o livro certo para mim desde que eu a conheci, mas até agora, sem sorte. O último foi *O Marciano.* Deveria ter assistido o filme primeiro, mas ela não me deixou.

— É um dos bons. Você gosta de filmes?

— Ao invés dos livros, definitivamente. — eu me mexi, virando minha taça de vinho pela haste, lutando para manter a conversa. — Eu sinto que deveria perguntar seu signo ou algo assim.

Ela riu. — Escorpião. Não pareça tão assustado, pelo menos sou consciente de não apunhalar as pessoas com minhas opiniões.

Muitas vezes, pelo menos.

— Eu sou peixes.

— Ah, — disse ela conscientemente. — Vai com o fluxo. Altruísta, leal. Cam é boa. Astrologicamente, somos uma combinação feita no céu.

— Ela parece saber as coisas, como um sexto sentido. Ela é apenas hiper-observadora, eu acho.

— Bem, é um truque bastante impressionante. Então você jogou no Nebraska, certo?

Tomei uma bebida e assenti. — Fim difícil. Ferido no primeiro ano. Jack me ofereceu um emprego, felizmente, porque eu não podia voltar.

Ela mordeu o lábio. — Eu li um pouco sobre isso. Eu sinto muito.

Eu sorri. — Você me pesquisou?

Suas bochechas coraram. — Certifico-me de pesquisar pelo menos os nomes dos meu encontros na internet. Isso é apenas ser responsável.

Eu ri. — Talvez eu deveria anotar. Faz muito tempo desde que eu namorei.

— Tem algum motivo?

— Não, nada específico. Só não havia encontrado alguém em quem eu estivesse interessado o suficiente para investir.

— Bem, estou feliz por ter investido em você.

Eu sorri e menti. — Eu também.

Ela tomou um gole de vinho. — Então, o que Tyler Knight faz por diversão nos fins de semana?

— Cam e eu assistimos futebol todo fim de semana em que não viajo. No

verão, ela me arrastou para um monte de filmes independentes e algumas convenções, mas por outro lado, não muito.

Me disseram que sou chato.

Ela riu. — Bem, eu tenho que discordar disso. Os filmes eram tão ruins assim?

— Não. Eu realmente me diverti muito. Ela é fácil de se conviver, como se ela fosse apenas uma daquelas pessoas que torna tudo divertido, sabe? Eu só gosto de brincar com ela sobre isso.

— Mas e *você*? Quero dizer, em que você está interessado?

Minha sobrancelha caiu um pouco e tentei não franzir a testa. — Eu jogo xadrez e videogame às vezes. Mas principalmente, é futebol.

Só que são apenas alguns meses do ano. O resto do tempo, eu sou bastante aberto, então eu apenas acompanho Cam onde quer que ela vá. Caso contrário, eu provavelmente seria viciado em Netflix, como o resto da população.

— É uma epidemia real. Então, vocês dois são próximos, hein? — ela tomou um gole de sua bebida, me observando.

Suspirei, sem saber o porquê de continuar trazendo-a na conversa.. — Sim. Quero dizer, quando a conheci, tinha acabado de sair de uma coisa de longo prazo que não terminou bem. Eu tenho amigos, não me interprete mal, mas... — fiz uma pausa, sem saber ao certo onde estava indo. Não que eu pudesse parar de divagar. — Tudo mudou quando me machuquei. Você olha para a sua vida, para o curso dela, e acha que conseguiu tudo o que queria, sabe? Mas então um dia esse sonho desaparece, e você precisa descobrir tudo de novo.

— Eu entendo. — disse ela calmamente.

— Bem, todos os outros que eu conheci conseguiram seus sonhos de uma maneira ou de outra. Parte de mim está feliz por ter sido assim. Eu vi o que a vida profissional fez com alguns dos caras que eu conheço, e mesmo que eu gostaria de pensar que isso não aconteceria comigo, quem sabe se isso seria verdade. De qualquer forma, simplesmente não me encaixei em lugar algum depois disso.

Eu quero ficar conectado ao jogo, mas às vezes dói. E Cam... bem, ela foi a primeira pessoa em muito tempo que não se importava com nada disso. Ela me entendia. Então, a resposta curta é sim. Somos próximos.

— Estou feliz que você a tenha.

Engoli em seco. — Sim, eu também.

— Vocês... vocês dois são…?

Eu balancei minha cabeça. — Cam nunca demonstrou interesse nisso. — eu disse, respondendo com muita sinceridade, percebendo tarde demais.

— E você?

Eu me mexi no meu lugar e sorri. — Por que estamos falando sobre Cam? Estou em um encontro com você.

— Porque você continua trazendo-a à tona. — ela diz sem acusação.

— Ela está trabalhando muito duro para nos juntar.

Ela sorriu. — Eu poderia dizer pela entrevista dela que ela estava em uma missão. Sarah disse que ela costuma montar pessoas na loja de quadrinhos quando pode.

— Então você também sabe que ela tem talento.

Adrienne deu de ombros. — Certo. Mas ninguém é infalível.

— Ela acabou de me dizer isso antes, embora eu não saiba se ela admitiria estar errada sem discutir antes.

— Você tem uma queda por ela?

— Eu... — comecei a dizer que não, mas as palavras não passavam pelos meus lábios. Em vez disso, elas penduraram na minha garganta com a verdade. — Não importa.

O sorriso dela era saber. — Importa para mim. Prefiro não jantar com caras que têm uma queda por vendedoras fofas de quadrinhos..

Olhei para a minha mão, que estava sobre a mesa, me sentindo um idiota. — Sinto muito, Adrienne.

Ela levantou a mão. — Não sinta, sério. Quero dizer, não vou fingir que não estou decepcionada. Mas eu queria ver para onde isso ia e aqui está.

Ver para onde ia. As palavras ecoaram no meu cérebro. Tudo que eu precisava era ser corajoso o suficiente para fazer uma jogada, uma jogada real em Cam, sem pensar demais nas consequências.

Mas eu não podia fazer nada, não agora. Não até eu ter certeza.

Ela me observou. — Você acabou de se dar conta, não é?

Eu assenti.

— Bem, então eu chamaria isso de um jantar de sucesso. Só não da maneira que eu esperava. Ela tomou um gole de vinho e o garçom trouxe o jantar, colocando-o na nossa frente, quente e fumegante.

Eu nem tinha certeza de que poderia comer, a boca do meu estômago parecia ocupar todo o espaço.

— Então, — disse ela com naturalidade, pegando o garfo. — o que você vai fazer sobre isso?

Eu a observei por um segundo e tomei um gole da bebida. — Isso não é estranho para você?

— Um pouco. — ela disse com um encolher de ombros. — Mas eu quero ajudar. Então, qual é o seu plano?

Eu balancei minha cabeça, suspirando. — Eu... eu nem sei.

Você tem que entender que Cam está completamente decidida de que não daríamos certo porque somos diferentes demais. Não sei como abordar o assunto com ela. Eu nem tenho certeza exatamente como me sinto, além de um pouco tonto.

Ela riu e espetou uma fatia de batata. — Você não fala com muita gente sobre esse tipo de coisa, fala?

— Ninguém. Apenas Cam. Mas não posso resolver *isso* ela.

— Não, não desta vez. — ela colocou o garfo na boca, mastigou e engoliu enquanto pensava. — O que está parando você?

— Ela me comparou ao irmão hoje mais cedo, isso é motivo suficiente?

Ela estremeceu. — Talvez. Você acha que ela quis dizer isso?

Suspirei, olhando minha comida. — Às vezes eu sinto... não sei, que ela poderia querer algo. Eu sei que ela está atraída por mim, mas ela nega ter sentimentos que não sejam estritamente platônicos. E se eu não lidar com isso com cuidado, isso pode explodir na minha cara.

Ela é minha colega de quarto, pelo amor de Deus.

Adrienne assentiu. — E um dos seus amigos mais próximos, aparentemente.

—Isso também.

— E você pode perdê-la.

Meu coração apertou. — E isso. — eu disse suavemente.

— Bem, a meu ver, você tem duas opções.

Peguei meu garfo e cutuquei o brócolis grelhado no meu prato brevemente antes de pousar o utensílio novamente.

— Você pode dizer a ela como se sente ou pode desistir.

Eu fiz uma careta. — Eu não posso simplesmente guardar tudo para mim?

— Não. Você vai implodir com a pressão. Depois que você souber, é isso. Você não pode tocar a campainha. O conhecimento agora muda tudo, e não há como voltar atrás.

— Não quero desistir. — eu respondi solidamente.

Seus olhos escuros encontraram os meus. — Então você sabe o que tem que fazer. Honestamente, você ainda pode acabar tendo que desistir. Se ela não quiser você da mesma maneira que você a quer, isso significaria o fim de tudo.

Ela estava certa, eu não poderia encontrar outra falha a não ser que ser honesto sobre meus sentimentos com Cam me assustava. — Alguém já lhe disse que você é uma mulher sábia?

Ela riu, dentes brancos brilhando. — Uma ou duas vezes. Uma coisa de ser a chefe é que você aprende a ver as opções e os resultados disponíveis em tempo real. Você aprende a ficar bem com o conhecimento de que tomou a melhor decisão, mesmo quando é aterrorizante.

Eu caminhei por meus pensamentos, procurando por uma resposta. — Não posso simplesmente dizer tudo de uma vez, mas também não acho que precise de um grande plano para dizer a ela como me sinto. Não tenho ideia do que fazer — falei mais para mim mesmo.

— Acho que você saberá quando for a hora certa.

Eu assenti, pegando meu garfo novamente. Desta vez, eu dei uma mordida. Ela fazia parecer tão simples, e o pensamento me enchia de esperança, medo e incerteza. Mas Adrienne estava certa.

Eu tinha que contar a ela. Imaginei enquanto comia em silêncio, sua rejeição. Sua aceitação. Sua felicidade. Porque isso era realmente tudo o que eu queria. A felicidade dela era minha, e se o que ela disse fosse verdade, se ela realmente acreditasse que somos tão diferentes que ela não pudesse pensar em mim mais do que como um amigo, então eu encontraria uma maneira de aceitar isso.

Eu não perderia a amizade dela. Nós encontraríamos uma maneira de fazer isso juntos. Porque eu me arrependeria até o fim dos meus dias se eu não dissesse a ela o que ela significava para mim.

Engoli em seco e bebi meu vinho. — Obrigado, Adrienne. Me desculpe, sério. Eu nunca tive um encontro assim antes.

— Está tudo bem. Eu tenho que admitir que eu estava apaixonada por você por um segundo lá. — ela riu. — A caçada continua. Tenho certeza que o Sr. Certo está chegando. Talvez eu até peça a ajuda de Cam.

— Continue indo à noite dos solteiros. Tenho certeza de que ela vai arrumar alguém para você até o Natal.

Adrienne riu. — Uma garota pode ter esperança.

O jantar passou com facilidade, embora minha mente estivesse em Cam. Ansiava por um momento antes de voltar para casa, e depois de levar Adrienne para o apartamento dela, caminhei pelas ruas até nosso prédio, circulando-o algumas vezes antes de ter coragem de entrar. Em parte, esperava ela já estar dormindo. Em parte, eu não sabia o que diria, se fosse dizer algo, ao menos.

Mas, principalmente, eu sabia que quando eu passasse pela nossa porta, nada seria o mesmo.

SIM/NÃO/TALVEZ

Cam

ESTÁ TUDO BEM, EU DISSE A MIM MESMA enquanto levantava a mão para bater na porta da Sra. Frank. Sorria firmemente de pé, feliz por ter algo – qualquer coisa – para me distrair de pensar em Tyler e Adrienne.

Kafka ficou agitado, seu latido forte e alto, e ouvi a Sra. Frank se aproximar, calando-o pelo caminho.

Ela abriu a porta com o rosto macio, a pele como creme, enrugada de uma maneira que não parecia desgastada, o cabelo branco e fino em um coque preso no topo da cabeça. Kafka saiu correndo, circulando em volta de mim.

— Cam! — ela disse com um sorriso amigável, estendendo as mãos nodosas para mim. — Que surpresa. Entre, entre.

— Oi, Sra. Frank. — eu me inclinei em seus braços, minhas mãos cheias de recipientes de comida, e eu a beijei na bochecha. O doce aroma de óleo de rosa atingiu meu nariz, um cheiro familiar que sempre me lembrava dela.

Kafka latiu, pulando e coçando a minha perna.

— Vem aqui, seu bruto. — disse ela, curvando-se para pegar o pequeno Yorkie em seus braços, e eu a segui para dentro.

Era sempre como entrar em uma cápsula do tempo, a história de sua vida contada por seus pertences. Ela tinha porcelana da época da depressão e copos que ela me disse que realmente continha material radioativo. Um jogo de chá do Japão ocupado. Lâmpadas dos anos sessenta, colchas que ela tinha feito crochê. Cada coisa em sua casa tinha uma história, e eu tinha ouvido dezenas delas.

— Eu fiz um chilli branco picante para você. — eu disse enquanto a seguia pelo apartamento, sua moldura ainda menor do que a minha sob um roupão de veludo, bordado com flores.

Ela olhou para mim por cima do ombro com uma sobrancelha erguida. — Realmente picante ou *Cam picante*?

Eu ri. — Bem, eu aguentei, então provavelmente não picante o suficiente. Eu trouxe alguns jalapeños frescos extras, no entanto. Ah, e eu fiz biscoitos. Pão de milho também.

— Branco ou amarelo?

— Branco. Existe realmente outro tipo?

Ela riu e colocou Kafka no chão, virando-se para pegar os recipientes de plástico de mim. — Não, não existe.

A Sra. Frank foi até a geladeira e guardou a sopa, deixando o pão de milho e os biscoitos no balcão. Ela abriu o saco plástico com os biscoitos e pegou um, dando uma grande mordida quando se virou.

— Mmm, — ela gemeu apreciativamente. — Na minha idade, você sempre come a sobremesa primeiro. É um direito dado por Deus.

Ela puxou uma cadeira e sentou-se, e eu me sentei ao lado dela.

É muito gentil da sua parte pensar em mim, Cam. Estou feliz pela companhia. Kafka também. Ele fica entediado comigo só para lhe fazer companhia... Eu não posso nem levar o garoto para um passeio mais. — ela acenou com a mão. — Envelhecer é para os pássaros.

— “O tempo não pode me mudar, mas não consigo rastrear o tempo”, como diria David Bowie.

— Ele era um homem muito, muito sábio. Me diga o que há de novo. Como está o trabalho? Como está o Tyler? Conte-me algumas histórias sobre juventude e amor.

Os olhos azuis dela eram sonhadores, tão azuis que eram quase cinza.

— Bem, o trabalho é ótimo e tudo está indo bem. Fizemos outra noite de solteiros alguns dias atrás, que foi um sucesso, uma festa a fantasia.

— Oh, — disse ela, com as bochechas coradas. — Adoro uma boa festa à fantasia.

— Eu acho que quase todo mundo adora. É divertido fingir. Você deveria vir.

Ela riu e me dispensou.

— Eu ainda estou fazendo *matchs* no trabalho, incluindo Tyler. — minha voz era tensa, até eu a ouvi, e a sra. Frank levantou uma sobrancelha.

— Ah, é?

Eu sorri, mas foi um sorriso estranho. — Sim, e a garota com quem eu o montei é realmente impressionante. Você gostaria dela.

Ela é forte e bonita, mas de alguma forma suave e gentil também. Ela o complementa bem, e estou muito feliz por ele estar dando certo.

Ela assentiu e mordeu o biscoito. — Há quanto tempo você tenta se convencer disso?

Eu corei. — Desde ontem.

Ela sorriu. — E Tyler realmente gosta dela?

—Parece que sim. Por que não gostaria?

— Oh, eu não sei. Eu meio que pensei que talvez ele estivesse te esperando.

Eu balancei minha cabeça, com vergonha. — Não, você entendeu tudo errado.

— Eu não acho que tão errado assim.

— Ele e eu não somos os mesmos.

Ela levantou uma sobrancelha. — Desde quando isso importa?

Eu fiz uma careta. — Desde sempre. Ele deveria estar com garotas altas e bonitas como a que ele está agora, não baixinhas idiotas como eu.

A Sra. Frank tedrminou o biscoito e tirou o pó das mãos antes de pegar Kafka. — Isso é bobagem, Cam.

— Quando garotas como eu se misturam com caras como ele, elas se machucam. Não estou interessada em me machucar.

Os dedos dela mediram as orelhas do cachorro, e ele fechou os olhos, apoiando-se na mão dela. — Você acha que Tyler iria machucá-la?

— Não de propósito.

— Hmm, — foi sua única resposta.

— Não importa, de qualquer maneira. Ele está em um encontro enquanto conversamos com uma garota que é absolutamente incrível.

— Bem, eu vou te dar meu conselho, não que você tenha pedido. Mas quando você tem noventa e quatro anos, além de comer a sobremesa primeiro, também sabe dizer a sua opinião, porque quem sabe se você terá outra chance.

Eu ri e ela sorriu.

— Você pode falar e falar sobre Tyler até o fim dos dias e isso não vai mudar a maneira como vocês dois se sentem. Você não é do tipo que evita um problema, é do tipo que o enfrenta. Você é tão imparável quanto um furacão de categoria 5. Então, por que fugir de Tyler? Você se importa com ele.

— Eu me importo com ele, mas não assim.

Ela me deu uma olhada que dizia que ela não acreditou em mim nem por um segundo.

Minhas bochechas estavam quentes. — Bem, quero dizer, quem não se sentiria atraída por ele? Você o viu.

Ela suspirou. — Sim, eu vi. Você já se viu?

Eu não respondi.

— Se você se importa com ele, não pode esperar. A vida é muito curta. Aceite isso de alguém no final da estrada, olhando para trás.

— Mas, — argumentei. — ele está em um encontro. Um que eu montei.

Ela encolheu os ombros. — Talvez dê certo. Talvez não. Apenas pense sobre

isso. Não perca a oportunidade só porque está com medo.

Pensei nele quase me beijando na noite anterior e me perguntei o que teria acontecido se eu o deixasse, se não tivesse me afastado.

Pensei nos lábios dele contra os meus, imaginei como eles sentiriam.

Mas eu não estava pronta para essa decepção. *Não namore ninguém que não esteja na sua estante,* eu disse a mim mesma, como se repetir pudesse facilitar as coisas.

Então agradeci e sorri, mudando de assunto para ela, pedindo uma história de seu passado, e ela concordou alegremente com uma história de quando ela estava crescendo em uma fazenda no Texas durante a depressão.

Não demorou muito para que ela estivesse cansada, então eu a abracei, apertando seu pequeno corpo antes de acariciar Kafka na cabeça e sair para o meu próprio apartamento.

Eu me arrastei escada abaixo, a incerteza penetrando em mim, roubando a alegria de conversar com a Sra. Frank. E a primeira coisa que fiz depois de vestir uma legging e uma camiseta foi pular no balcão com um galão de chocolate duplo e um cérebro cheio de incertezas.

Enfiei a colher dentro da caixa cheia entre minhas coxas.

Dizer que eu estava confusa teria sido o eufemismo do século.

Eu queria que o encontro dele com Adrienne desse certo, para que eu pudesse ter fé nas regras universais que considerava verdadeiras. Eu queria que fosse médio para que ele ainda estivesse solteiro e eu não tivesse que compartilhá-lo. Queria que fosse um desastre, para que ele voltasse para casa e me visse. Quero dizer, *realmente* me visse.

Me visse como mais do que apenas a boa e velha Cam, e quando ele estivesse completamente sóbrio.

Mas eu não era...não sei. Suficiente. Sofisticada o suficiente.

Sexy o suficiente - nem um pouco, se eu estivesse sendo honesta comigo mesma. Eu nem era alta o suficiente, pelo amor de Deus. Eu era apenas uma idiota de óculos com o nariz em um livro e a cabeça nas nuvens.

Liguei a música e até o barulho no meu telefone sabia que eu estava uma bagunça, tocando uma variedade aleatória de músicas de Tool a Chuck Berry e, de alguma forma, cada palavra e cada nota me faz pensar em Tyler.

Enfiei uma mordida de sorvete na boca e comi muito rápido, enviando um choque de dor atrás dos olhos e ao redor da cabeça em uma explosão. Através da dor ofuscante do congelamento do cérebro, peguei meu copo e bebi a água morna, prendendo a respiração pelo segundo que demorou para esquentar minha cabeça.

O que? Eu sou uma profissional de sorvete. Estou sempre preparada.

Eu estava no meio do pote quando decidi que provavelmente deveria parar. Dei outra mordida, rolando o chocolate gelado na minha boca. Eu achei que deveria ir para a cama. Talvez ler um livro.

Coloquei minha colher carregada na boca novamente, assentindo.

Mas primeiro, eu definitivamente pararia de comer.

Então eu dei outra mordida. Para uma boa medida, e tudo.

Eu ouvi a chave dele na porta e olhei em direção ao som com os olhos arregalados, sem esperar que ele estivesse em casa tão cedo.

Eu não me movi, não com meus pensamentos voando pelo meu cérebro na velocidade da luz.

Quando ele entrou pela porta, ele parecia... diferente. Como se seu corpo estivesse carregado e firme, determinado, mas uma centelha de medo cintilava atrás de seus olhos. Olhos que se fixaram nos meus com uma intensidade que eu não previ. Intensidade que parou meu coração.

Ele não quebrou o silêncio entre nós, apenas fechou a porta e a trancou, depositou a carteira e as chaves na mesinha perto da porta.

Saí do transe sem querer, meus olhos encontrando o sorvete por uma distração enquanto procurava uma colher gigantesca.

— Ei. Como foi com Adrienne? Diga-me que eu estava certa sobre ela. — coloquei a colher na boca e fechei os lábios, puxando-a vazia, embora houvesse muito o que comer de uma só vez. Eu olhei para cima enquanto puxava o pedaço restante para fora, os lábios se separando enquanto raspava a camada superior de sorvete.

Seus olhos não estavam nos meus. Eles estavam nos meus lábios.

— Você estava certa sobre ela. Ela é ótima, Cam. — Seu tom era obscuro, mas suas palavras me diziam o suficiente.

Eu sorri e engoli, sentindo o frio descer em meu peito. — Eu te disse. Ela estava bonita? Diga-me que ela mostrou as pernas – falei, minha voz um pouco alta demais. — São lindas, você já viu? — *Cale a boca, Cam. Pare de falar. Pare de falar, pelo amor de Deus.* A colher entrou na minha boca novamente para impedir que qualquer outra coisa saísse.

Ele assentiu, enfiando as mãos nos bolsos, sem fazer nenhum movimento para se sentar. Isso me deixou nervosa por algum motivo, e senti o sangue correr pelas minhas bochechas. — Ela estava bonita. Ela é linda, Cam. Inteligente. Engraçada. Também dá bons conselhos. Nós temos muito em comum. Foi uma boa combinação.

Minha risada soou estranha. — Ótimo. Quero dizer, eu sabia que seria. Vocês são basicamente perfeitos juntos, sabe? No primeiro segundo em que você e ela estavam juntos, eu simplesmente sabia. — eu continuei divagando enquanto

afundava minha colher no sorvete com um pouco de violência. — Você a beijou? — Tentei parecer inócua, mas saiu um pouco como uma acusação.

Sorvete.

Ele me olhou, o olhar em seus olhos enigmático. — Não. Você está com ciúmes?

Eu ri nervosamente de novo, deixando a boca levemente aberta, esperando parecer nojenta o suficiente para que ele parasse de me observar como estava. — Não. Quero dizer, por que você diria isso?

Ciúme. — engoli em seco e soprei o ar entre meus lábios. — Está tudo bem, Tyler. Muito bem. Eu juntei você com ela. Basicamente, quero que vocês façam bebês lindos que joguem futebol, ganhem concursos de beleza ou sejam modelos, porque seus filhos teriam as pernas mais longas do mundo. Eu até quero que você a beije, se ainda não o fez. Você fez? — Eu perguntei, não dando tempo para ele responder antes de dizer:— Não, eu não ligo, porque não tenho ciúmes. Você deveria beijá-la. Você deveria sair daqui agora e ir até lá e beijá-la em vez de me olhar assim, porque quando você me olha assim, quero que você *me* beije.

Eu congelei.

Ele não.

Ele ganhou vida, atravessando a sala, em volta da mesa, com olhos ardentes e um pequeno sorriso torto.

— Você quer que eu te beije? — ele perguntou, diminuindo a distância.

— Eu... não, não foi isso que eu quis dizer. — gaguejei. — Sim.

Quero dizer, não! Talvez.

Ele parou na minha frente, pressionando os quadris contra o balcão entre os meus joelhos, afastando-os. Sua mão encontrou minha bochecha, e ele disse suavemente: — Você quer que eu te beije agora, Cam?

— Eu... — Eu respirei, olhando em seus olhos, incapaz de dizer qualquer coisa, bêbada pela proximidade de seus lábios. Mas ele não esperou que eu falasse. Acho que ele já sabia a resposta sem que eu tivesse que dizer uma palavra.

Ele se aproximou até seu nariz seguir a ponte dos meus, seus lábios tão perto que eu podia senti-los. Todos os nervos o alcançaram. Se eu tivesse me movido meia polegada, nossos lábios teriam se encontrado, mas não consegui. Eu não conseguia pensar, não conseguia respirar enquanto estava sentada no balcão da minha cozinha com a mão de Tyler Knight no meu cabelo, sua respiração misturada com a minha, sem nada para nos separar, exceto algumas camadas de roupas e um pote de sorvete. E depois daquele momento prolongado, ele me beijou.

No momento em que nossos lábios se tocaram, nós dois respiramos fundo pelo nariz, pulmões bebendo o ar como se fosse a primeira vez. Ele era forte, mesmo em algo tão terno como um beijo, seus lábios se fechando sobre os meus, sua língua correndo através do meu lábio inferior, a mão guiando meu queixo para colocar minha boca onde ele queria.

Não havia outro pensamento além dele enquanto ele preenchia todos os sentidos, meu cérebro, corpo, coração e alma sobrecarregados com Tyler. E tudo era alegremente simples, sem consequências ou perguntas, sem incerteza.

Ele parou, mas eu não consegui abrir os olhos, apenas fiquei onde estava com a cabeça inclinada para a dele, os lábios entreabertos.

— Caralho. — ele sussurrou.

Minhas pálpebras pesavam mil libras, mas eu as abri para encontrar seu olhar. — Espera, eu estou sonhando? — Perguntei, sem brincadeira.

Ele riu baixinho, o polegar acariciando minha bochecha. — Você sonhou com isso?

— Talvez.

Ele inclinou a cabeça, os lábios em uma trilha para os meus. — Eu também.

Ele me beijou novamente, desta vez mais profundo, sua língua roçando meus lábios que se separaram para os dele. Meus braços enrolaram-se em seu pescoço, e eu estava tão hipnotizada por seus lábios que mal notei quando ele tirou o sorvete do caminho. Ele deslizou a mão para a parte baixa das minhas costas, inclinando-me para ele até que eu estivesse apertada contra o seu quadril. Seu braço estava forte em torno de mim, sua mão livre no meu cabelo e minhas pernas enroladas em torno de sua cintura, apertando para aproximá-lo ainda mais. Nossos lábios se moveram juntos, línguas circulando uma à outra, respirações superficiais, corações martelando.

Decidi então que poderia beijar Tyler para sempre.

Ele se afastou novamente, colocando um pequeno beijo nos meus lábios, depois na minha bochecha quando ele segurou a parte de trás da minha cabeça e me colocou em seu peito.

— Uau, — eu sussurrei, incapaz de formar qualquer outro pensamento coerente.

Ele riu, o som retumbando em seu peito. Mesmo sentada no balcão, minha cabeça alcançava apenas o seu queixo, já que ele era basicamente um gigante.

Eu ri, um pequeno som, meu coração se enchendo com o som do coração dele batendo debaixo do meu ouvido.

O coração do Tyler.

Tyler me beijou. Duas vezes.

Meu sorriso caiu quando meu cérebro zumbiu com perguntas, dúvidas e

curiosidade.

A primeira pergunta foi a mais fácil. Engoli em seco, não ousando me afastar para ver seu rosto. — Por que você me beijou, Tyler?

— Porque eu queria.

— Por quanto tempo?

— Muito tempo. — seus dedos mudaram no meu ar.

Meu coração doía. — Porque agora?

— Porque uma vez que soube que queria estar com você, tive que fazer algo a respeito, mesmo que você dissesse que pensava que não éramos adequados um para o outro. Eu nunca acreditei, sabia? Eu apenas pensei que você não me queria. Além disso, você disse que queria que eu te beijasse. Acho que não poderia ter pedido um sinal mais óbvio.

Afastei-me e olhei para ele como se ele tivesse me dito que era do futuro. — Você só pode estar a brincar comigo.

— O que foi?— Ele parecia genuinamente confuso.

Maravilhosamente, totalmente perdido.

— Porque você é... Tyler, você é tão incrível que alguns dias eu não consigo acreditar que você é real. Você é lindo e gentil, leal, forte.

Você é engraçado, inteligente e justo... você é o melhor. E você poderia ter Adrienne Christie, que é uma deusa. Você deixou seu encontro com uma deusa e voltou aqui e me beijou. — eu balancei minha cabeça. — Não faz sentido que você me queira.

Ele acariciou minha bochecha, seus olhos escuros suaves. — Talvez não no seu universo, mas faz todo o sentido no meu. — ele trouxe seus lábios aos meus novamente, e eu derreti como um pedaço de manteiga em seus braços. Quando ele se separou, ele disse: — Vem aqui. — e me agarrou pelo quadril como se eu pesasse menos de dez quilos. Ele me carregou para o sofá e sentou-se comigo montada em seu colo.

Eu olhei nos olhos dele, não totalmente certo sobre como eu chegara a esse ponto e ainda menos certo sobre o que estava próximo. *Se parece bom demais para ser verdade, provavelmente é.*

Talvez ele só quisesse um beijo. Talvez ele não quisesse mais de mim do que o que ele já havia tomado. Talvez ele só quisesse fazer sexo e tirá-lo do seu sistema antes de me largar. Meu coração afundou com o pensamento.

— O que acontece agora? — eu perguntei, tentando respirar através da ansiedade, olhando em seus olhos por respostas.

— O que você quer, Cam?

— Te beijar de novo. — respondi calmamente, honestamente.

Ele sorriu e me puxou para ele novamente. Seus doces lábios estavam contra

os meus, o cheiro dele no meu nariz e seu peito sólido sob as minhas mãos. Então meus dedos seguraram sua mandíbula. Então deslizou em seus cabelos. Suas mãos encontrou meus quadris, quase circulando-os, e ele me puxou para baixo apenas o suficiente para senti-lo pressionando contra mim.

Eu me afastei e olhei para ele, com medo pela primeira vez desde que ele me beijou. — Eu... acho que ainda não estou pronta para isso.

— Eu também não.

Eu fiz um beicinho.

Ele riu, roçando meu lábio inferior com o polegar. — O que eu quero dizer é que me preocupo com você o suficiente para querer fazer isso direito. Isso não é só...não sei. Diversão. Não é, não para mim. Não quero estragar tudo apressando as coisas. Você só... — seus olhos encontraram meus lábios. — Eu não sabia que você podia beijar assim. Você estava se escondendo de mim. — ele disse com um sorriso.

Foi a minha vez de rir, e os nervos e a ansiedade sumiram. Eu senti como se estivesse em uma montanha-russa, com partes iguais aterrorizadas, exaltadas e tentando não vomitar.

Ele ainda estava sorrindo para mim, uma mão no meu quadril, a outra pegando meu queixo entre o polegar e o indicador. O olhar em seu rosto quase me matou – estava cheio de adoração e reverência.

Se um garoto conseguisse engravidar uma garota só com o olhar, do outro lado da sala, era Tyler Knight.

— Então, — disse ele, seu sorriso subindo de um lado, — além de mais beijos, o que eu definitivamente posso oferecer, sob demanda e à sua vontade, como você quer fazer isso?

Eu pensei sobre por um minuto e tinha zero respostas. — Eu... eu não sei, Tyler. Eu nunca fiz isso antes.

Choque passou por seu rosto. — Espera, você quer dizer... você é...

Meu rosto inteiro estava pegando fogo. — Virgem? Deus, não.

Quer dizer, — eu me atrapalhei — não sou o que você chamaria de super experiente ou algo assim, mas não sou virgem.

Alívio foi a sua nova expressão. — Você quer dizer em questões de namoro, então?

Meu rubor se aprofundou, de alguma forma. — Para responder sua pergunta, sim, eu tive namorados. Eu nunca morei com alguém com quem estou namorando e nunca saí com alguém que já era meu amigo.

— Nem eu.

— Então estamos em águas desconhecidas. O que deveríamos fazer?

— Explorá-las. — ele disse.

Eu sorri. — Posso te beijar de novo?

— Sob demanda e à sua vontade.

E eu ri e beijei-o até meus lábios ficarem inchados, com certeza eles nunca iriam se satisfazer.

Tyler

Ao longo de alguns minutos, beijar Cam se tornou uma das minhas coisas mais favoritas do mundo.

Não sei exatamente o que era. Eu acho que ela poderia me ler tão bem quanto qualquer um, melhor que ninguém. Ela me antecipou, sabia de alguma forma o que eu queria ou precisava e me deu. Ela deu e deu e deu, seu pequeno corpo pressionado contra o meu, suas mãos nos meus cabelos enquanto pequenos gemidos e suspiros passavam por seus lábios.

Eu não tinha beijado tanto uma garota desde que estava no ensino médio, mas não estava frustrado agora como estava naquela época. Em vez disso, eu saboreava cada segundo, cada momento que se estendia para o próximo. Eu a beijei até sua boca ficar vermelha. Eu a beijei até que ela estivesse sem fôlego. A beijei até ficarmos deitados no sofá com ela em meus braços.

Eu não sei que horas eram quando ela se enrolou no meu peito, quando sua respiração diminuiu enquanto as pontas dos meus dedos traçavam círculos em suas costas. Eu sabia que ela estava dormindo, mas não ousei me mexer, permanecendo deitado assim por um longo tempo, com a música tocando suavemente da cozinha e seu pequeno corpo contra o meu. Sorri para o teto, feliz, verdadeiramente feliz, pela primeira vez em muito tempo.

Durante a maior parte da minha vida, eu usei um rótulo. O mocinho ou o jogador de futebol americano com um futuro promissor, ou o filho de Carl Knight. Sempre alguma coisa. Dentro disso, eu sempre fui eu. Mas as pessoas queriam que esses rótulos se dessem um deles. Amigo de Tyler Knight. Namorada. Treinador.

Cam não queria meu rótulo. Ela tinha o seu próprio. Verdade seja dita, acho que ela tinha medo do meu.

Não posso dizer que a culpo. Na maioria das vezes, eu também tinha.

Ela não era como as outras garotas que eu namorei. Ela era real, boa e verdadeira, e ela me queria. Eu me sentia mais seguro com ela do que qualquer mulher com quem eu já estive.

Meus olhos começaram a fechar, mas eu não queria que ela dormisse no sofá

com as luzes acesas. Então eu me virei e deslizei um braço sob suas costas, depois seus joelhos. Ela meio que acordou quando eu levantei, trazendo-a comigo. Ela era pequenininha e eu a carreguei para seu quarto escuro, deitando-a em sua cama e a cobrindo com o cobertor. Tirei seus óculos e afastei os cabelos de seu rosto, observando-a por um momento antes de dar um passo para longe.

Sua pequena mão deslizou na minha. — Fica. — disse ela, sua voz rouca. E não havia como negá-la, mesmo que eu quisesse.

— Tudo bem. — eu sussurrei e desabotoei minha camisa, entrando no meu quarto para vestir uma calça de moletom. Quando voltei, ela não tinha se mexido e eu puxei as cobertas para deitar atrás dela. Ela se mexeu até estar pressionada contra o meu peito, passei meus braços em sua volta e fechei os olhos.

FERTILIZADO

Cam

EU ACORDEI DEVAGAR E calmamente, lembrando-me da noite anterior como se tivesse sido um sonho, sorrindo para mim mesma sobre como tinha parecido real.

Tyler se mexeu contra mim e meus olhos se abriram.

Não é um sonho.

Foi real.

Ele era real, e quando eu me virei para encará-lo, sorri admirada ao vê-lo estendido na minha cama.

Sua boca estava aberta apenas um milímetro, seu pescoço comprido, os cílios escuros descansando. Eu segui a linha de seu ombro largo, as curvas de seus músculos, seu bíceps. Tríceps. Antebraço. Tantos músculos. Parte de mim queria espiar embaixo do cobertor para banquetear meus olhos com o resto dele, mas infelizmente me detive.

Não me senti uma stalker por estar assistindo-o dormir, sorrindo ao sol da manhã para o meu gigante adormecido. Tudo parecia certo.

Isso fazia sentido. Ele era tão... tudo. Lindo. Gentil. Inteligente. Engraçado. E ele me beijou. Ele me beijou por muito, muito tempo.

Ele me segurou e dormiu na minha cama, contente e feliz. Ou pelo menos ele parecia estar.

Eu me senti como uma princesa em um conto de fadas. Eu esperava que fosse verdade. Real.

Se parece bom demais para ser verdade, provavelmente é.

Will encheu meus pensamentos, seguido pela velha ansiedade.

Foi como uma repetição da minha vergonha de tanto tempo atrás, mas enquanto eu observava Tyler dormir, me dei conta de que as coisas estavam diferentes agora. Tyler não era Will – eu conhecia Tyler, confiava nele. E éramos

adultos, não adolescentes do ensino médio, impulsionados por hormônios.

Tyler foi uma exceção às regras. Então eu decidi calar a boca e continuar com isso até que eu tivesse um motivo para não fazê-lo.

Eu não queria acordá-lo, mas alguém tinha que fazer o café, então eu saí da cama e fui para a cozinha, cantarolando enquanto eu colocava a máquina de café. Enquanto preparava, sentei-me com o meu livro. De tantas vezes que li *Mists of Avalon*, nunca me cansei.

De fato, toda vez que leio, pego algo novo. Uma nova linha, uma nova frase ou momento que falou comigo. A história do rei Artur, as mulheres da corte, a tradição dos druidas, a angústia e a intriga... era magnífica, e toda vez que o pegava, eu ficava imediatamente imersa.

Eu estava no meu segundo copo quando Tyler saiu do meu quarto, sem camisa e bocejando, passando a mão pelos cabelos.

— Bom dia. — ele disse enquanto se aproximava, inclinando-se para beijar minha bochecha.

Eu quase desmaiei. — Bom dia. Café feito.

— Cuidando de mim novamente.

— A qualquer momento. — fechei meu livro e me inclinei sobre a mesa, observando suas costas. — Obrigada, a propósito.

— Pelo quê? — ele perguntou enquanto servia uma xícara.

— Por ficar comigo ontem à noite. Por me beijar.

Ele se virou, seus olhos cintilando. — Obrigado por me beijar de volta.

Eu bufei. — Como se eu pudesse ter recusado.

— Então agora é por obrigação? — ele se sentou ao meu lado, sorrindo, e eu tentei manter meus olhos nos dele, ao invés de em seu peito nu.

— Para a minha própria feminilidade, sim.

Ele tomou um gole de café, me olhando pela borda da caneca de café com a máscara de Darth Vader que dizia *"Quem é seu papai?"* — Então, a que horas você quer ir para o jogo?

Olhei para o relógio na parede e fiz algumas contas rápidas. — Bem, começa às uma, provavelmente onze horas com o trânsito.

Estamos voltando com Kyle, certo?

Ele assentiu. — Se estiver tudo bem.

— Certo. Fico feliz que ele seja tão generoso com os ingressos. Lado da casa, linha de cinquenta jardas? Isso é demais pra ser verdade.

— É. — ele sentou-se. — Ovos?

— Só se tiver bacon.

Tyler empurrou a cadeira para trás e sorriu. — Sempre tem bacon.

Ele se moveu pela cozinha, coletando suprimentos, parando para pegar a

caixa de sorvete abandonada e me dar uma olhada enquanto a jogava no lixo.

— Ei, — eu disse rindo, — não é minha culpa que sua boca sexy substitiu a preservação do sorvete.

— Ah, isso é definitivamente sua culpa. — ele sorriu torto para mim, e eu peguei meu livro novamente, aproveitando o momento, embora eu realmente não pudesse me concentrar em ler com Tyler sem camisa, me fazendo café da manhã.

Animação passou por mim com o fato de que Tyler e eu estávamos realmente acontecendo. Estava acontecendo, e era fácil, simples e nada esquisito. Quero dizer, era estranho da maneira que era completamente inacreditável, mas estar com Tyler nunca tinha sido estranho.

Eu me perguntei se iria vê-lo nu, e meu útero quase explodiu com a ideia.

— Como você quer seus ovos? — ele perguntou.

— Fertilizados. — eu disse, e ele riu por cima do ombro para mim. Dei de ombros. — Mexidos está bom.

— No que você está pensando? — ele perguntou enquanto colocava bacon na panela.

— Acho que sou eu quem deveria fazer essa pergunta. — eu disse com uma sobrancelha arqueada. Ele riu. — Quer dizer, acabamos de entrar em tudo isso do nada, e eu quero saber como você está.

Eu balancei a cabeça, não sei como responder. — Bem, eu ainda estou em choque, eu acho. Estou tendo dificuldade para envolver minha cabeça, mesmo que pareça natural. Isso é bom. E quanto a você?

— Bem, — ele começou enquanto lavava as mãos, os olhos abaixados, — acho que também estou em choque. Eu realmente pensei que você ia me rejeitar e isso ficaria estranho.

Eu ri e balancei minha cabeça. — Você é louco.

Ele deu de ombros e pegou uma toalha de cozinha, jogando-a sobre o ombro nu quando ele limpou as mãos. — Eu acreditava quando você dizia coisas como se eu fosse seu irmão. — ele levantou uma sobrancelha, sorrindo. — Ainda se sente assim?

— Não. — prolonguei o “o” e sorri.

Ele riu, inclinando-se para me beijar antes de voltar para o fogão para cutucar o bacon.

— Quanto a onde estamos, não tenho muitas expectativas de você ou de nós, não neste momento. Seja honesto comigo. E tenha paciência, porque sou louca.

— Eu sempre vou ser honesto com você, e eu já conheço e amo o seu louco.

— Sim, mas isso vai ser um nível totalmente novo de loucura. — pensei em contar a ele sobre Will, mas decidi contra. Eu diria a ele eventualmente, mas não menos de vinte e quatro horas depois que ele me beijou e enquanto estava me

preparando o café da manhã.

Ele me deu um sorriso. – Considere-se bem. Ele voltou-se para a frigideira para quebrar os ovos, e eu o observei maravilhada, meio que esperando que ele começasse a cantar ou que criaturas da floresta aparecessem para ajudá-lo a cozinhar.

Seu telefone tocou com uma mensagem de texto, ainda em cima da mesa perto da porta onde ele o havia deixado noite passada.

Quando ele se aproximou e olhou, suspirou.

— O que é?

— Kyle deu os dois ingressos ao nosso lado para gêmeas com quem ele está tentando transar.

— Oh, Deus, — eu disse com uma pitada de medo, lembrando o último jogo que fomos.

— Deve ser interessante.

— Espero que não seja tão intenso quanto da última vez, aquela ruiva e sua amiga – a menor de idade que foi chamada a atenção?

— E posteriormente expulsa.

Eu ri. — Você não pode mostrar seus peitos para o telão e não esperar consequências.

— O melhor foi a sua cara..

— Que também acabou no telão.

— Porra, eu gostaria de ter conseguido pegar meu telefone a tempo de tirar uma foto..

Eu balancei minha cabeça, lembrando do constrangimento. — Eu deveria ter feito você se sentar ao lado delas.

Ele levantou as mãos – uma com uma espátula – e disse: — Quero dizer, não é como se a maioria dos caras não ficasse emocionado em sentar ao lado de uma garota bêbada de dezenove anos com um dedo ameaçando tirar seu sutiã, mas estou feliz que foi você e não eu.

— Sério?

— Sim. Como eu disse, você deveria ter visto a sua cara.

Eu ri e revirei os olhos, pegando meu café. — Caramba, valeu. Talvez hoje não seja tão ruim. Talvez eu possa ajudá-las a relaxar com a bebida.

— Desejo a todos muita sorte com isso, — disse ele enquanto preparava o café da manhã.

Eu o observei em silêncio, pensando no fugaz pensamento de que talvez apenas voltássemos a ser amigos. Eu o imaginei apenas fingindo que a noite passada não aconteceu, mas quando ele se virou para mim com os pratos e sentou-se ao meu lado e eu olhei nos olhos dele, em seu sorriso, todas as dúvidas

desapareceram.

Tomamos o café da manhã por um momento tranquilo, e eu o observei furtivamente, tentando não encarar. Mas enquanto eu distraidamente mordia meu bacon, pensei em seus braços, pensei no calor de seu corpo ao lado do meu a noite toda, pensei em seus beijos, tão doces e novos e cheios de esperança e promessa. E a única coisa que eu tinha certeza era que queria mais.

— Então, — ele disse depois de um tempo. — temos algumas horas antes de sairmos.

— Você lê mentes? — perguntei com um pequeno sorriso.

— Por quê? — Ele estava divertido, os cantos dos lábios curvados.

— Porque eu estava pensando sobre o quanto eu queria te beijar.

Seu sorriso se abriu como o sol. — Então talvez eu *seja* um leitor de mentes, porque estava pensando a mesma coisa.

DUPLO HORTELÃ

Tyler

ELA ERA A COISA MAIS LINDA que eu já tinha visto, sentada ao meu lado naquela manhã. Seu cabelo estava ondulado e um pouco despenteado, como se ela tivesse acabado de chegar da praia, seus olhos castanhos grandes e cheios de diversão por trás dos óculos, um rubor alto em suas bochechas como ela costumava ter. Ela poderia estar brilhando por tão feliz quanto parecia.

Tomamos nosso café da manhã, rindo e conversando como sempre fazemos, mas tudo mudou. Tudo, do jeito que ela olhou para mim, do jeito que ela sorria. Era um sorriso que eu conhecia bem, que eu já havia visto em milhares de outras versões, mas o que ela me dava naquele momento era um que eu só conheci no dia anterior.

Um choque de emoção correu através de mim ao saber que eu a beijaria no segundo em que ela terminasse seu café da manhã.

Não perdi tempo. Peguei o prato dela assim que a última mordida se foi, coloquei no meu e levei para a pia. Quando me virei, ela estava atrás de mim com um sorriso tímido.

Foi a primeira vez desde que nos beijamos pela primeira vez que realmente ficamos um ao lado do outro, tão próximos. Eu nunca tinha estado com alguém tão pequena, o topo da cabeça dela mal chegava à minha axila, e quando ela me abraçou, seus braços deslizaram em volta da minha cintura naturalmente. Sua bochecha estava quente contra a pele do meu peito, e eu corri meus dedos por seus cabelos, segurando-a contra mim.

— Não é tão estranho quanto eu pensei que seria. — disse ela.

— Nós?

— Não. Você ser um gigante.

Eu ri, e quando ela olhou para mim, apoiando o queixo no meu peito, me abaixei para pegá-la pela cintura. Seus braços enrolaram no meu pescoço, e eu a

segurei lá, braços travados, mantendo-a perto o suficiente para beijar, embora seus pés estivessem balançando com um pé fora chão.

— A única coisa que eu não gosto é que você está tão longe. — eu disse.

Ela riu. — Quando você me segura assim, eu me sinto como uma criança.

— Você não é criança, — eu disse gentilmente. — E você sabe o que disse ontem? Sobre não ser uma garota de verdade? Bem, você é. Você é a garota mais real que eu já conheci.

E quando seu rosto se suavizou, seus olhos aveludados e cheios de emoção, eu trouxe meus lábios aos dela para lhe dizer o quanto eu quis dizer isso sem falar uma palavra.

Horas depois, estávamos entrando no estádio, vestidos em roupas dos Giants. Cam usava um boné de beisebol dos Giants, sua *jersey* do Manning estava meio enfiada no short jeans e suas belas pernas eram longas e bronzeadas. Ela riu e pulou na minha frente, seu Converse saltando e os braços acenando.

— É dia de jogo! — ela cantou, sem se importar que alguns dos outros fãs a olhassem.

Pegamos cervejas e encontramos nossos assentos, alguns dos melhores assentos da casa, se você me perguntasse. Tínhamos até meia hora para o jogo começar. Os jogadores estavam saindo do campo ao fim do aquecimento e a música batia nos alto-falantes enquanto todos entravam no estádio.

— O que você acha, as garotas de Kyle serão loiras ou morenas? — ela perguntou quando nos sentamos.

— Loiras. Com bronzeado de spray.

Ela riu e apoiou os pés no assento à sua frente. — Em roupas combinando.

— Shorts jeans com metade de suas bundas para fora.

Ela me deu um olhar que dizia que eu tinha ferido seu coração feminista.

— *O que*? Kyle tem um tipo. *Eu*, pessoalmente, não me importo se suas bundas estieverem saindo dos shorts. Ou se as ditas bundas estiverem bronzeadas.

— Ugh, — disse ela com um lábio enrolado antes de me dar um soco no braço com seu punho minúsculo.

Mas eu ri e peguei seu braço, puxando-a para mim para um beijo.

Ela suspirou, as pálpebras pesadas quando se separou. — Isso nem sempre vai funcionar, Tyler. Mas, por enquanto, me beijar é realmente uma ótima maneira de pedir desculpas.

Eu sorri e afundei na minha cadeira, apoiando meus pés ao lado dos dela. Ela alinhou seu tênis minúsculo ao meu grande , depois apoiou o outro pé em cima. Eles tinham a mesma altura daquele jeito.

Nós olhamos um para o outro e rimos.

—Com licença, acho que nossos assentos são ali.— alguém disse, e eu olhei para cima e vi duas garotas apontando logo depois de mim, para o outro lado de Cam.

— Ah, desculpe. — Movemos nossos pés, e as meninas passaram. Cam me deu uma olhada quando suas nádegas bronzeadas passaram pelo nível de seus olhos, e eu tentei não rir.

Elas eram garotas bonitas, longos cabelos loiros, corpos bonitos, mas pareciam um pouco deslocadas com a maquiagem e cachos impecáveis, chapéus novos em cima de suas cabeças e camisetas nítidas com o nome e o número de Kyle. Mas elas haviam se vestido com o intuito de participar, e tinham um sorriso gentil, então, por isso, eu aprovei as duas.

Cam estendeu a mão. — Vocês são amigos de Kyle, certo?

A que estava sentada ao lado de Cam sorriu e pegou a mão dela. — Sim. Eu sou Tracey.

A outra virou a cabeça e acenou. — E eu sou Casey.

— Somos gêmeas! — eles disseram ao mesmo tempo.

Cam riu. — Ah, meu Deus. Vocês são muito fofas.

Elas riram. — Você também. — Tracey disse. — Você é tão pequena! Eu amo seus óculos. Eu gostaria de poder usar o meu, mas juro, sou tão cega que são como lupas. Pareço uma coruja assustadora quando os uso.

— Duvido. — Cam disse com uma risada.

Casey assentiu. — É verdade. Uma vez, ela assustou as crianças que moram do outro lado do corredor só de olhar para elas.

Tracey suspirou. — Se o apocalipse zumbi acontecer, eu estou ferrada.

Casey se inclinou ao redor de sua irmã. — Esse é seu namorado?

Cam se apoiou no braço dela em direção às meninas e sorriu conspiratoriamente. — Este é o nosso primeiro encontro, mas acho que vou mantê-lo.

Casey riu. — Totalmente. Ele é lindo.

Acenei com a mão, sorrindo.

— Então, como vocês conhecem o Kyle? — Cam perguntou.

— Bem, — Casey começou, — nós estávamos no Noir na outra noite.

— Você sabe, aquele com dançarinos aéreos? — Tracey acrescentou.

— Ah, claro. — Cam mentiu.

— Então, encontramos Kyle e alguns de seus amigos lá no bar.

Eles nos trouxeram VIP, e acabamos saindo a noite toda. Tão divertido. — Casey disse.

— Tão divertido. — Tracey ecoou.

O vendedor de cerveja passou pelo nosso corredor.

Casey torceu o nariz. — Tantos carboidratos. Acho que eles não estão servindo gim e tônicos aqui, hein?

— Talvez no bar. — eu respondi, tentando ser útil.

Tracey acenou com a mão. — De jeito nenhum eu estou subindo e descendo as escadas um bilhão de vezes. Vai ser cerveja, então.

Ela se levantou e pediu um par de copos para o cara, que sorriu e murmurou para as gêmeas antes de seguir em frente.

Cam recostou-se em seu assento, e sua mão encontrou a minha em meu colo, seus pequenos dedos girando nos meus quando o locutor começou a apresentar os jogadores. Estranhamente, essa sempre foi a parte mais difícil do jogo, ouvir os nomes dos jogadores que eu conhecia, os aplausos dos fãs, sentindo a adrenalina pairando no ar. Era mais fácil quando o jogo estava rolando para esquecer que eles eram tudo menos peças de um jogo, mas no começo era sempre mais difícil não me imaginar naquele campo.

Kyle correu para o campo através dos arcos, passou pelas líderes de torcida, mãos no ar. Todos torcemos por ele, Tracey e Casey pulando e rindo, e ele apontou para nós enquanto passava, provocando gritos das garotas, até de Cam.

Nós nos sentamos novamente quando a excitação havia passado e, logo depois, o jogo começou.

Cam e eu conversamos sobre estratégia a maior parte do jogo, com intervalos para brincar, rir e beber. Aproveitei todas as oportunidades para beijá-la que pude, minhas mãos sempre a encontravam, tocando-a sempre e como eu podia – pontas dos dedos, braços, pernas, qualquer coisa. Eu não queria me separar dela. Como durante o intervalo, quando ela se apoiou no meu bíceps e eu não pude fazer nada até dar um beijo suave em seus lábios, ou quando os Giants marcaram e todos nós pulamos de nossos assentos e a coloquei em meus braços. Ou uma vez, apenas em um momento tranquilo, quando ela me olhou com os lábios em um sorriso doce – um sorriso que me disse mais do que palavras – e eu peguei seu queixo minúsculo na minha mão e a beijei.

Eu me sentia como um adolescente novamente, cheio de informações, felicidade e saudade dela. Em parte, acho que foi o entendimento de que não teríamos relações sexuais, ainda. O beijo era uma conexão com ela que antecipava o resto, que prometia mais.

Por mais que eu quisesse dormir com ela, eu estava gostando da espera.

No terceiro período, as gêmeas se perderam: elas passaram de adorável a completamente bêbadas tão rapidamente que eu senti como se estivesse acabado de ser chicoteado. Cam tentou intervir algumas vezes, primeiro comprando a cada uma água gigantesca que provavelmente custava vinte dólares, depois

tentando distraí-las quando o cara da cerveja voltava – e ele continuava voltando, porque elas eram bonitas ou porque elas estavam jogando dinheiro para ele ou ambos.

Casey foi a primeiro a se render. Ela se sentou e, da próxima vez que olhei, ela estava caída na cadeira com o chapéu abaixado sobre seu rosto, o peito subindo e descendo lentamente. Tracey não pareceu notar ou se importar, apenas ficou ao lado de Cam, segurando-a, falando e dizendo a Cam o quão fofa ela era. Ela até beijou Cam nos lábios uma vez e tirou cerca de cem selfies com ela.

E Cam suportou tudo como uma campeã, entretendo a garota bêbada até o final do jogo.

Os Giants venceram, e foi um bom jogo, embora eu tentasse não ficar chateado pelo fato de não ter conseguido falar com Cam tanto quanto gostaria, pois ela estava com as mãos cheias com as gêmeas.

O estádio esvaziou, mas nós ficamos parados. Nós nos acomodamos, matando o tempo antes de nos encontrarmos com Kyle - tomar banho e conversar com a imprensa estava no topo da lista para ele. Tracey ainda estava falando na orelha de Cam, até que ela anunciou em voz alta: — Eu tenho que fazer xixi. Venha comigo fazer xixi, Cam.

— Tudo bem. — disse ela em pé, mas quando Tracey se levantou, ela oscilou e quase caiu. Ela agarrou Cam pelos ombros.

— Whoa, — disse ela.

Cam me lançou um olhar alarmado enquanto se curvava sob o peso da garota mais alta.

— Espera. — eu disse, movendo-me para o outro lado de Tracey. Ela agarrou meu braço com gratidão.

— Obrigada, — disse Tracy, sorrindo. — Você é um amor. Ele é um amor, Cam.

Seus tornozelos eram como borracha quando tentamos andar, e ela cambaleou, colocando todo o seu peso em Cam, que parecia preocupada.

— Eu não acho que consigo levá-la lá sozinha, Tyler.

Eu balancei a cabeça e tomei um pouco mais do peso de Tracey. — Não se preocupe. Eu posso levá-la.

Tracey fez beicinho. — Cam, venha ter um momento das garotas no banheiro comigo. Não me faça ir sozinha.

Imaginei-a desmaiando na privada e concordei. — Você provavelmente deveria vir conosco.

— E Casey? — Cam perguntou.

Tracey fez um som de descaso. — Ela está *bem.* Ela sempre desmaia. Eu juro, não posso levá-la a lugar nenhum.

— Acha que ela está bem sozinha aqui? — Cam perguntou, parecendo insegura.

Olhei em volta do estádio, que havia praticamente esvaziado completamente. Um homem e sua esposa estavam sentados na fileira da frente.

— Com licença, — eu disse a eles. — você acha que poderia ficar de olho em nossa amiga enquanto ajudamos esta a ir ao banheiro?

Eles assentiram, sorrindo.

— Obrigado, — eu disse, aliviado. — Tudo bem, vamos lá.

— Obrigada, pessoal. — ela murmurou. — Você são os melhores, sabia disso?

Cam riu. — Nós tentamos.

Subimos as escadas sem que ninguém morresse ou quebrasse um tornozelo e, quando levamos Tracey ao banheiro, Cam a ajudou a entrar. Ouvi suas vozes ecoando no banheiro vazio.

— Não me deixe, Cam.

— Estou bem aqui, Tracey.

— Você é tão bonita.

— Você também. Você tem o cabelo mais bonito que eu já vi — disse Cam, e eu pude ouvi-la sorrindo.

— *Nuh-uh.* Sua pele é incrível.

Ouvi o barulho da descarga.

— Prometa que você vai me enviar uma solicitação no Facebook, Cam. Precisamos ser amigas no Facebook.

Cam riu. — Já somos. Você me enviou uma mais cedo, lembra?

— Ah, meu Deus. *Duh*. Estou tão feliz que somos amigas.

— Eu também. Venha aqui, vamos lavar as mãos. Ah, seu batom está um pouco borrado. Deixa eu arrumar isso para você.

— Quero colocar você no meu bolso e carregá-la comigo. Você é a melhor cuidadora de pessoas do mundo.

Eu ri comigo mesmo, encostado na parede do lado de fora do banheiro. Quando elas reapareceram, Tracey agarrou meu braço e pendurou seu peso em mim.

Seus olhos estavam vidrados e ela sorriu preguiçosamente. — Você é tão alto. E forte.

— Obrigado. — eu disse, divertido.

Voltamos para nossos assentos, mas, enquanto descíamos as escadas, examinei as fileiras vazias, procurando Casey ou o casal que pedimos para observá-la.

— Estamos no corredor errado?

Cam torceu para olhar para trás. — Não. Nossos assentos estão bem aqui.

— Oh, Deus. — eu olhei em volta para ela, mas encontrei apenas algumas pessoas espalhadas.

— Por que essas pessoas deixariam Casey? Eles disseram que iriam cuidar dela. — Cam disse, frustrada.

— Espera. — disse Tracey, com o rosto contorcido em confusão. — Aqueles alemães do outro lado do corredor?

— Oh, Deus. — eu gemi novamente antes de depositar Tracey na cadeira que havia acabado de ser ocupada por Casey.

— Oh, Deus, — Tracey ecoou, as palavras cheias de aviso enquanto ela pendia a cabeça entre os joelhos.

Virei-me para Cam, que havia se sentado ao lado de Tracey e tinha uma mão nas costas dela.

— Você fica aqui e fica de olho em Tracey. Deixe-me ir procurar Casey.

Cam assentiu e tirei meu telefone do bolso, mandando uma mensagem para Kyle enquanto subia as escadas duas de cada vez.

Suas gêmeas estão loucas.

Meu telefone tocou. *Do jeito que eu gosto delas.*

Não, eu perdi uma e a outra está prestes a vomitar um barril de pôneis.

Merda. Segure o forte, irmão.

Eu o amaldiçoei baixinho enquanto andava pelo estádio. Estava quase vazio a essa altura, apenas os vendedores deixaram de fechar, mas ninguém tinha visto Casey, e quando voltei ao nosso corredor novamente, perdi a esperança. Mas enquanto descia as escadas, vi duas loiras com chapéus dos Giants – uma desmaiada como se ela estivesse lá o tempo todo, e a outra com rímel escorrendo pelo rosto.

Ela olhou para mim com o nariz vermelho.

— Eu vomitei.

Eu olhei para a mancha entre os pés dela. — Estou vendo. Cadê a Cam?

Tracey olhou em volta, confusa enquanto limpava o nariz. — Ela estava bem aqui.

— Porra. — eu murmurei e passei a mão pelo meu cabelo, puxando meu telefone. Primeiro, um texto para Cam: *Você está bem?*

Estou com as gêmeas. Depois, para Kyle. *Traz sua bunda aqui agora, cara. Agora.*

Quando olhei para cima, Cam estava correndo pela fileira em nossa direção, parecendo aliviada.

— Elas continuam se multiplicando e se dividindo como um experimento científico. — disse ela quando nos alcançou. — Onde você a encontrou?

— Bem aqui.

O rosto dela dobrou, confuso. — Como …

— Não faço idéia.

Ela suspirou e olhou para o campo. — Eu achei que tinha visto ela do outro lado, então fui verificar.

Tracey olhou para Cam com um olhar de cachorro abandonado.

— Eu vomitei.

O rosto de Cam se suavizou. — Com certeza. Cadê a sua água?

Ela olhou em volta. — Não sei.

Cam se abaixou e encontrou debaixo do assento. — Aqui está.

Lave a boca.

Tracey tentou sorrir. — Obrigada.

Cam virou-se para mim. — Temos que tirá-las daqui.

Meu telefone tocou com uma mensagem de texto de Kyle. *Estou esperando na frente.*

Estamos indo, eu respondi. *Você me deve uma.*

Coloquei meu telefone de volta no bolso e pendurei as mãos nos quadris, avaliando as gêmeas. — Certo. Você acha que pode levar Tracey?

— Nós vamos conseguir. E Casey?

— Eu vou ter que carregá-la.

Cam suspirou. — Pelo menos você é grande e forte.

— Tão forte. — Tracey acrescentou prestativamente.

Tirei o chapéu de Casey e entreguei a Cam. Por baixo, a menina parecia uma bagunça, batom borrado, rosto frouxo. Peguei-a e a joguei por cima do ombro. Ela era pesada e estranha de carregar, completo peso morto.

Cam me olhou com cautela enquanto ajudava Tracey. — Você tem certeza que consegue?

Eu mudei Casey e tentei sorrir. — Meu amigo Jimmy diria que ela ficou cheia de Gumby. Mas sim, eu a peguei. Provavelmente é mais fácil assim do que se ela estivesse se movendo.

Ela se preparou para baixo de Tracey. — Se você diz, herói.

Eu ri. — Tudo certo. Vamos fazer isso.

Subimos as escadas em silêncio, todos nós nos concentrando em nossas tarefas, além de Casey, que roncava suavemente no meu ombro. Os olhares que recebemos eram cheios de riso e pena, e alguns policiais perguntaram se estávamos bem. Eu nem estava bravo, apenas pronto para sair de lá, levar as meninas para casa e esquecer tudo isso.

Pulei Casey um pouco no meu ombro para ajustá-la enquanto descíamos a rampa e, em um segundo, algo quente escorreu pelo meu antebraço e pela frente

da minha camisa.

Levei um segundo para perceber que ela estava fazendo xixi.

— Filho da puta. — murmurei, mas não parei de andar, apenas segui em frente. O estrago estava feito, e eu não tinha onde colocar a pobre Casey.

— O que há de errado?— Cam perguntou, alarmada.

— Estou com xixi em mim.

— Você está falando sério? — ela perguntou.

Tracey riu, depois soluçou, derrapando até parar quando ela vomitou. Bateu nos sapatos de Cam com um respingo. Os olhos de Tracey estavam enormes e horrorizados. — Ah, meu Deus. Eu sinto muito.

Justo quando eu esperava que Cam perdesse a cabeça, uma risada explodiu dentro dela. Foi uma risada profunda e seu rosto se enrugou quando ela parou e se inclinou, levando Tracey com ela.

Eu parei e voltei para encontrá-la, sem saber com o que estava lidando. — Você está bem?

Ela levantou a mão e a balançou de um lado para o outro, com a cabeça baixa enquanto ria e ria. — Eu só... eu não posso. É demais.

Eu me vi sorrindo, lutando contra o riso. — Não estou contando isso como um encontro.

Cam levantou-se, o rosto vermelho quando ela soltou um suspiro e se mexeu para pegar Tracey. — Ah, eu estou. E como estou. Vamos, Tracey. Vamos pegar um pouco de comida para você.

— Pizza soa bom. — ela respondeu.

— Pizza *soa* bom. — Cam respondeu com uma risada.

Quando encontramos o Escalade de Kyle, ele saiu, olhando para nós quatro como se fôssemos loucos. — O que diabos aconteceu com vocês?

— Eu vomitei. — disse Tracey.

Ele avaliou todos nós. – O que é isso em você, Knight? Isso é... é mijo?

Seu rosto se contorceu, enojado.

Abri a porta e deitei Casey no banco de trás. — Claro que é.

— Whoa, whoa, cara. Isso é novinho em folha.

Eu me virei, furioso. — O que diabos você sugere? Que nós apenas as deixemos aqui? Coloque-as em um táxi e espere que elas cheguem em casa bem? Essas garotas estão aqui por sua causa , e nós cuidamos delas o dia todo. Não dou a mínima para seus assentos de couro. Vamos levar essas garotas para casa e garantir que elas cheguem lá em segurança.

Kyle levantou as mãos. — Você está certo, cara. Legal. Deus. Apenas deixe-me pegar algumas toalhas.

Meu queixo flexionou, meus olhos o seguiram enquanto ele se arrastava para

trás, retornando com toalhas. Eu estendi a mão para uma, mas ele passou por mim e para o carro, limpando o assento antes de colocar uma toalha limpa debaixo dela. Ele jogou outra para Cam. — Você pode limpá-la, por favor?

Cam não respondeu, mas ela fez o que ele pediu, por Tracey, não por Kyle. Eu sabia pelo olhar que ela atirou nele que ela não estava acreditando em nenhuma besteira dele.

Tirei a camisa, limpei o peito e o braço, e quando olhei para Cam, ela parou, com a toalha na mão, olhando para mim como se eu fosse um picolé em um dia de verão. Eu sorri e me aproximei para ajudá-la a colocar Tracey no banco da frente enquanto Kyle mexia em seu SUV, ajustando os assentos e colocando as toalhas, produzindo uma sacola plástica do nada para Tracey. Então Cam e eu subimos na terceira fila, nos apertando lá em torno do ronco de Casey.

Kyle abriu as janelas. — Vocês cheiram a merda.

— Na verdade, esse é o único fluido corporal que nós não cheiramos. — Cam disparou enquanto afivelava o cinto de segurança.

— O que aconteceu? — Ele perguntou.

— Eu vomitei. — disse Tracey.

— Sim, eu ouvi. — A voz de Kyle era plana enquanto ele abria as janelas.

— As garotas beberam um pouco demais. — recostei-me no banco e Cam e eu trocamos um olhar.

Kyle balançou a cabeça com um suspiro frustrado. — Eu posso ver isso. Por que você não cuidou melhor delas?

Meus olhos se estreitaram e eu olhei para ele pelo retrovisor. — Porque elas são mulheres crescidas e eu não sou babá de ninguém.

Cam fez uma careta. — E de qualquer maneira, nós *cuidamos* delas.

Kyle zombou. — Não, vocês perderam uma e a outra está prestes a vomitar no meu Cadillac novinho.

— Ei, cara. — eu atirei. — Cuidado como fala, ok? Fui eu quem carregou uma delas para fora de um estádio de futebol, não você.

— Tanto faz. — disse Kyle, fazendo beicinho. — Estamos todos cansados e chateados, ok?

A carranca de Cam desapareceu quando ela se inclinou para mim. — Não, você está mijado.

Eu não pude deixar de rir. — E você está vomitada.

— Que par. — disse ela, sorrindo para mim.

E tudo que eu pude foi beijá-la.

CLARK KENT NUNCA VENCE

Cam

KYLE ESTAVA CERTO, NÓS REALMENTE estávamos com um cheiro terrível.

Passamos por Jersey e voltamos para Manhattan com Tracey apenas vomitando mais uma vez. Kyle fez um show, e eu realmente, realmente esperava que houvesse algum prego debaixo do assento que pudesse surgir do nada e espetar sua bunda.

Tyler sentou-se ao meu lado, sem camiseta e lindo, cabelos despenteados pelo vento soprando pelas janelas abertas. Ele segurava minha mão em seu colo, brincando com meus dedos enquanto cantávamos junto com a música de Kyle, muito alto e muito bobos. Ele ligou o rádio quase imediatamente depois que pegamos a estrada – ele estava de mau humor. Não só suas gêmeas foram arruinadas para a noite, mas elas fizeram o carro dele cheirar mal. O idiota nem sequer nos agradeceu, não que tínhamos feito isso para ajudá-lo. Porque foda-se ele.

Quando chegamos ao apartamento das meninas, os caras as ajudaram a entrar, Tyler carregando Casey – ele já havia sido marcado, disse ele – e Kyle foi o primeiro a voltar ao carro.

Ele se virou, apoiando-se no apoio de braço para olhar para mim, suas intenções ocultas, embora seus frios olhos azuis brilhavam como metal. — O que há com você e Tyler?

Dei de ombros e fingi estar confusa. — Eu não sei o que você quer dizer.

Ele sorriu. — Sabe, sim. Você dormiu com ele?

Meus olhos se estreitaram. — Vai se ferrar, Kyle.

Ele levantou as mãos. — Ei, eu não quis dizer desse jeito. Só estou preocupado com ele, sabe? Tipo, eu não sei o que aconteceu com ele, se ele está tendo um colapso ou algo assim, porque você não é o tipo dele. Você é a última

pessoa que ele namoraria, em circunstâncias normais. Então, só estou tentando descobrir se ele está bem, só isso.

Minhas bochechas coraram com a farsa de suas palavras. — Então você é um herói?

— Eu posso ser. Quero dizer, eu entendo o que ele vê em você, sabe? Você é uma garota legal e está afim dele. É doce. Não ajuda que você é bonita. Você fica ótima em uma camisa do Giants. — ele usava óculos escuros, mas eu podia sentir seus olhos em mim.

— Obrigada. — eu murmurei, sem saber o que mais dizer.

Tyler abriu a porta e subiu na fila do meio, colocando o assento para me deixar levantar. Eu me acomodei ao lado dele, esperando que estivéssemos indo para casa.

Kyle se virou e deu partida no carro. — Os caras estão se encontrando em um bar, que era onde eu deveria levar as gêmeas.

Vocês ainda querem vir?

— Acho que estamos prontos para chegar em casa e tomar um banho para esquecer um pouco do dia. — disse Tyler, e eu dei a ele um olhar que eu esperava que lhe dissesse o quanto eu o agradeceria por isso mais tarde.

Ele deu de ombros e nos deu uma resposta azeda: — Tanto faz.

Não demorou muito para que finalmente chegássemos em casa, até decidi agradecer a Kyle pelos ingressos e pela carona, mesmo que estivesse com vontade de detonar seu carro por ele ser tão imbecil. E no segundo em que ele foi embora, me senti mil vezes melhor.

Passamos pela Sra. Frank e Kafka na entrada, verificando o correio. Ela sorriu para nós quando viu que estávamos de mãos dadas, piscando para mim depois de um segundo ao notar a falta de camisa de Tyler.

Eu suspirei enquanto subíamos as escadas.

— Eu me sinto da mesma maneira. — disse Tyler.

— Eu só quero um banho e meu pijama, ponto.

— Você vai primeiro. — ele ofereceu.

— Não, você vai. Seus banhos são mais rápidos e você está repleto de xixi.

Ele riu. — Tudo bem, se você insiste.

Nós andamos em direção as escadas. — Às vezes me pergunto por que você sai com Kyle.

Ele soltou um suspiro. — Às vezes me pergunto a mesma coisa.

Quer dizer, hoje foi especialmente ruim, já que seus planos de transar com um par de gêmeas loiras foram detonados.

Uma risada saiu de mim. — Acabei de imaginar Kyle com uma cartola e um monóculo resmungando, *“detonado novamente!”*

Tyler abriu a porta, rindo. — Ele está tão chateado.

— E nem é ele quem está repleto de xixi.

Ele bufou. — Se ele tivesse, no entanto. Você pode imaginar como ele ficaria bravo?

— Sim, e eu pagaria um dinheirão para testemunhar isso.

Entramos e eu acendi as luzes, indo direto para o banheiro para trocar meus óculos de sol pelos meus óculos de verdade. Ele entrou atrás de mim, sorrindo para mim no espelho, camisa de xixi ainda pendurada por cima do ombro nu.

— Você tem certeza que não quer ir primeiro?

Eu sorri de volta. — Tenho certeza.

— Tudo bem. — disse ele, inclinando-se para dar um beijo rápido nos meus lábios, e eu saí quando ele ligou o chuveiro.

Dentro de trinta segundos, meus pensamentos fugiram completamente. Tudo o que aconteceu entre nós caiu no meu cérebro como um trem de carga.

Tudo começou com Kyle.

Repeti nossa conversa no carro, ouvindo suas palavras. *Você é a última pessoa que ele namoraria.* E ele estava certo. Por que Tyler realmente queria algo comigo? Eu já tinha passado por isso antes, mas perder Tyler seria mil vezes mais difícil do que o que aconteceu com Will.

Estávamos no vácuo, uma bolha isolada, mantendo a realidade distante. Eu senti a velocidade na qual estávamos nos movendo, mesmo que não estivéssemos nos movendo *fisicamente* rápido. Meu coração já era dele, e me perguntei se o que ele queria era apenas a novidade, a emoção de saber que eu o queria que alimentava sua necessidade de estar perto de mim.

Talvez quando voltássemos para nossas vidas, isso simplesmente desaparecesse. E então como ficaríamos?

Eu tentei me livrar da ansiedade, mas nos cinco minutos que ele levou para tomar banho, eu não consegui parar de pensar. Quando ele saiu do chuveiro com nada além de uma toalha e um sorriso, aquele sopro de vapor atrás dele como eu já tinha visto um milhão de vezes, eu pensei que minha caixa torácica poderia explodir. Quando ele se inclinou para me beijar no caminho para o quarto e senti o vapor saindo dele, o que restava do meu coração parou. E quando entrei no banheiro para tomar o meu banho, tinha certeza de que tudo estava a centímetros de implodir.

Não poderia ser real, eu disse a mim mesma quando entrei no chuveiro fumegante. Kyle estava certo – *Você é a última pessoa que ele namoraria.* Não éramos uma boa combinação. Não fazíamos nenhum sentido. Nenhum. Não importava o quanto eu quisesse estar com ele. Estávamos condenados desde o início.

Ele se arrependeria de estar com uma garota como eu. Eu sabia disso tão profundamente quanto conhecia minha loja, o bar, meus quadrinhos. Eu era um Clark Kent sem outro eu mais forte para me redimir. E ele era o Lois Lane, o belo e inatingível que precisava de alguém maior que a vida. Clark não podia ficar com Lois. Apenas com Superman.

Mas eu não era nenhum Superman.

Eu me senti um pouco trêmula quando saí do chuveiro, secando meu cabelo com uma toalha, secando meu corpo, meu coração encharcado demais para quebrar.

Tyler olhou para mim por cima do ombro enquanto eu saía. Ele sorriu e eu tentei devolvê-lo, mas parecia errado, traindo meus medos. Antes que ele percebesse, entrei no meu quarto e fechei a porta para me vestir sem pensar. Leggings. Minha camiseta da Batgirl. Meias de taco. Então respirei fundo e saí para encarar a música.

Um livro estava aberto em seu colo, e eu sorri ao me sentar ao lado dele, minhas costas contra o braço para poder encará-lo.

— Você está lendo. — eu disse, não pronta para enfrentar a verdade.

Ele assentiu e fechou o livro para olhar a capa. Ele a exibiu, embora eu soubesse o que era no segundo em que o vi segurando.

O Hobbit.

Meu peito doía com o sorriso em seu rosto enquanto ele olhava para a capa. — Você disse outro dia que foi o livro que te transformou em uma leitora, então pensei que poderia funcionar do mesmo jeito comigo. Eu encontrei na prateleira outro dia, e quando eu comecei... — ele encontrou meus olhos. — Por que você nunca me deu ele antes?

— Porque eu estava com medo que você odiasse. — eu respondi honestamente.

— Eu não odeio. Cam, eu amei. É brilhante.

— Me beija. — eu disse, não querendo pensar nas razões pelas quais éramos iguais ou diferentes, apenas querendo sentir seus lábios contra os meus.

Ele sorriu e se inclinou, segurando meu pescoço. — O que você quiser.

Eu respirei pelo nariz quando nossos lábios se encontraram, o cheiro limpo dele trabalhando através de mim enquanto nossas bocas se moviam juntas com facilidade, como se elas soubessem o que fazer, se encaixando sem esforço.

Eu não conseguia descobrir como poderia parecer tão certo e ainda estar errado.

Você é a última pessoa que ele namoraria.

Eu me afastei, coloquei a mão em seu peito. — Tyler...

Seu polegar roçou minha clavícula e eu pendurei minha mão livre em seu

antebraço. — O que foi?

— Eu... eu não sei se isso está certo.

A preocupação passou por seu rosto, franzindo as sobrancelhas.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer... somos tão diferentes. — eu lutei para encontrar as palavras. — Viemos de lugares diferentes, mundos diferentes. Eu nunca estive com alguém como você antes.

— Eu nunca estive com alguém como você também. — ele sorriu, passando o polegar contra a minha pele. — E me sinto mais em casa do que há muito tempo.

Eu balancei minha cabeça, não querendo acreditar que era verdade, repetindo as palavras de Kyle em voz alta. — Eu sou a última pessoa com quem você namoraria.

— E esse é o meu erro. Eu estive procurando no lugar errado o tempo todo. — seus olhos procuraram os meus. — O que está acontecendo, Cam?

— E se amanhã, o que quer que seja isso entre nós, acabar? E se for só... eu não sei. Uma miragem. E se você estiver alucinando comigo? E se, quando você ficar sóbrio, não me quiser mais?

— E se não for? Você acha que eu não sou sincero? Você não confia em mim?

Eu apertei seu braço. — Claro que confio em você, mas não sou do seu tipo. Eu não sou a garota que pode se dar bem com pessoas importantes ou com caras como Kyle só porque eu preciso. Não sou a garota com pernas de um quilômetro e um armário cheio de vestidos de grife que passa as noites indo a festas e clubes.

Ele franziu a testa. — Isso não significa nada para mim.

Mas eu continuei falando. — Eu não sou a garota popular. Eu não sou a líder de torcida, e é com elas que caras como você acabam, não as garotas dramáticas ou as nerds.

— Cam...

— Não. Não sou o tipo de garota que você normalmente procura , e acho que isso é um sinal de que isso não é adequado para você.

Não quero que você acorde um dia imaginando como ficou preso com alguém como eu.

Sua sobrancelha caiu e seus olhos, duros e ardentes, perfuraram meu coração. — Cam, me escute. Não há líderes de torcida ou garotas populares. Não há certo ou errado. Há apenas você e eu. Parte da razão pela qual eu quero você é *porque* você não é como as outras garotas que namorei. Você é exatamente quem você é, e é exatamente por isso que quero estar com você.

Respirei fundo. — Por que você não pode apenas me deixar terminar com você?

— Me beija.

Suspirei, com o peito doendo. — Tyler.

— Me beija. Se você não sentir nada, se você não me quer, então vá embora. Mas não vá por causa de alguma presunção sobre como eu me sinto. — medo e dor brilham atrás de seus olhos. —Me beije, Cam, e me diga se você ainda me quer.

— Tudo bem. — eu disse suavemente, meu pulso acelerado.

Sua mão se apertou na curva do meu pescoço, seus dedos no meu cabelo, e eu me inclinei, fechando os olhos.

Meus lábios se conectaram aos dele sem precisar ver, eles poderiam tê-lo encontrado no escuro ou a milhares de quilômetros de distância. Eu respirei ele, deslizei minha língua em sua boca e ele me deixou entrar. Ele me deixou beijá-lo sem intervir, sem me guiar, apenas me deixou liderar por conta própria. Mas eu não precisava de nenhum convencimento dele. Eu deixei meu coração ir, e ele assumiu. Minhas mãos estavam em seus cabelos. Suas mãos estavam em volta da minha cintura. Eu estava no colo dele. E eu não queria que isso terminasse.

Quando finalmente me afastei, minhas pálpebras estavam pesadas e olhei para ele, sabendo que não seria fácil me afastar, e não consegui. Ainda não. Talvez nunca. Eu só esperava que ele não acabasse se afastando de mim.

Eu estava deitada nos braços dele e toquei sua bochecha, sentindo o leve arranhão de barba por fazer em seu queixo duro. — Eu ainda quero você. — eu sussurrei, incapaz de negar.

E ele fechou os olhos, pressionando sua testa na minha. — Então não lute contra isso. Eu sou seu.

Clark Kent Nunca Vence.

Tyler

Eu apertei meus braços para trazê-la o mais perto que pude para beijar novamente, desta vez tomando seus lábios como ela tinha tomado os meus, tentando com tudo que eu tinha para acalmá-la.

Eu odiava que ela não tivesse certeza. Que ela não se sentia bem. Porque eu me sentia. Eu me sentia tão certo sobre ela que era como uma verdade absoluta e um fato inegável do universo. Eu faria o que fosse necessário para convencê-la

de que eu estava falando sério, que não era uma sensação passageira para mim.

Mas mesmo assim eu sabia que havia pouco que eu poderia fazer. Se ela não saísse de sua própria cabeça, poderíamos estar condenados.

Eu tentei não pensar nisso.

Em vez disso, pensei sobre a doçura de seus lábios, seus dedos nos meus cabelos, seu pequeno corpo contra o meu. E, assim como na noite anterior, nos beijamos pelo que pareceram minutos ou horas, até que nossos corpos estavam pesados e os lábios inchados.

Quando me afastei, ela olhou para mim com os olhos encobertos.

— Podemos ir para a cama?— Ela perguntou, sua voz rouca.

— O que você quiser, Cam.

Eu a beijei novamente para pontuar a promessa, e quando ela se sentou com um suspiro e desceu do sofá, senti a perda de seu calor como um presságio. Mas fiz meu caminho para o meu quarto para me trocar, encontrando-a no banheiro onde escovamos os dentes como fizemos um milhão de vezes antes.

Mas agora, era diferente. Eu a observei no espelho enquanto esfregava os dentes e ela amarrou os cabelos e pegou a escova. Sua camiseta era apertada, com uma ilustração de Gambit na frente sacudindo o ás de copas. Ela não usava sutiã e eu não pude deixar de notar a curva de seus seios, se movendo um pouco enquanto ela escovava os dentes. Quando ela se inclinou sobre a pia, meus olhos encontraram sua bunda em minúsculos shorts pretos, e fiquei maravilhado que alguém pudesse fazer algo tão mundano como escovar os dentes parecer tão sexy.

Levou cada pingo de autocontrole que eu tinha para não dar um tapinha em sua bunda, se não mais que apenas para fazê-la rir.

Nós trocamos os lugares para minha vez na pia e depois saí do caminho para que ela pudesse lavar o rosto, encostado no batente da porta com os braços cruzados.

Ela suspirou e pressionou uma toalha de mão no rosto. — Não acredito que o fim de semana já acabou.

— Eu sei. O trabalho amanhã vai ser péssimo.

Ela se virou para mim, com o rosto um pouco triste, e se aproximou, colocando a bochecha no meu peito nu enquanto passava os braços em volta da minha cintura. — Me desculpe por ser tão complicada, Tyler.

Eu a abracei, deslizando a mão em seus cabelos, segurando-a contra mim. — Não se desculpe. Eu entendo. Se sente melhor?

—Sim. Acho que preciso de muita garantia e tenho medo que isso acabe te afastando.

— Não tenha medo. Não me assusto fácil e sou paciente.

Apenas fale comigo quando tiver dúvidas, para que eu possa lembrá-la da verdade.

— Você é bom demais para ser verdade. — sua voz estava tingida de arrependimento.

— Não. Sou apenas eu e conheço você. Eu confio em você, e se você confiar em mim, ficaremos bem.

Ela não disse nada por um momento enquanto se apoiava em mim em silêncio, e eu apenas a segurei. — Você vai ficar comigo de novo esta noite? — ela finalmente perguntou.

Não havia outro lugar que eu preferiria estar. Inclinei-me e beijei seus cabelos. — Claro.

Ela suspirou novamente, desta vez o som cheio de alívio, e apoiou o queixo para que estivesse olhando para mim. — Obrigada.

— De nada. — Inclinei-me o melhor que pude com ela em meus braços, o pescoço esticando para beijá-la. Ela ficou na ponta dos pés para encontrar meus lábios.

Ela pegou minha mão e eu a segui até seu quarto escuro, nós dois subindo em sua cama em silêncio.

Nós nos encontramos no escuro. Ela se aconchegou em meu peito e eu a abracei, nós dois quietos, embora eu sentisse o peso do silêncio enquanto deitávamos juntos. Dois dias atrás, eu não poderia estar aqui, na cama dela. Dois dias atrás, e por um ano antes disso, estávamos separados. Mas com uma palavra e um beijo, eu fui deixado entrar. E a deixei entrar da mesma forma.

Mas eu poderia perder tudo de novo com apenas outra palavra, uma palavra que eu esperava nunca ouvir. Como era estranho que algo tão pequeno pudesse terminar uma coisa ou começar. Que algo tão simples possa mudar duas pessoas tão profundamente.

— Eu não quero dormir. — ela disse suavemente.

— O que você quer fazer? — eu perguntei, meu coração batendo forte.

— Te beijar mais.

Eu ri. — Me beije mais.

Então ela arqueou as costas, pressionando o corpo contra o meu, e o fez.

Nossas pernas se enrolaram, quadris se encontrando. Minha mão se moveu pelas suas costas, pela curva da sua cintura, até o quadril enquanto suas pernas se esticavam, aproximando-nos ainda mais. Eu rolei até estar por cima dela, beijando-a profundamente, tentando separar nossos quadris. Porque com ela tão perto, eu não sabia se conseguiria me segurar.

A mão dela percorreu meu peito, meu abdômen, minha cintura, dedos deslizando por baixo da faixa da minha calça moletom.. Seus quadris rolaram em

direção a mim novamente, pernas apertando para nos aproximar, e eu a deixei, feliz em dar a ela o que ela queria, tentando me segurar e não esmagá-la. Sua coxa estava tão macia sob a palma da minha mão, e eu enterrei meus dedos suavemente.

Um suspiro suave passou por seus lábios, e eu deixei sua perna para tocar seu rosto, querendo nada mais do que ouvir aquele som novamente.

Ela se afastou, recostando-se.

— Você está bem? — perguntei calmamente.

— Sim. Melhor que bem. Mal nos tocamos e eu já não sei se consigo parar.

— Eu sei. — eu a beijei ternamente.

Ela suspirou. — Podemos esperar um pouco mais?

— Podemos esperar o tempo que você quiser, Cam.

Ela não disse nada, e eu gostaria de poder ver seu rosto. — Por que você é tão perfeito?

— Estou longe de ser perfeito.

— Você está no ponto, se quer saber.

— Idem. — eu disse e a beijei novamente, esperando que ela soubesse o quanto eu quis dizer isso.

GRANDES CÉREBROS RUINS

Cam

O TOQUE AGRESSIVO DO MEU despertador me acordou na manhã seguinte e eu detestava o som, não porque ele me acordou, mas porque significava que eu tinha que sair da cama. E *Tyler* estava na minha cama.

Ele suspirou, ainda adormecido quando desliguei o barulho ofensivo, e quando olhei para trás, parei por um segundo para observá-lo. O sol entrava suavemente pela janela e ele estava deitado de costas, uma mão embaixo do travesseiro e a outra no peito Os músculos de seus braços, peito e estômago, as curvas e sombras de seu corpo comprido. Deitado ao meu lado parecendo simplesmente lindo.

Eu estava cheia de uma sensação de possessão e admiração, a sensação tão forte que eu precisava transferir a emoção, passá-la para ele para que ele soubesse como eu me sentia, então voltei para a cama e me enrolei nele, puxando as cobertas até o meu queixo.

Ele passou os braços em volta de mim, virando para que eu me apoiasse em seu peito.

— Bom dia. — ele disse, a voz rouca.

— Bom dia. — eu me aninhei mais profundamente em seu peito, olhos fechados, respirando fundo, desejando poder ficar ali o dia todo.

— Não quero ir trabalhar. — suas palavras ecoaram através de mim.

Eu ri. — Eu estava pensando justamente isso.

— O que você vai fazer hoje?

Recostei-me para poder vê-lo. — Rose e eu estamos trabalhando o dia todo em assuntos administrativos. Super chato.

Mas pelo menos temos uma a outra, e haverá bebidas no almoço, então acho que não posso reclamar. Você?

Ele apoiou a cabeça na mão e olhou para mim. — Jack está de volta de

Atlanta, então teremos um dia ocupado, tenho certeza.

— Temos sorte que nossos chefes não são ruins.

— Temos sorte que nossos chefes adoram uísque.

Eu ri. — Ugh, está tão quente aqui. Seis da manhã não deveria existir.

Ele passou a mão em volta da minha cintura e me puxou um pouco mais para perto. — O passarinho da manhã não quer sair da cama?

— Não é hora do *Knight.* Entendeu? Knight? — eu cutuquei seu peito.

Ele riu, seus olhos castanhos suaves. — Este fim de semana foi...

— Um desastre? — eu brinquei.

— O jogo de futebol, talvez. Mas eu ia dizer não esperado, e da melhor maneira possível.

Meu coração acelerou. — Ainda não consigo acreditar que isso aconteceu, o que torna muito mais difícil voltar à rotina.

Ele deitou no travesseiro ao meu lado novamente, perto o suficiente para que seu rosto não ficasse embaçado pela minha falta de óculos. Eu podia ver todos os pequenos detalhes, as manchas de âmbar em suas íris escuras, os cílios loiros ocasionais, os linhas dos seus lábios.

— Você ainda está receosa? — ele perguntou. — Sobre nós?

— Agora, não. — eu respondi com sinceridade. — Mas me preocupo quando estivermos separados. Minha imaginação é... bem, é grande e ela foge. Isso me assusta.

Ele sorriu. — Não diga?

Eu ri, tão agradecida que ele pudesse brincar sobre isso mesmo depois de eu ter tentado terminar com ele na noite anterior. A vergonha tomou conta de mim. — Grandes cérebros são um grande problema.

Mas ele sorriu. — Eu amo seu grande cérebro. Quanto maior, melhor, eu sempre digo.

— Eu amo cérebros grandes e não posso mentir. — eu cantei, mexendo minha bunda o máximo que pude enquanto me deitava.

Ele tentou me bater enquanto eu balançava, e nós rimos.

Quando paramos, ele empurrou meu cabelo para trás e passou os dedos sob a minha orelha, pelo meu pescoço.

— Ok, então você precisa de um pouco de garantia. Eu posso garantir. — ele franziu os olhos, pensativo. — Vamos ver... como podemos ficar juntos o dia todo e também estar no trabalho? — ele perguntou.

— Hmm, — eu cantarolei, pensando. — Bonecos de vodu de bolso?

— Muito mórbido. — disse ele. — Mensagens de texto parece óbvio demais.

Eu ri. — Tão clichê. — eu tive uma idéia e virei de costas, segurando minha mão. Tirei meu anel do polegar e peguei sua mão.

O problema era que sua mão era gigantesca, ele podia, basicamente, segurar o meu rosto inteiro. Mas, em alguma reviravolta da sorte, encaixou-se confortavelmente no dedo mindinho esquerdo.

Ele inspecionou sua mão. — Gostei. Me faz parece perigoso? — ele fez uma cara ameaçadora.

Eu ri. — Não.

Tyler sorriu. — Bem, eu tenho algo seu, mas isso não ajuda muito seu grande cérebro a lembrar que eu acho você incrível. — seu rosto se iluminou e ele se afastou de mim. — Espera, já sei.

Sorri e peguei meus óculos, me apoiando na cama enquanto ele saía e voltava, subindo de volta ao topo das cobertas para deitar de bruços.

— Me dê sua mão.

Coloquei minha mão pequena na dele e ele revelou seu bracelete de amizade gasto e desbotado, sorrindo como se ele tivesse tido a melhor idéia de todas. Eu nunca tinha visto ele tirá-lo antes, desde a primeira vez que o conheci. Os laços estavam desgastados onde haviam sido atados por tanto tempo.

Eu ri. — Sério, Tyler? Antes de tudo, não é contra alguma lei do universo reciclar uma pulseira de amizade que alguém lhe deu?

Ele encolheu os ombros. — Comprei com minha mesada quando fui ao Grand Canyon com minha família. Eu tinha doze anos.

Comprei por comprar, mas nunca quis dar a ninguém, além de Kyle.

Mas estávamos na faculdade e jogadores de futebol da faculdade não trocam braceletes de amizade.

O pensamento vacilou no meu sorriso, e eu alcancei seu rosto, inclinando-me para beijá-lo. — Tudo bem. — eu disse, inclinando-me para trás. — Mas o segundo problema é que você está me dando um símbolo de amizade para me lembrar que pensa em mim como mais que uma amiga.

Ele sorriu. — Bem, se eu lhe dissesse que o comprei para dar ao meu único amor verdadeiro, você acreditaria em mim?

Eu ri, tentando esquecer que ele tinha usado a palavra amor. — Não, eu não acreditaria em você.

— Bom, porque teria sido uma mentira. Mas sério, Cam. — ele disse enquanto seu dedo acariciava meu pulso, seus olhos na minha mão. — Eu o uso desde que o comprei e, durante todos esses anos, eu quis dar para alguém. Ninguém nunca o mereceu antes, não como você merece. Você vai usar?

Ele encontrou meus olhos, suas palavras cheias de esperança, coloridas com incerteza.

Meu peito doeu. — É claro que vou usá-lo, Tyler.

Ele se inclinou e beijou minha palma. — Obrigado. — ele disse enquanto

enrolava a pulseira em volta do meu pulso e a amarrava com força. — Agora, vamos lá, deixe-me fazer alguns ovos antes de começarmos esse dia de merda. Porque quanto mais cedo começarmos, mais cedo terminará e voltaremos aqui juntos.

Eu sorri, sentindo-me trinta metros de altura e à prova de balas.

— Lidere o caminho.

Eu fiz café enquanto ele tomava banho , ele fez os ovos enquanto eu o observava. Nós nos vestimos e fomos juntos para a estação de trem, onde ele me segurou como ele sempre fazia, com meus pés pendurados acima do chão, me beijando docemente antes de nos separarmos. Eu pulei quase todo o caminho para o trabalho, destrancando a porta do Wasted Words e cantarolando enquanto eu caminhava pela loja silenciosa e para o escritório.

Rose já estava lá, cabelos em um coque bagunçado, vestindo leggings e um suéter enorme, preparada para um dia trancada no escritório, sem dúvida. Ela bocejou, acenando para mim quando me viu.

— Bom dia. — eu disse.

A sobrancelha dela se ergueu e ela me olhou, cética. — Por que você está tão animada?

Dei de ombros e coloquei minha bolsa. — Eu não sou sempre assim de manhã?

— Enlouquecedoramente, sim. Mas está muito mais hoje.

— Bem, está uma bela manhã, você não acha?

Sua suspeita se aprofundou. — Sério, o que é isso tudo? — ela fez um sinal para mim.

Eu sorri. — Talvez eu tenha ficado com Tyler o fim de semana inteiro.

Ela ainda parecia confusa. — O que você quer dizer? Você sempre fica com Tyler o fim de semana inteiro. — então ocorreu-lhe.

— Oh. Oh, você *ficou* com ele?

Eu ri como uma adolescente. — Quer dizer, a gente não ficou *ficou*, quer dizer, nós não...

Rose bufou. — Sim, entendi. Agora, conte os detalhes.

Puxei a cadeira na minha mesa, que ficava de frente para a dela. — Bem, eu o mandei para um encontro com Adrienne...

— A mulher gato?

— Sim. E quando ele saiu, eu comi um pote de sorvete e me arrependi completamente.

— Do sorvete ou do encontro?

—Do encontro. O sorvete foi uma benção. Mas ele veio para casa mais cedo

e me beijou.

— Só assim? — ela perguntou, incrédula. — Ele só abriu a porta, foi até você e te beijou?

Torci o nariz, mas estava sorrindo. — Não. Talvez eu tenha dito a ele que queria que ele me beijasse.

Ela riu. — Ai, meu Deus.

— Eu só fiquei lá tagarelando como uma louca, e *aí* ele foi até mim e me beijou. Passamos todo o fim de semana juntos.

Sua sobrancelha estava novamente levantada. — E vocês não transaram? Como isso é possível? O Tyler é *muito* gato. Não sei se teria sido capaz de resistir.

— Confie em mim, não foi exatamente fácil. Também estou um pouco preocupada com *isso*, o tamanho dele. Tenho uma preocupação genuína pelo bem-estar da minha vagina.

— Sua vagina pode aguentar mais do que você pensa.

— Talvez. É possível machucar o colo do útero?

Ela riu. — Não sei. Pesquisa no Google.

Abri meu laptop, curiosa, digitando a pesquisa. — Ugh. Sim.

Merda.

O sorriso dela caiu. — Sério?

Virei o computador para ela e apontei para o visor. Seu rosto se contorceu enquanto ela lia.

— Ai. E não há nada que você possa fazer sobre.

Recostei-me na minha cadeira. — Sim, não pode exatamente congelar isso.

— Quer dizer, você *poderia*. ..

Agora o *meu* rosto se contorceu.

Ela ainda estava lendo e se inclinou um pouco mais para a tela.

— Ai, meu Deus. Você sabia que sua vagina fica mais longa quando você está excitada?

Meu queixo estava aberto. — Para de mentir.

— Não, aparentemente é verdade. Olha. — ela girou o laptop para que pudéssemos ver.

Eu li. — Puta merda. Então ele não pode simplesmente forçar até chegar lá.

— Bem, espero que ele não faça isso de qualquer maneira.

— Eu também. Também diz que fica menor antes do período.

Meu Deus, é tipo uma sanfona.

Ela riu. — Ou uma mola.

— Eca.

Rose balançou a cabeça. — Então vocês dormiram na mesma cama?

Suspirei e fechei meu computador. — Sim. Nós apenas nos beijamos. Tipo, por horas.

— Ele nem chegou à segunda base?

— Não, porque se houvesse uma segunda base, teria terminado em pelo menos uma terceira. Estamos aguentando. Não estou pronta para isso... quer dizer, ele ainda é meu colega de quarto. Não que eu esteja tentando esperar um mês ou algo assim, mas quero ter certeza de que somos inteligentes sobre as coisas antes de começarmos a transar.

Ela assentiu, concordando. — Justo.

— Além disso, ele deve fazer a melhor conchinha do mundo.

Tipo, ele é tão *grande.*

Rose riu. — Ele é mesmo enorme.

Suspirei e balancei minha cadeira de escritório para frente e para trás. — Não sei. Ele não me pressionou e eu estava bem com isso. Mas acho que não vou aguentar muito tempo.

— Eu não culparia você por ceder. — ela sorriu para mim e balançou a cabeça. — Você e o Tyler. Quer dizer, eu odeio dizer “Finalmente!” mas falando sério, Cam. Vocês estão circulando um ao outro desde que eu te conheço.

Eu balancei minha cabeça. — Eu não via dessa maneira. Eu não achava que ele poderia querer alguém como eu. Ele era apenas meu amigo desde o início. Meu amigo muito gostoso que era sexy demais para ser verdade.

— Tão sexy que dói. — Ela riu. — Eu não sou tão atraída por bons garotos, mas para você, ele é perfeito.

Você é a última pessoa que ele namoraria. Afastei a voz de Kyle, tocando o bracelete de Tyler para me lembrar de suas palavras desta manhã. Mas era tarde demais. Meu sorriso caiu e o de Rose também.

— O que há de errado?

— Nada. Eu não sei. É estranho, sabe? Ele é um filé mignon, e eu sou um tofu. Realmente não fazemos uma refeição que não seja ridícula.

— Eu acho que ele é como manteiga de amendoim e você é como geléia. Por que você se concentra tanto em suas diferenças?

Eu bufei. — Como as pessoas trabalham com base em seus pontos em comum, não em suas diferenças.

Ela cruzou os braços sobre o peito. — Algumas pessoas diriam que trabalham com base em elementos que você não pode controlar.

— Bem, essas pessoas são burras. É química e matemática. As pessoas são como estacas e buracos.

Ela riu.

Revirei os olhos. — Você sabe o que eu quero dizer. São as coisas iguais que

as fazem se encaixar.

— Então, um coloca a estaca no buraco do outro.

— Sim, mas tem que caber. — fiz um gesto rude com a mão usando o polegar e meu dedo indicador.

— Pode caber apertado, certo?

Apertei o polegar em volta do indicador. — Quero dizer, se não se encaixa bem, é uma espécie de perda, certo?

— É muito cedo, — disse Rose com uma risada. — Acho que estamos delirando.

Eu ri. — Talvez.

Ela soltou um suspiro. — Estou apenas dizendo. Deixa as coisas acontecerem e não pense demais.

— É como dizer: “Ei, Cam, você poderia parar de respirar por tempo indeterminado?”

— Verdade. Mas você pode tentar.

Suspirei. — Sim, eu posso tentar.

Tyler

Entrei no trabalho naquela manhã com uma mola nos meus sapatos, tudo parecia mais brilhante, maior, melhor do que tinha sido a última vez que estive lá. Jack já estava em seu escritório, mangas arregaçadas, telefone preso no ombro enquanto ele anotava em seu bloco de notas.

Acenei quando entrei, e ele me chamou, fazendo sinal para eu entrar e esperar.

— Entendi. Não, senhor, sinto o mesmo sobre isso.— ele riu. — Nós dois. Falo com você depois, Jim.

Ele colocou o telefone de volta no lugar e sorriu para mim. — É bom ver você, garoto.

— Você também. Estou feliz que esteja de volta.

Ele bufou. — Isso faz dois de nós. Atlanta é quente mesmo no outono, especialmente com as luzes da imprensa apontadas para você.

Eu assenti. — Tudo parece bom na frente de relações públicas. Eu acho que você fez isso, Jack.

O sorriso dele caiu. — Sim, bem. Pharaoh, pelo menos, tem um indício de autopreservação. Vou dar crédito a ele por isso. A reabilitação era a única maneira de salvá-lo, mesmo que seja uma farsa. Ele não é alcoólatra. Apenas

estúpido.

— E guloso.

— Sim, e isso. — Ele se recostou na cadeira. — Você fez bem sem mim, Tyler. Cathy disse que você segurou bem o forte, e parece que seus patrocinadores estão aplacados. Agradeço por ter lidado com tudo isso sem mim, tive minhas mãos cheias com Pharaoh.

Como você se sentiu?

— Foi bem. Quero dizer, era estressante e tudo, ninguém quer ser gritado por uma multidão enfurecida de representantes corporativos, mas eu me senti capaz. Como se eu soubesse o que fazer e como manter as coisas no lugar.

Ele assentiu. — Bem, ninguém pode dizer que você não está pronto. Você até manteve o patrocínio da Nike.

Eu sorri e me sentei em frente a ele. — Graças a Adrienne. Eu a encontrei na semana passada.

Ele levantou uma sobrancelha. —Ah, é?

— Ela me convidou para sair.

A outra sobrancelha se levantou. — Ah, é?

Recostei-me na cadeira, divertido. — Sim, mas não deu certo.

Acho que seremos amigos em vez disso.

As sobrancelhas dele caíram. — Ah.

Eu ri. — Eu me dei conta de algo, graças a ela, e acabei passando o fim de semana com Cam.

— Você passa a maior parte de seus fins de semana com Cam.

Eu olhei para ele.

As sobrancelhas dele se ergueram novamente. — Ah! Bem, — disse ele com uma risada —já estava na hora.

Eu sorri. — Tenho que ser honesto, gostaria de ter feito isso há muito tempo.

— Tudo tem seu tempo. Estou feliz por você, garoto. Você merece uma boa garota que irá tratá-lo bem logo após toda a decepção que sofreu. Cam é uma boa garota e uma boa cozinheira.

Você não pode errar com uma garota que o envia para trabalhar com assados.

— Vou dizer a ela que você disse isso.

Ele sorriu para mim debaixo do bigode. — Como estão as coisas com Darryl?

— O mesmo. Apenas esperando para vê-lo neste fim de semana para o jogo.

— Ah, sim. Será bom ter você em campo com ele para o jogo. Sei que pelo menos duas outras agências estão atrás dele e quem sabe o que estão prometendo.

Eu balancei minha cabeça. — Ele é um bom garoto, quer o que é certo. Quer

alguém para cuidar dele, e é isso que fazemos. Não nos importamos apenas com nós mesmos. Eu acredito que vai dar certo.

— Estou feliz. — ele se virou para o computador. — Tudo certo. Vamos trabalhar para nos atualizarmos. Vá se instalar, responda seus e-mails e volte. Vamos almoçar aqui e podemos nos atualizar juntos.

— Soa ótimo. — entrei no meu escritório e sentei-me, ligando o computador para começar o dia. E que dia longo, foi.

Os e-mails eram muitos. As ligações não paravam. Jack e eu passamos cada minuto em que podíamos para discutir tudo o que eu tinha feito e tudo o que ele tinha feito, obtendo todos os dados para garantir que não deixássemos nenhuma ponta solta. Pharaoh estava programado para entrar em uma instalação de reabilitação de luxo em dois dias, e só tínhamos dois patrocinadores em cima do muro para ficar com ele, com os quais organizamos almoços no final da semana.

Acabamos jantando no escritório de Jack também, e eu não tive tempo de verificar meu telefone, mas pensei em Cam o dia todo. O metal frio contra o meu dedo mindinho era uma lembrança dela, a estranha novidade de ter o anel no dedo, exatamente como a estranha novidade do nosso relacionamento, algo que eu sabia que com o tempo não pensaria estranhamente, a menos que acabasse.

Era um conforto, e vou admitir que não queria me acostumar com a sensação. Eu esperava que sempre parecesse tão novo assim.

Quando estávamos prontos para terminar a noite, passava das nove e eu estava tão ansioso para chegar em casa que mal conseguia suportar. Quando finalmente chequei meu telefone, havia algumas mensagens logo após o meio dia: *Kyle: Ei, cara. Desculpe por ontem. Vamos tomar uma bebida em breve. Diga quando.*

Cam: Espero que sua segunda-feira seja menos ruim que a minha! Mal posso esperar para te ver hoje à noite.

Eu sorri e mandei uma mensagem de volta para ela. *Foi uma merda, mas estou a caminho de casa agora.*

E com isso, coloquei meu telefone no bolso e saí o mais rápido que pude.

CALÇAS LOUCAS

Cam

OLHEI POR CIMA DO MEU OMBRO para verificar a geladeira, contemplando seu conteúdo pela centésima vez naquela noite.

Poderia muito bem ter uma bomba nela.

Meu telefone estava na prateleira entre o leite e o *kimchi*, onde estava desde que eu entrei pela porta. Foi para a segurança do meu relacionamento que o coloquei lá, um lugar onde estaria a salvo de meus dedos, que agora coçavam para checar mensagens ou disparar um texto estranho.

Eu gostaria de lhe dizer que não sou tão neurótica o tempo todo, mas seria uma mentira. Estive pensando em Tyler o dia todo, mas nunca tive notícias dele. Enviei uma mensagem e ele não respondeu, e meu cérebro não conseguiu ficar bem.

Agora, não me olhe assim, eu sabia que ele tinha um dia maluco pela frente, mas como eu disse a Tyler, eu tinha uma imaginação super-ativa e entre isso e minha ansiedade sobre o que estava acontecendo entre nós, eu estava basicamente em um naufrágio.

Meus pensamentos ao longo do dia foram algo assim: *Mal posso esperar para falar com ele.*

Tenho certeza que ele está super ocupado.

Ele mandará uma mensagem a qualquer momento agora.

Ele provavelmente está morto.

Não, ele definitivamente está no escritório de Adrienne, transando com ela em sua mesa gigantesca.

Pare de ser louca.

Aposto que ele está pensando em você do mesmo jeito que você esteve pensando nele.

Talvez ele tenha sofrido um acidente e desenvolveu amnésia e nunca mais se

lembrará de ter beijado você.

Então eu coloquei meu telefone na geladeira.

Isso realmente não ajudou. Nem meu livro, que estava no meu colo, sendo ignorado.

Eu gostaria de dizer que não fazia ideia do porquê eu estava tão perturbada com Tyler, mas seria uma mentira. Não era como se eu nunca tivesse tido namorados antes, mas geralmente só namorava meus iguais. Especialmente depois de Will. Mas eu disse a mim mesma novamente que Tyler era diferente e, por regra, eu deveria deixá-lo entrar. Confiei nele, realmente o fiz. Mas anos trabalhando contra o que eu estava fazendo não estavam me favorecendo.

A balança não parecia tão uniforme quando se tratava de Tyler, e a ansiedade que eu sentia com Will era tão nova e delicada quanto naquele dia todos aqueles anos atrás. Porque eu não sabia se poderia lidar com Tyler me deixando com tanta graça quanto eu tive com Will.

Eu sorri ironicamente para mim mesma, eu sempre me orgulhei de ser uma namorada fria, nunca carente de meu homem, não me importando se o cara com quem eu estava namorando tinha planos, mas aqui eu me encontrava, tendo que esconder meu telefone para não observar obsessivamente ou pior: enviar-lhe uma mensagem idiota.

Suspirei e afundei no sofá, mexendo na pulseira de Tyler, desejando ter alguém para me convencer. Minha melhor amiga era Jan e eu não a via desde o Natal. Hoje em dia, ela estava tão ocupada com dois bebês com menos de três anos que ficava ocupada o dia todo e já estava desmaiada às nove todas as noites.

Eu simplesmente não queria incomodá-la porque sabia que ela estava com as mãos cheias.

Minha amiga mais próxima era a Rose, e embora eu soubesse que ela me contaria de bom grado para parar de ser ridícula, ela já tinha feito isso a maior parte do dia. Tudo começou bem, honestamente, mas quanto mais eu ficava sem ouvir de Tyler, mais alta a voz em minha cabeça ficava, a tal ponto que eu tinha certeza de que ele iria entrar pela porta e me dar um fora.

Um calafrio percorreu minhas costas com o pensamento.

Respirei fundo e fechei meu livro com um estalo. Havia apenas uma coisa a ser feita.

Entrei na cozinha, abri o armário embaixo da pia, peguei o limpador multiuso e fui para o banheiro.

Quando o espelho estava impecável, a pia limpíssima, o chão ao redor do vaso limpo e a banheira agradável e brilhante, eu me senti um pouco melhor. Aproveitei a oportunidade para tomar um banho na banheira recém limpa,

suspirando sob a água quente do vapor, deixando enxaguar a minha preocupação. Ou pelo menos transbordar um pouco.

Eu me sentiria melhor quando ele estivesse em casa. Mas eu também tive que encontrar uma maneira de me impedir de me preocupar. Eu sempre tive ansiedade, não o suficiente para decidir medicar, mas o suficiente para que, em certas situações, como a que eu estava, meus pensamentos fugissem, me arrastando para trás deles até me perder. Na maioria das vezes, eu conseguia sair da lógica. E não era de todo ruim – essa mesma ansiedade me fez uma boa trabalhadora.

Mas em um relacionamento? Eu o assustaria se não tivesse cuidado. Ele tinha sido tão bom em me acalamar até agora, mas todo mundo tinha um limite.

Eu tinha que parar. E para parar com tudo isso, eu tinha que ter fé.

Colocando de um jeito tão simples, parecia fácil. Mas se meu comportamento nos últimos dias era alguma indicação, eu tinha um longo caminho a percorrer para chegar lá.

Meu banho terminou com uma toalha macia contra a minha pele.

Óculos no rosto e uma vez que meu cabelo e meu corpo estavam secos, eu abri a porta, me enrolando na toalha, pensando no meu telefone na geladeira.

Quando olhei para cima, Tyler estava na minha frente. Levei um milissegundo para perceber que era ele e não um estuprador, e nesse milissegundo pulei cerca de dez centímetros e gritei em torno de cem decibéis. Minha mão estremeceu – a mesma mão segurando a ponta da toalha, que caiu em uma pilha aos meus pés.

Eu congelei.

Ele congelou.

E então eu entrei em ação, curvando-me para pegá-la de volta e apertá-la ao meu redor novamente, o rosto fumegando em vermelho.

Quando olhei de volta, ele estava sorrindo – alto e sorrindo para mim com fogo nos olhos.

— Lar doce lar.

Eu ri e escondi meu rosto na minha mão livre. — Ai, meu Deus.

Ele me puxou para um abraço, com cuidado para não derrubar minha toalha ou tocar qualquer pele nua que seria considerada fora dos limites. — Você pode me receber assim todos os dias quando eu voltar para casa?

— Eu quero morrer. — eu murmurei em seu peito.

— Por quê? Esse foi, sinceramente, o ponto mais alto do meu dia.

Eu ri novamente, me sentindo ridícula. — Deixa eu ir vestir uma roupa.

Ele beijou o topo da minha cabeça.

— Não muitas. — ele sussurrou enquanto se afastava, piscando para mim

antes de entrar em seu quarto.

Eu me senti tonta e um pouco agitada enquanto me vestia no quarto escuro, ouvindo-o se mover pelo apartamento e entrar na cozinha. Eu tinha acabado de vestir meu short quando ouvi seus passos no corredor.

Quando me virei, ele estava encostado no batente da porta de pijama, segurando meu telefone, com uma expressão divertida. — Eu encontrei isso na geladeira.

Eu sorri timidamente. — Esquisito.

— Gostaria de dizer o porquê? — ele perguntou com um sorriso.

Fui até ele e estendi a mão. — Não.

Ele segurou o celular acima de sua cabeça. — Ah, ah, ah.

Eu pulei, e ele o segurou fora do meu alcance.

Pendurei minhas mãos nos quadris e olhei para ele. — Não é justo.

— Por que seu telefone estava na geladeira, Cam? — ele se inclinou, estendendo a mão livre para envolver o braço em volta da minha cintura, me puxando para ele. Quando ele se levantou, me trouxe com ele. — Vamos. Me conta.

— Não. É embaraçoso.

Enfiei meus braços em volta do pescoço dele para tornar um pouco mais fácil para ele.

— Mais embaraçoso do que gritar como se estivesse em um filme de terror e acabando acidentalmente nua no corredor?

Minhas bochechas coraram. — Sim.

Ele me beijou e eu derreti nele. Quando ele se separou, ele aninhou no meu ouvido. — Por favor, diz.

— É idiota. — eu murmurei.

Ele se afastou para olhar para mim e sorriu. — Tenho certeza que não é. O que está acontecendo? Eu prometo, não vou achar idiota.

— Eu não sei, Tyler. — eu disse, e então tudo saiu da minha boca como vômito verbal. — Eu só... eu não tive notícias suas o dia todo, o que não é grande coisa, não me interprete mal. Não é sua culpa, eu sabia que você estava ocupado. — eu divaguei. — Mas eu continuei pensando em você e se perguntando se você estava bem, se *nós* estávamos bem, e eu estava perdendo minha cabeça, aí eu coloquei meu telefone na geladeira, então ia parar de verificar, ok?

Respirei fundo.

O sorriso dele caiu. — Desculpa, Cam. Estávamos tão ocupados...

— Não não. Não peça desculpas, sério. É a minha ansiedade, você não fez nada de errado. Só não quero que você pense que sou louca.

— Bem, você colocou seu telefone na geladeira. — ele brincou.

Eu tentei sorrir.

Ele me beijou novamente e me levou para trás em direção à cama, me deitando. — Diga o que eu tenho que fazer, Cam. — ele se arrastou para a cama, pairando sobre mim, seus olhos escuros e suplicantes. — Diga o que eu preciso dizer. — ele sussurrou.

Eu segurei sua mandíbula. — Nada. — eu disse suavemente. — Você já me deu muito.

Ele se inclinou para pressionar seus lábios nos meus e me beijou com vontade, propriedade e doce comando. Minhas mãos se moveram pelas suas costas até a barra da camisa e mais para baixo.

Sua pele era quente e macia, e eu a imaginei contra a minha.

O pensamento enviou uma onda de necessidade através de mim.

O beijo se aprofundou, bocas mais abertas, a respiração pesada, mais intensa do que antes, febril e sincera. Seus quadris pressionaram contra os meus, o comprimento dele duro contra o meu, e eu gemi, me apertando nele.

Ele se afastou, beijando minha mandíbula quando minha cabeça caiu para trás, sua mão espalhada no meu pescoço. — Cam, — ele sussurrou, um apelo e um aviso.

Mas eu não queria mais esperar. Queria que ele soubesse que tinha feito tudo certo.

Abaixei-me para pegar sua camisa e puxei, ele se afastou, ajoelhando-se entre as minhas pernas para tirá-la. Fiquei hipnotizada pelo alongamento de seu corpo, pelos músculos de seu peito enquanto ele os esticava, mas antes que ele se abaixasse para me beijar novamente, estendi a mão pela minha barriga para encontrar a barra da minha própria camisa, encontrando seus olhos antes de puxá-la sobre minha cabeça, me deixando em nada além do meu short de dormir.

Eu não acho que ele estava respirando – eu tenho certeza que não estava – enquanto seus olhos se moviam pelo meu corpo sem um toque de pressão, apenas apreciação e cuidado. Ele deitou seu corpo no meu – a sensação de pele contra a pele, tudo o que eu pensava que seria – apoiando-se em seus antebraços, me prendendo entre eles. Suas mãos estavam no meu cabelo, seus olhos procurando os meus. E aí ele me beijou.

Tudo era diferente do que tinha sido antes – nossas mãos, nossos lábios, nossas respirações – os beijos complacentes que trocamos, substituídos por fogo e necessidade. Ele me beijou com devoção e amor. E quando ele se afastou e olhou nos meus olhos, eu me senti perdida.

Ele se moveu pelo meu corpo, beijando do meu pescoço até a clavícula, colocando seu peito entre as minhas pernas. Ele assistiu suas mãos acariciarem a

pele entre os meus seios, arrastando as pontas dos dedos ao longo da curva, deixando uma onda de arrepios em seu rastro. Minha mão deslizou em seus cabelos, meu coração doía com a adoração dele segurando meu seio, suas pálpebras fechando, a visão dele fechando os lábios sobre o meu mamilo.

Suspirei, meus dedos se apertando ao mesmo tempo em que seu dentes, sua língua movendo em um círculo, puxando para sugar.

Minhas próprias pálpebras se fecharam, o sentimento tão divino que eu não pude lutar ao cair nele.

— Tyler, — eu sussurrei.

Ele parou, mas não voltou para beijar meus lábios. Ele se moveu mais para baixo no meu corpo.

Sua língua desceu pelo meu estômago, parando quando seus lábios se fechavam em um beijo, apenas para começar o caminho novamente. Mais baixo, ele foi até que seu corpo comprido estava fora do colchão, e ele se ajoelhou, agarrando-me pelos quadris para me arrastar até o final da cama.

Eu não pude respirar, meu coração batendo forte no peito e ouvidos enquanto ele olhava para meu corpo como se pudesse me devorar. E então eu percebi que era exatamente isso que ele planejava fazer.

Seus dedos prenderam na faixa do meu short e o puxaram para baixo. E com esse movimento, eu estava completamente nua na frente do cara dos meus sonhos.

Ele não esperou, apenas se inclinou para beijar minha perna enquanto a movia para prendê-la em seu ombro, depois a outra enquanto sua língua circulava minha pele, alto o suficiente para que meus nervos formigassem ao menor contato. Cada respiração enviava choques através de mim, a antecipação aumentando até que ele alcançou o topo da minha coxa.

Respirei fundo e segurei durante o longo segundo que ele esperou, e quando ele fechou os lábios sobre no meu ponto sensível, a respiração escapou de mim em um suspiro que me deixou ansiosa.

Sua língua se moveu contra mim, traçando formas desconhecidas antes que ele chupasse suavemente, depois recomeçasse repetidamente, o ritmo forte e constante. Eu rebolei contra ele, ofegando quando ele deslizou um dedo em mim, depois outro, curvando-se para buscar o ponto sensível dentro.

Sua mão livre enrolou em meu quadril, subiu minhas costelas, até meu peito, seus dedos capturando meu mamilo enquanto ele flexionava a palma da mão. Minhas costas arquearam para fora da cama, e ele se moveu mais rápido, mantendo o ritmo dos meus quadris, meu coração estava frenético enquanto eu me aproximava mais do orgasmo. Mas ele não cedeu, apenas me estimulou, e quando eu finalmente abri meus olhos e vi seu rosto, de olhos fechados,

enterrado entre as minhas pernas, foi demais. Eu gritei quando meu corpo flexionou, a cabeça caindo para trás e eu vim pela graça de seus lábios e dedos.

Afundei de volta na cama, os lábios abertos, os olhos ainda fechados enquanto minha cabeça pendia para o lado, o peito arfando enquanto ouvia meu coração batendo. Sua boca diminuiu para um movimento suave, e quando ele se afastou, ele tomou um longo momento para beijar meu corpo, finalmente se instalando ao meu lado. Eu me virei para encará-lo, deslizando minha perna entre as dele quando ele passou os braços em volta de mim. Abri minhas pálpebras pesadas para olhar para ele, e ele moveu meu cabelo úmido para trás, os olhos varrendo meu rosto como se ele estivesse tentando me memorizar.

Eu sorri.

Ele me beijou.

Eu poderia ter morrido feliz.

Eu me inclinei para ele, aprofundando o beijo, pronta para retribuir, mas ele se afastou, colocando a mão na minha, onde descansava em sua bochecha.

— Não precisa, Cam.

Tirei meus óculos e sorri. — De jeito nenhum você está me dando um oral cinco estrelas e não recebendo algo em troca.

Ele sorriu. — Estou feliz por não ser três estrelas. Não conseguiria viver comigo mesmo.

— Não, isso foi um jantar requintado de cinco estrelas, senhor.

Uma risada saiu dele, e eu aproximei meus quadris, fechando o espaço entre nós para beijá-lo, e eu o senti ceder, relaxando de volta na cama enquanto me movia para inclinar-me sobre ele.

Sua mão estava no meu cabelo, a minha em seu peito nu, meus seios pressionados contra ele, nossas pernas entrelaçadas por um longo momento antes de eu descer pelo seu corpo.

Ele assistiu enquanto eu descia entre as pernas dele, curvando-me para acomodar-me entre as coxas, olhando para o longo torso enquanto olhava para mim. Meus olhos se fecharam e eu beijei a pele macia acima do elástico de sua calça. Ele não estava usando cueca – eu podia senti-lo, duro como pedra sob o tecido – e enquanto lambia e beijava gentilmente, prendi meus dedos na barra e puxei até que ele estivesse livre.

Então, tentei não surtar.

Ele era maior – *muito* maior – do que eu tinha antecipado... mesmo sentindo-o contra mim não lhe fez justiça, e rezei aos deuses do reflexo de vômito para que eu não vomitasse acidentalmente.

Porque aí eu poderia realmente morrer de vergonha.

Molhei meus lábios e engoli em seco. E então eu abaixei minha cabeça, as

mãos segurando sua cintura enquanto eu passava a língua sobre sua longa base.

Ele soltou um suspiro profundo, e meus nervos se dissiparam.

Me levantei o suficiente para chegar à cabeça e passei um momento circulando-a antes de fechar meus lábios sobre a pele macia, chupando gentilmente.

Desta vez, ele respirou fundo com um assobio.

Eu o soltei, passando a ponta do meu nariz pelo seu eixo, lambendo uma linha de volta, sugando suavemente quando cheguei na ponta. E quando beijei sua cabeça novamente, suguei o mais longe que pude, fechando o punho em sua base.

Uma das mãos dele encontrou meu cabelo, a outra apertando minha mão na cama ao lado de sua cintura, e eu parei, respirando pelo nariz antes de cair novamente.

— Puta merda, Cam. — ele respirou.

Caí de novo e de novo, girando na ponta quando a alcancei, caindo cada vez mais fundo enquanto minha garganta relaxava. Seu corpo flexionou debaixo de mim, sua respiração pesada, e eu caí mais fundo ainda, tão fundo que meus olhos lacrimejaram. Mas ele estava perto, então eu fui, arqueando minhas costas, cantarolando baixinho até que ele apertou mais meu cabelo e minha mão. Eu sabia que era um aviso, mas continuei até que a cabeça dele voltou para a cama, a boca aberta quando ele gozou fundo.

O poder que senti naquele momento era indescritível.

Eu diminuí a velocidade, finalmente o deixando ir, e no momento em que o fiz, ele pegou meus braços, me puxando para encontrá-lo para um beijo. Foi um beijo longo e satisfeito de agradecimento, e ficamos ali juntos por um longo tempo.

Quando me afastei, apoiei minha cabeça na minha mão e sorri para ele. — Eu fiz mesmo isso.

Ele riu e pegou meu cabelo, empurrando-o por cima do meu ombro, seus dedos permanecendo lá. — Sim, você fez. Eu não tinha dúvidas.

— Sério? Porque eu tinha.

— Eu vi o olhar de medo em seu rosto e quase parei você.

— Estou feliz que não parou. — eu disse.

Ele enfiou a mão no meu cabelo e riu. — Eu também.

Inclinei-me para beijá-lo. — Você vai dormir comigo de novo?

Ele sorriu. — Sim. Mas preciso que você vista as roupas. Acho que não aguentaria você nua a noite toda perto de mim.

Eu levantei uma sobrancelha. — Ah, então isso não foi suficiente?

— Ah, foi o suficiente. Mas não posso garantir que não vou te acordar no

meio da noite, e tenho algo melhor em mente para nossa primeira vez.

Eu ri, corando. — Eu não tenho como discutir com isso.

Seus dedos ainda estavam no meu cabelo,alisando-os. — Eu realmente sinto muito por ter feito você se preocupar.

— Você não fez. — eu disse suavemente. — Eu que fiz. Você fez tudo certo, Tyler.

— Você também.

— Eu vou me acalmar, eu acho.

— Mas não muito.

Eu ri. — Obviamente. Você não me conhece?

Ele riu.

— Oh!— eu me animei. — Todo mundo do Wasted Words vai jogar boliche amanhã à noite, quer ir comigo?

— Claro, mas já vou te avisando, eu sou um péssimo jogador.

— De jeito nenhum.

— É verdade. Você vai ver. E enquanto estamos falando em convites, eu estava pensando...

Ele fez uma pausa e minha testa caiu.

— Sobre o que?

Ele parecia inseguro de si mesmo, o que me deixou nervosa. — Eu estava esperando para perguntar, eu não tinha certeza se você estaria interessada em ir, então eu só queria *nos* dar um minuto antes.

— Me perguntar o que, Tyler?

— Eu tenho um jantar de caridade para ir na quinta à noite. Inicialmente eu estava indo sozinho, mas agora... bem, eu esperava que você fosse meu encontro.

Excitação, nervos e alívio rolaram através de mim. — Formal?

— Coquetel.

— Eu... eu não tenho nada para vestir.

Ele parecia triste. — Sim. Está tudo bem, você não precisa ir.

Eu não aguentava desapontá-lo e sorri, mesmo com a perspectiva de ir às compras. — Eu adoraria ir com você.

Seu rosto se iluminou e eu me senti um milhão de vezes melhor e pior. — Obrigado. Eu odiaria ir sem você, honestamente.

Beijei seus lábios, acalmando meus nervos, empurrando meu passado para debaixo do tapete, sorrindo enquanto dizia: — Então eu estarei lá.

MAL FEITO

Tyler

A NOITE FOI LENTA E fácil, passei deitado com Cam em meus braços, conversando um pouco antes de dormirmos, e no dia seguinte foi como qualquer outro, exceto que eu estava contente, satisfeito com a vida, corpo e alma, todos juntos, tudo ao mesmo tempo.

Eu entrei pela porta do nosso apartamento tranquilo, sabendo que Cam ainda estava no trabalho, desejando que ela estivesse em casa mesmo assim. Eu tinha algumas horas antes de encontrá-la para jogar boliche com todos, e uma pequena parte de mim não tinha certeza do que fazer comigo mesmo.

Fiz o meu caminho para o meu quarto e coloquei minha bolsa na cama, percebendo que não dormia lá há dias. Na verdade, eu mal entrava no meu quarto, apenas para me trocar, realmente. E foi tudo o que fiz até então, trocando minhas calças e blusa social por jeans e uma camiseta, que era tudo que eu precisava fazer para me preparar para ir.

Abandonei meu quarto novamente para o sofá, pegando *O Hobbit* de onde estava na mesa de café, esticando minhas pernas antes de abri-lo.

Era incrível – Cam estava certa. Quero dizer, Cam estar certa não era incrível – ela estava sempre certa. Mas ela estava certa em encontrar um livro que falasse comigo. Era uma mágica estranha estar encantada com as palavras, e eu me vi devorando o livro, marcando páginas que continham passagens que significavam algo para mim, assim como ela. Eu descobri que muitos que ela destacou falavam comigo também, e quase parecia que eu estava lendo com ela.

Meus olhos encontraram uma citação na página em que eu deixei, destacada por Cam em amarelo: *não há nada como procurar, se você quiser encontrar alguma coisa. Você certamente costuma encontrar algo, se olhar, mas nem sempre é o que procurava.*

Eu sorri para mim mesmo. Podia muito bem ter sido uma citação para definir

nosso relacionamento. Não achei estranho que o primeiro caso de amor dela com um livro fosse o mesmo que o meu – éramos muito mais parecidos do que acho que qualquer um de nós percebia.

Minutos depois de pegá-lo, eu estava imerso na história mais uma vez. Meu telefone tocou, quebrando minha atenção, e fiquei surpreso ao ver que estava quase na hora de sair.

Um texto de Martin esperava na minha tela de bloqueio.

Você quer jantar esta noite?

Eu disparei uma mensagem em troca. *Vou ao boliche com Cam e seus amigos de trabalho, se você quiser, pode vir conosco.*

Bayleigh estará lá?

Eu sorri.

Com certeza.

Estou dentro.

Enviei a ele os detalhes de quando e onde, enquanto tentava descobrir como eu explicaria o fato dele aparecer para Cam. Eu tinha quase certeza de que ela não acharia divertido. Eu, por outro lado, pensei que era uma oportunidade de ouro.

Eu tinha visto Bayleigh e Greg juntos na noite de solteiros, e ele não parecia gostar dela. Ele não parecia *não* gostar dela, mas ele estava tão interessado nela quanto ele estava por qualquer pessoa lá.

Mas assistir ela e Martin juntos era uma história diferente. Eu tinha certeza de que Martin gostava dela, e se não fosse por Cam ter interferido, ele provavelmente teria convidado Bayleigh a sair. E se eu tivesse que apostar, eu apostaria que ela teria dito que sim.

Cam ficaria bem – ela era adulta, e Bayleigh e Martin também.

Era apenas um monte de amigos se juntando para jogar boliche, ninguém estava ficando noivo, embora eu não quisesse dizer a ela que Martin estaria lá.

Fechei o livro com um suspiro e me levantei, calçando as botas, pensando no fato de que eu estava a poucos minutos de encontrar Cam, que era o segundo que eu estava esperando o dia todo.

Cam

Eu andei pelo bar pela última vez naquela noite, enquanto Beau contava sua gaveta atrás de mim. Toda a equipe apareceu no Wasted Words para tomar um drinque antes de caminharmos para a pista de boliche, e eu olhei em volta feliz

para todos que estavam por perto.

Rose sentou-se no final do bar, tomando um drinque com Patrick, seu namorado, os joelhos entre as coxas dele enquanto sorriam um para o outro. Greg e Harrison ficaram parados em um grupo de sofás, rindo, e quando eu me virei, Bayleigh estava caminhando em minha direção com os braços cheios de garrafas de bebidas.

— Aqui, deixa eu te ajudar. — eu disse, tomando parte das cervejas..

— Obrigada. — disse ela com gratidão.

Eu balancei a cabeça em direção a Greg. — Ele veio.

Ela sorriu, suas bochechas coradas, cabelos loiros brilhando. — Eu sei. Ele me disse outro dia que estava planejando.

— Oh?— Uma sobrancelha se levantou quando eu os imaginei caminhando para casa juntos, de mãos dadas. — Vocês estão saindo?

Ela colocou uma garrafa de tequila na prateleira. — Apenas no trabalho. Já estamos muito agendados juntos.

Ela me deu um olhar de soslaio.

— Estranho. — brinquei.

Ela riu, arrumando as garrafas. — Ele é... — ela suspirou.

— Sim. Tenho certeza de que é um excelente adjetivo. — suspirei em eco. — Eu tenho esse sentimento sobre Tyler sempre que ele está por perto.

Ela sorriu. — Mal posso esperar para ver vocês dois juntos.

Tipo juntos, *juntos*. É estranho estar com ele?

— Mais ou menos. — eu disse com um encolher de ombros. — Na maior parte do tempo, eu estou morrendo de medo.

Ele franziu a testa. — Medo? Por quê?

— Porque, quer dizer, você o viu? Estou *muito* fora da minha estante.

Ela assentiu e pousou uma garrafa de rum, ajustando-a para que o rótulo saísse. — Sim. Eu sinto o mesmo por Greg.

Eu fiz uma careta. — Não seja louca. Vocês são ótimos juntos.

Ela suspirou novamente, embora desta vez o som fosse pesado.

— Eu não sei, Cam. Quero dizer, ainda não tenho certeza se ele quer mesmo isso.

— Eu o vi muito ultimamente. Quer dizer, ele te levou para casa na outra noite...

Ela se animou. — E ontem à noite também.

Eu balancei a cabeça em concordância. — E ontem à noite também. Além disso, quando é que eu estou errada?

Ela ainda parecia cética.

Eu a virei para encarar o bar e nos inclinamos contra o balcão.

— Olha, caso em questão. Está vendo aquele casal ali? — eu balancei a cabeça em direção ao Batman e à Leitora, que estavam sentados um ao lado do outro, sorrindo.

— O cara magro e a garota de óculos?

— Sim. Eles vieram aqui na semana passada e sabe como eu os reuni?

— Como?

Eu sorri orgulhosamente. — Um livro. Isso foi o suficiente. Às vezes, as pessoas só precisam de um terreno comum e um pequeno empurrão. Eu sou o pequeno empurrão.

— Bem, você é muito baixa. — ela brincou.

— Ha, ha. Mas, sério. Olhe para eles. — nós olhamos., ela estava lendo *Inuyasha* e o nariz dele estava em *Outlander.* Eles paravam ocasionalmente para compartilhar um olhar, sorrindo.

— Eles são tão fofos. Bom trabalho, Cam.

Dei de ombros. — É o que eu faço. E quando eu estive errada?

— Nunca, tanto quanto eu posso dizer.

Eu sorri e passei um braço em volta do ombro dela. — Então, confie em mim. Eu te dou cobertura.

Ela sorriu de volta, parecendo estar apaziguada. — Tudo bem.

— Então você perguntou a ele sobre ensiná-la a andar de skate?

Bayleigh sacudiu a cabeça. — Talvez esta noite, se estivermos no mesmo time.

— Bem, precisamos apenas garantir que vocês estejam definitivamente no mesmo time.

Ela riu e nós empurramos o balcão. Eu fiz o meu caminho até a caixa registradora onde Beau estava, alto, loiro e bonito.

— Você dá conta da loja hoje a noite? — Perguntei.

Ele sorriu. — Sim, mas eu tenho você na discagem rápida, apenas por precaução.

— Sério, me ligue se ficar cheio e eu mandarei reforços. Você ficou chateado por perder o boliche?

— Nem um pouco. Da última vez que joguei, fui expulso por jogar duas bolas na pista de uma vez.

— Por que você faria isso? — eu perguntei com uma risada.

Ele bufou. — A questão é por que eu *não* faria isso.

Balancei minha cabeça e saí de trás do bar. — Fica bem, Beau.

— Não se eu puder evitar, mas vou deixar o bar inteiro.

— Valeu. — olhei para a porta como se soubesse que Tyler estaria lá. Ele entrou sorrindo tão lindamente, e meu coração deu um pequeno pulo, porque

esse sorriso estava apontado diretamente para mim.

Fiz o que pude para não me jogar em seus braços, tentando manter tudo calmo com absolutamente zero sorte.

— Hey, — disse ele quando me aproximei.

— Hey. — eu corei, sem fôlego enquanto envolvia meus braços em volta de sua cintura, e ele se inclinou. Fiquei na ponta dos pés para beijá-lo. — Eu estive esperando o dia todo por isso.

— Eu também. — ele disse antes de me beijar mais uma vez.

Eu sorri para ele, deslizando minha mão na dele e, quando me virei, literalmente todo mundo com quem trabalhava estava olhando para nós como se fôssemos uma caixa cheia de filhotinhos.

Revirei os olhos e ri. — O show acabou.

Eles gemeram e balançaram a cabeça, rindo.

Rose e Patrick se levantaram, e Rose inclinou o copo para trás para terminá-lo antes de se virar para mim. — Vocês estão prontos?

— Sim. — eu respondi, e ela sinalizou todos em direção à porta.

E com isso, estávamos a caminho.

Nós andamos pelos quarteirões até o bar em grupo, todos rindo e conversando, embora Tyler e eu estivéssemos em uma pequena bolha, de braços dados, à frente do resto deles um pouco. Eu senti sua falta o dia todo, e eu me senti contente apenas com o som de sua voz e o calor de seu corpo próximo ao meu.

— Estou feliz que seu dia tenha sido mais fácil. — eu disse depois que ele terminou.

— Eu também. Espero que as coisas acabem agora que Jack está de volta e o Pharaoh está em reabilitação.

— Não tenho nada a relatar do meu lado. Apenas um dia normal. Fiquei no térreo o dia todo, então foi bem fácil, apenas ajudar as pessoas a encontrar livros, na maioria das vezes. Estou feliz que acabou. — minha mão estava na dele, meu polegar se deslocando contra o meu anel em seu dedo mindinho. — O que você fez quando chegou em casa?

— Li. — ele começou a dizer algo mais, mas manteve para si mesmo.

— Isso é tudo? — eu provoquei.

Ele sorriu para mim, mas ele parecia culpado. — Eu acho que não é como se você não fosse descobrir em um minuto.

Minha sobrancelha caiu. — Descobrir o que?

— Eu convidei o Martin.

Agora eu estava franzindo a testa. — Você o quê?

Ele apertou minha mão. — Ele me convidou para jantar e eu o convidei para

vir conosco. Não achei que seria faria diferença.

A frustração aumentou, mas eu tentei explodir. — Quer dizer, não é. Tenho certeza de que Bayleigh e Greg serão pareados de qualquer maneira, espero que ele não tenha grandes idéias. Você não colocou grandes idéias na cabeça dele, colocou?

Ele abriu a boca em fingida surpresa. — Quem eu? Nunca.

Eu gemi. — Droga, Tyler.

Ele riu e me puxou para o lado dele. — Não coloquei, prometo.

Ele perguntou se ela estaria lá, no entanto.

— E você disse que não?

Ele me deu uma olhada e eu suspirei.

— Por que você tem que me sabotar assim, Knight?

— Olha, se o amor dela e Greg é inegável, então não tem nada demais, certo?

Meus olhos se estreitaram. — Exatamente. Só não quero que seu amigo se machuque, só isso.

O sorriso de Tyler caiu um pouco. — Eu não quero, também.

Cam, você precisa deixá-los em paz. Deixe que eles tomem suas próprias decisões.

— Mesmo que eles não saibam o que é melhor para eles? — argumentei.

A sobrancelha dele caiu. — Quem disse que você sabe melhor do que eles? É a vida deles.

Eu bufei. — É sempre mais fácil ver as coisas claramente de fora.

— Então você está me dizendo que sabe tanto, está *tão* certa, que eles não poderiam saber o que querem para si? Que sua opinião importa mais do que a deles?

A decepção acenou para ele, e ele soltou minha mão.

Sentimentos gelados rolaram através de mim antes que eu percebesse que chegamos à porta do bar. Ele abriu para mim, a mandíbula firme enquanto esperava que eu passasse.

— O quê? — perguntei, me sentindo culpada enquanto passava.

— O que você está fazendo não é certo ou justo, Cam.

— Só estou tentando ajudar. — as palavras continham um extremo desespero.

— Mas nem todo mundo precisa da sua ajuda. — disse ele com firmeza. — Nenhum deles pediu.

A anfitriã nos cumprimentou, encerrando a conversa por um momento, embora eu me sentisse envergonhada e na defensiva por sentir vergonha. Uma mão cruzou meu corpo para circundar meu outro pulso, girando seu bracelete

enquanto tentava arrumar meus pensamentos. Talvez ele estivesse certo. Talvez eu tenha entendido tudo errado desde o início. A desconfortável, desconhecida e mais odiada pontada de desgraça passou por mim.

Respirei fundo e segui o Tyler pelo bar, passando pelo restaurante em frente e o bar gigante no meio. Quatro pistas foram reservadas para nós, e eu encontrei determinação. Eu tentaria hoje à noite e depois deixaria para sempre.

Agarrei o braço de Greg, depois o de Bayleigh, e segui Tyler com meus olhos no prêmio, e Jukebox Hero tocando na minha cabeça.

Martin nos alcançou do nada, de gravata borboleta novamente e um moletom por cima, e ele parecia adorável, o que me irritou ainda mais. Bayleigh ficou mais reta quando o viu, empurrando os cabelos por cima do ombro quando uma pitada de cor tocou suas bochechas.

Ele e Tyler se cumprimentaram, e eu sorri de passagem enquanto arrastava os dois periquitos até a pista onde Patrick se inclinava sobre o consolador. Seus braços tatuados estavam apoiados na superfície enquanto ele e Rose tentavam descobrir como configurá-lo.

Em vez de assentos de plástico, havia bancos de couro e pequenas mesas para bebidas, e Bayleigh e eu nos sentamos. Greg deu uma rápida olhada ao redor, parecendo um pouco desconfortável quando seus olhos passaram por Patrick. Quando Tyler e Martin se aproximaram, Greg deu um sorriso e passou o polegar por cima do ombro.

— Eu vou para Harrison e Jett, então estamos quites.

Acho que não consegui esconder minha decepção. É claro que ele não gostaria de jogar com Patrick e Rose – Patrick foi provavelmente a única razão pela qual Greg e Rose não deram certo.

Bayleigh acenou, parecendo desapontada também, e Patrick deu um aceno de desculpas.

— Acho que somos apenas nós, então, — disse Tyler com um sorriso que eu ousaria chamar emocionado, aquele traidor. — Vamos lá, vamos pegar sapatos.

Eu me levantei e o segui novamente até a janela dos sapatos, onde um cara – que provavelmente tinha 25 anos e tinha o *mullet** mais épico que eu já vi – nos deu nossos sapatos. Tentei não ouvir Bayleigh e Martin conversando atrás de nós, porque cada palavra e cada risada azedavam meu humor ainda mais.

Quando voltamos, Patrick tinha conseguido mexer no console, e eu fiquei de pé em um banco no meio para chamar a atenção de todos.

— Tudo bem, pessoal. Escolham seus nomes sabiamente!

Estou dando todos os temas e o jogador com o nome mais criativo recebe uma bebida grátis de Rose.

Todo mundo aplaudiu, e Rose fez uma careta, o que não era inesperado, já

que eu não tinha dito a ela. Eu sorri docemente, e ela fez um movimento de cortar a garganta com a mão.

— Pista 5, mocinhos de romance. Pista 6, invente seus próprios super-heróis. — eles comemoraram. — Pista 7, vocês ficam com os vilões. — eles vaiaram. — E pista 8, crie seus próprios títulos de livros. — todos riram e eu sorri para eles. — Divirtam-se, pessoal!

Pulei do banco e voltei para o nosso grupo. Tyler, Patrick e Rose estavam conversando com cervejas em suas mãos, Rose dobrada debaixo do braço de Patrick. Bayleigh e Martin estavam vasculhando as prateleiras de bolas. E eu estava fazendo o meu melhor para não fazer uma careta.

Eu fiz o meu melhor para sorrir, desejando que Greg não tivesse ido até o outro extremo do grupo, literalmente o mais longe que ele pudesse chegar. Eu não o culpo, mesmo sabendo que ele realmente não tinha ressentimentos por Patrick e Rose. Não é como se eles realmente tivessem namorado – *saíram* algumas vezes e se beijaram um pouco, mas acho que era estranho que todos eles saíssem juntos assim, com Bayleigh ou não.

Fui até ela, ficando descaradamente entre ela e Martin. — Vamos pegar doze, dez e uns noves para as meninas.

— Eu uso nove. — disse Martin, empurrando os óculos pelo nariz.

Eu ri. — Aposto que sim, amigo. — as palavras deixaram minha boca um pouco mais afiadas do que eu pretendia, e eu respirei.

Bayleigh riu nervosamente e levou um dos nove para o grupo.

Martin e eu seguimos.

— Hey, — ele disse calmamente. — Sinto muito por atrapalhar sua festa assim. Tyler me convidou, mas eu não sabia que era apenas uma coisa de trabalho.

Dei de ombros, mantendo meus olhos à minha frente. — Tudo bem.

Ele me observou. — Você tem certeza? Eu meio que sinto que... eu não sei. Como se eu tivesse invadido, ou algo assim.

Eu sorri, embora estivesse apertado. — Tudo bem, mesmo.

Qualquer amigo do Tyler, entendeu?

Fui até as bolas e coloquei-as no chão, virando-me para Tyler, tentando não me sentir culpada pelo olhar no rosto de Martin que dizia que não acreditava em mim.

Rose me acenou para o console. — Vem, coloca seu nome.

Nós éramos a equipe de mocinhos de romance, e até agora nossos nomes eram: *Billionaire Bastard Alpha Hammerhead Manwhore Ladykiller Professor Broodydick Rocker Cock*. Eu ri. — Droga, estas são boas.

— Sim, bem, as bebidas são por minha conta, então... — Rose disse com um

encolher de ombros e tomou um gole de uísque.

— Hmm, — pensei, e então me animei enquanto digitava *Slutty Stepbrother.* — Pronto.

Rose riu e eu fiz uma reverência antes de voltar para Tyler, que estava sozinho perto da entrada da nossa pista.

Eu olhei para ele, ainda um pouco magoada com sua decepção, mas não queria falar sobre isso. Então eu não fiz, apenas deslizei meus braços em volta da cintura dele. Ele descansou o braço no meu ombro e apertou, e eu sabia, com aquele simples gesto, que ele não estava bravo, estando de acordo ou não. Meu olhar encontrou Bayleigh novamente, que se inclinou para Martin, sorrindo, e eu não pude evitar a sensação de que a noite inteira seria um desastre. Todo o trabalho que eu colocara em Bayleigh e Greg, semanas de conspiração, tudo para ser desfeito por um contador magro de gravata borboleta.

Era como se o universo estivesse zombando de mim.

— Qual nome você escolheu? — perguntei a Tyler, quebrando o silêncio.

— Manwhore Ladykiller.

Eu ri. — Eu deveria ter adivinhado. Esse é o meu favorito.

— Slutty Stepbrother? Isso é realmente uma coisa no romance?

— Você não tem idéia. — eu disse com um sorriso.

Ele alcançou a borda de bebidas e agarrou o gargalo de uma garrafa. — Eu comprei uma cerveja para você.

Eu aceitei com gratidão. — Obrigada.

— Você está bem?

Fiz que sim com a cabeça e tomei um gole, observando Bayleigh se alinhar, tentando não notar que Martin a observava também, parecendo ter encontrado o pote de ouro no fim de um arco-íris. Ela deu seus passos, balançando a bola para trás e soltando – ela rolou pela pista a uma velocidade sólida e matou seis pinos. Ela se virou e pulou para cima e para baixo, rindo direto para Martin.

Suspirei.

— Tem certeza? — Ele perguntou.

Respirei fundo e olhei para ele, sorrindo. — Tenho certeza. O que será, será, certo?

Ele se inclinou para beijar meu cabelo. — Está certo. Agora você acordou, Slutty Stepbrother.

Eu ri. — Prepare-se para provar minha dor, Ladykiller. — pousei minha cerveja e fui em direção às bolas, pegando uma de nove libras que parecia uma galáxia – era um azul profundo, rodado de brilhos como estrelas.

Bayleigh passou por mim e bateu seu quadril no meu com uma piscadela. Eu sorri para ela. Quero dizer, ela parecia estar se divertindo muito, e era disso que

se tratava, certo? Olhei através das pistas para encontrar Greg, que parecia não estar ciente de nós.

Tentei não parecer mal-humorada com isso.

Rose aplaudiu da cadeira no console. — Vamos lá, Cam!

Mostre-nos como lidar com as bolas!

Eu ri e alinhei. — Garota, você não tem idéia. — Meu sorriso caiu quando meu foco passou pelo pino central, e contei meus passos na minha cabeça, a mão balançando para trás e avançando, soltando a bola enquanto minha perna direita passava atrás da minha esquerda.

Foi um strike.

Eu me virei e dancei na plataforma, espanando meu ombro e dando uma volta no tempo para a música de Michael Jackson tocando enquanto todos aplaudiam. Rose pulou para fora da comida com as mãos no ar.

— Mentira! — ela chorou.

— Eu te disse. — eu disse com um encolher de ombros.

Tyler ainda estava rindo quando eu o alcancei. — Uau. Cheia de surpresas, não é?

Eu sorri e peguei minha cerveja, bebendo.

— Ninguém nunca vê você vindo, não é?

— Você viu?

Ele riu de novo, e o som fez meu coração palpitar quando ele se inclinou para me beijar novamente. E foi aí que eu decidi que realmente ficaria bem com a noite, não importa o que acontecesse.

Eu estava, cem por cento, *nada bem* com aquela noite.

Tudo começou inocentemente com Bayleigh e Martin, apenas os dois sentados um ao lado do outro e conversando entre si. Tyler, eu aprendi, é um jogador horrível, e a única maneira com a qual seu eu competitivo poderia lidar com isso era fazer da coisa toda uma piada.

Se você está se perguntando se é hilário ou ridículo assistir a um homem atlético de um metro e oitenta e seis, atirar uma bola de boliche de três quilos como uma vovó, a resposta é sim.

Também passei um pouco de tempo com Bayleigh e Rose, olhando Patrick enquanto ele jogava boliche. Ele talvez tivesse uma bunda perfeita e era coberto de tatuagens, do pescoço ao calcanhar.

Ele também tinha uma mandíbula perfeita, que estava concentrada enquanto jogava o que acabou sendo um jogo decente. Eu não conseguia nem me impressionar quando ele rolou uma bola de sarjeta, enquanto nós três meninas suspiramos como máquinas movidas a estrogênio.

Mas então Martin passou o braço em volta de Bayleigh. E então ela se inclinou para ele. E então ela pediu que ele soubesse como jogar, o que me irritou, não apenas porque ele estava atrás dela, peito contra costas, e os braços em sua volta enquanto lhe mostrava como mover as mãos e onde pesar, mas porque ele era um jogador terrível.

Eu tentei pensar em Tyler. Eu tentei deixar Bayleigh fazer o que quisesse – ela era uma mulher adulta, no final de tudo. Mas a coisa toda parecia um erro grave, como se o mundo saísse de órbita se os dois ficassem juntos. Eles pareciam todos errados juntos: a bonita Bayleigh com seu corpo minúsculo e longos cabelos loiros ao lado de um contador de cabelos bagunçados que provavelmente pesava menos do que ela. Ele mal conseguia manter as calças levantadas, pelo amor de Deus.

Então eu bebi. Então eu bebi um pouco mais, tudo na esperança de encontrar um ponto onde eu não desse a mínima. Mas, olhando para trás, eu deveria saber melhor do que isso – no segundo em que Martin apareceu, era uma causa perdida. Minha irritação aumentou a cada momento e, quando terminamos o quarto jogo, eu estava quase no fim do meu pavio.

Todos nós sentamos ao redor da pista, esperando que todos os outros terminassem, para que pudéssemos contar as pontuações e determinar nossos vencedores. Rose sentou-se no colo de Patrick no console, e Tyler e eu sentamos ao lado de Bayleigh e Martin nos bancos, ouvindo Martin falar sobre o horrível jogo de boliche de Tyler sobre o ocasional barulho de pinos ou aplausos de um jogador.

— Sério, lembra daquela vez em que jogamos no Fast Lanes, em Lincoln, com o time de futebol? — perguntou Martin.

Tyler começou a rir. — Ai, meu Deus.

O sorriso de Martin era brilhante. — Você estava jogando com aquela bola rosa de oito libras. Tipo, você poderia cobrir ela só com uma mão.

— Eu cobri. Eu atirei na pista.

Martin riu. – E aquela senhora te perseguiu pelo boliche tentando te pegar para te expulsar.

— Eu quase quebrei meu tornozelo saltando sobre uma bola para me afastar dela. Ela estava tão brava que estava me perseguindo com o spray desinfetante que eles usam nos sapatos.

— Ah, meu Deus. — eu disse, rindo.

— E então Kyle pegou o microfone e começou a cantar “Ice Ice Baby”, então ela começou a perseguir *ele*. — disse Martin.

— *Word to your motha’*. — cantaram em uníssono.

Tyler balançou a cabeça. — Ela não sabia para onde correr.

Depois disso fomos banidos por toda a vida.

Martin riu tanto que bufou. — Cara, eu quase esqueci quando ela voltou ao microfone, gritando para Earl voltar do seu intervalo e ajudá-la a pegar as crianças idiotas que estavam destruindo a lugar.

As risadas finalmente cessaram e Bayleigh suspirou, as bochechas coradas. Ela colocou o cabelo atrás da orelha e, quando abaixou a mão, repousou sobre a coxa de Martin. Ele sorriu para ela, chegando um pouco mais perto.

Nesse ponto, honestamente, eu não conseguia ver nada claramente. Tudo estava vermelho. O braço dele estava ao redor dela, e eles pareciam felizes, o que deveria ter me feito feliz, mas não encontrei alegria. Pensei nela e Greg no bar, pensei em como ele era um cara legal e como ele merecia alguém tão doce quanto Bayleigh.

Eles seriam bons um para o outro. Eu *sabia que* eles seriam, mas aqui estava ela com Martin, e o pobre Greg estava... Olhei em volta para encontrá-lo – ele estava perto dos caras e de duas garotas, incluindo Ruby. E ele parecia... bem, ele parecia bem, mas isso me irritou ainda mais.

Tyler havia convidado Martin, e Martin havia interferido no grande plano. O plano que acabaria por confirmar o fato de eu estar certa sobre Bayleigh e Greg o tempo todo. Mas Bayleigh era o Titanic e Martin era o iceberg. Procurei uma maneira de corrigir, mas não via caminho.

Então eu decidi fazer um.

Levantei-me e peguei a mão de Bayleigh, e todo mundo olhou para mim. Mas não havia tempo para sutileza. — Ei, vem caminhar comigo.

A confusão passou por seu rosto. — Onde? O que foi?

Tentei sorrir, mas tinha certeza de que era tudo dentes. — Só queria andar por aí. Talvez tomar uma bebida.

— Ah, bem, meu copo está cheio.

Todo mundo estava me observando silenciosamente, embora os pensamentos de Tyler gritassem para eu me sentar e deixar isso para lá. Eu o ignorei.

— Vamos lá, eu só não quero ir sozinha. Não me faça implorar.

As palavras eram mais nítidas do que eu quis dizer, e a testa de Martin caiu um pouco quando Bayleigh se aproximou dele.

— Eu não acho que ela queira ir. — disse Martin possessivamente.

— Bem, — eu bati, — eu não acho que você a conhece bem o suficiente para falar por ela, não é?

Seus olhos se estreitaram, embora eu tenha visto a dor neles. — Talvez não, mas eu acho que você talvez a conheça bem o suficiente para saber para não falar com ela assim.

Olhei em volta para todos os rostos deles, cheios de choque. — Jesus, eu só

queria que alguém bebesse comigo. Eu nem te conheço, Martin, mas você com certeza se misturou, não é ?

— Cam, — disse Tyler em aviso, movendo-se para pegar minha mão, mas eu o afastei.

— Esquece. — eu murmurei, furiosa quando peguei minha bolsa e meus sapatos de boliche. Soprei em direção à porta me sentindo estúpida e errada, quase jogando meus sapatos na janela para o pobre atendente antes de sair.

Atravessei a porta como uma tempestade furiosa, coração batendo forte, pensamentos voando. A noite estava fria e fresca, e o ar fresco atingiu meus pulmões – eu não tinha percebido o quão quente estava lá dentro. Mas isso fez pouco para limpar minha mente cheia. Eu mal tinha chegado à esquina antes de ouvir meu nome, uma sílaba raivosa e me fiz acelerar o ritmo.

Eu sabia que era Tyler, mas continuei, sem querer falar com ele, sem querer vê-lo desapontado e zangado. Não querendo admitir que eu estava errada.

Então eu andei o mais rápido que pude, enquanto as lágrimas ardiam nos cantos dos meus olhos. Infelizmente para mim, as pernas de Tyler eram duas vezes maiores que as minhas, e ele me alcançou facilmente, chamando meu nome o tempo todo.

— Cam, pare. — ele exigiu.

Percebi que não havia como evitá-lo, então me virei para encará-lo, pronta para descarregar, desencadear o furacão. O que eu não percebi foi que ele estava literalmente atrás de mim, e eu bati em seu peito com força suficiente para me forçar para trás e cair na minha bunda em uma confusão de braços e pernas, alguns meus, outros dele enquanto tentava me pegar.

Eu estava deitada, e olhei para a lateral do prédio e para um poste, sentindo o concreto frio debaixo de mim, cheia de sentimentos demais para me levantar. Eu apenas fiquei lá, respirando dolorosamente, nariz queimando, minha raiva diminuiu, deixando apenas humilhação e remorso. Tyler estava de joelhos, tendo caído na confusão. Ele riu, sua raiva se foi.

— Você está bem? — Ele perguntou.

Eu olhei para ele com o queixo travado e dei de ombros quando uma lágrima escorreu pelo canto do meu olho.

Seu sorriso caiu, e ele suspirou quando se deitou ao meu lado e pegou minha mão.

Respirei fundo e soltei o ar, sem querer falar, com medo de realmente começar a chorar sério. Mas eu me acalmei, analisando meus pensamentos, pensando apenas no que eu tinha feito e no quão errado eu estava.

— Você está decepcionado. — eu finalmente disse, calmamente.

— Estou. — ele respondeu, suas palavras tão suaves quanto as minhas.

— Eu te envergonhei.

— Me envergonhou.

— Eu me envergonhei.

— Sim.

Eu respirei, estremecendo. — Me desculpa.

Ele apertou minha mão e olhou para mim, mas eu não consegui encontrar seus olhos, apenas olhei para o poste. — Eu sei. Mas não sou eu quem você deveria se desculpar.

— Não, — eu disse simplesmente. — Eu acho que não.

Ficamos ali no chão sujo, e eu distraidamente me perguntei se os germes poderiam atravessar minha jaqueta militar e jeans, ou se havia alguma coisa como obter difteria através do contato com o asfalto de Nova York. Seu polegar se moveu contra o meu pulso, mexendo em seu bracelete.

— Eu sou uma idiota.

— Não sempre — eu podia ouvi-lo sorrindo, mas eu ainda não conseguia olhar para ele enquanto examinava meus sentimentos, querendo explicar.

— Eu só... isso me deixou tão brava. Quero dizer, ele acabou de chegar lá com seu eu nerd e pegou a garota sem nem tentar, e aqui estou passando o tempo todo tentando juntar ela com Greg, e para quê?

— Essa é realmente a questão, não é? Por que isso importa tanto para você?

— Porque... — eu lutei para encontrar uma resposta, mas não tinha uma, nem uma de verdade. — Porque acabou. Eu amo os dois e pensei que eles poderiam se amar, se tivessem a chance. Queria que eles fossem felizes.

— Então por que importa como eles chegam lá ou com quem estão?

— Não importa. Na verdade, não. — respirei fundo e disse baixinho: — Não gosto de estar errada.

Ele riu. — Não brinca?!

Apertei sua mão, incapaz de rir. — E se eu estiver errada sobre eles, talvez eu esteja errada sobre outras coisas. Talvez eu esteja errada sobre tudo. Sobre você e eu, sobre nós estarmos juntos. Não quero estar errada sobre isso, Tyler.

— Não há certo ou errado, lembra? Não quando se trata disso.

Lágrimas derramaram dos meus olhos, e a névoa apareceu nas bordas dos meus óculos. — Deus. — eu disse com um pequeno soluço. — Eu agi horrível com seu amigo.

— Sim. — a palavra era triste, carregada de decepção, a borda opaca, mas presente, no entanto. — Tudo o que ele fez foi aparecer, Cam. É isso aí. Você mostrou a ele o seu lado mais feio hoje à noite, fez com que ele se sentisse indesejado quando a sua aprovação significava tudo. Agora ele está magoado, Bayleigh está magoada e ninguém sabia o que dizer. A coisa toda foi mal feita,

Cam.

Realmente muito mal feita.

Eu funguei, tentando não soluçar audivelmente quando mais lágrimas caíram.

— Então, sim. Estou decepcionado e envergonhado. Você sabe, ele é uma das pessoas mais genuínas que conheço, além de você.

Eu pensei que você apreciaria isso nele, não o insultaria.

— Eu sinto muito. Eu odeio ter feito isso. Eu odeio que você esteja com raiva.

— Eu não estou bravo, Cam. Quero dizer, cinco minutos atrás eu estava. Mas eu te conheço. Eu sei que você está arrependida, e eu sei que você provavelmente está se punindo pior do que eu.

Mesmo quando você está errada, você vê, reconhece.

Suspirei.

— Sim, e não pense que deixei passar você estar errada novamente.

Uma pequena risada saiu de mim.

— De qualquer forma, há um pouco de esperança.

— Sério?

— Nada está além do reparo. Você tentar de novo.

Pensei em voltar para me desculpar e me enchi de pavor.

— Não quero voltar para lá. Não posso enfrentá-los hoje à noite.

Ele apertou minha mão novamente. — Ok. Posso te levar para casa?

Virei a cabeça para finalmente encontrar seus olhos, olhos tristes e perdoadores. — Ok. — eu disse calmamente.

Tyler sorriu e deslizou a mão no meu cabelo, segurando a parte de trás da minha cabeça enquanto se inclinava para beijar minha testa. — Vamos, então.

Então eu me levantei do chão e me joguei ao seu lado, caminhando para a estação de metrô em silêncio, contando meus erros, um por um.

*N.T: *Mullet* é um corte de cabelo curto na frente, em cima e no lados e longo atrás. Foi muito popular no início dos anos 1980 até o início da década de 1990, embora o corte já fosse utilizado desde a Antiguidade.

CONTINUE ANDANDO

Tyler

CAM MANDOU UMA MENSAGEM PARA ROSE para que eles soubessem que não voltaríamos, mas ela não falou o caminho todo para casa, e eu também não – eu estava contente em deixá-la com seus pensamentos, contente em abraçá-la no silêncio, segurar sua mão, apenas respirar com ela.

Quando ela saiu do bar, eu admito – eu estava lívido. Levei um segundo para calçar meus sapatos e segui-la, pensando no discurso que daria a ela a cada segundo que passava. Mas quando eu a alcancei e ela correu para mim, quando ela bateu no chão e apenas ficou lá, olhos brilhando, sobrancelhas franzidas, olhando para o céu, eu sabia que ela não precisava ouvir isso de mim. Ela já sabia.

Sentados no trem, ela estava calma e quieta, talvez mais do que eu já tinha visto ela, além de quando ela estava lendo ou dormindo.

Meu braço estava em volta dela, e ela se inclinou para o meu lado, olhando através do nosso reflexo na janela em frente a nós.

Eu pensei que talvez pudéssemos conversar mais quando chegássemos em casa, mas não estava disposto a quebrar o silêncio, feliz em esperar por ela. Então, andamos pelo apartamento silenciosamente, nos preparando para dormir. Quando nossos dentes foram escovados, ela pegou minha mão, me levando para o quarto dela, onde nos deitamos na cama. E quando a luz se apagou, ela se enterrou no meu peito e respirou profundamente, um longo suspiro. E eu a segurei, sabendo que era tudo o que ela precisava de mim.

— Eu vou consertar isso. — disse ela finalmente.

— Eu sei que você vai. — eu disse, e ela suspirou novamente, desta vez com o som de deixar ir.

Mas fiquei acordado muito tempo depois que a respiração dela diminuiu e ela se afastou para dormir.

Bayleigh, Greg, Martin... eram a menor das minhas preocupações, eu percebi enquanto estávamos na calçada. Ela ainda estava com medo de nós, de mim. Ela se preocupava que estivesse errada sobre nós, e minha frustração aumentou, sem entender como ela não sabia o que era muito óbvio para mim. Mas mesmo depois disso, eu me preocupei com o que aconteceria conosco se ela se implodisse e decidisse acabar com tudo.

A realização de que não havia nada que eu pudesse fazer, exceto o que já estava fazendo, me preencheu. Estar lá, aparecer.

Ela tinha que fazer o resto.

Suspirei, puxando-a um pouco mais para perto, esperando com todo o meu coração que ela encontrasse uma maneira de acreditar.

Cam

Acordei na manhã seguinte resoluta, o plano já feito, sorriso no rosto. Tyler dormia profundamente, e meu coração doeu ao vê-lo, o homem paciente que teve seu trabalho cortado comigo. Tentei não me sentir culpada, mas não adiantou. Eu era uma idiota, e tudo que eu podia fazer era tentar me redimir.

Começando com muffins.

Tyler acordou enquanto eu pegava o segundo lote de muffins de mirtilo e limão do forno, e sorri para ele, sentindo-me envergonhada.

Mas seu sorriso era um que me dizia que eu já estava perdoada e ele assentiu sonolento para o meu trabalho.

— Você esteve ocupada.

Tirei a luva do forno e servi uma xícara de café para ele. Ele deu um passo atrás de mim quando eu estava derramando, passando os braços em volta de mim enquanto pressionava um beijo no meu cabelo.

— Grande pedido de desculpas: primeira fase. Café e bolinhos.

— Cheira bem.

— Tem um gosto melhor. — virei em seus braços e me estiquei na ponta dos pés para beijá-lo. — Obrigada. Por entender. Por ficar comigo.

— Eu não vou a lugar nenhum, Cam.

Eu sorri, embora ainda estivesse cheia de remorso. — Aqui. Tome um bolinho. — alcancei a panela e peguei um para ele.

Ele pegou, molhando os lábios enquanto descascava o papel e dava uma mordida. Ele gemeu. — Deus, é tão bom.

Era praticamente pornográfico, vendo-o comer algo que eu fiz com tanto

prazer. Meus lábios puxaram para o que parecia um sorriso malicioso, e me virei para a panela, pegando os muffins para colocá-los nas prateleiras de resfriamento.

— Como está o seu dia? — eu perguntei quando ele se sentou à mesa com seu café da manhã.

— Não deve ser muito ocupado. E o seu?

— O mesmo. Acho que tenho que ir às compras depois do trabalho para a festa amanhã à noite, a menos que haja uma chance de eu usar jeans.

Ele riu. — Quer dizer, você poderia.

Eu sorri, alinhando meus pequenos pedaços de limão como soldados.

— Se você for fazer compras, acho que vou sair com Kyle. Ele está me perseguindo para sair com ele pelo que parece uma eternidade.

— Você acha que vai se atrasar? — perguntei, esperando que a resposta fosse não.

— Vou tentar fazer o happy hour e ver se isso vai agradá-lo. A última coisa que quero fazer é ir à balada hoje à noite , não com o trabalho amanhã e o evento depois.

— Ah, a vida adulta... — limpei minhas mãos em uma toalha de cozinha e me virei, apoiando-me no balcão para encará-lo.

Ele riu. — Eu sei. Ficar sem dormir é o meu principal colaborador em dias ruins. Mas Kyle não entende. Acho que ele está pior agora do que na faculdade.

— Então ele está regredindo? Isso não me surpreende nada.

Ele assentiu, seu sorriso deslizando. — Em alguns dias, sinto que todo mundo que eu conhecia antes se mudou em direções diferentes, e estou preso onde estava.

A admissão me atingiu, e eu empurrei o balcão, me movendo para ele. Com ele sentado, eu era apenas um pouco mais alta do que ele, e ele se mexeu, passando o braço pelas costas das minhas coxas enquanto eu me inclinava para ele. Eu segurei sua mandíbula.

— Você não ficou onde estava. Você cresceu. Eles são os que permaneceram os mesmos. Nunca se compare ao Kyle. Ele não é metade do homem que você é.

Nossos rostos estavam angulados um com o outro, e ele tocou minha bochecha. — Obrigado.

Inclinei-me para beijá-lo, meus lábios se fechando sobre o lábio inferior e os dele se fechando sobre o meu superior. Eu me afastei e sorri. — De nada.

— Então, você está levando tudo isso para o trabalho, ou posso roubar alguns?

— Pegue quantos quiser. Apenas deixe um par para a Sra. Frank.

Eu beijei seus lábios antes de me afastar.

— Cara, ela recebe todas as coisas boas.

Eu ri e arrumei os muffins de desculpas e nos preparamos para o trabalho. Eu me senti um pouco melhor, otimista sobre o dia. Decidi sair mais cedo para poder ir trabalhar, separando-me de Tyler na porta com um beijo que me fez desejar poder ficar em casa.

Mas havia trabalho a ser feito.

Liguei minha música e respirei fundo, apreciando as vistas da cidade, o céu azul profundo, as folhas enferrujadas e caindo no chão.

Era natureza e homem, colidindo em um choque de cores, concreto e aço. E pensei sobre a bagunça e minhas esperanças de acertar as coisas, me sentindo um pouco melhor, um pouco mais leve a cada passo.

Quando cheguei ao Wasted Words, destranquei a porta, dirigindo-me para a loja vazia e para o escritório onde encontrei Rose já trabalhando. Ela olhou para cima e seu sorriso continha uma pitada de tristeza.

— Ei, Cam.

— Ei. — ecoei desculpando-me enquanto colocava os muffins em sua mesa. — Eu fiz muffin de desculpas.

Rose recostou-se na cadeira e suspirou. — Bem, é um começo.

Não sei o que aconteceu com você.

Tirei minha bolsa, colocando-a ao lado da minha cadeira antes de me sentar em cima da minha mesa. — Eu também não. Eu fui teimosa e cruel, e por nenhuma razão real além de que eu não queria estar errada. Não queria que minhas leis sobre casamentos estivessem erradas. — suspirei. — Mas eu estava.

— Sim, você estava. Bayleigh e Tyler ficaram tão envergonhados. Quer dizer... não sei. Entendo que você estava tentando juntar Bayleigh e Greg, mas não entendo por que você iria tão longe a ponto de falar com Martin como você fez.

Eu balancei minha cabeça, olhos para baixo enquanto brincava com o Tupperware. — Talvez eu tenha alguns problemas de controle nos quais estou trabalhando.

Ela riu. — Talvez?

Eu tentei sorrir. — É só que... quero dizer, estou com Tyler e sinto que não tenho controle sobre nada. Como me sinto, como ele se sente, o que acontece conosco a seguir.

— Mas isso acontece em todo relacionamento, Cam. — ela pressionou.

— Talvez, mas nunca aconteceu antes. Não assim.

Ela assentiu, com os olhos cheios de entendimento.

— E acho que talvez Bayleigh e Greg fossem algo que eu pudesse controlar, mesmo que eu também não pudesse controlar isso.

— Certo, porque eles são seres humanos com suas próprias idéias e sentimentos. Talvez você deva começar a tricotar?

Eu bufei. — Eu tentei, mas não posso tricotar em multitarefa com mais nada, e continuava perdendo o controle dos meus pontos.

Meu primeiro cachecol parecia mais um triângulo. Acho que poderia ter chamado de bandana, na verdade.

Ela riu. — Sim, eu não sou tão artista, também. Minha primeira e única arte como adulta terminou comigo colando meus dedos.

Suspirei. — O que aconteceu ontem à noite depois que eu saí?

Ela pegou os muffins, tirando a tampa e pegando um. — Bayleigh pediu desculpas cerca de cem vezes ao pobre Martin, com certeza ela passou o resto da noite tentando não chorar. Mas ele parecia mais preocupado com como ela estava do que como você agiu. Eu acho que eles foram para casa juntos.

Eu me senti feliz por eles e triste por estar errada.

Estar errado não é o fim do mundo.

Exceto que meio que era.

Afastei os sentimentos. — Espero que eles me perdoem.

Ela suspirou e tirou o papel do muffin. — Eu também. Só há uma maneira de descobrir. Você vai falar com ela hoje?

Eu assenti. — Assim que ela chegar às dez.

— Boa. Tenho certeza de que tudo ficará bem, Cam.

Ela deu uma grande mordida e fechou os olhos, cantarolando.

Eu sorri e suspirei, esperando que ela estivesse certa.

Rose moveu o bolinho para a outra mão, lambendo o polegar livre. — Está tudo bem com Tyler?

— Sim. Ele ficou tão decepcionado. Acho que isso doeu mais do que se ele tivesse gritado comigo.

Ela assentiu e inclinou-se para uma mordida. — Eu conheço esse sentimento.

— Mas estamos bem. Ainda estou sendo um pouco louco, mas estou trabalhando nisso. Vamos ir a esse coquetel de caridade amanhã à noite, e estou começando a surtar sobre isso.

— Por quê?

— Uh, porque eu usei salto duas vezes na minha vida e caí nas duas vezes.

Ela riu. — Ai, Deus.

— Não tenho nada para vestir... quero dizer, nem tenho vestidos.

— Bem, então vamos às compras hoje à noite.

Balancei a cabeça para ela. — Eu não quero incomodá-la com isso.

Ela encolheu os ombros. — Não é incômodo. Deveríamos ver se Lily também pode vir. Ela é a melhor nesses eventos chiques.

— Sério? Porque posso usar toda a ajuda que conseguir.

— Sério. Nós te ajudamos.

Alívio tomou conta de mim. — Ensina-me, ó sábia.

Mas Rose bufou, revirando os olhos. — É como um cego guiando outro cego.

O telefone tocou e ela atendeu.

— Wasted Words, esta é Rose. — ela fez uma pausa, seus olhos voando para mim. — Hai. — disse ela, e eu peguei o telefone, que ela passou agradecida.

— *Emerson to moushimasu.* — respondi em japonês e, assim, comecei meu dia de trabalho.

As próximas horas foram gastas no telefone com um pequeno distribuidor em Kyoto, discutindo sobre uma remessa que deveria ter chegado até nós. Não que eles não estivessem sendo acomodados, mas, francamente, a maioria das discussões em japonês parecia discutir, independentemente do contexto.

Saí do escritório às dez e quinze com dez bolinhos, encontrando Bayleigh atrás do balcão, preparando as coisas para o dia. Ela olhou para mim enquanto cortava limão.

— Hey. — disse ela quando me aproximei.

Coloquei os muffins ao lado dela e me inclinei no balcão. — Ei. Te devo desculpas pela noite passada.

— Sim. — foi tudo o que ela disse, sua faca clicando na tábua de plástico, os muffins totalmente ignorados.

Meu peito doía . — Lamento ter interferido entre você e Martin.

Sinto muito por fazer uma cena e por envergonhá-lo na frente de todos. Eu sabia que você gostava dele, mas eu estava tão envolvida em você e Greg, que não podia deixar para lá. Queria isso para você, mas não parei para pensar no que *você* queria.

Ela suspirou e largou a faca, virando-se para mim, tudo sobre ela soando acusador. — Não, não pensou. Cam, eu quis morrer depois que você saiu. Eu simplesmente não consegui acreditar que você poderia ser tão rude com Martin, especialmente sabendo que eu gostava dele. Quer dizer, você tinha que saber, não era?

Eu assenti solenemente. — Eu sabia como você se sentia, mas pensei que sabia melhor. Eu estava errada.

— Sim, estava. — seu pequeno rosto curvou-se em dor. — Quer dizer, o que é melhor do que um cara inteligente e doce com um ótimo trabalho e senso de humor? Alguém que gosta de mim? Depois de tudo isso, ainda não estou convencida de que Greg estivesse interessado em mim assim. Ele me levou para casa três vezes e nunca tentou nada, mas você insistiu que ele estava afim de

mim, então continuei me agarrando à ideia de que talvez isso acontecesse.

Fiquei muito quieta, me sentindo pior a cada palavra. — Eu sei. Você está certa.

Ela balançou a cabeça e suspirou novamente, voltando-se para a fruta na tábua. — Só estou agradecida por nenhum dano permanente ter sido feito, além de Martin pensar que você é uma arrogante.

— Ah, isso é tudo? — Eu brinquei.

Ela sorriu para mim, a tensão desaparecendo lentamente dela.

— Bem, é verdade, mesmo que suas intenções fossem boas. Todos nós temos nossos momentos, Cam.

— Isso significa que você me perdoa?

Ela suspirou. — Sim, eu te perdoo. E sei que você não vai aprovar, mas fui para casa com Martin ontem à noite. Ele foi tão gentil, certificando-se de que eu estava bem, ele até se desculpou por ser rude com *você*. Mas ele se levantou por mim. Para mim, você era a única que precisava se desculpar.

Eu sorri para ela. — Bem, você está errada sobre uma coisa.

— Oh? — Ela perguntou com uma sobrancelha levantada em desafio.

— Eu aprovo. Você e Martin são uma combinação bem-feita, muito melhor do que eu poderia fazer, e você tem minha bênção completa e feliz. Não que você precise.

Ela sorriu, toda a raiva desapareceu, suas bochechas rosadas.

— Obrigada, Cam. — ela me abraçou, e eu a abracei de volta, grata por seu perdão.

Eu me afastei, sorrindo de volta. — Você pode passar isso para o Martin? Não tenho certeza se ele vai querer me ver novamente.

Bayleigh pegou sua faca novamente. — Na verdade, ele estará aqui daqui a pouco. Ele está chegando na hora do almoço.

— Ótimo. Vou guardar alguns muffins de desculpas para ele.

Ela riu.

— Então, como foi ontem à noite na casa dele?

Ela suspirou, seus olhos brilhando. — Ele é tão bom, Cam. Eu não sei como você não pode ver. Ficamos acordados a maior parte da noite conversando.

— Ah, é assim que as crianças estão chamando nos dias de hoje?

Ela riu. — Não, quero dizer, também fizemos isso, mas ele foi absolutamente gentil. Sorte a dele, não sou exatamente uma dama.

Eu ri.

— Mas eu só... — ela suspirou novamente. — Me diverti tanto.

— Então o meu surto foi, na verdade, útil?

Ela bufou. — Não vá buscar ideias. Todos nós poderíamos ter ido muito bem

sem a bagunça. Eu teria ido para casa com ele, se você tivesse sido um idiota ou não. — ela se animou. — Ah, e eu queria te contar, ele me ajudou a criar um apelido também.

Eu me animei, curiosa. — Como é?

— Bebe. Meu nome do meio também começa com um B, então funciona. O que você acha?

— Ótimo. Dessa forma, se as pessoas soletram com dois Bs, ainda são suas iniciais.

— Eu sei! Martin é super inteligente. E ele concordou que eu não deveria usar meu nome do meio.

Eu fiz uma careta. — Espere, você já disse a Martin seu nome do meio secreto?

Mas ela riu. — Da próxima vez que você animar minha vagina, eu vou te contar também.

Ajudei-a a terminar de montar o bar e voltei para Rose, aliviada por tudo estar bem. E quando Martin apareceu – com rosquinhas para Bayleigh, e eu juro que ela poderia ter proposto a ele na hora – eu também pedi desculpas, muffins na mão. Ele aceitou, parecendo aliviado por me ter finalmente a bordo, e com isso, fui totalmente perdoada. E quanto a Greg, que parecia ignorar tudo isso, decidi procurar outro match para ele, um mais adequada a ele, sem que meus próprios sentimentos atrapalhassem meu julgamento.

O dia passou rápido depois disso, tenho certeza em parte por causa do alívio que senti. Tyler me mandou uma mensagem algumas vezes ao longo do dia, uma vez com uma foto dele atrás de uma montanha de papéis com os olhos arregalados. Ele também fez questão de me avisar a que horas achava que estaria em casa, para que eu não me preocupasse.

Eu me perguntei novamente por que diabos um homem assim suportaria pessoas como eu.

Quando o dia de trabalho terminou, eu estava terrivelmente aterrorizada com a iminente excursão de compras, apesar de agradecida por Rose, que sabiamente insistiu em que parássemos no bar para tomar doses de uísque ao sair. Eu gostaria de ter um frasco para carregar, embora eu provavelmente acabasse ficando bêbada e comprando um vestido com franjas ou algo assim. Então, com um suspiro profundo e um olhar tranquilizador de Rose, estávamos no nosso caminho para um pesadelo de renda e *chiffon*.

Tyler

Abri a porta do bar ao som de música eletrônica, procurando na multidão, procurando por Kyle. Eu me senti um pouco mal vestido – todo mundo já parecia pronto para a vida noturna, mesmo que a noite mal tivesse caído. Eu o encontrei encostado no bar de terno ao lado de uma garota bonita e sua amiga em vestidos brilhantes, uma loira, uma morena. Eles eram todos sorrisos, e pela maneira como as meninas estavam olhando para ele – com os olhos estrelados e inclinando-se para ele – eu tinha certeza de que ele havia dito quem ele era.

Ele apontou o queixo para mim e empurrou a barra, estendendo a mão. Apertei-o e ele me puxou para um abraço.

— Qual é, cara?— ele perguntou, sorrindo de uma maneira contagiosa.

— E aí. — eu respondi, suavizado pelo vislumbre do velho Kyle.

Ele voltou-se para as meninas. — Eu gostaria que vocês conhecessem meu amigo Tyler.

Eles acenderam e o loiro perguntou: — Ah, você joga para o Giants ?

Sorri educadamente e abri a boca para responder, mas Kyle me venceu.

— Costumávamos jogar juntos no Nebraska. Tyler teria se tornado profissional se não tivesse se machucado, sem dúvida. Ele era o melhor.

Suspirei e tentei continuar sorrindo enquanto suas expressões se transformavam em pena.

— Ah, meu Deus. Isso é tão triste — disse a morena.

Dei de ombros. — Não é o fim do mundo.

Kyle balançou a cabeça. — Eu não sei, cara. — ele se virou para as meninas novamente. — Quando ele se machucou, eu estava lá a cada passo do caminho. Ele perdeu tudo naquele dia.

Fiquei quieto, tentando mascarar qualquer desconforto que sentia, o que era muito. — Era apenas um sonho. Eu tenho muito mais de onde esse veio.

Ele riu. — É verdade. Quero dizer, não é como se tornar profissional fosse a única coisa no mundo. Apenas a melhor coisa.

Eu me movi, odiando ouvir a honestidade do que ele realmente pensava sobre mim. Que eu era de segunda categoria. Não como se eu não soubesse, mas ele dizer em voz alta, mesmo velado, na frente de estranhos, era cansativo e agravante.

— Vamos. Deixe-me pegar uma cerveja — ele disse jovialmente.

— Por favor. — a palavra foi seca.

As meninas sorriram para mim, parecendo não perceber. A loira pegou seu martini. — Então, você é um agente? Como Jerry McGuire?

Eu ri. — Sim, mais ou menos.

— Você representa alguém que ouvimos falar?

— Provavelmente, representamos muitos jogadores da NFL.

Kyle interrompeu. — Ele representa Pharaoh Carson.

— Meu chefe, não eu. — acrescentei.

Os olhos da loira ficaram macios e ela tocou seu colar. — Ah, eu me sinto tão mal por ele ser alcoólatra e tudo. Espero que a reabilitação realmente funcione para ele, sabia?

A morena assentiu conscientemente. — Todos nós temos vícios.

Kyle virou-se para mim com minha cerveja e eu a peguei, agradecido.

— Quer ir pegar uma mesa? — eu perguntei, dando um longo gole.

Ele parecia ofendido. — Estamos conhecendo as garotas aqui.

— Sim, mas eu tenho namorada.

Ele bufou e revirou os olhos. — Quem, Cam?

Eu o encarei. O rosto dele caiu. — Ah, você está falando sério.

Eu me virei para as meninas. — Foi um prazer conhecer vocês.

Tenham uma boa noite.

Elas nos observaram tristemente enquanto nos afastávamos, se despedindo em uníssono.

Voltamos a uma mesa contra a parede e nos sentamos, e tentei ignorar os olhos atentos de Kyle.

Tentei mudar de assunto, não querendo falar com Kyle sobre Cam. — Você teve notícias das gêmeas?

Ele fez uma careta. — Cara, eu não estava interessado depois de tudo isso. Quero dizer, eles eram tão embaraçosas.

— E nem foi em você que uma delas fez xixi.

— Sim, foda-se isso. — ele tomou uma bebida. — Quero dizer, um chance com gêmeas valeu os ingressos, mas... — ele estremeceu.

Eu balancei minha cabeça. — Que herói.

— Foi exatamente o que Cam disse. — ele me observou por um instante. — Então, o que há com vocês dois?

— Estou saindo com ela. — era tudo o que eu estava disposto a oferecer.

Ele esperou com expectativa.

Minha sobrancelha levantou, raiva passando através de mim com o pensamento de explicar em detalhes. Ele não entenderia.

Minha tolerância por Kyle se tornara inexistente e, naquele momento, vi claramente pela primeira vez. — O que você quer que eu diga, cara? Estou namorando Cam. Estou falando inglês, certo?

— Só é estranho. Você e... Cam?

Eu não pude deixar de notar seu lábio apertado. — O que há de tão estranho nisso?

Ele encolheu um ombro. — Eu não sei, cara. É que ela não é seu tipo. Quer

dizer, você costumava morar com uma modelo.

— Uma modelo que me largou por ser “muito legal”. O que diabos isso significa?

— Isso significa que ela quer que um cara a trate como merda.

Eu acho que as garotas chamam de *alfa* ou algo assim. Enfim, como você acha que eu transo tanto?

— Bem, isso é besteira. — eu atirei, enojado com o pensamento. — Eu não acho que deveria me desculpar por ter respeito com alguém que me importo. E a história real é que ela pensou que eu era alguém que não sou.

— Eu não sei, talvez ela só quisesse que você ficasse um pouco áspero no quarto. — ele fez movimentos de palmadas com a mão.

Eu encarei. — Sim, esse não era o problema.

— Bem, então o que era?

— Ela não me queria. Ela queria dinheiro ou um título ou... eu não sei. Eu estava meio que cego por ela, eu acho. Ela é uma ótima atriz, me convenceu de que estava apaixonada por mais de um ano.

— Talvez ela estivesse completamente entediada.

— Quem sabe. Por que estou me explicando para você?

Ele balançou a cabeça, a luz brilhando em seus cabelos loiros.

— Olha, cara. Você pode ter garotas como Jessica e Gretchen com nada além do estalar dos dedos. — ele estalou para demonstrar, como se uma garota aparecesse. — Tipo, como quando você cancelou comigo sábado para ir num encontro com *Adrienne Christie*.

Você poderia tê-la, mas está com... *Cam.*

Minha sobrancelha franziu, minha mandíbula apertada. — Cuidado, Kyle. Eu escolhi Cam ao invés de Adrienne – ou qualquer outra pessoa – por um motivo.

— Sinto sua falta, cara. Nós costumávamos ser iguais, você e eu. Mas agora... — ele me olhou tristemente. — Eu nem acho que te conheço mais. — ele disse, em parte para si mesmo, eu acho. — Eu simplesmente não entendo. Por quê ela?

Eu quase me levantei e saí, não interessado em me explicar para um cara que eu nem sabia se poderia chamar de amigo mais.

Mas fiquei ali por nenhuma outra razão senão defendê-la.

— Por que eu escolhi Cam? Eu a escolhi porque ela é inteligente. Ela é linda e engraçada. Ela não finge ser o que não é – o que você vê é exatamente o que você ganha dela. Você não sabe o quanto eu quero isso? Depois de tudo… — engoli em seco. — Cam é tudo o que estou procurando em uma mulher, e ela me faz feliz. Isso é razão suficiente para você?

O rosto dele estava gelado. — Escuta, eu...

— Não, você escuta. Nem sei mais o porquê saio com você, não quando você constantemente zomba da minha vida, dos meus amigos. Como se você tivesse todos os seus problemas resolvidos.

Bem, me desculpe, eu não sou mais como você. — afastei-me da mesa, o maxilar tenso. — Não, sabe o quê? Isso é mentira. Eu não gostaria de ser como você, mesmo que pudesse, porque você não dá a mínima para ninguém além de si mesmo. — levantei-me e dei-lhe um último olhar. — É solitário lá no topo, certo? Mas talvez, apenas talvez, se você não tratasse o resto do mundo como você trata, não estaria sozinho.

E com isso, me virei e me afastei, deixando-o sentado atordoado na cadeira, pronto para estar em qualquer lugar, menos onde eu estava.

PORQUE SIM

Cam

APERTEI MEU NARIZ PARA o reflexo do espelho do provador da loja de departamentos sofisticada. — Esses espelhos te acrescentam dez quilos ou te tornam três centímetros mais baixa?

Lily, a melhor amiga de Rose, riu do outro lado da porta. — Ambos. Deixa a gente ver.

Abri a porta com um olhar no meu rosto que dizia que eu não estava divertida.

— Hmm. — Rose cruzou um braço, tocando seus lábios vermelhos com a outra mão. — Odiei. É cor de salmão com creme.

Fiz um gesto para a frente. — O que há com esse laço torcido?

Lily bufou, parada atrás de mim, seus cabelos loiros compridos.

— Esse laço torcido está, na verdade, na moda. — ela estava vestida impecavelmente, o que me obrigava a ouvir seus conselhos, mas olhei para trás no espelho e franzi a testa.

Rose revirou os olhos escuros. — As velhinhas usam vestidos assim porque esconde coisas.

— Como cachorros-quentes e mentiras. — eu disse. — Eu me sinto muito velha nisso. Eu pareço um iogurte congelado sexy.

— Eu não vejo o que há de errado com ele. — disse Lily.

— Iogurte congelado com sabor de salmão. — acrescentei.

— É um vestido de senhoras. — acrescentou Rose. — Você poderia realmente conseguir alguns garotos do ensino médio com essa belezinha.

Lily jogou os braços para o alto. — Vocês são as piores.

Próximo. — ela cantarolou, girando nos calcanhares como a bailarina que era. Eu juro, ela poderia parecer graciosa até esfregando uma privada.

Suspirei e voltei para o provador, olhando a bagunça que eu tinha feito. Eu

tinha experimentado pelo menos quinze vestidos, todos errados para mim de uma maneira ou de outra. Peguei um vestido de chiffon nude com as costas nuas. Quando o vesti, parecia que estava nua e estava tão apertado que você podia ver tudo. Tipo, eu tinha certeza que podia ver o hambúrguer que comi no almoço.

Abri a porta, ainda menos animada do que na vez anterior.

Rose riu. — Você parece aqueles memes em que as pessoas vestem pugs em fantasias.

— Eu sinto esse nível de vergonha. Bem aqui. — fiz um sinal para o meu coração. — E aqui. — fiz um gesto para minha bunda.

Lily suspirou. — Essa cor simplesmente não funciona.

— Parece que estou usando meia-calça no meu corpo inteiro.

Rose riu e Lily revirou os olhos novamente. — Não é tão ruim.

Eu me virei para olhar no espelho. — Não sei, não. É realmente muito ruim, cara.

— *Ooooh*. — disse Lily e andou para trás de mim. — A parte de trás é linda. Veja isso, Rose.

Ela veio e assentiu. — Realmente, muito bonita. Mas ela ainda parece um picolé de carne.

— Ou um tubo de carne.

Rose torceu o nariz e riu. — Eca.

— Próximo. — disse Lily com um aceno de mão, e elas me deixaram sozinha com o pesadelo de vestido de *cocktail* em que eu me encontrava.

Todos tinham alguma coisa errada. Muito largo. Nua demais.

Muito longo, o que aconteceu muito, já que eu tinha o tamanho de um duende. Alguns dos sem mangas eram bonitos, mas com a minha sorte e falta de habilidades femininas, era provável que deixasse um peito escapar. Além disso, se eu resolvesse tirar uma selfie, pareceria que eu estava nua. E se eu iria usar rímel e delineador, iria tirar uma maldita selfie.

Foi um dos últimos vestidos a experimentar, e tentei não pensar no que aconteceria se não encontrasse um. Talvez eu tivesse acabado de voltar. Eu sempre poderia reivindicar meu período. Ou diarréia. Ninguém questiona diarréia, eles apenas sorriem e parecem desconfortáveis e dizem que esperam que você se sinta bem logo antes de enviá-lo e lavar as mãos.

Entrei no vestido preto com minhas expectativas no fundo da lata, totalmente preparada para outro fracasso épico, mas quando deslizei meus braços e olhei no espelho, respirei fundo. Isso me encaixava quase perfeitamente – o decote era alto com mangas curtas, mas do pescoço ao corpete, o tecido era puro. A cintura estava ajustada, mas a saia fluía para longe dos quadris sem estar muito cheia ou folgada.

Eu me senti mais bonita do que eu já senti na minha vida. O vestido me transformou, acentuou minha cintura pequena, o balanço da saia indo até o meio da coxa, o ângulo do meu busto baixo o suficiente para me fazer parecer curvilínea.

— Cam? Você está bem?

— Eu acho que é esse, pessoal. — eu disse enquanto abria a cortina.

Lily engasgou, e os olhos de Rose estavam arregalados quando eles me olharam de cima a baixo.

Eu fiquei lá, parada em silêncio com as palmas das mãos suadas, os olhos correndo entre elas. — O quê? Ficou feio?

Rose balançou a cabeça. — Não, Cam. Ficou muito, muito lindo.

Lily fez sinal para eu sair para ver no grande espelho. — Deus, olha para a sua cintura nisso.

Eu inspecionei meu reflexo. — Você me ajuda na parte de trás?

Rose riu e deu um passo atrás de mim. — Foi o que ela disse.

— senti seus dedos nas minhas costas enquanto ela abotoava. — Ficou tão lindo, Cam.

— Como diabos eu vou entrar e sair sozinha disso?

— Você não vai.— disse Rose. — Para sua sorte, você tem Tyler para fazer isso por você. Tenho certeza de que ele não vai se importar – ela disse com um sorriso enquanto recuava para olhar no espelho. — Sim, é esse.

Abotoado, era ainda mais bonito. Eu coloquei minha mão na minha barriga, achando um pouco difícil acreditar que a garota no espelho era eu. — Isso é loucura. Por que eu nunca fiz isso antes?

Eu não sabia que poderia parecer... *assim.*

Lily riu. — Apenas espere até colocar saltos e maquiagem.

— É tão idiota. É apenas uma peça de roupa, mas eu me sinto transformada — falei maravilhada. E então o terror tomou conta de mim com o pensamento de arrumar meu próprio cabelo e andar de salto por um salão de banquetes com Tyler. Engoli em seco. Como vou fazer isso? Eu não acho que posso fazer isso.

Rose segurou meus ombros. — Você consegue fazer isso. Você é uma mulher fantástica e você pode fazer qualquer coisa.

Lily sorriu tranquilizadoramente. — Não se preocupe. Vamos mostrar-lhe como fazer sua maquiagem super fácil. Você não precisa de muito. Sua pele é incrível, seus olhos são gigantes e você tem os cílios mais grossos e longos que eu já vi. Não é de admirar que você não use maquiagem. Você não precisa. Mas é legal ficar toda arrumada.

— Duvido muito que um dia eu vá parecer *arrumada.*

Mas ela riu. — Confie em mim. Você vai. Agora, vista-se e vamos á loja de

calçados.

Suspirei. — Obrigada por me ensinar como ser menina.

— Você já sabe como ser menina. É assim que você *arrebenta*.– disse Rose com uma reverência, e nós rimos.

O resto da noite foi ocupada. Primeiro foram os sapatos – sapatos de veludo preto com plataforma, que deveria me ajudar a andar mais fácil, embora eu ainda achasse que andava engraçado neles. Em seguida, encontramos uma pulseira e brincos de ouro delicados, que eram duas barras compridas e finas conectadas por uma corrente, de modo que uma barra estava pendurada na frente do meu lóbulo da orelha e a outra atrás. E então foi a vez da maquiagem.

Disseram-me para simplificar. A maquiagem que eu tinha era tão velha que eu nem lembrava quando a comprei, então acabei com blush, rímel, delineador líquido e uma paleta de sombras nude – na qual Lily me deu um rápido resumo e fez parecer absolutamente simples. A última coisa foi um batom vermelho chamado Bloody Valentine, que Rose me garantiu que era seu favorita, e seus lábios sempre pareciam incríveis, então tomei sua palavra apenas por mérito.

Saí da loja com uma sacola cheia de coisas e uma carteira muito mais leve, com um pouco de esperança e muitos planos, pegando as meninas pela mão em busca de uísque.

Tyler

O metrô estava lotado, e meus pensamentos também estavam quando voltei para casa, ainda tentando me acalmar.

Meu maior erro foi que eu deveria ter me afastado de Kyle há muito tempo. Eu deveria ter deixado ele ir, mesmo depois de tudo o que ele fez por mim. Eu poderia aguentar as besteiras dele se fosse só comigo. Mas ele colocou a Cam na história, e isso não era algo que eu poderia perdoar.

Se nada mais, eu gostaria de ter esperado para sair com ele pelo menos até depois da festa, ter dado uma desculpa para evitá-lo.

Porque eu o veria novamente em vinte e quatro horas. Se eu não o visse por um ano, ficaria satisfeito, por mais improvável que isso fosse, dada a natureza de nossa pequena indústria.

Eu só esperava que ele tivesse o bom senso de nos deixar em paz, o que equivalia a desejar que uma estrela ganhasse na loteria.

Parte de mim queria contar a Cam o que aconteceu, não apenas para desabafar e tirar do meu peito, mas para que ela tivesse uma idéia do que esperar

dele amanhã à noite. Mas eu sabia o quão magoada ela ficaria, o quanto isso alimentaria sua insegurança sobre nós. E essa era a última coisa que eu queria.

No momento em que entrei pela porta, minha raiva diminuiu para um zumbido no fundo da minha mente. Quase se dissipou por inteira quando Cam saiu do quarto, sorrindo e parecendo leve como uma margarida.

Coloquei minha bolsa no chão e ela saltou em meus braços, rindo.

Meu coração encheu tanto, que doeu.

Peguei-a e ela colocou as pernas em volta da minha cintura, enrolando os braços no meu pescoço.

— Oi. — ela disse sem fôlego.

— Bem, olá.

— Senti sua falta.

— Também senti sua falta.

Ela olhou nos meus lábios. — Eu comprei um vestido lindo hoje.

Eu levantei uma sobrancelha. — Vai me mostrar?

Ela sorriu, prendendo o lábio inferior entre os dentes. — *Mm-Mmm* — ela respondeu, balançando a cabeça.

Eu fiz beicinho. — Que merda..

— Você verá amanhã à noite. Eu também comprei saltos, então vamos rezar para que eu não quebre meu tornozelo.

Eu ri e a beijei docemente. — Ficarei feliz em tê-la pendurada em meu braço a noite toda.

— Que bom, porque vou precisar de toda a ajuda que puder obter.

Ela relaxou as pernas e eu a coloquei de pé, um pouco triste por não ter aproveitado a oportunidade para beijá-la mais.

— Como está Kyle? — ela perguntou enquanto entrava na cozinha. — Eu não esperava você em casa tão cedo.

Tentei não franzir a testa enquanto a seguia, sentando-me à mesa. — Ele está... você sabe. Kyle.

Ela riu. — Você comeu?

— Na verdade, não.

— Bem, para sua sorte, eu acabei de fazer macarrão com queijo. — ela sorriu para mim por cima do ombro enquanto colocava luvas de cozinha.

Eu salivei com o pensamento. — A receita da sua mãe?

Ela molhou os lábios. — *Mmhmm*. Com bacon.

Eu gemi, e ela riu antes de abrir o forno. Ela já estava de pijama – uma camiseta e um minúsculo shortinho preto apertado – e eu a observei com apreciação enquanto ela se inclinava para puxar a forma para fora.

Ela chutou a porta com o pé e colocou o prato em um tripé sobre a mesa na

minha frente.

— *Voilà.* — ela disse antes de se virar para os armários para pegar pratos, garfos e guardanapos.

Debrucei-me na mesa para me aproximar e respirei fundo pelo nariz. — Isso cheira tão bem, Cam.

— Obrigada. — ela colocou uma tigela na minha frente, sorrindo.

— Como você se tornou uma cozinheira tão boa?

Ela subiu os óculos no nariz e deu de ombros, colocando uma porção na minha tigela. — Não é tão difícil assim. Você apenas tem que seguir as instruções.

Eu bufei. — *Tá*, não é só isso.

— É sério. Isso e praticar.

Ela sentou-se ao meu lado e se serviu.

Dei uma mordida e suspirei. — Bem, sinta-se à vontade para praticar para mim sempre que quiser.

Ela riu e notei a diferença entre a Cam hoje à noite e a Cam naquela manhã. Ela estava relaxada, as bochechas coradas com o que parecia ser uma felicidade geral, quando na última vez que a vi, ela estava muito mais contida.

— Como foi hoje? Você falou com a Bayleigh?

Ela assentiu enquanto mastigava, puxando um joelho para cima.

— Sim, e Rose e Martin também. Tudo correu bem, ou tão bem quanto poderia ter corrido. Até Martin foi gentil.

— Ele provavelmente estava feliz por ter sua bênção. Você lhes *deu* sua bênção, não é?

— Eu dei, e com prazer. — ela suspirou. — Então sim. Tudo está perdoado, e estou realmente feliz por Bayleigh e Martin. Eles são lindos juntos. Acho que ele a levou para casa ontem à noite.

Eu assenti, sorrindo. — Espertinho.

— E depois do trabalho, eu fui fazer compras com Rose e sua amiga Lily.

Eu olhei, tentando lembrar. — A loira alta ou a baixinha?

— A alta. Bailarina.

— Certo. Como foi?

— Foi principalmente um pesadelo, mas houve aquele momento em que eu vesti o vestido e o tempo parou ou algo assim.

Definitivamente, entendo por que as pessoas compram quando estão deprimidas.

— E você comprou saltos?

Ela cutucou a comida e balançou a cabeça. — Sim. Não vou mentir, estou morrendo de medo. Eles são bem altos, mas o salto não é um *stiletto* e tem uma

plataforma. Eu tenho apenas parcialmente certeza do que isso significa, mas aparentemente deve me ajudar a não cair. Porque não apenas cair no chão seria embaraçoso, mas meu vestido é curto o suficiente para que toda a festa visse a minha vagina.

— Certo, você tem meu apoio então. Ninguém vê sua vagina além de mim.

Ela sorriu. — E quanto a você? Como Kyle foi Kyle? Kyle das gêmeas bêbadas ou Kyle tentando ler livros assustadores que mordem?

— Pior do que qualquer um.

Ela fez uma careta. — Uau. O que ele fez?

Eu quase admiti para ela sem pensar, não estava acostumado a guardar segredos dela, mas me segurei. — Ele estava tentando me arrumar um encontro e ficou boquiaberto quando eu disse que não estava interessado.

— Oh. — Eu não conseguia ler o rosto dela.

Dei outra mordida, tentando entender a coisa toda. — Não sei, Cam. Não quero mais sair com ele, sinto que deixei a coisa toda continuar por tempo demais.

— Bem, você não precisa sair com ele se não quiser. É a beleza de ser adulto. Isso e cerveja.

— E sem hora para dormir. — acrescentei. — Ou escola.

Ela riu. — Eu adoro a escola. E aprender.

— Não eu. — eu disse com o balanço da cabeça. — A pressão era demais.

Ela bufou. — Diz o cara que jogou no Nebraska.

Dei de ombros. — Era diferente, sabe? Mais simples. Eu sabia o que estava fazendo em campo. Todo o resto é... complicado.

— Você sente falta? — ela perguntou calmamente.

— Todos os dias. — respondi.

— O que você lembra? Tipo, sobre o que você pensa?

Engoli em seco, considerando a pergunta. — Tudo. O cheiro da grama, o suor, a adrenalina. O som de capacetes colidindo, a sensação da bola nas minhas mãos. A sensação de derrubar alguém por pura vontade e força. Esteve na minha vida por muito tempo.

Parte de mim se pergunta se algum dia recordarei esse momento da minha vida sem desejo de voltar no tempo.

— Bem, — ela disse gentilmente, — eu acho que é bom lembrar. Faz parte de quem você é. Você viveu esses momentos e, desde que se lembre, não estará perdido.

Inclinei-me, com o coração doendo enquanto pressionava meus lábios nos dela em agradecimento e adoração.

Quando terminamos de comer um pouco mais tarde, recostei-me na minha

cadeira, contemplando os segundos. Mas isso era outra coisa que eu sentia falta – as calorias queimadas quando jogava futebol. Não demorou muito tempo para eu aprender que eu não podia comer hambúrgueres e frango frito todas as noites no jantar, quando eu não estava queimando duas mil calorias por dia.

Peguei nossas tigelas e ela se moveu para me parar. — Eu ajudo.

— Não. — eu não parei de me mover. — Você cozinhou, eu limpo. Este é o acordo.

Ela sorriu para mim. — Obrigada.

— Obrigado por cozinhar algo tão delicioso. — coloquei as tigelas na pia e abri a torneira. — O que você quer fazer essa noite?

Ela se sentou na cadeira. — Não sei. Estou de folga amanhã, então não preciso dormir cedo. Provavelmente acabar de ler.

Sorri para minhas mãos enquanto elas lavavam o queijo na tigela. — Estou dentro.

— Oh?

— Eu tenho que descobrir o que acontece com Bilbo. Ele acabou de conhecer Golem.

— Ooh. Essa é uma das minhas partes favoritas. Tudo bem. Ler, então.

Ela se levantou e pegou a forma, movendo-a para o balcão antes de pegar um pedaço de plástico para guardá-lo. – Mmm. Isso vai dar um almoço lindo para amanhã.

— Deveria. Tenho certeza de que Jack cometeria um crime por isso, uma vez que ele sentisse o cheiro.

— Você deveria levar um pouco para o Jack também. Tem muito.

— Boa. Talvez ele me dê um aumento.

Cam riu e, quando olhei para ela, possessividade tomou conta de mim. Ela era linda de uma maneira que não tinha expectativas, despretensiosa e fácil. Eu me senti como um pirata ou um caçador de tesouros, como se a tivesse encontrado em algum lugar abandonado que nunca poderia apagar seu brilho, não importa o quão solitário ou escuro pudesse ser. Mas agora ela era minha, e eu não a deixaria ir.

Ela me pegou a olhando e sorriu de uma maneira que eu senti profundamente no meu coração, e me virei, sem me importar que minhas mãos estivessem molhadas e ensaboadas. Eu segurei seu rosto, deslizei meu polegar molhado contra sua pele, deixando uma faixa de sabão em seu rastro. Ela não estava respirando, seus olhos fixos nos meus, pupilas aumentando enquanto ela esperava que eu a beijasse.

Então eu fiz.

Eu a beijei com meu coração e com minha alma, tentando lhe dizer algo que

as palavras não podiam permitir, porque simplesmente não havia o suficiente. Não as certas. Quando eu me afastei, seus olhos permaneceram fechados e ela suspirou. Quando eles finalmente abriram, ela sorriu novamente, corando.

— Por que você fez isso?

Eu balancei minha cabeça, meu rosto calmo, espelhando o dela.

— Porque sim.

YOUTUBE SALVA

Cam

NA NOITE SEGUINTE, EU ESTAVA parada no meu banheiro, assistindo o final de outro vídeo do YouTube que fazia delineador líquido parecer fácil, com um ódio profundo na barriga por meninas que sabiam como fazê-lo.

Normalmente, eu não teria tanto ódio, mas, francamente, eu já tinha lavado meu rosto três vezes depois de acabar com delineador no meu rosto inteiro, e estava muito, muito irritada. Rose e Lily fizeram parecer tão fácil, mas depois do meu banho, eu fiquei lá olhando para a maquiagem, me perguntando o que diabos eu tinha me metido.

Mantenha simples, idiota. Seja a chefe disso. Não deixe a maquiagem vencer, Emerson.

Respirei fundo e desliguei o telefone. Sem delineador – eu não aguentava mais aquele barulho. Depois de reaplicar minha base, peguei os pincéis que Lily me fez comprar. Sombra eu poderia fazer.

Um pouco escuro na borda externa. Uma cor mais clara no meio. Um nude cremoso para misturar. Eu pisquei para mim mesma no espelho.

Não estava tão ruim. Meu humor melhorou.

Coloquei lentes de contato, algo que eu nunca tinha feito porque era preguiçosa e realmente não me importava. Mas uma festa chique e saltos altos? Pedia por lentes de contato. Apliquei rímel, o que foi fácil. Um pouco. Talvez eu tenha tido que limpar minhas pálpebras com um cotonete, e provavelmente tenha parecido como um palhaço durante o processo, mas tanto faz. Eu consegui, e ficou ótimo.

Depois veio o blush, e o lápis de lábios que eu tinha comprado.

Essa foi honestamente a parte mais difícil – mover o lápis sem tremer, tornando os dois lados do meu lábio uniformes, sem borrar. Eu passei primer antes, como Lily havia dito, e meus dedos estavam cruzados para que ficasse

bom.

Respirei fundo e olhei no espelho, sentindo-me confiante de ter feito tudo certo, embora olhasse para o meu cabelo desconfiada.

Minha rotina normal de maquiagem consistia apenas de protetor labial, e meu cabelo só fazia sua própria coisa. Às vezes eu o trançava ou amarrava em um coque bagunçado, e na maioria do tempo apenas o deixava fazer o que queria. Eu havia deixado secar naturalmente e agora ele tinha ondas e parecia cheio sem eu mesma ter sacudí-lo. Eu assisti três tutoriais sobre enrolar o cabelo e me sentia pronta para tentar eu mesma.

Meu *babyliss* – uma relíquia antiga da minha mãe – estava ligado e respirei fundo, lembrando do passo a passo dos vídeos que tinha assistido. Então, pedaço por pedaço, eu o enrolei, a língua presa entre os lábios e o rosto contorcido. Depois de meia hora, meu cabelo parecia muito bom, pela minha opinião, e eu só havia queimado a parte de trás da minha orelha uma vez. Eu chamaria de vitória. O toque final foi o spray de cabelo, o que eu fiz da raiz às pontas, sacudindo-o depois.

Afastei-me e me encarei chocada quando vi uma mulher de verdade olhando de volta, o que era estranho.

Estranho, e estranhamente incrível.

Eu me arrumei com pressa. Tyler estaria em casa em breve e eu queria estar pronta quando ele chegasse. Estaríamos saindo quase imediatamente, e eu realmente queria ver o olhar em seu rosto quando ele me visse. Eu poderia medir por ele se tinha feito tudo certo ou não.

Eu fiz o meu caminho para o meu quarto e para o vestido pendurado na parte de trás da porta do meu armário. Puxei a gravata de cetim do quimono que minha mãe tinha comprado para mim no Natal e deixei cair no chão. Eu nunca tinha usado antes, mas percebi o seu propósito quando precisava me maquiar antes de me vestir.

Quem sabia que tipo de bagunça eu teria feito com meu vestido se eu o usasse enquanto passava base.

Peguei o vestido com cuidado e entrei nele, prendendo a respiração enquanto olhava no espelho de corpo inteiro.

Então me lembrei de que não podia abotoar as costas sem Tyler.

Soprei a respiração entre os meus lábios e eles fizeram um barulho engraçado. Me arrependi de imediato, em pânico por talvez ter borrado o batom. Mas quando eu me inclinei para frente para ver no espelho, estava tudo bem – graças a Deus, porque é muito possível que eu choraria se tivesse que lavar qualquer parte do meu rosto novamente.

Ouvi a chave dele na porta e meu pulso disparou. Coloquei meus pés nos

meus sapatos e respirei fundo, alisando nervosamente a saia do vestido no espelho antes de me virar e sair para encontrá-lo, cheia de esperança.

Ele estava sorrindo quando nossos olhos me olhavam, mas ele diminuiu a velocidade, seu sorriso deslizando quando ele olhou para o meu corpo, as chaves penduradas na mão.

Os nervos corriam através de mim, lavando a esperança que eu tinha. Sangue correu pelas minhas bochechas e ouvidos, fazendo a queimadura do babyliss arder. Estava errado, tudo errado. Eu nunca deveria ter concordado em me arrumar toda, ou deveria ter implorado a Rose para me ajudar a me arrumar.

— Cam... — sua voz era áspera.

Olhei para os meus sapatos e respirei. — Eu... Deus, eu sabia que iria estragar tudo. Eu sinto muito. Eu tentei ficar linda, mas...

Ele estava na minha frente em alguns passos, segurando minhas bochechas, inclinando meu rosto para que nossos olhos se encontrassem. — Cam, você é sempre linda. Sempre. Quando você está dormindo. Quando você está de camiseta e tênis. Especialmente quando está de camiseta e tênis. Mas agora, nunca vi nada tão perfeito.

Surpresa tomou conta de mim. — Quer dizer... eu não estraguei tudo?

Ele riu e roçou seus lábios nos meus, consciente do meu batom.

— Você fez exatamente o oposto de estragar tudo.

Suspirei, exalando a ansiedade e enchendo meus pulmões com doce alívio. — Você pode abotoar o vestido? — eu perguntei, virando em seus braços enquanto a animação aumentava. Afastei meu cabelo do pescoço.

— Claro. — senti suas mãos nas minhas costas. — Não acredito que você tinha uma única dúvida sobre como está linda.

Eu ri. — Bem, lutar com meu cabelo e maquiagem pelas últimas duas horas provavelmente teve algo a ver com isso.

Sua mão acariciou minhas costas quando ele se inclinou para beijar a pele nua acima da minha gola. — Você poderia ter pulado tudo isso e eu ainda teria ficado sem palavras.

Inclinei-me para ele, e ele passou os braços em volta de mim, descansando o queixo no topo da minha cabeça por um longo momento.

— É melhor eu me trocar para podermos ir. Estou pronto para te levar para fora e mostrar ao mundo que você é minha.

Ele deu um beijo no meu cabelo.

Suas palavras enviaram um calafrio através de mim, e quando ele se afastou, parte de mim queria esquecer a festa e segui-lo até seu quarto, para ficar lá o resto da noite.

Mas, em vez disso, entrei na cozinha, apreciando o som dos meus passos no

chão de madeira. Havia algum poder nisso, como um grito de batalha sexual. Fiquei um pouco mais reta, me sentindo muito mais sexy e descobri que era muito mais durona do que imaginava.

Tomei um pouco de uísque enquanto esperava Tyler, me sentindo elegante pra caralho, bebendo o líquido âmbar enquanto andava pela cozinha para ter certeza de que não iria cair. Rose e Lily estavam certas – por algum motivo, os calcanhares não pareciam instáveis ou excessivamente doloridos. Quero dizer, quem sabia como me sentiria depois de cinco ou seis horas, mas depois de experimentar doze pares de saltos, esses eram facilmente os mais confortáveis. Se eu tivesse comprado o par que me fazia andar como um pinguim por serem tão altos e instáveis, duvido que conseguisse ao menos chegar até as escadas.

Sorri ao pensar em Tyler me pegando e me carregando. Ou eu andando de cavalinho nele neste vestido e salto alto.

Mas quando Tyler entrou na sala, meu sorriso deslizou do meu rosto e caiu no chão.

Ele olhava para o pulso enquanto abotoava a camisa, a camisa branca social abraçando seu peitoral. Um paletó preto pendia em seu antebraço para combinar com suas calças – calças que se encaixavam perfeitamente em suas longas pernas musculosas. Ele vestiu o paletó e, quando olhou para mim e sorriu, meus joelhos quase dobraram.

Percebi que minha boca estava aberta e a fechei.

— Eu nunca tinha te visto de terno antes. — tentei dizer, mas saiu como um murmúrio.

Seu boca se esticou em um sorriso de lado enquanto ele se aproximava. — O quê?

— Você está incrível. — eu devo ter sido mais clara porque ele me ouviu dessa vez.

Ele passou a mão em volta da minha cintura e se aproximou, quase me prendendo contra o balcão. — Que bom. Então estamos combinando.

— Como um conjunto?

Ele assentiu. — Eu realmente quero te beijar, mas estou com medo do seu batom.

— Isso faz dois de nós.

Ele riu e me beijou suavemente outra vez. — Acho que terá que ser assim, por enquanto. Você está pronta?

— Na verdade, não. — eu disse com um sorriso.

— Você vai se sair bem. Eu prometo.

— Espero que você esteja certo.

— Apenas fique comigo. Eu vou cuidar de você, Cam.

Calor floresceu no meu peito. — Sei que vai.

Ele pegou minha mão, ainda sorrindo. — Então, vamos.

Eu sorri de volta, minha ansiedade quase desaparecendo, preenchida com a confiança que Tyler me deu, o presente mais doce.

Tyler

Cam agarrou meu braço como uma tábua de salvação enquanto descíamos as escadas, os olhos baixos na frente dela, colocando toda a concentração em sobreviver à descida. Não que isso fosse necessário – eu a tinha. Não havia como ela cair. De jeito nenhum eu deixaria.

De tirar o fôlego. Essa era a única definição que eu poderia usar para descrevê-la.

Não era a maquiagem dela, por mais agradável que fosse, nem o vestido, que era deslumbrante. Era *Cam.* Ela brilhava por dentro, iluminada por suas próprias baterias, seu próprio brilho. Ela se sentia bem, mesmo que não tivesse certeza se alguém concordava ou não, e isso a tornava ainda mais linda para mim.

Quando saímos, eu a deixei na calçada, pisando no meio-fio para pegar um táxi. Quando se aproximou, eu abri a porta, olhando para trás e a encontrei ali no crepúsculo, sua pequena bolsa na frente dela, olhos grandes, lábios doces e vermelhos. Foi um momento que queimou em minha mente, um que eu sabia que passaria diante dos meus olhos antes que eles descansassem eternamente.

Peguei a mão dela, e ela a aceitou, usando-a como suporte para atravessar a calçada e entrar no táxi, e eu deslizei atrás dela.

— Waldorf, por favor. — disse ao taxista, depois me sentei e peguei a mão de Cam.

Ela sorriu para mim e soltou um suspiro.

— Você está bem?

— Estou bem. Eu me sinto melhor. Você me faz sentir melhor.

Eu sorri de volta e apertei sua mão. — Ótimo. Você não tem nada para se preocupar.

— Eu acho que não seria tão difícil se eu fizesse isso o tempo todo, — ela disse, gesticulando para si mesma. — mas eu me sinto tão fora de mim, sabe? Não tenho certeza de nada.

Deslizei meu braço atrás dela, puxando-a para perto. — Bem, então devemos garantir que você pratique bastante. Deixe-me levá-la para jantar quando eu voltar de Nebraska.

Ela riu. — Jantar, hein?

— Saltos são necessários.

— Só se você usar este terno. Porque, *sim.*

Eu sorri e alisei minha gravata. — Você gosta do meu terno?

Ela mordeu o lábio inferior e assentiu. — Ah, sim. Acho que gostaria de você fora dele, também.

Eu ri, não querendo subir minhas esperanças, embora depois da outra noite eu estivesse doendo por ela, sabendo o suficiente para provar como seria tê-la completamente. Pensei em ter abotoado a parte de trás de seu vestido, o pedacinho de pele nua que desaparecia enquanto eu abotova, a pele tão macia que tive que beijá-la quando concluí a tarefa.

Lembrei de quando costumava jogar futebol, dos *running backs**, por um segundo, para me controlar.

Ela passou a mão sobre a saia do vestido, brincando com a ponta, com os olhos cheios de felicidade. Era estranho vê-la sem os óculos – ela era estranha e familiar ao mesmo tempo, e, verdade seja dita, eu sentia falta deles. Mas ela sempre foi linda para mim. Este era apenas outro tom dela que eu ainda não tinha visto.

— Seu vestido é espetacular.

Ela olhou para mim, seus olhos brilhando de alegria. — Obrigada. Ele fez eu me sentir tão bonita que precisei comprar.

— Você fez bem, Cam. *Muito* bem.

Ela sorriu. — Eles vão nos alimentar nessa coisa?

— Sim, jantar e *hors d'oeuvres*. E open bar.

— Aleluia. Para que é? Não acredito que não pensei em perguntar. Eu estava muito preocupada com a ideia de ter que passar batom.

Eu ri. — É um evento de caridade para câncer de homens, patrocinado por Gene Holmes.

— O antigo quarterback dos Giants?

— O mesmo. Ele realiza um desse todos os anos, sempre tem alguns dos grandes nomes do esporte. Jack comprou quatro mesas, o suficiente para sessenta de nós. Acho que eles venderam algo como mil ingressos.

— Uau. Quanto custaram os ingressos?

— Você não quer saber.

Ela fez uma careta. — Bem, agora você tem que me dizer.

Fiz uma pausa, me perguntando se ela não iria pirar mais ainda quando soubesse. Mas eu também sabia que até que sua curiosidade fosse satisfeita, ela não deixaria passar. — Cinco mil.

Os olhos dela se arregalaram. — Cada?

— Sim. Honestamente, nem tudo é assim.

— São cinco mil dólares. — disse ela, boquiaberta.

— É por uma boa causa, e Jack contribui. Os filhos de ninguém estão morrendo de fome porque estamos aqui, não se preocupe.

Ela balançou a cabeça. — Isso é loucura. Estou prestes a comer uma refeição de cinco mil dólares. Eu nem acho que já tive uma refeição de cem dólares.

Eu sorri para ela. — Não pense dessa maneira. Pense nisso como um jantar grátis. Comigo.

— Bem, quando você coloca dessa maneira. — ela parecia nervosa, seus olhos brilhando um pouco no táxi escuro. — Apenas segure minha mão.

Eu escovei meus dedos contra sua bochecha. — Sempre.

Um pouco depois, estávamos subindo as escadas dentro do saguão do hotel, em direção ao grande salão de baile. Cam segurava meu braço, absorvendo tudo enquanto seguíamos uma multidão de pessoas em trajes de cocktail. Quando chegamos ao salão de baile e demos nosso nome aos atendentes, fomos para o salão principal, e Cam olhou em volta, impressionada.

O espaço era vasto, com tetos altos e enormes lustres que brilhavam suavemente. Uma grande pista de dança ficava no final da sala comprida, e mesas espalhavam-se por quase todo o espaço, com dois bares situados em cada lado.

— Uau. — disse Cam, sua voz cheia de admiração, seu braço, enganchado no meu, apertando suavemente. Seus olhos vagavam por toda a sala como se estivesse mergulhando em uma fantasia, absorvendo tudo, seus lábios vermelhos se separaram apenas o suficiente para ver uma lasca de dentes brancos atrás deles.

Mas eu só estava olhando para ela. — Diga isso de novo.

*N.T.: O Running Back é uma posição do futebol americano e futebol canadense que normalmente se alinha no backfield. O principal papel de um running back é correr com a bola que pode ser passada para ele pelo quarterback ou em um *snap* direto do center, sendo que ele também pode receber e também ajudar no bloqueio.

ELE ME CHAMA DE LOUCA

Cam

EU PAREI TÃO RETA QUANTO EU pude, me agarrando a Tyler como se fosse me afogar se o soltasse. Era como algo de outro mundo, como um salão de baile em um castelo. De certa forma, eu supunha que era como a realeza moderna, esse tipo de grande luxo. Parecia um teatro, com dois andares de varandas ao longo das paredes, onde as pessoas se amontoavam acima de nós, conversando e rindo, o zumbido constante das pessoas sob a música vindo da cabine no outro extremo da sala. Tudo estava iluminado, as cores mudando de rosa para vermelho, de roxos para azuis e de novo, refletindo os enormes lustres pendurados acima de nós.

Tyler e eu fizemos o nosso caminho para o bar para esperar na fila, e uma vez que eu tinha uísque na mão, me senti muito melhor.

Tomei um gole, sentindo o calor do uísque que se movia através de mim.

Tyler parecia um sonho, tão alto e bonito, sorrindo brilhantemente enquanto vagávamos pela multidão, parando ocasionalmente quando ele encontrava alguém que conhecia. E ele conhecia muitas pessoas – jogadores de futebol, jogadores de beisebol e basquete, agentes, representantes de vendas, emissoras de esportes. Eu fiz o meu melhor para lembrar os nomes de todos, fazendo associações. *Jerry ama Derek Jeter: Jeter Jerry. Sam foi para a Purdue: Pobre Sam.*

O quê? Eu cresci em Iowa. O futebol é uma das poucas coisas, além de leitura e keggers, que há para fazer. E a Purdue é uma merda.

Quando finalmente encontramos Jack, ele estava com sua esposa e um grupo de outros agentes da firma. Os cabelos estavam cortados e penteados, o bigode cinza aparado e os olhos nítidos e azuis. Ele se alegrou quando nos aproximamos.

— Ei, vocês dois conseguiram. — ele estendeu a mão, que Tyler pegou,

balançando-a uma vez com um sorriso.

— Ei, Jack. — disse ele. — Você se lembra de Cam.

— Como eu poderia esquecer? — disse ele, inclinando-se para me beijar na bochecha. — Aquele macarrão com queijo que você enviou por Tyler foi o melhor que já comi.

Eu ri. — Feliz em mantê-lo alimentado, Jack.

Ele se virou para a mulher ao seu lado, sorrindo orgulhosamente. – Gostaria que você conhecesse minha esposa, Anne.

Anne era linda, com as maçãs do rosto altas e alegres, os cabelos lisos e arrumados. — Prazer em conhecê-la, Cam. E é bom ver você, Tyler. Jack disse que você está indo para casa neste fim de semana? Encontro com Darryl?

— Sim, senhora. — disse ele com um aceno de cabeça. — Vai ser bom ir a um jogo e ver minha família também. Um acordo de dois por um.

— Aposto que sim. Você terá que dizer a sua mãe e seu pai que eu disse olá. Temos que voltar lá para vê-los em breve.

— Tenho certeza que eles gostariam disso. Você está feliz por ter Jack em casa?

Ela revirou os olhos. — Geralmente não, mas desta vez, sim. Eu sabia quantos problemas aquela viagem seria e eu relutei em enviar Jack para as trincheiras.

Jack riu. — Ela ama quando eu viajo. Aí ela não precisa esconder suas sacolas de compras.

— É um estresse que eu não gosto de discutir. — ela brincou. — Estou feliz que tenha dado tudo certo com Pharaoh, pelo menos por enquanto.

Jack bufou e levou o copo aos lábios. — É melhor que seja para sempre. Eu não vou fazer isso de novo. Da próxima vez, vou mandar Tyler.

Tyler riu e me puxou para perto, e alguém veio falar com Jack e Anne. Olhei em volta novamente, finalmente me sentindo um pouco acomodada, confortada pelo braço de Tyler ao meu redor e pelo uísque também.

— Ah, cara. Esqueci. — eu disse, tentando abrir minha bolsa com uma mão. — Aqui, segure isso para mim por um segundo.

Passei minha bebida para ele e procurei na minha bolsa pelo meu telefone. — *Ah-ha*! Jurei para mim mesma que iria tirar uma selfie hoje à noite.

Ele riu. — Aqui, deixa eu tirar uma foto sua.

— Não. Há algo ainda mais desesperado em fazer alguém tirar uma foto para você do que tirar uma selfie. Não me pergunte o porquê. É assim que a rede social funciona.

Eu segurei meu telefone, tentando parecer discreta, e tirei uma foto. Ficou horrível. Eu fiz uma careta e tentei novamente, fazendo uma cara de beijo, mas

eu parecia ridícula. Eu peguei minha bebida de Tyler e tentei uma de mim tomando um gole, mas também não funcionou – meu rosto estava liso como uma panqueca e eu tinha pelo menos um queixo extra.

Eu bufei. — Como é que as adolescentes são mais hábeis em tirar selfies do que eu?

— Porque elas passam o tempo todo praticando. — Tyler disse e pegou meu telefone de mim. — Aqui. Tire uma comigo. — ele me puxou para perto e segurou o telefone, e eu agarrei seu paletó, inclinando-me para ele. — Diga "os Hawkeyes são uma merda!"

Eu ri e ele tirou a foto, mostrando-me depois com um olhar presunçoso no rosto.

— Ai está.

Eu balancei minha cabeça, olhando para ela. Ficou incrível, nós dois rindo e felizes, meu sorriso quando eu olhei para ele, e ele olhando para a câmera e... foi simplesmente incrível. Eu fingi fazer beicinho. — Como você acertou na primeira tentativa?

Ele deu de ombros e estendeu o braço, a bebida no final dele, em exibição. — Eu sou como um bastão de selfie humano.

Eu ri. — Então meus braços T-rex são ruins para selfies.

Entendi.

Mas ele beijou minha têmpora. — Acho que você terá que tirar selfies comigo para sempre, então.

Inclinei-me para ele novamente, corando quando uma campainha tocou nos alto-falantes e uma voz suave nos informou que precisaríamos escolher um assento para o jantar. Meu estômago roncou – percebi então que não tinha comido nada desde o café da manhã. Muito ocupada depilando minhas pernas e assistindo a tutoriais para comer, eu supunha. Sentamo-nos com Jack e alguns outros agentes e seus encontros, e eu me sentei entre Anne e Tyler.

Peguei o menu que estava em cima do meu prato e o analisei, agradecida quando vi que havia uma opção de bife. Pedimos e conversamos, ou ouvimos Jack contar histórias, na verdade. Ele prosperou com uma audiência e tinha muitas histórias para contar, desde quando jogou até as centenas de jogadores com quem trabalhou.

No momento em que o jantar foi servido, eu poderia ter comido meu guardanapo e, com o estômago vazio, e com o scotch e agora o uísque na barriga, eu estava zumbindo o suficiente para que uma bebida tivesse sido o motivo para eu falar com alguém sobre os méritos de *Battlestar Galactica*, e isso não era a multidão com quem falar sobre isso.

O garçom colocou meu prato na minha frente e todo o resto foi desligado.

Veja, quando estou com muita fome e finalmente começo a comer, é como se algum instinto animal estranho assumisse o controle. Meu cérebro vê a comida e é tipo, *coloque tudo isso em seu corpo, agora, o mais rápido possível.* Sinceramente, não ficaria surpresa se, sem querer, rosnasse para as pessoas se elas tentassem falar comigo, ou, que Deus proibisse, se tentassem tocar minha comida.

É por isso que eu estava no meio do meu bife antes de perceber que a ex-namorada de Tyler havia se aproximado da nossa mesa.

Foi a risada dela que me tirou da névoa, minha mandíbula diminuindo enquanto trabalhava em um pedaço de bife que percebi tarde demais que era grande demais para ser considerado apropriado. Eu me virei para encontrá-la em pé logo atrás dele – ele virou em sua cadeira para encará-la.

Ela era uma das garotas mais lindas que eu já vi em toda a minha vida.

Seu cabelo era da cor de mel, sua pele impecável, um tom oliva que me fez pensar que ela era espanhola ou italiana. Seus grandes olhos castanhos atraíram Tyler, seu sorriso doce, seus dentes tão brancos que eu precisava de óculos escuros para olhar diretamente para eles. Parada ao lado dele, eu me senti uma imitação barata, como as imitações da Fendi que vendiam perto de Midtown, que diziam *Frendi.*

Como se isso não fosse ruim o suficiente, ela estava usando a edição da passarela do vestido nude que eu havia experimentado no dia anterior – o que me fez parecer uma carne – e ela estava incrível nele.

Tyler olhou para mim enquanto eu pairava sobre meu prato no meio da mastigação, gesticulando para ela. — Cam, essa é Jessica.

Eu sabia exatamente quem ela era – eu não teria sido uma boa amiga se não tivesse perseguido a ex de Tyler no Facebook – mas fiquei sentada lá como um boneco por um segundo, me perguntando como o nome dela não era Flavia ou Alessandra ou algo assim, antes de entrar em ação.

Meu bife era grande demais para engolir em seu estado atual, e eu não podia exatamente cuspí-lo, então sorri com os lábios fechados e estendi a mão, apontando para a boca com a outra mão e revirando os olhos em tom de brincadeira.

Parecia que ela estava fingindo se divertir, mas na verdade achava que eu era terrivelmente rude e estranha.

— Uh, — ela disse, pegando minha mão, sorrindo: — Prazer em conhecê-la.

Eu assenti e sorri, mastigando o mais rápido que pude, aproveitando o momento para observar os dois.

— Não esperava vê-la aqui, Jess. — disse ele. Havia um tom estranho em sua voz que eu não conseguia identificar.

Ela sorriu aquele sorriso de um milhão de dólares dela. — Sim, eu vim com Cade Matthews, o quarterback dos Patriots.

Tyler sorriu de volta, mas foi um sorriso apertado. — Sim, eu sei quem ele é.

Ela riu e parecia um coro de anjos ou algo assim. Sério, você poderia gravar, fazer uma campainha chamada *Hot Girl Laughing* e ganhar um milhão de dólares. — Claro que sabe. Não sei por que falei assim. Não quero incomodá-lo, apenas pensei que essa seria a única chance de vir dizer oi.

Continuei mastigando, pegando minha água. *Quase lá.*

— Você parece ótimo, Tyler. — agora a voz *dela* tinha um tom estranho, mas esse eu sabia que não gostava.

Engoli em seco e tomei um drinque. Cam, a namorada nervosa, desapareceu quando a amiga brava tomou seu lugar. — Nós não nos conhecemos antes, mas eu ouvi tudo sobre você.

Seu sorriso vacilou um pouco. — Oh. E quem é você?

— A namorada dele. Sabe, Tyler e eu estávamos conversando outro dia sobre você. Ele realmente levou aquilo a sério, o que você disse. Você lembra? Quando você o chamou de entediante? Mas eu ainda disse que ir para a Índia era demais para a nossa primeira viagem juntos, não disse, querido?

Alcancei o braço dele, e ele olhou para mim, sorrindo. — Quer dizer, você tem que viver um pouco.

— Exatamente. Eu pensei que o paraquedismo tivesse sido louco o suficiente.

Ela piscou. — Paraquedismo? Eu pensei que você tivesse medo de altura?

Ele deu de ombros. — *Encare seus medos*, não é isso que eles dizem?

— Eu simplesmente não sei como você conseguia lidar com ele. — eu disse com uma risada. — Mas é difícil dizer não a Tyler, então quando ele quer entrar furtivamente em algum banheiro para…— eu olhei para ela e olhei em volta para garantir que ninguém estivesse ouvindo. — *você sabe,* eu simplesmente não consigo negar.

Uma risada saiu de Tyler, e os olhos de Jessica saltaram entre nós, seus lábios entreabertos, embora ela ainda tivesse um sorriso preso a eles.

— Puxa, eu sou tão rude. Blá, blá, blá, eu, eu, eu. Então, você está aqui com Cade Matthews, hein? — eu perguntei.

— Sim. — ela sorriu, voltando ao assunto. — Você já ouviu falar dele? Quero dizer, meninas geralmente não gostam de futebol. Tipo, nenhuma das minhas amigas sabem quem ele é.

Tenho certeza de que todo o movimento feminista se encolheu comigo.

— Eu entendo totalmente o que você vê nele. Ele dirige motos, certo? Quero dizer, Deus, ele quase se matou dirigindo uma na última temporada, não foi?

— Totalmente. Graças a Deus ele ficou bem.

— Sim, quero dizer, você não pode realmente chamar um cara desse tipo de *entediante*, pode? E eu não pensaria duas vezes sobre ele ter se casado três vezes nos últimos cinco anos. Isso é apenas *experiência*, certo? Pelo menos ele é *interessante*.

Suas bochechas coraram, seus belos lábios achatando. — Ele é interessante. Obrigada por me lembrar. Eu provavelmente deveria voltar para ele.

Eu não conseguia ler o rosto de Tyler, mas não havia como eu recuar naquele ponto. — Divirta-se. — eu disse, animada demais.

— Ah, você também. — suas bochechas coraram, e ela assentiu uma vez antes de se virar e ir embora, suas belas costas nuas emolduradas pelo drapeado do vestido.

No segundo em que ela foi embora, o sangue correu para as minhas bochechas. Eu toquei seu braço, envergonhada, meu coração cheio de incerteza ao perceber que eu poderia muito bem tê-lo chateado.

— Ai, meu Deus. Desculpa, Tyler. Eu não deveria ter... eu não sei. Feito o que diabos aquilo foi.

Mas quando ele olhou para mim, ele estava sorrindo, inclinando-se em minha direção. — Não peça desculpas. Pensei no que aconteceria se a visse novamente uma centena de vezes, e nada do que eu tinha imaginado era tão perfeito quanto isso.

Eu ri e abaixei minha cabeça na minha mão. — Ela mereceu, mas... *ugh*. Eu sou tão inapropriada. Eu te disse que não deve confiar na minha boca em público.

Ele segurou meu queixo e me beijou docemente. — Eu amo sua boca. Obrigado por me defender.

— De nada. Numa escala de um a avó nua, quão estranho foi vê-la?

Ele pensou por um instante. — Ereção na aula de ginástica.

Eu ri de novo.

— Mas você facilitou. — ele acariciou minha bochecha. — Obrigado por vir comigo, Cam.

Eu olhei para ele, apaixonada. — De nada.

Quando voltamos para a mesa, Jack estava contando uma história barulhenta, e pelo tapinha na perna e pelo sorriso compreensivo que Anne me deu, eu suspeitava que ele tivesse apenas a começado para distrair todos do que eu tinha decidido chamar de o Evento Jessica Lazarus. Quando peguei meu garfo e faca, lembrei-me de não comer como um porco e cortei um pedaço de carne recatado e delicado, colocando-o na boca.

O resto do jantar aconteceu sem problemas, além das histórias de Jack, uma

após outra, incluindo uma sobre o pai de Tyler, de quando ele jogou pelo Chiefs no início de sua carreira. Eu estava feliz e confortável, sentindo-me como se estivesse entre velhos amigos, sem notar meus sapatos ou vestido ou a multidão de estranhos ao nosso redor. E quando nossos pratos estavam sendo recolhidos, Tyler se inclinou para mim e sussurrou: — Dança comigo.

Eu não tinha mentido para Jessica. Eu não conseguia dizer não a Tyler.

— Claro. — eu respondi e deslizei minha mão na dele.

As pessoas estavam em grupos entre as mesas, outras dançando na enorme pista de dança enquanto a música Billie Holiday, *Crazy He Calls Me*, tocava, o que parecia muito apropriado, e ele me puxou para a multidão, me aconchegando em seu peito enquanto pegava minha mão.

Com os saltos, eu tinha uma altura muito melhor – o topo da minha cabeça quase chegava ao seu queixo – e descansei minha bochecha contra seu peito, balançando com ele no ritmo da música.

Com Tyler, eu não tinha medo. Eu não ligava para quem me assistia ou o que eles pensavam. Eu não me importava se parecíamos bobos juntos por causa da nossa diferença de altura, ou se eles não gostavam do meu batom ou vestido. Nada disso importava. A ansiedade desapareceu. Ali, nos braços dele, era um dos lugares mais seguros do mundo.

Ele acelerou, me levando em círculos com a mão nas minhas costas, me segurando perto, não apenas balançando, mas me puxando no ritmo dos pés, não rápido o suficiente para pensar em acompanhar, mas o suficiente para estarmos *dançando*. Ele sorriu para mim e eu ri, surpresa.

— Você dança. — eu disse.

— Eu danço. — ele disse e me girou rápido o suficiente para me fazer rir.

— Bem, me surpreenda.

Ele sorriu e se inclinou para sussurrar no meu ouvido: — Eu tenho mais na minha bolsa de truques.

Eu levei meus lábios ao seu ouvido. — Me mostra.

— Apenas diga a palavra.

— A palavra.

Ele riu e me girou de novo, dançando até a música terminar.

Suspirei, triste que a música havia acabado, mas quando Bust A Move começou, ele sorriu, se afastando de mim. Eu nem sabia o que esperar, balançando meus ombros e mexendo meus quadris, pensando que estávamos apenas brincando. Mas minha mandíbula caiu no chão quando Tyler começou a dançar mesmo.

Tyler bateu palmas e se arrastou como um dançarino, revirando os ombros antes de fazer uma pausa e empurrar o tornozelo como Michael Jackson. Quando

ele se virou e andou para trás, uma gargalhada estourou dentro de mim.

Ele fez todos os movimentos dos anos 90 que eu achava que ele sabia, o Roger Rabbit, o Side Kick, o Heel Toe e até o Carlton. Ele parecia ter saído direto do In Living Color, que eu assisti reprises na casa de meu amigo na escola primária, já que não tínhamos tv a cabo. As pessoas ao nosso redor o aplaudiram quando ele fez o Butterfly, até que ele caiu de bunda até o chão.

Eu achei que poderia morrer de orgulho bem ali.

Ele estava tão iluminado quando a música terminou, e todos aplaudiram quando ele se aproximou de mim, me agarrando pela cintura para me girar.

— Você é incrível. — eu disse, rindo enquanto me pendurava em seus braços.

— Não, você só me faz querer dançar. — ele beijou minha bochecha.

Foi então que eu o vi, realmente o vi. Vi um futuro com ele, talvez até uma eternidade. Eu respirei fundo, sem medo lá em seus braços, sorrindo para ele como se ele fosse o único homem que já existiu ou existiria. Isso me dominou da melhor maneira. Mas eu precisava de um minuto para me acostumar com o pensamento.

Deslizei meus dedos sob seu terno, sentindo seu peito sólido sob minha mão. — Eu vou correr para o banheiro, ok? Quer uma bebida?

— Eu vou pegá-las.— disse ele com um sorriso, ainda me segurando perto.

— Não, eu vou. Olha, aqui vem Jack. Vocês saem e eu vou pegar bebidas e fazer xixi, ok?

Ele parecia um pouco ferido, então eu coloquei minha cara de *pare-com-isso*. E quando pensei que o tinha, ele tirou a carteira e me entregou dinheiro. — Tudo bem, mas use isso para a gorjeta.

Fiz uma careta e ele riu antes de me beijar.

— Volte depressa.

Eu sorri para ele quando me virei. — Eu vou. Não vá a lugar algum.

— Vou estar aqui.

Caminhei pelo salão, meu coração tão leve que poderia ter voado para longe. No meu caminho para o banheiro, eu fiz planos na minha cabeça para arrumar meu batom, entrando em pânico brevemente enquanto me perguntava se tudo estava manchado. Mas eu tinha fé que Tyler teria me dito.

Eu tinha fé em Tyler.

O pensamento me atingiu profundamente no meu peito. A maneira como me senti deixou inegavelmente claro que eu havia lhe dado meu coração, minha confiança. E eu não tinha medo de dar a ele.

O que eu tinha medo era de perdê-lo.

Afastei o pensamento, lembrando como ele sorriu para mim, como ele me

tocou, confortando-me nos momentos que tivemos, em vez dos que viriam.

O banheiro estava cheio de mulheres, e depois que eu fiz xixi, me aproximei do espelho, procurando na minha bolsa o meu batom.

Eu olhei para mim mesma, certificando-me de que ainda estava arrumada e, por algum milagre, minha maquiagem ainda estava muito próxima do que tinha sido quando eu saí do apartamento horas antes.

Tirei a tampa do tubo e comecei a trabalhar retocando meu batom, concentrando-me muito, com tanta força que não vi que Adrienne se aproximara de mim, até que ela falou.

— Ei, Cam.

Olhei surpresa ao ouvir meu nome, embora sorrisse quando a vi.

— Adrienne! Não esperava vê-la aqui.

Ela sorriu de volta e lavou as mãos. — Sim, é um evento da indústria bastante grande a cada ano, então muitos de nós vamos.

Você está aqui com Tyler? — ela perguntou, e a incerteza apareceu, percebendo que eu não tinha ideia de como ela se sentia sobre a coisa toda.

Meu sorriso caiu. — Sim, eu estou. Adrienne, sinto muito pelo que aconteceu no seu encontro. Eu não tinha ideia de como ele se sentia.

Ela balançou a cabeça, ainda sorrindo enquanto pegava uma toalha de papel. — Não se desculpe. Não vou fingir que não estou chateada, mas não estava apegada, Cam. Não como vocês dois.

Suspirei e tampei meu batom. — Obrigada por ser tão gentil.

O sorriso dela apareceu de um lado. — Ei, não valeria a pena irritar a garota que lança as melhores noites de solteiros de Nova York, não é?

Eu ri. — Então, isso significa que você virá para a próxima?

— Aquele barman na fantasia de Superman está solteiro? Porque eu definitivamente estaria interessada em conversar com ele sobre as injustiças sociais da aracnofobia.

Eu bufei. — Greg é definitivamente solteiro, e tenho certeza que ele adoraria ver o chicote da Catwoman.

— Então eu não perderia a noite de solteiros de jeito nenhum.

— Ótimo.— eu disse com um sorriso. — Vejo você lá, então.

— Divirta-se esta noite. Você está linda, a propósito.

Corei e acenei com a mão. — Não tão linda quanto você. Aposto que você acorda assim.

Ela riu e foi em direção à porta. — Sim, exceto que com mais baba.

Eu caí no passo com ela. — Tanto faz. Aposto que até sua baba é brilhante e tem gosto de champanhe.

Aquilo provocou uma risada completa dela, o que me fez sentir muito

melhor sobre tudo, de alguma forma.

Nós nos separamos do lado de fora da porta, e eu vi Tyler na pista de dança com Jim, Anne e algumas outras pessoas. Ele me olhou como se soubesse que eu estava lá e sorriu para mim, fazendo meu coração vibrar. Acenei e apontei para o bar, fazendo o meu caminho para nos pegar bebidas.

Eu estava muito ocupada olhando sua direção ainda, mesmo que ele já tivesse voltado para a pista de dança, e enquanto eu caminhava em torno de uma mesa de aperitivos, a ponta do meu sapato ficou presa na roupa de cama. Tudo se moveu em câmera lenta – no momento em que meu pé parou, eu sabia o que ia acontecer. Eu me inclinei para a frente, observando o padrão no tapete, pensando se eu deveria ou não largar meu salto ou se eu deveria apenas dobrar e rolar. Também me perguntei quantas pessoas estavam prestes a ver minha calcinha e passei um milissegundo contente por ter pelo menos colocado alguma..

O quê? Eu ia a um jantar chique com Tyler Knight. Não me diga que você também não consideraria ir sem.

Mas quando pensei que estava tudo perdido, vi um par de sapatos masculinos e, quando um par de mãos fortes me pegou, o tempo começou de novo.

Eu olhei para cima, cheia de adrenalina e pensamentos agradecidos, até ver quem me agarrou.

Kyle olhou para mim, os cabelos loiros penteados e brilhantes e mandíbula como mármore, sorrindo torto quando eu me inclinei em seu peito no ângulo estranho onde ele me pegou.

— *Whoa*, você está bem?

Eu imediatamente me endireitei e dei um passo para trás. — Estou bem. Obrigada por me pegar.

— Ei, não tem problema. Você está incrível, Cam.

Eu sorri firmemente. — Você também. — e ele estava. Não era que ele não fosse bonito. Era que ele era um idiota, o que negava toda a gostosura.

— Eu não sabia que você usava lentes de contato. — disse ele.

Dei de ombros. — Geralmente, não uso. Quem você trouxe hoje à noite?

— Ninguém, estou sozinho. Cadê o Tyler?

— Com o Jack. Na verdade, eu estava prestes a nos pegar algumas bebidas, então...

— Ah, que bom. Eu estava indo para lá.

Continuei sorrindo como se estivesse usando uma máscara de plástico. — Ótimo.

Fomos até o bar e entramos na fila. — Como está o Tyler? Nós não conversamos desde que ele saiu do bar ontem. Ele ainda está chateado?

Tentei manter meu rosto unido, mas fiquei surpresa. Não que eles tivessem

brigado – quer dizer, eu conhecia Kyle o suficiente para querer brigar com ele toda vez que o via – mas porque Tyler não me contou.

— Eu não sei. Você já perguntou a ele?

Ele encolheu os ombros. — Eu mandei uma mensagem para ele, mas ele não respondeu. Ele mencionou isso para você?

Eu mantive meus olhos nas costas do homem na minha frente.

— Não.

— Não é tão estranho assim, eu acho. Estávamos discutindo sobre você.

Minha cabeça virou. — O quê?

Ele estava sorrindo, mas era uma mentira. — Sim. Estou surpreso que ele não tenha lhe contado. Eu pensei que vocês dois eram… próximos, ou o que for.

Eu não respondi, apenas o encarei.

— Eu só estou cuidando de você, Cam. Tyler... ele não é como você. Claro, ele fica na livraria, já que há bebida lá, mas isso não é coisa dele. Ele não gosta de quadrinhos e as coisas que você gosta.

Olhe só para ele.

Ele acenou com a cabeça em direção à pista de dança onde Tyler estava entre as pessoas bonitas, jogadores de futebol e modelos, apresentadores de esportes. Parecia que ele pertencia lá.

— É aqui que ele pertence. — disse Kyle, como se estivesse lendo minha mente, seus olhos azuis gelados. — Eu não estou dizendo que ele não gosta de você. Só estou tentando explicar que, no final das contas, você não é o tipo de garota para ele e ele não é o tipo de cara para você.

— E qual é exatamente o meu tipo?

Demos um passo para o bar. — Eu não sei, Cam. Mas Tyler é um herói. Ele quer salvar a garota e ser o mocinho. Você é um projeto para ele. Alguém para resgatar da solidão, assim como você conserta as pessoas em relacionamentos. Eu ouvi sobre o encontro dele com Adrienne Christie. Veja, isso faz sentido. Mas olhe ao seu redor, Cam.

Eu vi Jess falar com vocês. Esse é o Tyler. Garotas como ela. Você é fofa e tudo mais, não me entenda mal. Mas é apenas uma questão de tempo até que Tyler acorde e encontre seu caminho de volta para si mesmo. Eu o conheço há anos, estive com ele em tudo, tudo. E este não é ele.

— Talvez ele tenha mudado. — eu estava tentando me convencer tanto quanto Kyle.

Ele riu e foi até o bar. — Talvez. Mas duvido.

O barman anotou a ordem dele como a nossa, e Kyle deu uma gorjeta enquanto eu fiquei ali ao lado dele, me sentindo uma tola por estar lá, uma tola por ouvi-lo, apenas uma idiota em uma fantasia, fingindo tanto quanto como se

eu estivesse de Rogue ou Phoenix.

Kyle entregou as bebidas para mim e me deu um olhar cheio de pena e talvez um pouco de desprezo. — Apenas pense nisso, Cam.

Você não quer se machucar. — ele tomou um gole de sua bebida. — Boa sorte com ele, e tudo. E tente assistir seu passo, está bem?

Ele sorriu, e eu apertei as taças, me impedindo de jogar uma em seu rosto. Nenhum uísque merecia ser desperdiçado com Kyle.

Eu me afastei, com o coração batendo rápido, seguindo para Tyler, pronta para contar tudo a ele. Eu estava com tanta raiva de Kyle, Kyle estúpido sendo um idiota estúpido e intrometido. Um rubor floresceu quente nas minhas bochechas, percebendo que eu não era melhor do que ele às vezes.

Mas então suas palavras invadiram minha mente, e minha raiva se transformou em vergonha e dúvida. Por mais que eu odiasse Kyle, ele não estava errado. Eu tinha visto as garotas com quem Tyler namorou, até conheci uma hoje à noite. Parte de mim se perguntava como ele já esteve com elas – elas eram tão diferentes – e a outra parte, a mais alta, achava simples, que eles estavam entre os membros de uma sociedade à qual eu não pertencia. Meus pensamentos tropeçaram e pularam, meus olhos procuraram a multidão, iluminando mulheres após mulheres. Tantas delas eram lindas, estrelas de cinema com cabelos longos e brilhosos. Pernas longas e vestidos de grife. E quando me colocava perto de qualquer uma delas, eu me sentia mais baixa em muito mais do só a minha altura.

Lembrei-me do regresso a casa todos aqueles anos atrás, quando meus amigos me arrastaram para o baile e vi Will e Kenzie coroados. Eu me senti tão alienígena e separada agora como no momento, observando o garoto que achava que amava, a quem me entregara, o garoto que me jogou fora no momento em que o fiz.

Eu não deveria ter confiado em Will. E por mais que eu quisesse confiar em Tyler, percebi que, no fundo, ainda duvidava dele. Ele não me contou sobre a briga com Kyle, talvez porque parte dele soubesse que Kyle estava certo.

Talvez esta noite fosse apenas uma ilusão, algo que eu inventei, lendo demais em suas ações, suas palavras. Talvez ele não fosse tão apaixonado por mim, e eu imaginei a coisa toda, assim como eu fiz com Will. Porque mesmo agora, eu não sabia se Will realmente sentiu alguma coisa, ou se era apenas o mal-entendido de uma garota jovem demais para saber melhor.

Quando encontrei Tyler, eu estava quase descontrolada, meu coração batendo forte, pensamentos galopando como cavalos selvagens. Ele soube imediatamente que algo estava errado e me puxou para o lado.

— Qual é o problema? — ele perguntou, segurando minha bochecha,

procurando meu rosto.

Eu tentei sorrir e balancei a cabeça. — Nada. — eu disse, inclinando-me na palma de sua mão, imaginando o que fazer.

IMPLORANDO POR DISCUSSÃO

Tyler

O FRIO CORREU ATRAVÉS DE MIM no minuto em que a vi caminhando de volta. Mas ela sorriu, me disse que estava bem, e mesmo sabendo que era mentira, me senti impotente. Não podia forçá-la a falar comigo, a ser sincera comigo, a confiar em mim. Não importa o quanto eu quisesse. Não dependia de mim.

Algo aconteceu, mas ela não quis me dizer o que. Era fácil ver... ela passou de aberta, feliz, *minha*, para desaparecer em seus pensamentos, seu humor mudando para o interior pelo resto da noite.

Claro, ela ainda participou, ainda sorriu, mas era um que não alcançava seus olhos. Ela conversou, riu, mas nada disso veio do seu coração.

A viagem de táxi para casa foi longa e silenciosa, deixando de lado o que eu queria para dar a ela o espaço que ela queria. Porque o que *eu* queria era metralhá-la com perguntas, fazê-la falar comigo para que eu pudesse consertar o que quer que estivesse errado. Até o espaço físico entre nós no táxi enquanto ela se apoiava na porta, olhando pela janela, era vasto.

Faltavam apenas alguns metros, mas ela estava a quilômetros de distância.

Minha ansiedade aumentava a cada segundo, cada palavra não dita pairando entre nós. Sabe, você pode sentir uma ruptura antes que aconteça, como se os pensamentos da outra pessoa se projetassem em moléculas e, quando você as inspira, consegue ler a mente dela.

Ela pegou minha mão quando eu a ofereci para ajudá-la a sair do táxi, e não a soltou, não enquanto subíamos as escadas do nosso apartamento em silêncio, até que estávamos dentro quando ela se virou para mim, os olhos cheios de dor e lágrimas.

Eu a alcancei, mas ela recuou, balançando a cabeça.

Meu queixo apertou. — Diga-me o que aconteceu, Cam.

— Não importa.

— Mentira. Importa para mim.

— Tyler... — Ela parecia tão incerta, seus pensamentos gritando através do silêncio.

— Não sei para onde foi a garota com quem dancei antes. Você não conversa comigo. Não confia em mim com o que quer que esteja acontecendo. Tenho sido paciente, tenho tentado te dar espaço e te deixar em paz, mas você teve um pé fora da porta o tempo todo. Em um minuto você está bem, no outro não. Eu quero ficar com você, e posso suportar muito, mas você tem que me ajudar também. Eu preciso saber que você está nisso comigo.

Seu queixo tremia e ela apertou os lábios para detê-lo. — Você está certo. Isso não é justo para você. Eu tenho duvidado de tudo, inclusive de mim. A ansiedade, a preocupação... está me deixando maluca. E aí eu estou deixando *você* maluco também.

— Eu quero que você me enlouqueça, Cam. Você não consegue ver isso?

Ela balançou a cabeça novamente. — Tyler, não. Isso deveria ser fácil. Quando você se apaixona por alguém, não deveria ser fácil?

Eu não sinto que somos iguais. Nós não somos iguais.

Minhas mãos tremiam, meus punhos apertados ao meu lado. — O que você quer de mim? Eu fiz tudo, *tudo* para provar isso a você, mas aqui estamos novamente.

— Você fez tudo certo, mas... você não entende. Como você pode? Nós somos muito diferentes. E a última vez que me senti assim, acabei machucada. — Sua voz falhou.

Andei em sua direção, entrando nela, e ela soltou um suspiro quando eu puxei um, minha testa baixa, olhos duros. Ela estava encostada no sofá, e eu segurei seu pequeno rosto, inclinando-o para o meu. — Eu não sou o suficiente para você, Cam?

Lágrimas encheram seus olhos. — Você é demais. — As palavras eram apenas um sussurro.

— Então, você só vai embora?

— Eu não sei mais o que fazer.

Apertei gentilmente seu queixo nas minhas mãos. — Você tem que escolher. É isso. Não vá embora. Só me deixe entrar. Você só precisa escolher.

Ela respirou trêmula, seus olhos castanhos brilhando, mas eu vi um lampejo de esperança. — E se eu não puder?

Eu balancei minha cabeça, procurando seu rosto. — Você pode.

Você pode fazer qualquer coisa. Você só precisa acreditar em mim.

Em nós. Isso é tudo.

— Eu quero, mas...

— Então é isso que importa. Eu preciso que você veja isso.

Nada mais importa, exceto o fato de que eu quero você e você me quer. Me diga que você me quer.

Sua respiração estava desregulada. — Eu quero você. — disse ela calmamente. — Mas...

— Sem mas. Não há mais nada a dizer. — Inclinei -me, meus lábios em direção aos dela. — Não lute comigo, Cam. Não fuja.

Suas pálpebras se fecharam, forçando lágrimas em suas bochechas, e eu a senti esquecer, se entregar para mim. Só não sabia por quanto tempo.

Então eu fiz a única coisa que podia para mostrar a ela como eu me sentia – a beijei.

A beijei com tudo de mim, coração e alma, disse a ela com cada movimento, cada toque, cada respiração que eu a queria. Que ela era perfeita. Que eu era dela.

Ela se inclinou para mim, deslizou as mãos pelo meu peito, por baixo do jaqueta do terno, e eu a puxei para perto, o mais perto que pude.

Parei depois de um momento, olhos fechados, pressionando minha testa na dela enquanto recuperávamos o fôlego.

— Eu quero você, Cam. Eu quero seu corpo, seu coração, sua alma. Vou te dar o meu em troca. Mas você tem que me escolher, aqui e agora. Confia em mim?

— Mais do que qualquer outra pessoa. — disse ela, sua voz pesada com decisão.

— Então me prometa. Que seja assim. De uma vez por todas.

Você e eu. Sem mais incertezas. Sem mais perguntas. Só nós.

Seus olhos encontraram os meus, brilhando na luz fraca. — Prometo.

Suspirei de alívio, puxando-a para perto, inclinando-me para tomar sua boca com posse, e ela afundou nos meus braços, seu corpo contra o meu, minhas mãos em sua mandíbula, seu cabelo, seu pescoço, na curva de seu peito, em sua cintura. Eu levantei, trazendo-a comigo, seus sapatos sendo largados no chão, as pernas se enlaçando em volta do meu quadril. Meu coração batia forte, nossas línguas circulando, lábios se movendo juntos, e minhas mãos deslizaram por suas coxas nuas até sua bunda, puxando-a para mim.

Ela gemeu baixinho, seus braços se apertando mais em volta do meu pescoço, e eu a segurei perto, movendo-me em direção ao quarto escuro.

Deitei-a na cama e ela se afastou, olhos castanhos grandes, cheios de medo e amor.

— Eu tenho medo. — ela disse suavemente, e eu toquei sua bochecha.

— Confie em mim. Contanto que tenhamos um ao outro, podemos sobreviver a qualquer coisa – sussurrei, a voz vacilante. — Confie em mim.

Suas mãos seguraram minha mandíbula, e quando eu olhei para ela na luz suave, eu só esperava que ela, de fato, confiasse.

Ela me beijou e eu senti seu medo. Senti sua preocupação e tristeza. Senti sua dúvida e soube que era dela mesma que ela duvidava, não de mim. E isso, de alguma forma, me machucou ainda mais.

Mas a cada segundo, eu sentia esses sentimentos desaparecerem, senti-a se soltar, esquecer o resto. Para lembrar de mim. Estar comigo tão plena e completamente que nada mais importava.

Era tudo o que eu queria.

Suas mãos deslizaram sob minha jaqueta novamente, desta vez empurrando-a sobre meus ombros, e eu dei de ombros, jogando-a fora. Nós nos beijamos, quadris pressionados juntos, rolando suavemente, saboreando a sensação, a necessidade. Suas mãos tremiam quando ela desatou o nó da minha gravata e desatou os botões da minha camisa, e quando ela colocou a palma das mãos contra a minha pele, minha respiração ficou presa e os quadris flexionaram, pressionando-a na cama.

Ela suspirou contra os meus lábios.

— Quero você nua. — eu disse, meus dedos percorrendo seu corpo, sob a bainha de seu vestido preso ao quadril. Sua pele era macia, suave e quente sob a minha mão, e eu a segurei com força, pressionando meus quadris nos dela novamente antes de recuar.

Peguei a mão dela e a puxei para fora da cama, nós dois parados um diante do outro, a respiração trêmula.

Ela me deu as costas, afastando os cabelos do pescoço, o rosto virado de lado, os olhos baixos, e meus olhos seguiram a linha de seu perfil enquanto desabotoava seu vestido até que uma lasca de pele me foi exposta novamente. Meus dedos deslizaram por suas costas e ela estremeceu sob o meu toque, enviando um choque de prazer através de mim.

Minhas mãos correram pela curva do ombro dela, levando o vestido suavemente com elas, deslizando por seus braços até cair no chão.

Eu não conseguia respirar. Ela se virou, parada diante de mim, a pele macia e delicada, o contraste de seu sutiã preto e calcinha fazendo meu pulso acelerar. Meus olhos desceram pelo corpo dela e voltaram, descansando em seus lábios entreabertos que sussurraram meu nome.

Tirei minha camisa, os lábios se conectando aos dela, as mãos subindo pelas coxas, até a curva de sua bunda enquanto ela pressionava seu corpo contra o meu, os braços apertando em volta do meu pescoço. E eu a agarrei pelos quadris,

movendo-a de volta para a cama, deslizando ao lado dela. Minha coxa estava entre suas pernas e ela se contorceu contra ela, flexionando, arqueando as costas, se esfregando em mim, gemendo na minha boca.

Aprofundei o beijo, minha língua deslizando mais para dentro de sua boca, e ela afastou os quadris o suficiente para alcançar meu cinto, depois o botão da calça, depois o zíper. Suas mãos deslizaram pela pele do meu estômago, sob a faixa da minha cueca e mais para baixo até que ela me tomou entre os dedos.

Foi a minha vez de gemer com o choque do prazer, sua mão quente me acariciando enquanto ela suspirava e me beijava.

Eu nunca quis tanto alguém. Eu nunca tive tanto medo de querer tanto alguém.

Minha mão encontrou sua bochecha, seu cabelo, segurando sua nuca para segurá-la mais perto.

Eu me afastei, afastando os cabelos do rosto. Suspirei e fechei os olhos, inclinando-me para beijá-la mais forte. — Fique aqui. — eu sussurrei quando me afastei. — Eu volto já.

Meu coração batia forte quando eu rolei da cama e fiz o meu caminho para o meu quarto, procurando na minha mesa de cabeceira as coisas que precisávamos. Quando voltei, parei ao lado da porta ao vê-la estendida na cama, ainda de calcinha e sutiã, me observando com tanta vontade quanto eu a observava.

Nossos olhos travaram enquanto eu caminhava em direção a ela, largando minhas calças e saindo delas e dos meus sapatos.

Mesmo quando subi na cama em sua direção e ela me alcançou, eu estava perdido em seus olhos, até os meus fecharem, e eu a beijei.

Ela se envolveu em volta de mim, o beijo profundo e intenso, minhas mãos passando pelo seu pescoço até seu peito. Não havia nada além do fino tecido – eu podia sentir seu mamilo enrijecido sob a palma da minha mão enquanto apertava suavemente, enganchando meus dedos na borda para expô-lo. Abri meus lábios para descer por seu corpo, parando quando cheguei ao seu peito descansando na minha palma para beijar seu mamilo rosa.

Fechei os olhos, circulando minha língua, apertando gentilmente, e seus dedos deslizaram no meu cabelo com um suspiro suave. Eu gemi de volta e senti arrepios atravessarem sua pele enquanto minha mão deslizava por suas costelas, pelo estômago, até a barra da calcinha.

Deslizei a mão para dentro, voltando a beijá-la, sentindo o calor contra a ponta do meu dedo enquanto eu acariciava seu clítoris. Suas costas se arquearam, revirando os quadris, procurando meu dedo com desejo enquanto eu traçava sua pele molhada, circulando o ponto sensível no topo quando o alcancei. Então de novo, provocando ele até que eu finalmente deslizei meu dedo

dentro dela.

Ela ofegou, revirando os quadris novamente quando eu tocava, precisando dela molhada, e ela estava – ela era tão pequena, tão leve que eu não queria machucá-la. Nunca quis machucá-la.

Meu dedo se curvou, encontrando o ponto sensível por dentro, roçando-o firmemente com cada flexão da minha palma até que sua respiração se tornou mais pesada, seus olhos fechados, e ela se apertou em volta do meu dedo uma vez, apenas uma vez, o suficiente para eu saber que ela estava perto.

Me abaixei em direção ao seu corpo novamente, tirando sua calcinha antes de deitar entre suas coxas. Ela olhou para mim e eu encontrei seus olhos por apenas um momento antes de olhar de volta para minhas mãos enquanto eu a acariciava, a separava, fechava meus lábios sobre ela e chupava. Suas mãos encontraram meu cabelo novamente. Lambi a linha, chupando novamente quando cheguei ao topo, e ela se contorceu, joelhos levantando e se separando para se abrir para mim. Quando olhei para cima, a cabeça dela estava jogada para trás, suas costelas se destacando enquanto ela respirava fundo.

Seus dedos se apertaram no meu cabelo. Eu não queria que ela viesse ainda, não assim. Eu queria estar dentro dela, queria sentí-la derreter ao meu redor. Então eu a deixei ir.

Ela me encarou, os olhos mal abertos, lambendo os lábios quando se inclinou e me agarrou, frenética, me puxando para ela para me beijar, lambendo o gosto de si mesma dos meus lábios, deslizando a língua profundamente na minha boca.

E eu não podia mais esperar por ela, não mais.

Eu me afastei, nós dois ofegando, pegando a camisinha que eu trouxe quando ela se sentou o suficiente para tirar o sutiã e arremessá-lo através do quarto. Ela me olhou,os olhos presos em minhas mãos enquanto eu deslizava a camisinha. Seus lábios estavam separados, a língua disparando para molhá-los, e quando ela encontrou meus olhos novamente, ela parecia com medo.

Mas eu sorri conscientemente. — Não vou te machucar, Cam.

Ela assentiu e uma dor disparou no meu peito, imaginando se *ela* me machucaria. Mas ela prometeu. Tinha acabado. Ela era minha, e agora eu a reivindicaria como ela já havia me reivindicado.

Peguei a garrafa denominada *Slide*, e seu rosto se suavizou ao perceber o que era. Ela pegou da minha mão e derramou um pouco, esfregando as mãos antes de me alcançar.

Suspirei com a sensação, suas mãos escorregadias e quentes em volta do meu eixo, apertando e deslizando, segurando e flexionando. Derramei um pouco na palma da minha mão e deslizei minha mão entre as pernas dela para lubrificá-la. Mas ela não queria esperar mais do que eu.

Ela me puxou para ela para me beijar novamente, e eu me movi entre suas pernas, estabelecendo-me, meu eixo contra sua umidade.

Seus quadris flexionaram e mexeram contra mim, procurando pelo meu pau, e eu puxei meus quadris, me inclinando entre suas pernas até descansar em sua entrada.

Ela parou de me beijar, seu corpo congelado contra mim, seus olhos encontrando os meus.

Nenhum de nós respirou quando eu flexionei, preenchendo-a lentamente.

Os cílios dela tremeram e fecharam com um suspiro, o queixo se inclinando para trás.

Ela era tão pequena, tão apertada ao meu redor, eu me afastei lentamente, tremendo de desejo, com necessidade dela enquanto segurava o controle com tudo o que tinha. Eu rolei meus quadris suavemente, e sua cabeça caiu para o lado, esticando seu pescoço longo e eu beijei a pele macia até sua orelha.

Passei meus braços em volta dela e me sentei, trazendo-a comigo, segurando-a, guiando-a até que seus joelhos estivessem apoiados na cama, seus braços pendurados em meus ombros. Ela precisava estar no controle até que eu soubesse o quanto de mim ela poderia aguentar, e ela pareceu entender, me observando com os olhos semicerrados enquanto se movia lentamente, relaxando as coxas. Sua respiração era superficial, suas coxas tremiam, e meu coração bateu contra o meu peito como se ele estivesse tentando alcançá-la.

— Você está bem? — Eu murmurei, quase incapaz de pensar, quase incapaz de me impedir de agarrar seus quadris e arrastá-la pelo meu comprimento até ela chegar ao fim.

Ela assentiu. — É tão bom. — As palavras eram uma respiração quando ela afundou mais em mim. Apertei suas coxas, tentando agarrá-la. Tentei acalmar a minha respiração. Acalmar ao meu coração. Mas ela tinha tudo de mim.

Ela flexionou as pernas e girou os quadris, me contornando lentamente dentro dela, levantando-se antes de deslizar para baixo novamente.

Eu não estava aguentando.

— Cam, — eu sussurrei, deixando minha cabeça cair no ombro dela, o corpo tremendo. Seus braços enrolaram em torno de minha cabeça enquanto ela rolava, flexionando novamente, tomando mais de mim a cada descida. Ela estava perto, tão perto de ter tudo de mim, e eu estava muito perto de deixar tudo ir. Eu precisava dela, uma necessidade lenta que ardia tão forte que eu não conseguia pensar em mais nada.

Seus quadris rolaram mais rápido, e eu alcancei seu peito, acariciando seu mamilo, segurei-o enquanto ela se movia mais rápido ainda, me apertando com mais força, apertando-me ao seu redor, ofegando tão profundamente que roubou

minha respiração. E ela veio, a força do seu corpo mais do que eu poderia aguentar. Ela afundou até o final de mim enquanto pulsava e flexionava, sua respiração falha enquanto murmurava palavras de prazer, e eu agarrei seus quadris, levantando-a, puxando-a para baixo, enchendo-a, uma vez, duas vezes, até que eu vim, meu coração parando, o nome dela nos meus lábios.

Ela afundou até que não houvesse espaço entre nós, nossos corpos se enrolaram e se prenderam, de modo que cada centímetro de nós se tocava, da cabeça aos pés. Meus braços estavam em volta de sua cintura pequena, os dela no meu pescoço e ela me apertou com força.

Ficamos assim até que nossos corações desaceleraram, e ela levantou a cabeça para olhar para mim, seus olhos cheios de ternura.

Ela tocou meu rosto e me beijou com reverência. E tudo o que pude fazer foi pensar em quão perfeita era a lembrança. Quão perfeita ela era.

Ela se inclinou para trás, puxando meu pescoço, e eu a deitei antes de rolar para longe, nos separando, mesmo que fosse a última coisa que eu queria fazer. Mas fui para o banheiro me limpar quando minha mente começou a vagar pela noite, pelos meus sentimentos, pelos sentimentos dela, contando o que eu podia controlar e o que não podia.

Cam estava escondida embaixo das cobertas quando voltei, de frente para o lado vazio da cama, e entrei ao lado dela. Ela se moveu até que seu corpo estava contra o meu novamente, nossas pernas entrelaçadas.

Eu escovei seu cabelo para trás, tracei um caminho até a curva de seu ombro. — Ainda está com medo?

Ela corou, rindo baixinho. — Não tão assustada quanto antes.

Apenas tenha cuidado no futuro, porque eu li alguns artigos realmente perturbadores sobre contusões no cérvix que me assustaram.

Eu ri. — Não se preocupe, eu vou tomar cuidado. Mas não era exatamente isso que eu estava perguntando.

O sorriso dela caiu. — Oh. — Ela fez uma pausa para respirar.

— Sim, mas você me faz querer ser corajosa.

Puxei-a para o meu peito, sentindo a dor com cada batimento cardíaco. — Cam, não há muito que posso fazer. Está tudo nas suas mãos. Tudo isso. Porque eu te dei tudo de mim. Você tem que fazer o resto. Não vai funcionar de outra maneira.

Sua bochecha estava quente contra a minha pele, sua cabeça dobrada sob o meu queixo. — Eu sei. — ela disse suavemente.

Eu não sabia mais o que dizer, então não disse nada, apenas a segurei contra mim, traçando padrões em seu braço até que ela adormeceu. Mas o sono não me encontrava, não quando eu estava consumido pela preocupação com o que o

amanhã poderia trazer.

Não quando eu queria que a noite durasse o máximo que pudesse.

Mas pensei na promessa dela, a segurei como se fosse me salvar, e só então adormeci.

A CONSTRUÇÃO

Cam

A MANHÃ CHEGOU MUITO RÁPIDO, com o toque do meu alarme que me arrancou dos braços de Tyler. Era cedo, sete da manhã podia muito bem ter sido quatro para alguém tão cansada quanto eu, a longa noite voltando para mim lentamente, emoção por emoção.

Dançando com ele. Beijando ele. Rindo com ele. O corpo dele contra o meu. A promessa que eu fiz.

Suspirei, sorrindo para ele. Ele estava deitado de bruços na minha cama, com os ombros subindo e descendo lentamente, a bochecha pressionada contra o travesseiro e os braços cruzados embaixo dele.

Eu poderia ter ficado lá o dia todo.

Ele me pediu ontem à noite para esquecer, e eu o fiz. Eu queria estar com ele mais do que qualquer coisa. Eu queria a felicidade dele, queria vê-lo olhando para mim do jeito que ele fez na noite passada de novo e de novo.

O fim de semana seria muito longo sem ele.

Suspirei novamente quando saí da cama e vesti uma camiseta, fazendo o meu caminho para a cozinha para fazer café. Tyler estava de folga já que ele estava indo para Nebraska, então eu me vesti em silêncio, não querendo acordá-lo. Eu me virei para observá-lo por mais um minuto e sorri, cheia novamente com a sensação de ser dele, de ele ser meu.

Otimismo floresceu em meu coração.

Era um pouco mais tarde do que eu normalmente acordava, então saí correndo do apartamento com café na mão e minha bolsa no ombro, enfiando os fones de ouvido enquanto me dirigia para a estação de trem. Feliz, lembrei de todos os destaques da noite anterior, a sensação de estar em seus braços enquanto ele me arrastava pela pista de dança. O sorriso dele. O corpo dele. Suas admissões. Ele tinha tanto medo quanto eu, mas em vez de fugir, ele estava

correndo em minha direção.

Mas era isso. Não havia mais incerteza para mim, não depois dele me implorando para escolher. Não depois da promessa que fiz.

Não havia como voltar atrás – eu tinha que me controlar, porque tinha usado toda a minha vida extra. Era hora de seguir em frente ou calar a boca.

Depois de saborear os melhores momentos, minha mente se voltou para os outros eventos da noite. Vendo Jessica, o que eu disse a ela, me perguntando se alguém na mesa tinha me ouvido. Quase tropeçando e caindo em Kyle. O sorriso frio de Kyle e suas palavras, palavras que eram a voz de todo medo que eu tinha. Essas palavras ecoaram em minha mente e, por mais profundo que tentasse enterrá-las, elas sempre voltavam.

E mais profundo ainda, meus pensamentos serpenteavam no porão do meu coração, até Will. Deitada em seus braços, as promessas que ele fez e quebrou. Há muito tempo, a ferida havia sido rasgada, fresca e crua. Esse erro me mudou, um erro que eu jurei que nunca repetiria. Mas me vi quebrando todas as regras que fiz cuidadosamente para me proteger da mesma situação em que acabei.

Quando cheguei ao trabalho, meu sorriso havia desaparecido, a leveza do meu coração desapareceu, sobrecarregada pela ansiedade. A pequena voz na minha cabeça apontou cada falha, cada passo em falso, minando tudo, até que tudo estava desabando sobre mim. Aquela voz me disse tudo o que eu não queria ouvir, sussurrando seu mal no meu ouvido.

Isso nunca vai funcionar.

Ele nunca poderia realmente me amar.

Ele está sozinho. Estou apenas mantendo o banco quente.

Mas o jeito que ele olhou para mim, o jeito que ele me tocou...

Talvez seja apenas o Tyler. Não sou eu, é apenas o estado natural dele.

Mas ele me disse que me quer.

Will também.

Ele não é nada como Will.

Mas ele me faz sentir exatamente como Will.

E esse era realmente o núcleo disso. Eu só me senti assim sobre um homem antes uma vez – com Will – e ele me destruiu. Tyler seria exponencialmente pior, e eu me perguntava como sobreviveria sem que isso destruisse a minha alma, a transformasse em um terreno baldio nuclear.

Meus pensamentos circulavam ao redor, um carrossel de cavalos quebrados ao som de uma desconfiança desconcertante. E quando cheguei ao trabalho, minha bússola estava girando em círculos. Mal olhei para Rose quando entrei no escritório, a guerra no meu coração doendo, costelas doloridas.

— Ei, — ela disse.

Larguei minha bolsa, sem encontrar os olhos dela. — Ei.

Ela estava me observando, e eu peguei meu laptop, tentando olhar para ela.

— Como foi ontem à noite? — Ela perguntou, embora eu tenha ouvido centenas de outras perguntas.

— Foi bem. — foi tudo o que eu ofereci.

— Certo. Quero dizer, você parece totalmente bem.

Eu não disse nada, apenas peguei papéis e os empilhei , movendo-os para um canto da minha mesa.

— Uau, Cam. Tão ruim?

Minha garganta se apertou e eu engoli lágrimas. — Não, não foi nada ruim. Foi perfeito. Ele é perfeito.

— Então qual é o problema?

Engoli o nó na garganta e inspirei, encontrei seus olhos por apenas um milissegundo antes de desviar o olhar. — Eu não sei, Rose... — Eu lutei para encontrar as palavras, os flashes da noite passada correndo pela minha mente. — Estou realmente muito confusa.

— O que aconteceu?

— Fomos à festa e estava tudo bem. Ótimo mesmo. Eu me senti bem com ele. Mas então encontrei seu amigo que me disse – não pela primeira vez – que eu não sirvo para Tyler. Ele disse que Tyler ia ficar entediado e seguir em frente. Que eu não sou o tipo dele.

Ela piscou, surpresa. — Que idiota. Por que ele diria isso para você?

Eu dei de ombros. — Ele não está errado.

— Não sei. Não acredito que Tyler se entendiaria e deixaria ninguém.

— Eu não pertenço ao mesmo universo que ele. Importar-se com ele não é suficiente, Rose. Eu não sou suficiente. Estar com ele ontem à noite provou isso. Você deveria ter visto a ex dele. Você sabe aquele vestido nude que eu tentei no outro dia?

O nariz dela enrugou. — Sim.

— Bem, ela usava a versão Armani e parecia ter saído da capa da Vanity Fair.

— E daí?

Eu balancei minha cabeça. — Você não entende, Rose. Olha para você. Você é linda, inteligente, e os caras amam você. Quer dizer, você está com um dos caras mais quentes de Manhattan te perfurando com o pau dele.

Uma risada saiu dela. — Ai, meu Deus.

— Mas essa não sou eu. — eu disse, seguindo em frente. — Eu não saio com caras gostosos. Eu fiz isso uma vez e me machuquei.

Pego os caras que estão prematuramente carecas e jogam Diablo, não os

lindos ex-jogadores de futebol. Está fora do meu alcance, e quando ele perceber, quando me deixar...— Engoli em seco novamente, meu nariz queimando. — Eu não acho que posso me recuperar disso, Rose.

— Então você termina antes que comece?

— Eu não disse que queria acabar com isso.

— Não, mas se você continuar com isso, não terá escolha. Você tem *Tyler Knight* tropeçando em si mesmo para te convencer de que ele quer ficar com você. Qual é o problema aqui?

— Eu. — Eu disse tristemente.

Rose rolou a cadeira para o arquivo e puxou uma garrafa de Maker. — Você precisa de uma bebida. — Ela se virou e pegou minha xícara de café vazia, limpando o interior com a manga da blusa de moletom antes de derramar um dedo de uísque.

— São oito da manhã, Rose.

— E daí?— Ela estendeu-a como se fosse remédio, e eu a levei com um suspiro. Queimou quando eu tomei um gole.

— É isso aí. Beba, garota.

Revirei os olhos e virei o copo, com os olhos fechados contra o calor.

— Tudo bem. — ela disse — Então, eu quero saber duas coisas.

Primeiro, você contou a Tyler o que o amigo dele disse? E segundo, o que aconteceu com você antes que isso te confundisse toda?

Esfreguei meu rosto, me odiando. — Não, eu não contei a Tyler o que ele disse. Qual o bem que isto faria?

— Por mais esperta que você seja, você está sendo muito burra. — disse ela sem rodeios, com amor. — Ele gostaria de saber. Você não gostaria de saber se alguém o tivesse alertado sobre você?

Eu suspirei. — Sim.

— Você tem que dizer a ele, mesmo que seja apenas para que ele possa dizer que não é verdade.

— Você realmente acha que vai ajudar?

— Absolutamente. Agora me fale sobre o que mais você fez.

Eu soltei um suspiro. — Você sabe como eu sou sobre a classificação de pessoas?

Ela assentiu.

— Bem, acho que realmente tenho me organizado, tentando me impedir de me machucar novamente. — Contei a ela tudo sobre Will, sobre a vergonha, sobre como me senti tão idiota enquanto ela sentava e ouvia, seus olhos tristes.

Quando terminei, ela não disse nada, não imediatamente. Ela pegou minha xícara de café e pegou o uísque novamente. — Você precisa de outra bebida.

Ela me devolveu, acenando para mim quando eu hesitei.

Suspirei e tomei um gole, e fiquei feliz que ela não me fez virar novamente.

— Ok, eu vou lhe dizer uma coisa, e eu preciso que você me ouça.

Eu assenti.

Ela se inclinou para frente. — Se aproxima.

Eu também me inclinei para frente, abrindo um sorriso.

Ela me olhou no fundo dos olhos e disse: — Tyler não é Will.

Engoli em seco.

— Você me ouve? Ele não é Will. As regras que você fez? As prateleiras em que as pessoas acreditam ? Você mesmo os criou.

Você construiu sua própria prisão a partir de algo imaginário e acabou machucada de qualquer maneira.

Lágrimas brotaram e eu pisquei de volta. — Você está certa. — eu disse calmamente.

— Sim, eu estou. — Ela suspirou. — Você precisa falar com ele.

Afundei de volta na minha cadeira. — Já conversamos sobre isso até a morte, Rose.

— Bem, então fale com o fantasma. Você não pode simplesmente fazer as malas e deixá-lo. Vocês...

Eu balancei a cabeça, me sentindo mal com o pensamento de trazer o assunto até ele novamente. *Você prometeu.* — Noite passada. Foi... — Pisquei contra a ardência nos cantos dos meus olhos. — Ele é tudo que eu sempre quis.

— Eu ainda não vejo um problema aqui. — Seu olhar era duro enquanto ela esperava por uma resposta que eu não tinha.

— Eu te disse, eu sou uma bagunça. Estou pendurada em um milhão de coisas estúpidas e isso está me deixando louca. E minha maluquice está machucando ele. Eu não sei o que fazer, como fazer isso direito. Quero dizer, como você racionaliza algo irracional? Eu me sinto completamente fora de controle.

— Talvez seja uma coisa boa, Cam. Você nem sempre precisa ter controlo. O que acontece quando você deixar tudo isso para lá?

— Eu não sei.

— Talvez você voe.

— Talvez eu caia.

— Claro, mas talvez você *voe*. Não vale a pena o risco? Você está sabotando a si mesma e está fazendo isso pelas regras que criou para se proteger.

— Talvez.

— Sabe, — ela disse, — eu te admiro tanto, seu cérebro, suas habilidades, suas... eu não sei. Energia. Mas você nem sempre está certa, e você não está

certa sobre isso. — Ela me observou por um segundo. — Você precisa falar com ele, mas desta vez você realmente precisa dizer algo. Você precisa ficar limpa até os dedos dos pés, descobrir tudo.

A esperança surgiu no meu peito com o pensamento de dizer a ele, de deixar ir. — Como você chegou a ser tão inteligente?

— Anos sendo estúpida e aprendendo com isso. Ele estará em casa hoje à noite?

— Ele está indo para Nebraska hoje.

Ela balançou a cabeça. — Eu realmente acho que você deveria falar com ele antes que ele saia.

— Como ligar para ele? Não sei se devemos fazer isso por telefone.

— Tipo, saia daqui e vá falar com ele. Você não serve para mim assim. Ninguém gosta de um barman triste. Rabugento, talvez. Mas triste? Definitivamente não. Vá para casa. Fale com ele. Diga a ele o *porquê*. Faça as pazes antes que ele deixe a cidade no fim de semana, ou você vai acabar enlouquecendo.

— Depois da noite passada... — Fiz uma pausa. — Prometi a ele que deixaria passar, Rose. Como posso trazer isso à tona novamente?

— Eu não sei, mas acho que você não pode deixar passar isso até contar a ele todo medo que tem, toda mágoa, tudo.

— Nem eu.

Ela suspirou. — Ele está certo, ele não pode fazer tudo. Você precisa fazer o resto. — Ela se sentou um pouco mais ereta e se inclinou sobre a mesa. — Tudo bem, eu tenho um novo emprego para você hoje. Primeiro, vá até Cake no caminho de casa e pegue um cupcake. Pegue dois, se o espírito te mover. Segundo, coma o maldito cupcake e pense no que você vai dizer. Terceiro, vá para casa e encontre uma maneira de contar tudo a ele.

Desviei o olhar, olhando para nada em particular. — É tão simples. Eu gostaria de ter contado a ele antes, mas eu apenas... eu não sei. Eu nunca falo sobre Will. Eu odeio que isso tenha acontecido comigo, e eu tenho vergonha disso, sabe? É uma daquelas coisas que você repete repetidamente, a coisa que eu não posso deixar ir.

Meu maior arrependimento. E para contar a ele sobre Kyle também?

Eu nem sei como ele vai reagir, além do fato de que estou prestes a quebrar minha promessa e tentar falar com ele sobre minhas dúvidas novamente.

— Mas esta é a última vez. Se você levar um bolinho para ele também, isso pode facilitar as coisas para você. Apenas dizendo.

Eu sorri, embora fosse difícil. — Eu não me sinto bem deixando você sozinha hoje.

Ela levantou uma sobrancelha. — Faria você se sentir melhor se eu prometer ligar para você se eu precisar?

— Só se você quiser.

— Minha definição de necessidade é talvez diferente da sua, mas quero dizer isso. Se eu realmente precisar de você, eu ligo.

Eu respirei fundo e soltei. — Obrigada, Rose.

Seu rosto estava suave e ela se levantou, me puxando para um abraço. — Você consegue fazer isso. Eu sei que consegue.

Eu encontrei confiança, já pensando em como eu diria a ele. O medo rolou através de mim, imaginando se ele ficaria bravo por eu ainda estar confusa, imaginando o que ele diria.

Apenas fale com ele.

Então eu contaria a ele sobre Kyle. Sobre Will. Eu diria a ele sobre as regras, minha mágoa, por mais que não quisesse, por mais que doesse. E talvez com essa admissão, eu poderia deixar para lá.

Era minha última chance, e enquanto eu ia pegar os cupcakes, esperava que fosse o suficiente.

Tyler

Sorri para minhas roupas, empilhadas ordenadamente na minha cama ao lado da minha mochila, me sentindo mais feliz do que em muito, muito tempo.

A lembrança de Cam em meus braços ainda estava fresca, o cheiro dela de alguma forma me dominava. Olhei para o anel dela, o flash de prata no meu dedo mindinho, lembrando-me do seu sorriso, da sua promessa. A sensação de que o pior estava por trás de mim tomou conta de mim novamente, um doce alívio. Minha alma já tinha angústia suficiente.

Fiquei feliz em seguir em frente, de mãos dadas com ela, e tive o pensamento fugaz de sempre.

Eu sorri mais largo, afastando o pensamento de brincadeira, esperando que eu estivesse certo enquanto arrumava minha bolsa, colocando os presentes para minhas irmãs e mãe entre as pilhas.

O pensamento de dormir sem Cam pelas próximas noites não era atraente, e eu odiava completamente o fato de estar saindo tão cedo depois da noite passada. Eu repito isso em minha mente, como tinha estado a manhã toda, atingindo todos os pontos altos. O sorriso dela. A risada dela. O corpo dela. As palavras dela.

Depois de tudo isso, depois de levar meu coração para ela, era inegável. Ela

tinha que saber. Ela tinha que acreditar. E ela prometeu que estávamos seguindo em frente.

Ouvi a porta da frente se abrir e minha sobrancelha se curvou quando olhei para o relógio. Eu estava a alguns minutos de sair, pensando em passar pelo bar no caminho a fim de surpreendê-la e dizer tchau.

Cam apareceu na minha porta, parecendo pequena, e eu sorri confuso.

— Ei. — eu disse, as mãos parando. — O que você está fazendo em casa?

Ela rolou um ombro em um encolher de ombros, um sorriso no rosto com uma pitada de incerteza. — Rose me deu o dia de folga.

— Por quê? — Perguntei, ainda não entendendo o que estava acontecendo.

Ela abriu a boca para falar, mas fechou novamente.

Nervos picaram a parte de trás do meu pescoço. — O que há de errado, Cam?

Seu lábio inferior deslizou entre os dentes. — Eu tenho pensado...

— Você pensa demais. — Era uma piada silenciosa que não era de todo uma piada. Meu coração disparou.

— Eu sei. Só acho que precisamos conversar...

— Cam. — eu interrompi, minha voz baixa. — Você prometeu.

Ela assentiu. — Eu sei que sim, e eu estava falando sério.

Meu corpo estava gelado, minha testa caía. — Mas aqui está você, nem mesmo doze horas depois, querendo conversar? — A frustração rolou através de mim como uma tempestade. — Duas vezes você tentou me deixar. Duas vezes em uma semana. Se isso for a terceiro, eu não posso... eu não...

— Se pudermos apenas falar sobre isso...

— Não sei mais o que dizer. Eu sei que disse que estaria lá por você, que ficaria com você, mas não posso fazer isso sozinho. Você está fora para se proteger, mas e eu? Ainda preciso me machucar repetidas vezes? Fiz tudo o que pude para tranquilizá-la, Cam. Tudo.

Mas mesmo depois da noite passada, mesmo depois... — Engoli em seco, forçando a emoção de volta. — Depois de tudo, você ainda duvida de mim.

Os olhos dela brilhavam com lágrimas. — Não é tão fácil para mim, Tyler. Estou com medo, e é assim que realmente me sinto. Eu sei que é chato, eu sei que você não quer falar sobre isso. Mas você não pode simplesmente beijar o problema para longe como você faz, porque ele não vai embora só assim. Nós apenas precisamos conversar...

— Não. — eu atirei, as mãos tremendo. — Não fale mais. Não posso mais falar, Cam. Eu não posso simplesmente continuar discutindo várias vezes. Eu fiz tudo que posso para convencê-la.

Tudo. E você ainda não acredita em mim. Não tenho mais nada para dar.

Você prometeu, Cam. *Você prometeu.*

A testa dela caiu. — Isso não é justo, Tyler. Eu te disse desde o começo que eu era louca. Você me conhece, talvez melhor que ninguém. Como você de todas as pessoas não entende?

— Justo? — A palavra era apertada e baixa, cheia da minha mágoa. — Depois de tudo isso, você diz que eu não estou sendo *justo?*

— Bem, você não está! Você nem fala comigo!

— Porque nós já conversamos sobre isso, e eu terminei.

O rosto dela dobrou de dor, o queixo tremendo. — Eu só queria me explicar. Eu não quero te machucar.

— Tarde demais.

Respirei fundo e peguei uma pilha de roupas, colocando-as na minha bolsa ao acaso.

— Tyler...

— Pare. — Minha voz cresceu, mais alto do que eu queria, e ela sacudiu com o som. Tomei uma respiração trêmula, cerrando o punho, deixando passar, querendo me acalmar. — Entendi. Você está certa. Não posso te arrastar para isso. Não posso forçar você a se importar. Não posso fazer você me deixar entrar. Isso é com você. — Enfiei outra pilha de roupas, então meu kit de barbear, o coração batendo forte, as mãos suando. — Eu não posso fazer isso com você.

A respiração dela ficou presa. — Agora? Ou sempre?

— Eu não sei. Eu tenho que ir.

Fechei minha bolsa e peguei, tentando respirar, mas o ar pegou nos meus pulmões como uma lixa quando a vi parada ali, pequena e assustada. Meu pulso disparou no meu ouvido, um baque e um choque, depois outro enquanto eu me atrapalhava com meus pensamentos, observando-a lá na minha frente, tudo o que eu sempre quis, tudo o que eu não podia ter. Eu queria pegá-la e segurá-la, dizer que precisava dela. Mas eu já tinha feito exatamente isso. A única coisa que faltava fazer era deixá-la ir. Então eu engoli as palavras que queria dizer e fiz exatamente isso.

PERDIDO

Cam

A PORTA BATEU FORTE O SUFICIENTE para me fazer pular, me tirando da névoa enquanto eu pairava no canto do quarto de Tyler.

Não queria me mexer, não queria pensar, só queria sentir o vazio no meu peito. Ele levou meu coração pela porta com ele.

Eu atravessei os poucos passos até a cama e afundei nela, olhando para o nada. E então, as lágrimas vieram – lágrimas confusas que queimaram meus olhos e nariz, lágrimas que me deixaram com soluços que arrancaram da minha garganta, indesejados, não solicitados.

Eu estava muito atrasada. Eu o perdi.

Ele estava certo, sobre tudo. Eu o machucara e continuaria machucando-o. Eu tinha tudo, e eu o empurrei longe demais. Eu deveria ter lhe contado tudo antes, mas não achei que isso importaria tanto. Se eu tivesse percebido isso. Se ao menos eu tivesse conversado com ele sobre o que importava desde o início.

Se apenas.

Ele estava certo, mas ele estava errado. Eu estava certa, mas estava errada.

Nada fazia mais sentido.

Demorou muito tempo até minhas lágrimas secarem, e eu estava deitada em cima do edredom de Tyler, tentando não pensar em como cheirava a ele. Tentando não pensar no que aconteceria quando ele voltasse. Nós realmente conversaríamos? Ou ele iria embora? E então, depois disso, eu o veria novamente?

O pensamento rasgou através de mim, lágrimas que eu pensei que estavam secas sendo substituídas por novas. Eu não sabia como poderia estar sem ele. E tão feliz quanto ele me fez, me arrependi de ter feito isso. Porque agora... agora ele se foi, talvez para sempre.

Eu funguei e peguei meus óculos, deslizando-os de volta no meu nariz antes

de me levantar da cama dele. Eu fiquei parada na sala, sem saber o que fazer comigo mesma, finalmente decidindo deitar no sofá. Peguei um cobertor macio e peludo e deitei, enrolando-me em uma bola. Liguei um álbum da Warpaint, deixando o som temperamental encher a sala e meu peito vazio, sem planejar me mover. Talvez para sempre.

Cada momento com Tyler brincava na minha mente, memória após memória. Fiquei ali por horas assim, ouvindo o álbum repetidamente, perdida em meus pensamentos. Às vezes as lágrimas caíam. Às vezes eu ficava quieta, olhando para o nada. Às vezes eu fechava os olhos e o via entrando pela porta, dizendo que ele nunca desistiria.

Meu estômago roncou e eu rolei do sofá, enrolada no cobertor como um burrito, minhas pernas rígidas enquanto eu entrava na cozinha escura. Acendi a luz sobre o fogão e vi a caixa de cupcakes, imediatamente certa de que eram o melhor jantar que eu poderia pedir.

Três cupcakes gigantescos depois, fiquei realmente feliz por ter comprado meia dúzia, mal percebendo as migalhas na minha frente enquanto lambia meus dedos com um suspiro, olhando para a geladeira na minha frente. Estava coberta de fotos – eu e Tyler nos jogos de futebol, Tyler usando um avental rosa e fofo, segurando uma torta, eu vestida na ComicCon. Também havia ingressos de jogos e a programação de futebol de Nebraska, bem ao lado da programação de Iowa. O resto do espaço estava cheio de ímãs de poesia. Um haiku que Tyler escreveu sobre cerveja.

Eu inspirei. Expirei. Então fiz tudo de novo. Era tudo que eu conseguia administrar.

Eu sabia que precisava de uma distração, mas não conseguia pensar em nada que parecesse atraente. Em todo lugar que eu olhava , ele estava lá – seus sapatos ao lado do sofá, a jaqueta pendurada no cabide na parede. E quando não era algo dele, era algo que me lembrava dele. A pilha de livros na prateleira debaixo da mesa de café – os livros que ele rejeitou. Pairando em cima da mesa estava *O Hobbit*, e eu percebi que ele deve ter deixado por acidente na pressa de sair.

Eu queria pegar, mas não consegui. Como se tocá-lo convocasse ainda mais lembranças dele.

Peguei meu alto-falante e entrei no meu quarto, fechando a porta. Pelo menos lá, tudo era meu – a única coisa que ele afetou foi minha cama. Quando entrei, pude cheirá-lo novamente no meu travesseiro extra, nos meus lençóis, no meu cobertor. Em toda parte.

Mas depois de um tempo, eu iria parar de lembrar. Iria parar de doer, eventualmente.

Ou pelo menos era o que eu esperava.

Cliquei na luz e peguei meu livro, achando as palavras mais verdadeiras do que nunca, a dor da perda através das mulheres em *Mists of Avalon* ainda maior que a minha, o que me trouxe conforto, por menor que fosse. E, em algum momento, tarde da noite, adormeci.

CONTINUE RESPIRANDO

Tyler

EU OLHEI PELA JANELA do avião com meus fones de ouvido, vendo a terra se aproximar gradualmente, tentando não pensar em Cam.

Era impossível, é claro – ela estava em minha mente desde que eu saí pela porta. Desde antes disso. Desde sempre.

A rejeição que senti foi absoluta.

Pensei em nossa discussão, sentindo a pontada de dor se aprofundar. Eu odiava que tivesse caído como tinha acontecido. Eu odiava que ela ainda não tivesse certeza. Eu odiava não saber quanto mais eu poderia aguentar.

Ela fez uma promessa que não poderia cumprir. Eu nunca deveria ter pedido a ela. Claro, prometi a ela minha paciência e não consegui dar isso a ela no final. Mas foi demais.

O anel de metal ao redor do meu dedo estava quente, a mesma temperatura da minha pele, como se fosse uma parte de mim – eu o torci repetidamente como havia feito na última hora, sentindo-me perdido. Desamparado.

Eu entendi por que ela precisava de controle. A vida era muito mais fácil quando havia algo que você pudesse consertar. Lidar com.

Mas eu sabia por experiência própria que a maior e mais difícil lição era que você não pode controlar nada além de como reage. Eu sabia que não podia controlar Cam, e não queria. Mas não havia nada que eu pudesse fazer por nós, exceto ir embora. Nenhuma quantidade de conversa poderia consertar isso.

Não havia nada em nosso caminho, exceto Cam. E Cam era imóvel.

Pensei sombriamente sobre o que viria quando voltasse para casa. Conversaríamos? Eu poderia ouvir? Eu poderia suportar mais?

Ela disse que eu era demais para ela, mas talvez fosse o contrário.

Talvez ela fosse demais para mim.

O pensamento de compartilharmos espaço, quando tudo que eu queria era

ela, era demais. Não, eu não seria capaz de fazer isso. Vê-la todos os dias, o lembrete do que eu não poderia ter. Do que eu tinha e perdi devido a nenhuma culpa minha.

Como eu disse. Desamparado.

Senti a perda como um buraco no meu peito.

No momento em que pousamos em Lincoln, o sol estava se pondo e, quando liguei novamente o telefone, prendi a respiração, esperando ver uma mensagem ou uma ligação de Cam.

Nada veio.

Suspirei e coloquei meu telefone no bolso depois de ligar a música, querendo solidão contra a multidão de pessoas saindo do avião.

Uma hora depois, eu estava no meu carro, indo para a casa dos meus pais. Lincoln não havia mudado muito, a familiaridade da cidade onde eu havia passado a vida toda até alguns anos atrás era reconfortante. O ar do outono estava fresco, as folhas douradas e amareladas, o vento as chicoteando pela rua em correntes.

Eu parei no portão dos meus pais e digitei o código, fechando a janela para manter o frio assim que terminei. A entrada da garagem era longa, circulando em frente à enorme casa colonial onde eu cresci. Parei ao lado da caminhonete do meu pai e, antes que eu pudesse sair, meus pais estavam saindo pela porta da frente, sorrindo.

Abri a porta e dei a volta no carro, sorrindo de volta.

— Tyler! — Minha mãe chamou e me alcançou. Ela era uma coisa leve, eu não parecia quase nada com ela, exceto nossos olhos.

Quando ela se afastou, ela segurou minhas bochechas. — É tão bom ver você, querido. Venha para dentro, onde está quente.

Engatei minha mochila no ombro enquanto meu pai se aproximava de mim, com a mão estendida. Ele era tão alto quanto eu, o que sempre foi um pouco estranho – eu me acostumei a ser mais alto que todos. Seu cabelo era escuro como o meu, com choques cinza nas têmporas. — Filho. Que bom que você conseguiu. Como foi seu vôo?

Eu peguei e agitei. — Longo. Esqueci meu livro em casa.

Ele sorriu. — Livro, hein? Cam finalmente conseguiu?

Eu tentei sorrir. — Sim.

Uma rajada de vento soprou através de nós, e nós dobramos nossos ombros contra ela.

Mamãe agarrou meu braço e nos levou em direção à porta. — Vamos entrar, meninos.

A casa era aconchegante, com música velha e discreta tocando nos alto-

falantes que haviam instalado na casa. Nós nos mudamos para a cozinha, onde minha irmã mais nova estava sentada no bar da ilha. Ela se alegrou, pulando do banquinho.

— Tyler! Você finalmente chegou. — Ela se aproximou e me abraçou.

Eu ri, confortado por ela, mesmo que ela não soubesse que eu precisava. — Ei, Meg. Imaginei que você estaria no baile hoje.

Ela encolheu os ombros. — Vou daqui a pouco. Só queria te ver primeiro.

Um trovão de pés e um tumulto de risadas desceu pelas escadas, e quando minhas duas irmãs mais novas dobraram a esquina da grande sala, eu me abaixei e abri meus braços. Grace e Jamie os encheram, e eu as peguei ao mesmo tempo, fácil de fazer, mesmo com elas aos dezesseis e dezoito anos.

— *Gah*, eu senti sua falta, garotas.

Eles riram, beijando minhas bochechas. Coloquei-as no chão e olhei para os três, sorrindo. Elas se pareciam com minha mãe, olhos escuros e cabelos loiros, pequenas coisas em comparação com papai e eu.

— Cara, estou feliz em ver vocês, meninas. Jamie, que namorado é esse de quem eu ouvi? Preciso ameaçá-lo?

Ela revirou os olhos e me deu um tapa no braço. — Deus, Tyler.

Eu ri. — Conheço o irmão mais velho de Jeremy bem o suficiente. Se forem parecidos, eu o deixarei viver.

— Graças a Deus, porque ele está me levando para o baile, e eu já até arranjei a flor para o terno dele.

— Gracie, ouvi falar de Oliver Winslow pedindo para você dançar e liguei para o irmão dele. Você não se importa se a acompanharmos, não é?

Grace era a tímida – a única tímida, eu observei. Ela corou, sua pele clara manchada quando olhou para os sapatos, mas quando ela olhou para mim, ela sorriu, a boca cheia de suspensórios. — Ugh, você é tão embaraçoso.

— Aprendi com o papai. — Eu balancei minha cabeça. – Não acredito que conheço todos os garotos convidando minhas irmãzinhas para sair. Ninguém sai desta cidade?

Meu pai riu e me entregou uma cerveja. — Às vezes, mas eles quase sempre voltam.

Jamie saltou. — O que você nos trouxe?

Mamãe riu para ela. — Ele acabou de chegar em casa, meninas. Dê a ele um minuto para se sentar.

Coloquei minha bolsa no balcão e abri o zíper. — Está tudo bem, mãe. — eu procurei e puxei Meg primeiro. Ela pegou, animada, os olhos derretendo sobre a capa do livro. — Ai, meu Deus. Isso é…?

— Ela virou de novo e abriu, lendo a inscrição da folha de ouro por dentro.

— *“Marianne era generosa, amável, interessante: ela era tudo, menos prudente.“*

— É ilustrado. — acrescentei.

— *Razão e sensibilidade* é o meu favorito. — ela respirou. — Cam?

Eu assenti, sorrindo por cima da dor que o nome dela me trouxe.

— É lindo. Obrigado. Diga a ela que eu amei, sim?

— Claro. — eu disse e vasculhei minha bolsa para mais. Meus dedos roçaram plástico bolha e eu peguei o presente de Jamie.

Ela a pegou com os olhos arregalados, soltando a fita e desenrolando o embrulho para revelar um espelho de mão prateado.

— Tyler, é lindo.

— É uma antiguidade. Vitoriana, disse a dona da loja.

Os olhos da mãe também estavam arregalados quando ela se inclinou. — Veja esse detalhe atrás. Isso é simplesmente requintado.

Eu sorri. — Que bom que gostou. — Entreguei a ela outro pacote embrulhado em bolhas.

— Oh, Tyler, — disse ela, rindo enquanto pegava e abria para encontrar um espelho semelhante, embora o dela fosse dourado, o pergaminho mais complexo. Ela ficou boquiaberta e passou os dedos sobre ele.

Grace mordeu o lábio, parecendo constrangida.

— Não se preocupe, Gracie. Não te esqueci.

Procurei um pouco mais, procurando uma caixinha, exclamando um *ah-ha!* quando eu o encontrei. Eu entreguei a ela, e ela pegou timidamente.

Ela o virou nas mãos antes de abri-lo, prendendo a respiração quando viu o colar de ouro dentro. Era simples, uma corrente pequena e delicada com um pequeno coração pendurado nela.

— Agora você sempre tem um pedacinho do meu coração. — eu disse, e ela me apressou, passando os braços em volta da minha cintura.

— Você é, seriamente, o melhor irmão do mundo.

Eu sorri para ela e a abracei de volta. — Como você saberia? Você só tem um.

Ela me apertou um pouco mais. — Eu só sei.

— Tudo bem, meninas. — disse a mãe, juntando-as. — Vamos lá e vamos colocar aquele filme. Dêem um descanso a Tyler, vocês o verão bastante neste fim de semana.

Eles passaram por abraços e beijos antes de subir as escadas, embora Meg tenha ficado onde estava, bebendo uma cerveja com papai e eu na ilha.

Fechei minha bolsa e a coloquei no chão antes de me sentar perto dela.

Papai se inclinou na superfície em frente a mim. — Como está indo, filho?

Tomei um gole da minha cerveja e dei de ombros. — Boa. Nós sobrevivemos ao Pharaoh, então isso é uma vitória.

Ele balançou sua cabeça. — Fico feliz que esteja dando certo, mas cara... Aquele garoto. Você não terá esse tipo de problema com Darryl.

— Não, acho que não. Ele é um bom garoto.

— Um dos melhores. Ele tinha agentes em cima dele, o que não é surpreendente. Ele é um dos melhores *running backs* da faculdade.

— Você acha que ele ainda planeja assinar conosco?

— Eu não duvido nem por um momento, mas você sabe como é.

— Espere até a tinta secar. — eu disse com um sorriso.

Ele assentiu. — Até então, é uma incógnita. Mas ele confia em mim, e confia em você, Jack e a agência. Fico feliz que você também tenha algum tempo com ele neste fim de semana.

— Não poderia faltar no baile, e eu estou aqui pelo Jack, por Darryl. Todo mundo ganha.

— O que mais está acontecendo? Não foi o jantar de caridade ontem à noite? — Ele perguntou.

— Sim. — eu disse e tomei uma bebida, não querendo pensar sobre isso.

— Você levou alguém? — Perguntou minha irmã.

Eu olhei para ela.

— O quê? — Ela perguntou inocentemente. — Sua irmãzinha não pode se preocupar com sua vida amorosa?

Eu bufei. — Não.

— Bem, agora você está sendo estranho. Quem você levou?

Por favor, diga-me que você não levou a Jessica. Ela é o tipo mais falso de falso. Como uma sobremesa que parece deliciosa, mas você vai dar uma mordida e percebe que é uma exibição de cera.

Eu ri. — Isso é, assustadoramente, preciso.

Ela encolheu os ombros. — Um dia, quando for uma escritora famosa, você pode falar sobre como minhas metáforas trouxeram um total de zero garotos para o nosso quintal.

Eu ri, mas ainda não a respondi.

Os olhos dela se estreitaram. — Sério, por que você não quer me dizer?

Suspirei. — Eu levei a Cam.

Os dois olharam para mim como se eu fosse louco, e mamãe ficou boquiaberta quando voltou. — Eu ouvi certo? Você levou a Cam para um encontro? Como amigos?

— Sim, como amigos. — Tomei outro gole.

Meg riu. — Mentiroso.

Eu balancei minha cabeça e engoli. — Droga, Meg. Você simplesmente não pode deixar as coisas para lá, pode?

— Não. Vocês estão namorando?

— Não.

— Mentindo de novo. — ela cantou.

— Não, não estou. — eu disse definitivamente. — Nós não estamos namorando. Não mais.

O sorriso dela caiu. — O que diabos aconteceu?

Debrucei-me no balcão e inspecionei o rótulo na minha garrafa.

— Eu realmente não sei. Percebi que tinha sentimentos por ela e descobri que ela tinha sentimentos por mim. Era simples e complicado, ao mesmo tempo..

— Quanto tempo durou?— Ela perguntou enquanto mamãe e papai ouviam.

— Não muito. Apenas uma semana ou mais. Nós brigamos antes de eu ir para o aeroporto.

— Hoje? — Meg perguntou.

Eu balancei a cabeça e joguei minha cabeça para trás, esvaziando a garrafa. Papai moveu-se para pegar outra.

— Bem, o que aconteceu?

— Não sei. Nós nos beijamos e meio que caímos em um relacionamento, mas ela tinha um pé fora da porta o tempo todo. Ela tem medo de alguma coisa, eu acho. Não sei por que, mas ela dá desculpas atrás desculpas, e eu tentei... tentei tanto convencê-la. Eu a trouxe para a água e praticamente a afoguei nela, mas não consegui fazê-la beber.

— Estamos vendo. — disse o pai.

— Ela não confia em mim. E depois de todas as idas e vindas, também não confio nela agora. Ela me prometeu que tínhamos resolvido tudo ontem à noite, mas hoje estávamos de volta onde começamos, discutindo tudo de novo. Mas não há mais nada a dizer.

— Por que ela não confia em você? Você fez algo para fazê-la desconfiar? — Meg perguntou.

— Ela diz que somos muito diferentes e que ela tem medo que eu a deixe assim que eu descobrir. — Eu balancei minha cabeça. — Eu não fiz nada errado. É apenas uma idéia que está presa em sua cabeça que ela não consegue superar. E agora... — Suspirei novamente. — Ela é minha colega de quarto. Nada será o mesmo entre nós. Não podemos voltar atrás. Não posso convencê-la de nada. Então eu tenho que descobrir o que fazer a seguir.

— Alguma chance dela aparecer?

— Quem sabe? Mas não posso continuar tentando me arrastar para isso porque dói. — Tomei um gole da minha bebida, tentando engolir o nó na

garganta. — De quantas maneiras você pode dizer que quer alguém? Como você pode fazê-los entender? Ela me colocou em um pedestal, tem alguma idéia de mim que não é real.

Isso quase dói mais, saber que ela não me conhece o suficiente para acreditar no que eu digo.

Meg balançou a cabeça. — Eu não acho que é isso.

— Bem, me esclareça, sábia.

Ela encolheu os ombros. — Talvez ela simplesmente não sinta que é suficiente para você. É assim que parece, pelo menos. Eu não acredito nem por um segundo que Cam não conhece suas intenções, mas ela apenas se assustou.

Minha testa franziu.

— Estou dizendo que não é você, é ela. Ela está sofrendo de uma ansiedade clássica de relacionamento, se eu tivesse que apostar. Quero dizer, a menos que ela não goste de você. Você acha que ela não gosta de você?

Pensei na última semana, pensei na maneira como ela me olhava, na maneira como ela se deixava ir, por mais tentativo que fosse. — Não, acho que ela quer muito estar comigo.

Meg assentiu. — Eu estive lá. Eu acho que toda mulher esteve pelo menos alguma vez.

— Eu entendo, Meg. Mas até onde eu vou? Quanto eu tenho que carregar? Eu preciso que ela esteja comigo, para tentar. Mas ela foi e voltou tantas vezes na última semana que sinto que tenho levado chicotadas repetidamente.

Ela balançou a cabeça e suspirou. — Eu não sei. Você é o único que pode fazer essa escolha. — O telefone dela tocou no balcão. — Merda, minha carona está a caminho. Eu tenho que terminar de me arrumar. — Ela se levantou e me abraçou, me beijando na bochecha, desde que eu estava sentado e ao seu nível. — Tudo vai dar certo.

Falaremos mais amanhã, ok?

— Ok.

Ela bagunçou meu cabelo e eu me inclinei para me afastar dela.

— Senti sua falta, *bub*..

Sorri com o apelido – abreviação de *Bubba* e muito melhor. — Você também, irmã.

— Vamos sair amanhã à noite depois do jogo. Você vem, certo?

Eu levantei uma sobrancelha. — Posso dizer não?

Ela riu. — Não. Vejo você amanhã.

Mamãe sorriu e suspirou. — Todos os meus bebês sob o mesmo teto. Você não acha que vai sentir falta, mas sente.

Papai riu e ela deu um tapinha no braço dele.

— Vou deixar vocês, meninos, para se atualizar. Não fiquem acordados até tarde, tudo bem?

— Sem promessas. — disse meu pai.

Ela estremeceu. —Você tem um grande dia amanhã, senhor. Vocês dois têm. Descansem um pouco. — Ela me deu um beijo e saiu.

— Boa noite, mãe.

Papai e eu ficamos no silêncio por um tempo, marcado apenas pela música de Johnny Cash tocando no alto.

Minha mente vagou para Cam. Ela estava bem ou estava tão arrasada quanto eu? Parte de mim precisava saber. O resto de mim estava ferido e não queria mais falar com ela. Ainda não.

— Você está bem?

Suspirei. — Na verdade, não. Tem sido um dia estranho.

— Parece que sim. Eu tenho que admitir, estou um pouco surpreso ao ouvir sobre Cam.

— Por quê?

— Não sei, exatamente. — Suas sobrancelhas franziram quando ele pensou sobre isso. — Talvez em parte porque você nunca namorou alguém como ela antes.

Eu bufei, exasperado. — É exatamente por isso que eu a queria.

Estava procurando no lugar errado. Cam diz que somos muito diferentes, mas olhe para mim e Jess. Ela não gostava de futebol, não tínhamos nada em comum. E quanto a mim e Gretchen? Ela foi para a faculdade para encontrar um marido, não um diploma de bacharel e, no final do dia, ela não *me* queria. Não como eu sou. Ela queria o que eu representava, uma ideia de namorado de papelão. É a mesma história para todas as mulheres que namorei, mesmo de volta ao ensino médio. Eles não me queriam, mas Cam sim. Ela quer.

Ela é real. Ela é linda e perfeita, mesmo com suas falhas.

Ele assentiu. — Bem, eu realmente não posso discutir com isso, posso?

Eu balancei minha cabeça. — Sinto como se estivesse defendendo meus sentimentos para todos. Para você. Para Cam.

Para Kyle.

Ele bufou. — Kyle é um idiota. Não se defenda para um idiota, filho.

Minha mandíbula flexionou, meus pensamentos ainda divagavam. — É tão frustrante. Sinto que ninguém entende ou acredita em mim. Eu não entendo o problema de todos com a Cam.

Ela me fez mais feliz em uma semana do que todas as mulheres com quem namorei, e, de alguma forma, ainda estou me defendendo.

Sinto como se estivesse sozinho nisso.

Seu rosto suavizou, seus olhos se desculparam. — Sinto muito, Tyler. Não sou contra, não me interprete mal. Eu disse que fiquei surpreso, mas é uma surpresa agradável, principalmente quando você fala sobre ela assim.

Caí no meu lugar. — Eu só quero que todos acreditem em nós da maneira que eu acredito. Especialmente ela.

— Nós acreditamos. E quero acreditar que ela vai aparecer, se não por mais do que a sua felicidade. Gostaria de poder dar-lhe alguns conselhos, mas faz quase trinta anos desde que namorei alguém além de sua mãe. Tudo o que posso dizer é que você precisa continuar acreditando. Não desista dela.

— O que eu faço, pai? — As palavras eram finas, derrotadas.

— Bem, como você disse. Você não pode fazê-la beber. Então você tem que tentar ser paciente. Dê a ela tempo e espaço para classificar como ela se sente e o que ela quer. Você está na linha de chegada, mas ela está lutando na metade do caminho, então volte e corra com ela. Torça por ela. Leve-a para lá.

Eu balancei a cabeça, coração doendo.

— Diga-me o que Kyle fez.

A dor se transformou em uma queimadura de raiva. — Nada além de me irritar. Ele é tão contra a idéia de mim e de Cam que não tem nada a dizer que quero ouvir no quesito. Não entendo por que ele se importa, por que ele está tão investido na minha vida amorosa.

Ele suspirou. — Kyle foi pego na máquina. Ele costumava ser um bom garoto, um dos melhores, mas não posso dizer que não esperava por isso. Ele sempre esteve muito preocupado com o que todo mundo pensa. — Ele tomou um gole de cerveja. — Eu não deveria falar mal dele depois que ele acabou de pagar pelo nosso uniforme novo.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Sim, eu sei. Também fiquei surpreso. Ele não te contou?

Eu balancei minha cabeça.

— Vamos apresentá-los amanhã, ele será agradecido durante o intervalo.

Eu fiz uma careta ao pensar que ele estaria lá, mas papai continuou falando.

— De qualquer forma, vocês dois eram grossos como ladrões quando brincavam juntos e quando você se machucou, ele se aproximou. Mas não acho que ele soubesse o que fazer consigo mesmo. Ele pensou que você sempre estaria no nível, e quando você não estava... bem, acho que esse é o jeito dele de tentar preencher a lacuna. Transformar você em uma versão dele para que vocês dois não se sintam tão diferentes. Suspeito que ele sinta sua falta.

— Eu também sinto falta dele, mas o Kyle que sinto falta não existe mais. Eu nem o conheço agora e me recuso a ser repreendido por quem eu escolho amar.

— E isso é justo. Não existe uma regra que diga que você precisa.

Tomei um gole da minha cerveja. — Não estou ansioso para vê-lo amanhã. Nós brigamos na semana passada sobre Cam, e eu não falo com ele desde então.

— Eu suspeito que não será agradável. Mas talvez ele deixe isso em paz e fique longe.

Nós nos entreolhamos e balançamos a cabeça. — É um bom pensamento. — acrescentei. — Talvez não seja impossível, no entanto. Ele foi inteligente o suficiente para nos deixar em paz ontem à noite.

— Bem, isso é um bom sinal. Você vai se encontrar com Darryl amanhã?

— Depois do jogo um pouco, sim, e durante o jogo nos veremos, já que estarei em campo. Ainda vamos jogar juntos no domingo, certo?

Ele assentiu, sorrindo. — Vai ser bom chicoteá-lo no campo novamente.

Eu ri. — Como nos velhos tempos.

Ele me observou por um momento. — Como você está se sentindo?

Eu sabia o que ele queria dizer sem detalhes. — Tudo bem, você sabe. O de sempre. Eu amo e detesto a temporada de futebol.

De qualquer maneira, é mais fácil assistir na TV.

— Gostaria de dizer que fica mais fácil, mas não sei se isso é verdade. Não consigo imaginar a perda, mesmo que tenha tentado um milhão de vezes. O dia em que você foi ferido, mudou todas as nossas vidas.

Inspire. Expire. — Eu sei.

Seus olhos estavam cheios de compreensão e dor. — Tudo o que sempre desejamos é a sua felicidade, filho.

— Eu sei disso também.

Ele suspirou e olhou para as mãos. — Eu sei que você já sabe tudo isso, mas tenho orgulho de você por seguir em frente. Você nunca cedeu. Você nunca desistiu. Você lutou e sorriu através da dor de uma maneira que eu não sabia que poderia ter feito, se fosse eu.

E eu rezei para que tivesse sido. Eu trocaria de lugar com você em um segundo.

Eu assenti, incapaz de falar.

— Você está feliz, Tyler? É tudo o que preciso saber.

— Eu estou, pai. Eu estou feliz. O passado teria me engolido, se eu deixasse, e eu sabia disso. Não faz sentido olhar para trás. Não é bom desejar desejar coisas que não podemos ter. Tudo o que posso fazer é continuar, um pé na frente do outro, em direção às coisas que posso ter. Ir atrás delas com toda a paixão que coloco em tudo o que quero.

— Eu apoio isso, totalmente. Cam faz parte dessa filosofia?

Virei minha garrafa lentamente, os olhos no rótulo. — Estou ferido. Ela me machucou. Mas... — Soltei um suspiro pesado. — Eu acho que a amo, pai. —

Meu coração parou com as palavras, com a realização que me ocorreu.

Ele assentiu. — Também acho que ama. E se você a ama, você tem que ir atrás dela.

E ele estava certo. Cam me queria, isso eu sabia com certeza.

Eu não estava desejando algo que não poderia ter. Eu poderia tê-la, mas não seria fácil.

Não seria fácil, mas valeria a pena.

QUEIMAR JUNTOS

Cam

EU ACORDEI DEVAGAR, SAINDO do mundo dos sonhos um pouco mais a cada respiração. O dia estava cinzento e triste, meu quarto mais escuro do que deveria ter sido. A chuva batia contra a minha janela, o frio pressionando do lado de fora.

Eu o senti percorrer todo o caminho até a minha cama solitária.

Eu me revirei a noite toda, acordando para rolar e alcançá-lo, mas ele não estava lá.

Ele teria ido embora de qualquer maneira, eu disse a mim mesma, o que era verdade. Mas a solidão não era a mesma. Essa solidão era desesperadora e completa.

Fiquei ali por um longo tempo, ouvindo a chuva, os trovões ocasionais em algum lugar distante, imaginando o que ele estava fazendo, se ele estava pensando em mim, sentindo minha falta do jeito que eu sentia a falta dele.

Eu senti como se tivesse cometido um erro horrível, nos sabotando como eu tinha feito. Eu me perguntava se acabaria sendo melhor para nós a longo prazo. Talvez machucá-lo agora o salvasse mais tarde. Talvez eu tivesse me salvado. Talvez isso fosse a coisa certa para nós dois.

Mas parecia errado, tão errado que eu nem queria me mexer – a dor era muito aguda.

Eu não sabia que horas eram quando eu me arrastei para fora da cama, embrulhada no meu edredom. Encontrei o resto dos cupcakes na cozinha e levei a caixa para o sofá comigo antes de ligar a TV.

Era dia de jogo de faculdade, um dia que eu normalmente passava com Tyler, e eu folheei os jogos, precisando de algo familiar, esperando que ajudasse. E por um tempo, deu certo.

O jogo de Iowa começou, eles estavam jogando contra o Nebraska, e eu

desliguei o som e liguei a música, sentindo que se não pudesse ouvir as conversas dos apresentadores de esportes, seria mais fácil. Então eu coloquei o Warpaint novamente e comi cupcakes no apartamento escuro, a cintilação da tela quase a única luz no ambiente.

Meu segundo cupcake estava quase acabando, a doçura mal rompeu meus sentidos, quando eu o vi.

Tyler estava de pé ao lado da equipe de Nebraska, uma jaqueta vermelha e calça cáqui, boné vermelho virado para trás, balançando a cabeça e sorrindo enquanto conversava com alguns jogadores com uma prancheta na mão. Ele parecia feliz, forte, com os ombros largos, as pernas compridas. Mas foi o sorriso dele que me destruiu.

Foi só um segundo. Apenas um momento de seu rosto, e eu estava perdida novamente.

Lágrimas brotaram enquanto eu procurava o controle remoto e desligava a TV, sentada no escuro, soluçando baixinho enquanto a voz fantasmagórica cantava para mim sobre o que se passou para sempre.

Certo e errado. Sim e não. Alegria e dor.

Eu o perdi. Eu o tinha e o perdi porque estava com medo.

Limpei minhas lágrimas, precisando sair de casa. Então eu acendi a lâmpada, me forcei para fora do sofá e entrei no meu quarto.

Vesti minhas botas de chuva e um casaco. Peguei minhas chaves e saí pela porta.

Levantei o capuz largo do casaco e enfiei as mãos nos bolsos, sem saber para onde estava indo. Se o clima não estivesse tão chuvoso, eu teria caminhado pelo parque, mas fiquei feliz com a chuva, feliz com as nuvens baixas que escondiam o topo dos prédios.

Eu olhei para eles, sabendo que do outro lado, o sol brilhava sem ser afetado, como se a vida realmente existisse lá em cima e não aqui embaixo. Como se eu estivesse debaixo d'água, e a superfície estivesse longe demais.

Fui para o metrô, descendo as escadas enquanto colocava meus fones de ouvido e caminhava pela catraca, tudo no mesmo álbum que eu ouvia repetidamente. Eu sempre fazia isso, ouvia-os repetidas vezes até quase ter medo de desligá-los, com medo de perder o sentimento que a música me dava. Esta, em particular, eu escutei até conhecer todas as notas, cada batida, cada palavra, e tudo isso compunha a soma de mim quando entrei no trem de metal, em direção ao Wasted Words.

Eu não tinha outro lugar para ir. Pelo menos havia álcool lá. E Rose. Eu realmente poderia usar um pouco de Rose.

O trem sacudiu e caiu ruidosamente nos trilhos, embora eu estivesse perdida

em pensamentos, mesmo quando parei e saí, abaixando a cabeça contra a chuva, uma vez que ela me encontrou novamente. Em pouco tempo, eu estava em pé na frente da loja, minha casa longe de casa, abrindo a porta.

Recolhi o capuz e tirei os fones de ouvido, guardando-os no bolso. Rose estava atrás do balcão, e sua sobrancelha se levantou quando eu me aproximei.

Ela franziu a testa quando tirei minha jaqueta e me sentei, sentindo-me completamente destruída.

— Uísque?

— Uísque.

Ela assentiu e me serviu uma bebida, me observando discretamente. — Quer falar sobre isso?

Eu não disse nada.

Ela me entregou a bebida e eu a tomei, bebendo com gratidão.

— Nós brigamos. Uma briga feia. E agora ele se foi.

— Oh, Cam. — ela disse suavemente.

Eu balancei minha cabeça e dei de ombros. — Foi muito pior do que eu pensava. Ele disse que não queria falar sobre isso novamente. Que, se eu não entendia, não havia mais nada a dizer.

Ela franziu a testa novamente, e desta vez todo o seu rosto se juntou.

Dei de ombros novamente e tomei outro gole, estremecendo contra o centeio amargo.

— Então você não falou com ele sobre o que está te causando toda essa confusão?

Eu balancei minha cabeça. — Ele não queria ouvir. Nosso relacionamento já era tão frágil, e eu estraguei tudo. Eu acho que acabou, Rose.

Meu nariz queimava enquanto as lágrimas apareciam nos cantos dos meus olhos.

— Só assim? Quero dizer, não é como se ele pudesse evitar falar com você sobre isso. Vocês moram juntos.

— Durante todo esse tempo, fiquei preocupada em me machucar e não gastei quase o tempo suficiente me preocupando com o que ele sentia, o que ele queria. Eu fui egoísta. Traí sua confiança, preocupando que ele traísse a minha.

Ela não tinha nada a dizer, apenas esperou por mim.

— Eu não sei. Não sei mais o que dizer a ele, a você ou a ninguém. Ele está machucado porque eu levei isso longe demais. — Suspirei. — Talvez seja melhor assim.

Os lábios de Rose estavam apertados. — Não diga isso.

— Por quê? Ele está melhor sem mim, eu venho dizendo isso o tempo todo. Desta forma, podemos apenas seguir em frente.

— Você realmente acha que vai apenas seguir em frente com *Tyler*?

Dei de ombros e ela bufou, revirando os olhos.

— Qual é, Cam. Você é mais esperta do que isso.

Eu não respondi.

Ela fumegou. — Eu não estou brincando. Vocês terminarem não é melhor para qualquer um de vocês.

— Como assim? Porque ele estava certo. Eu estava em cima do muro o tempo todo, e isso não é culpa dele. Eu sou maluca demais para estar com ele, isso é dolorosamente claro.

— Estou cansada de ser fofo com você sobre isso. Olhe para você. Você está miserável. Você acha que está fazendo algum favor a alguém com alguma merda de sacrifício? Você acha que está se salvando? Ou salvando-o? Porque isso é uma grande besteira. — Ela puxou o telefone do bolso e escreveu uma mensagem de texto. — Você está conversando com Patrick.

Eu fiz uma careta. — Por quê?

Ela me deu um olhar aguçado. — Porque ele já foi um idiota antes também, e você precisa ouvir a verdade de alguém tão estúpido quanto você. — O telefone dela tocou. — Ótimo. Ele está a caminho.

Apenas continue sentada aí e fique um pouco bêbada enquanto esperamos pela cavalaria.

— Eu não preciso de um sermão. Eu não sou criança, Rose.

— Sério? — Ela disse, as mãos nos quadris e sobrancelhas erguidas. — Porque você com certeza está agindo como uma. O cara dos seus sonhos é apaixonado por você, e você o afastou porque acha que ele é melhor que você. Isso é literalmente a coisa mais idiota que já ouvi na minha vida. Você fala, tipo, mil idiomas e tem um QI que te coloca em algum lugar na categoria de gênios da humanidade, e, no entanto, aqui está você, desistindo. Você deu um tiro no pé porque está com medo.

— Eu sei que sim, mas é assim que me sinto, Rose. Como se eu não me encaixasse. Nem sempre sei meu lugar ao redor dele, não como aqui. Não como lá. – Fiz um gesto para o lado de quadrinhos da loja. — Por que você acha que eu trabalhei em uma loja de quadrinhos o tempo todo? Claro, eu poderia ter conseguido um emprego “real” empurrando papéis e preenchendo relatórios e quem sabe mais o quê, mas eu também não me encaixo. Eu quero sentir que pertenço, como qualquer outra pessoa. Então, eu trabalhei na loja de quadrinhos porque não me sentia estranha ou diferente. Eu poderia ser eu, e isso era o suficiente. — As palavras me deixaram muito rapidamente, muito honestamente, com meu coração batendo e bochechas coradas.

O rosto dela se suavizou. — Eu sei, Cam. Eu sei. Mas você é o suficiente. A

versão crua de Cam é a que todos nós amamos. Não queremos que você seja diferente disso. E eu entendo que você se sinta deslocada, eu realmente entendo. Mas só porque você usa batom e um vestido não significa que você não é quem você é. — Ela me lançou um olhar que dizia: "*Comparação é a ladra da alegria – Theodore Roosevelt.*" — Por que você se compara a outras pessoas?

A estranhos, ao que você acha que o Tyler quer? Por que você não pode simplesmente aceitar quem você é e quem ele é e deixar que isso seja suficiente?

Meu queixo flexionou, o nariz queimando enquanto eu engolia em seco. — Eu não sei, Rose.

Os olhos de Rose dispararam atrás de mim, iluminando-se.

Olhei para trás e vi Patrick entrando, sacudindo a chuva da jaqueta com os dedos tatuados enquanto ele limpava as botas nos tapetes. A maneira como eles sorriram um para o outro foi suficiente para fazer meu coração se disparar por eles. Eu só queria ter alguém para me olhar assim.

Exceto que você tinha e o perdeu.

Patrick caminhou até o bar e cumprimentou Rose. Ela se inclinou sobre o bar para lhe dar um beijo e ele se virou para mim logo depois, sorrindo enquanto sentava.

Ele se apoiou na porta. — Rose queria que eu colocasse um pouco de senso na sua cabeça.

Eu bufei e tomei um gole da minha bebida.

— Você *precisa* que eu coloque um pouco de senso na sua cabeça ou ela só está sendo mandona?

— *Ei.* — disse ela, fingindo fazer beicinho enquanto servia uma bebida a ele também.

Dei de ombros. — Talvez ambos.

Ele assentiu e tomou um gole quando ela o entregou. — Então, você e Tyler brigaram?

— Sim. Comecei a falar com ele e então... então ele só foi embora.

Eu esvaziei minha bebida e passei o copo para Rose para ela enchê-lo novamente, e ela o fez.

— Ele te faz feliz? — Os olhos azuis de Patrick eram intensos, como se ele pudesse ver através de mim.

Eu pisquei, franzindo a testa com a pergunta inesperada. — Claro que sim. Ele é a melhor pessoa que eu conheço.

— E você o faz feliz.

Tomei um gole, caindo enquanto me apoiava no bar. — Acho que fiz, por um minuto, pelo menos.

Ele assentiu pensativo. — Sabe, por um longo tempo depois que eu terminei

com Rose, eu apenas deixei ela ficar com raiva. Eu a deixei me odiar, pensando que eu merecia por tê-la deixado em primeiro lugar, e quando percebi que havia uma chance para nós, já era quase tarde demais. De fato, por um tempo lá, pensei que *fosse* tarde demais. Mas nunca é. Você tem que ir atrás do que quer, Cam.

Se você encontrou amor, se precisa dele e ele precisa de você, não há dúvida. Você tem que tentar, não fugir, porque tem medo do que pode ser, ou porque tem medo de perdê-lo. Não cometa o meu erro.

Meus olhos se encheram de lágrimas novamente. Rose parecia satisfeita. Eu, no entanto, me senti pior. — Então o que eu faço?

— Peça desculpas. — disse Rose. — Deixe de lado todas as razões pelas quais você não pode e concentre-se no por que você pode. Pare de lutar e apenas deixe ir. Tyler cuidará do seu coração.

Ele nunca te machucou. Você sabe disso.

Eu balancei a cabeça e cheirei, mordendo meu lábio para não chorar.

— Se sente melhor?

— Eu preciso de um plano. Uma maneira de pedir desculpas que não envolva muita conversa.

— Desculpas nuas são as melhores para isso. — Ela sorriu. — Agora beba um pouco mais. Você comprou cupcakes como eu te disse?

Eu ri. — Sim.

— Boa. Isso deve ajudar. Apenas tente ficar bem até que ele volte. Sinta todos os seus sentimentos tristes e esquisitos e lembre-se do quanto você o quer. Você sempre pode tentar ligar para ele.

Eu balancei minha cabeça. — Ele está tão ocupado neste fim de semana. É uma volta ao lar e ele está cortejando um jogador.

— Bem, ele estará em casa segunda-feira, certo?

Eu balancei a cabeça novamente.

— Venha para o trabalho amanhã, se precisar de algo para manter as mãos ocupadas. Eu tenho uma caixa de livros na sala de estoque que precisam ser rotulados e arquivados — ela brincou.

Revirei os olhos. — Parece uma festa de verdade.

Ela deu de ombros, sorrindo.

Terminei minha bebida, assimilando tudo enquanto Rose e Patrick conversavam. Eu tinha que ir atrás do que queria, sem medo, e pela primeira vez, pensei que poderia.

Eu me preenchi com uma esperança hesitante.

Depois de um tempo, me despedi e agradeci, desejando solidão novamente. A chuva havia diminuído, apesar de ainda chover, e eu coloquei meu capuz

novamente, ligando meus fones de ouvido, a música tocando nos meus ouvidos um pouco triste demais de repente. Mudei para a minha música de caminhada, a playlist cheia de músicas mais felizes, com batidas fortes que tinham um propósito, e cada passo, eu descobri, também tinha um pouco de propósito.

Eles estavam certos, pensei. Se preocupar um com o outro tinha que ser suficiente. Eu confiava em Tyler. Ele nunca me machucaria de propósito. Era a verdade pela qual eu estava lutando o tempo todo, o que ele vinha tentando meticulosamente me convencer.

Estar com Tyler havia levantado a poeira do meu passado, trazendo a dor do que aconteceu com Will de volta ao meu coração quando pensei que tinha sido tudo enterrado. Todos esses anos eu pensei que estava bem, forte e protegida por regras que se tornaram uma gaiola, mas eu realmente não tinha lidado com isso. Sempre esteve no fundo da minha mente, apenas esperando o momento em que pudesse surgir e arruinar algo brilhante para mim, o que tinha acontecido, realmente.

Mas a verdade era simples. A verdade era que eu era exatamente quem eu era, e isso era o suficiente para Tyler, e era o suficiente para mim. A verdade era que o amor não tinha regras. Não havia certo ou errado, como Tyler havia dito. Havia apenas ele e eu.

Então, meu pedido de desculpas a Tyler começaria com essa admissão.

Eu não queria perder Tyler, mas eu perdi. Eu o perdi simplesmente *porque* não queria perdê-lo.

Eu ri alto no trem, e algumas pessoas se viraram para me dar olhares sujos, mas eu não me importei. Não agora que eu podia ver a verdade.

Quando cheguei ao apartamento, estava com frio e úmida, mas minha mente revirou meus pensamentos como vinho doce. Eu estava quente do uísque, abanando a chama do brilho da esperança no meu peito.

Pendurei minha jaqueta no cabide e tirei as botas, troquei de roupa e me acomodei no sofá com o meu livro, pensando em todas as maneiras pelas quais me desculparia com Tyler, em todas as maneiras que eu faria as coisas certas, sentindo como se fosse levar um milhão de anos até que eu tivesse a chance. Meus olhos encontraram minha cópia antiga de *O Hobbit*, e eu peguei. Mais tarde, eu não seria capaz de lhe dizer o porquê, embora naquele momento parecesse que ele estava me chamando.

Abri a página de onde ele havia parado, marcada pelo ingresso para o jogo dos Giants.

Dizer que o livro estava danificado era o mínimo, os cantos estavam enrolados, as páginas amareladas e com orelhas de cachorro, trechos destacados ao longo dos anos, anotados nas margens com meus pensamentos. Mas na

página em que Tyler parou, ele marcou uma das minhas passagens destacadas.

Se isso acabar em fogo, devemos todos queimar juntos.

A nota ao lado na margem simplesmente dizia: *Isso, Cam.*

Meu coração disparou no meu peito, a respiração falhando.

Nós devemos queimar juntos.

E soube então, sem dúvida, que queria queimar com ele. Que, se tivesse que acabar, iríamos para o fogo juntos.

As prateleiras não importavam. Kyle não importava. E essas verdades chegaram profundamente ao meu coração, me libertando.

Minhas lágrimas atingiram o livro no meu colo com uma pequena mancha que amassou a página, e eu o fechei, apertando-o no meu peito enquanto afundava no sofá e chorava. Mas minhas lágrimas não estavam mais tristes. Elas não estavam cheias de saudade. Elas estavam cheias de esperança.

CORES VERDADEIRAS

Tyler

O MEIO PERÍODO ACABARA DE TERMINAR, a banda de Nebraska marchando para fora do campo com o estrondo da multidão.

Tinha sido uma longa pausa, cheia de anúncios e prêmios, a apresentação do tribunal regresso a casa, e, claro, de reconhecimento para Kyle pelos novos uniformes da equipe. Ele subiu ao pódio, parecendo um herói enquanto acenava para a multidão, ostentando uma das novas jerseys.

Baixei meus olhos para as anotações na minha prancheta enquanto ficava de pé ao lado de Darryl, o time empolgado depois do intervalo. Apontei para uma das formações e ele olhou por cima do meu ombro. — Você vai querer manter um olho nesse cara. — Eu bati no X que representava um dos jogadores defensivos do outro time. — Campbell é rápido e inteligente. Ele vai estar pior com você no segundo tempo do que no primeiro.

Darryl assentiu. — Ele já esteve em cima de mim.

— Eles têm uma equipe do quarto trimestre este ano. Quanto mais atrasados, mais difícil eles jogam e estão perdendo. Portanto, não fique confortável.

Ele saltou, seus olhos dilatados no campo. — Tudo certo.

Eu sabia onde estava sua cabeça, cheia de adrenalina, pulsão e fúria, tudo enrolado e contido nele, mas ele estava pronto para saltar.

O apito explodiu e equipes especiais entraram em campo para o pontapé inicial.

Kyle não voltara às arquibancadas, eu o tinha visto atravessando os jogadores e os treinadores, apertando as mãos e conversando. Mantive meus olhos baixos, desejando que ele continuasse andando quando se aproximasse. Um desejo impossível, eu sabia.

— Ei, Knight.

Eu olhei para ele, ele parecia um pouco intimidado, não tão arrogante como

geralmente, o que era especialmente estranho, pois ele acabara de ser reconhecido publicamente por sua generosidade em um estádio lotado de pessoas.

Era como se eu estivesse na Zona do Crepúsculo.

— Ei. — eu disse, e olhei para baixo novamente, virando a página de volta, procurando por nada.

— Ainda está chateado comigo?

— Sim, estou chateado pra caralho com você, Kyle. — Virei outra página de volta com um estalo.

— Ouça, me desculpe. Você não me deu uma chance de pedir desculpas e não parecia interessado em falar comigo na festa. Eu conversei com Cam um pouco.

Eu me virei para ele, olhos estreitados. — Ela não me disse isso.

Ele sorriu. Meu punho cerrado.

— O que você disse a ela?

— Nada. Eu comprei seus drinks e nós conversamos na fila. Ela parecia bem, cara. Entendo por que você decidiu transar com ela, mesmo que seja só isso.

Bebidas… foi depois que ela pegou as bebidas que eu a perdi para seus pensamentos durante a noite. — Não fale sobre como ela parecia. Você não tem o direito de olhá-la. O que você disse a ela?

Ele colocou as mãos nos bolsos e estufou o peito. — Ela quase tropeçou e caiu, e eu a peguei. Ela é uma coisinha pequena, cara.

O pensamento de suas mãos nela quase me deixou com raiva.

Eu não sabia o que tinha acontecido comigo, mas minhas mãos tremiam enquanto eu o olhava, querendo nada mais do que envolver minhas mãos em seu pescoço. Larguei a prancheta ao meu lado, segurando-a com as mãos suadas. — Kyle. — eu avisei.

— Eu apenas disse a verdade. Ela não pertence a você, cara. Você sabe disso.

Meus dentes rangeram tanto que doíam. — Com quem eu saio não é da sua conta. Por que diabos você se importa?

Uma sombra passou por seu rosto. — Porque você não é *você* desde que foi morar com *ela.*

— Você não é *você* desde que deixamos esse campo.

Ele zombou e revirou os olhos. — Eu não entendo, cara. Você deixou o planeta, parou de sair comigo ou com qualquer um dos caras, parou de namorar, na maior parte. Você não podia se apegar a Jess, e daí? Mas você acaba ficando com a Cam? Ela é patética.

Eu avancei, rugindo enquanto me lançava para ele, levantando meu punho para trás e jogando-o para frente até encontrar sua mandíbula. Os jogadores e a

equipe ao nosso redor me agarraram, mas eu os sacudi e plantei meus pés no chão, o peito arfando e o punho cerrado.

Kyle riu e esfregou a mandíbula, rolando-a para avaliar os danos.

— Ela é tudo que eu sempre quis, seu filho da puta. — eu disse entre os dentes. — e você é parte da razão pela qual ela não é minha.

— Bom para você, então.

Minhas narinas dilataram, cerrando o punho novamente, a dor foi esquecida por um momento enquanto eu usava todo o meu poder para me manter imóvel. Este não era o lugar. — Fique longe dela. Fique longe de mim.

— Você não quer dizer isso. — Ele sorriu.

— Quero dizer isso mais do que jamais quis dizer algo em toda a minha vida. Agora saia daqui, ou juro por Deus que vou...

— O quê? Nocautear um jogador da NFL, um ex-aluno, em frente às câmeras? O cara que acabou de pagar por novos uniformes para todo o time? — Ele riu, o som seco e frio. — Quem diabos é você para me ameaçar? Você não é ninguém, Knight. Você poderia ter sido alguém, mas olhe para você agora. Acabado, esperando pelos dias de glória, ficando no escanteio enquanto *eu* jogo. Enquanto *eu* ganho dinheiro e consigo todas as garotas.

Os outros jogadores próximos a nós se viraram para encará-lo, com as mandíbulas cerradas, uma parede de nós em pé contra ele.

— Eu já tinha a garota. Era tudo o que eu realmente precisava.

Ele foi rodeado por jogadores, incluindo Darryl, que disseram: — Acho que você deveria ir embora agora.

Kyle aproximou-se dele, curvando o peito. — Vai se foder, seu merdinha.

Darryl se manteve firme e Kyle zombou.

— Você acha que sabe de tudo? Isso não é nada. — Ele apontou para o campo. — Isso não é *nada*. É só um trampolim para chegar aos profissionais. — ele encontrou meus olhos,— porque se você não chega a ser profissional, você não é ninguém.

Eu não sabia que meu pai havia se aproximado. — O que diabos está acontecendo aqui? Churchill, dê o fora antes que eu te expulse.

Kyle encontrou os olhos do meu pai com raiva queimando atrás deles. — Claro, treinador. — E com isso, ele se virou para ir embora.

Papai se virou para nós, a mandíbula cerrada. — Pare de brincar, todo mundo. Temos um jogo para jogar, pelo amor de Deus.

Todo mundo se dispersou rapidamente, e quando ele olhou para mim, seu rosto estava duro, mas seus olhos eram suaves. Ele acenou para mim e eu assenti de volta.

O resto do jogo foi um borrão, parte da minha mente no jogo, mas a cada

segundo entre as jogadas eu pensava no que havia acontecido. Cam, pobre Cam. Quem sabia o que ele disse, realmente. Não poderia ter sido bom, provavelmente pior do que ele tinha me dito. E ela acreditou nele. Ele a atingiu exatamente onde doía, sabendo o que iria acontecer, ou pelo menos esperando o que aconteceu. E ela não me contou.

Mas é claro que ela não contou.

Eu tinha que ligar para ela, enviar uma mensagem. Falar com ela.

Não mudaria nada, mas mudaria tudo. Porque antes disso, eu a senti, sabia que ela estava feliz, boa e pronta para estar comigo. Eu sabia que o que ele disse a afetou. E naquela noite, eu a convenci novamente a ficar. E no dia seguinte, quando ela tentou falar comigo como eu queria, fui embora.

Nós vencemos o jogo, e eu segui o time até o vestiário, ouvi meu pai fazer um discurso para o time. Eu esperei no canto enquanto ele falava com a imprensa, o primeiro momento livro que tive, e peguei meu telefone, disparando uma mensagem de texto para Cam.

Eu mal podia esperar mais um minuto.

Preciso conversar. Você está por aí?

Prendi a respiração, passei a mão pela boca enquanto olhava para o meu telefone. As bolas saltaram e minha respiração ficou parada.

Não posso falar. Desculpe.

Meu coração afundou. *Avise-me quando tiver tempo.*

Ela não respondeu. Ela nem começou a digitar, eu sabia porque continuei olhando para a tela, esperando.

Mais de uma hora depois, saímos do estádio no carro de papai, ouvindo Willie Nelson cantarolar sobre olhos azuis enquanto eu me apoiava na porta, olhos além da janela e pensamentos a milhares de quilômetros de distância, em Cam.

— O que aconteceu com Churchill? — Ele perguntou, quebrando o silêncio entre nós. — Algumas pessoas me perguntaram, mas você realmente não podia ver o que aconteceu.

Parecia que você bateu nele.

— Bati.

— O que ele fez?

— Insultou Cam. Me insultou. Sinto muito, espero não ter causado nenhum problema para você, pai.

Ele riu. — Não causou. Os jogadores entram em muitas brigas e ninguém percebe, embora geralmente não recorra a golpes. Nenhum de vocês está no time, tenho certeza de que se ele resolver reclamar sobre isso eu vou ter que explicar, mas não se preocupe.

Meu punho ainda doía e eu abri e fechei, feliz pela dor. Que bom que eu tinha conseguido pelo menos um golpe nele mesmo quando ele merecia muito mais.

— Ele entrou na cabeça dela, pai. Ele disse que ela não pertencia a mim. Ele queria machucar ela, e machucou. Eu pensei que era apenas ela não sendo capaz de decidir o que fazer, mas era Kyle.

Ele agarrou o volante. — Bem, então eu diria que ele merecia mais do que só um soco.

Eu sorri. — Penso a mesma coisa. Eu poderia ter socado muito mais ele. Só parei por causa de onde estávamos.

Ele balançou sua cabeça. — Eu não vou mentir. Eu meio que gostaria que você tivesse.

— Eu também.

— O que isso significa para você e Cam?

Suspirei. — Eu não sei. Enviei uma mensagem para ela o mais rápido que pude, mas ela não quer falar comigo.

Ele assentiu, os olhos na estrada. — Espero que ela volte, filho.

— Eu também. — foi tudo o que pude dizer quando entramos na estrada e chequei meu telefone mais uma vez, apenas para me decepcionar.

LIMBO

Tyler

EU ACORDO NA MINHA CAMA antiga, no meu antigo quarto, pegando meu telefone. Não para verificar a hora.

Mas meu coração afundou quando eu o desbloqueei. Ela não tinha me enviado uma mensagem ou sequer ligado.

Suspirei e fechei os olhos, voltando para a cama, embora soubesse que não voltaria a dormir. O telefone ainda estava na minha mão e eu o apertei, pensando em enviá-la uma mensagem novamente.

Eu repeti nossa briga na minha mente, como eu já tinha feito centenas de vezes. Eu a deixei sem saber que Kyle havia tentado interferir, mas esse conhecimento mudou as coisas, e eu queria falar com ela sobre isso. Eu queria ouvir o que aconteceu com ela, queria dizer que Kyle estava errado.

Mas ela não tinha me enviado uma mensagem, não queria falar comigo. Eu não podia ter certeza do que o silêncio significava, e se eu não tivesse trabalho a fazer, teria ido embora naquele dia. Porque eu não aguentava não saber. A espera. Eu precisava beijá-la novamente e dizer que a amava, mesmo que fosse pela última vez.

Soltei um suspiro, apesar de ter feito pouco para aliviar a pressão no meu peito. O quarto estava frio quando eu joguei os cobertores para trás e corri para me vestir, vestindo uma calça e uma camisa de mangas compridas Under Armour que me caíam como uma segunda pele.

No andar de baixo, minha família se encontrava na cozinha.

Papai fazendo café da manhã, mamãe sentada no balcão tomando café com Meg, Jamie e Grace sentadas à mesa do café da manhã, sussurrando e rindo. Eles me encararam quando eu entrei.

Meg sorriu para mim. — Bom dia, dorminhoco.

Eu sorri de volta.

— Como está sua mão?

Eu a segurei, estava um pouco inchada, especialmente em torno do nó dos meus dedos, que estavam machucados, mas estava tudo bem. Eu balancei meus dedos. — Em bom estado de funcionamento.

— Fiz o meu caminho para a cafeteira e me servi de uma xícara. — Papai te contou?

— Eu só contei para sua mãe. — papai chamou por cima do ombro.

— Eu nunca gostei de Kyle. — mamãe disse e tomou um gole.

Eu ri. — Mentirosa.

— Bem, tudo bem, mas eu não gosto dele há muito tempo.

— Nem eu.

— Todo mundo estava falando sobre isso ontem à noite. — disse Meg. — Eu gostaria que você tivesse ido também.

— Eu não, não depois disso. — Suspirei. — Eu esperava que ninguém estivesse assistindo.

Ela revirou os olhos. — Todo mundo em Nebraska estava assistindo Kyle Churchill. Eu pensei que vocês eram amigos?

— Eu também. — Sentei-me ao lado de minha mãe. — Ele falou sobre Cam de uma maneira que eu não gostei, e não foi a primeira vez. E eu descobri que ele disse algumas coisas para ela que a machucaram, o que me machuca e nos machuca. Então sim. Soquei Kyle Churchill no jogo de regresso. Sinto que tinha muitas razões.

— Eu concordo. — disse Meg. — Você falou com Cam?

Eu balancei minha cabeça e tomei um gole do meu café para evitar falar.

Papai aproximou-se dos pratos e os colocou na frente de mamãe e Meg primeiro. — Ela vai aparecer, Tyler.

Eu balancei a cabeça lentamente quando ele voltou para outro conjunto de pratos. — Como foi a festa, Meg?

Ela encolheu os ombros. — O mesmo de sempre. Se você me perguntasse quando eu era caloura, se algum dia me cansaria de festas, eu teria rido de você e dito que você é louco. Mas agora que tenho idade suficiente para beber, a mágica se foi.

Ela colocou um pedaço de bacon na boca.

Mamãe olhou para ela.

— O quê? — Ela perguntou inocentemente. — Não é como se você não tivesse feito o mesmo. É basicamente uma regra fundamental para frequentar a faculdade.

Ela revirou os olhos e mordeu seus ovos. — O que vocês vão fazer hoje?

Papai já havia dado seus pratos a Grace e Jamie e estava indo com o nosso.

— Temos um treino planejado com Darryl no estádio.

Eu fiz uma careta quando peguei meu prato. — Não é a academia?

— Não, — disse ele, sentando-se ao meu lado. — Eu tenho algo especial planejado.

— Isso nunca é bom.

Ele sorriu. — Ah, vai ser bom, mas você vai me odiar quando acabar.

Eu gemi.

— Isso é tão ativa quanto eu pretendo ser. — disse Meg e pegou outra fatia de bacon. — Estou exausta. Estou pensando em dormir e ler o livro que você me trouxe.

Eu balancei minha cabeça. — Você nunca vai se mudar?

Ela olhou para mim como se eu fosse louco. — Por que eu me mudaria? Forçar a minha bunda para trabalhar *e* terminar a escola no último ano só para poder pagar as contas? — Ela bufou. — Não, obrigada. Passo. Passo muito. Além disso, quem vai me preparar o café da manhã aos domingos?

Ela sorriu para o pai.

Ele sorriu de volta ironicamente. — O café da manhã de domingo estará aqui, se você mora aqui ou não, então sinta-se à vontade para sair quando quiser, querida, e você só vai me ver se está procurando panquecas.

Eu ri.

Mamãe olhou para o relógio e sentou-se um pouco mais ereta.

— Ai, merda. — Ela colocou um punhado de ovos na boca e se afastou da mesa. — Eu tenho que ir.

Eu levantei uma sobrancelha. — Às nove da manhã de um domingo?

Ela corou um pouco. — Eu tenho uma coisa para fazer.

— Uma coisa?

— Uma coisa. — disse ela intencionalmente.

— Bem, tudo bem, eu acho. Não nos deixe impedí-la de fazer sua coisa misteriosa. Vou tentar não me magoar pelo fato de que minha única mãe não quer tomar café da manhã comigo.

Ela riu e me beijou na bochecha. — Vejo você daqui a pouco, ok? — Ela e papai trocaram um olhar. — Divirta-se treinando. Diga a Darryl que eu disse olá.

— Nós vamos. — disse o pai, e mamãe saiu.

Jamie e Grace riram da mesa novamente, e eu peguei Meg fazendo o movimento de cortar a garganta com o dedo. Ela sorriu para mim quando me viu olhando.

— O quê?— Ela perguntou, inocentemente.

Eu estreitei meus olhos. — Vocês estão agindo esquisito.

Ela rolou os dela. — Ah, não seja dramático, Tyler.

Olhei para papai, que deu de ombros, então fiz o mesmo e comecei meu café da manhã, imaginando o que havia acontecido com todo mundo.

Algumas horas depois, paramos no estádio. Eu não tinha ideia de por que papai passou por toda a criação antes de ir para o campus – nós dirigimos para a loja de ferragens e andamos pelas prateleiras por vinte minutos, depois para Target, onde escolhemos um cartão de Halloween para meus avós e, finalmente, para a loja de esportes, que era a única coisa que fazia algum sentido. Seu telefone ficava apitando e alguém ligou uma vez, mas o final da conversa foram apenas frases de uma palavra.

Então, quando chegamos ao estádio, eu suspeitava de alguma coisa..

— Levou tempo suficiente. — eu atirei enquanto saí.

Ele franziu a testa quando fechou a porta. — Não fale assim. Sua mãe tinha uma lista de coisas que ela precisava que eu pegasse enquanto fazia as coisas dela esta manhã.

— Certo. Coisas. Vocês estão sendo esquisitos.

Ele acenou com as mãos, zombando de mim. — Desculpe se não somos todos os gostosões da cidade grande, com lugares para ir com muita pressa. De qualquer forma, Darryl acabou de chegar, estava atrasado.

— Bem, você poderia ter dito isso.

Ele encolheu os ombros.

Eu o segui até os portões, depois para o estádio, pensando em todas as maneiras pelas quais ele estava prestes a me matar quando entramos nas arquibancadas. Mas quando saímos do túnel e eu olhei na minha frente, diminuí a velocidade.

A banda do estado de Nebraska estava alinhada no campo, não menos impressionante por estar em suas roupas casuais, e quando eles nos viram, os principais tambores tocaram seus assobios e a banda começou a tocar junta.

"*Bust a move*", se eu estava sendo técnico.

Eles dançaram enquanto atravessavam o campo em formação, a linha do tambor batendo. Eu ri, o som abafado pelo volume épico da banda ecoando nas arquibancadas vazias, tão emocionado que eu não vi Cam imediatamente.

Eu fiquei boquiaberto, sem acreditar nos meus olhos.

Ela estava de pé no fim da arquibancada, bem fora do campo na minha frente, sorrindo, corando, brilhando enquanto dançava. E ela *dançou*.

Ela se movia sem medo, mãos no ar, quadris se movendo a tempo da batida. Ela fez um *Cabbage Patched* e um *MC Hammered*, parando no *Butterfly*, sua língua deslizando para fora enquanto ela se mexia e rolava. E entre os movimentos, ela dançou em minha direção e eu fiquei rindo, pasmo, incapaz de

entender o que estava acontecendo.

Papai estava rindo muito ao meu lado, minha mãe e Darryl também. Eu olhei para as arquibancadas e vi metade do time, todos dançando e cantando a letra da música. E no refrão, quando Cam se aproximou, ela cantou as palavras, dizendo-me que se eu queria, eu teria, apontando para mim, virando de costas para mexer sua bunda.

Eu sorri, a boca um pouco aberta, balançando a cabeça enquanto a banda tocava, alto e feroz e ela dançava.

Ela fez isso. Tudo isso. Para mim.

Quando a banda tocou no colapso e a linha de bateria ficou louca, eles literalmente começaram a dançar – todos os trezentos deles se agitaram no momento em que Young MC os mandou, e Cam também.

Eu nunca tinha visto algo tão incrível na minha vida como Cam Emerson dançando nas arquibancadas.

Quando a música terminou, a banda aplaudiu, gritando e berrando enquanto Cam pulou, começando a andar em minha direção. Os tambores da bateria tocaram novamente, e eles se reuniram, lançando suas partituras antes de começar a música do Billie Holiday, a que dançamos na festa.

Ela olhou para mim, seu pequeno rosto me encarando, bochechas coradas, olhos escuros arregalados e cheios de medo e arrependimento e esperança. Quando ela colocou as mãos nas minhas, eu sabia exatamente o que ela diria e exatamente o que *eu* diria, e só queria avançar rapidamente para o momento em que pudesse beijá-la. Porque era isso. Ela era isso.

Seus dedos torceram nos meus, seus olhos procurando meu rosto. — Você é a melhor coisa que já me aconteceu, sabia?

Eu segurei sua bochecha, emoção queimando na minha garganta.

— Mas coloquei fogo na coisa toda, e tudo porque tinha medo.

Se eu parasse de me preocupar o suficiente para olhar, teria percebido o quão errado eu estava. Nos seus braços, nunca me senti tão segura. *Se isso terminar em fogo, todos devemos queimar juntos.*

Eu entendo agora. Você estava comigo, sempre, e eu estou com você até o fim, se você me quiser. Eu quero queimar juntos. Quero queimar com você. — Ela respirou fundo, os olhos castanhos implorando, brilhando. — Sinto muito por não ter visto isso antes. Me desculpe, eu te decepcionei. Você vai me perdoar?

Inclinei-me e a peguei pela cintura, respirando-a, sentindo-me inteiro novamente. — Eu sempre vou te perdoar. Sempre. – eu disse, minha voz tensa, meu coração batendo forte. — Eu amo você.

Seu lábio tremeu quando ela sorriu para mim, uma lágrima caindo quando

ela fechou os olhos, e então ela me beijou, e eu soube que ela também me amava.

CAVALEIRO BRANCO

Cam

EU PROMETI PARA MIM MESMA QUE não choraria, mas lá estava eu, nos braços de Tyler, enquanto a banda tocava *Crazy He Calls Me*, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Ele me puxava em círculos, dançando com todo mundo assistindo, como se ninguém estivesse assistindo. E eu não me importei. Era um dos momentos mais perfeitos da minha vida.

Quando a música terminou, a multidão aplaudiu, e ele me beijou, fechando o círculo, abrindo a porta, e eu passei por ela. Como se tivéssemos caminhado um pelo outro, trocando corações no processo. Eu esperava que durasse. Mas se não, eu o amaria a cada minuto que pudesse e ficaria feliz pelo que tinha.

Tyler sorriu para mim e eu passei meus braços por sua cintura.

— Eu não consigo acreditar que você fez isso.

Eu sorri de volta. — Sério?

Ele riu. — Ok, eu consigo, mas como você fez tudo?

— Eu tive ajuda. Muita ajuda, na verdade. — Meu sorriso parou de um lado. — Eu liguei para o seu pai.

Ele pareceu surpreso, as sobrancelhas se apertando. — Como você conseguiu o número dele?

— A pasta de emergência.

Uma risada saiu dele. — Eu tinha esquecido disso. A que você nos fez fazer porque temia que eu morresse e não teria como contar aos meus pais?

— Essa mesmo.— eu disse. — Eu disse a ele a minha ideia, e ele disse que faria acontecer, então realmente deveríamos estar agradecendo a ele.

Tyler olhou para o pai, que deu de ombros. — Sua mãe também ajudou.

Ele olhou para sua mãe. — A coisa?

Ela se inclinou para o pai dele, parecendo satisfeita consigo mesma. — Pegar a Cam no aeroporto.

— E a banda? — Ele perguntou.

Seu pai sorriu, passando um braço em volta de sua mãe. — Sou amigo de Randall há quase vinte anos. Ele não hesitou em reunir a banda e distribuir partituras esta manhã. Exceto *Bust A Move*, essa eles já conheciam.

Tyler riu. — Quais são as chances, hein?

— Aparentemente muitas no mundo das bandas. Favorita da multidão, e tudo. Mas foi idéia de Cam, tudo isso. Só fiz alguns telefonemas. Depois de falar com você, Tyler, não havia como eu não poder ajudar. Eu sabia que ela iria aparecer, e você precisava saber como ela se sentia. Estou feliz por poder ajudar.

— Eu também. — Tyler balançou a cabeça e olhou para mim, incrédulo. — Eu não acredito que você está realmente aqui.

— Estou aqui. — eu disse, inclinando-me para ele, aliviada e feliz. — Você merecia algo grande depois do que eu fiz.

— Bem, você me deu. — Ele apertou os braços, me aproximando. — Senti sua falta. Quando você não respondeu minha mensagem, pensei...

— Eu sei. Eu sinto muito. Eu realmente *estava* ocupada.

Arrumando as malas.

Ele riu.

— Pensei em mandar uma mensagem para você esta manhã, mas meu voo partia às seis da manhã e eu queria morrer. Além disso, você estava dormindo.

— Eu nem me importo agora. Não quando você está aqui.

Eu sorri para ele. — O que você quer fazer agora?

— Nada que eu possa fazer em um estádio de futebol ou com meu pai presente, disso eu tenho certeza..

Eu ri.

Ele se virou para o pai. — Estamos treinando?

— Não, a menos que você realmente queira.

Darryl subiu.

— Que tal passar o dia pendurado, Darryl?

Darry riu e acenou com a mão. — Cara, não seja louco. Vou assinar com você, não estou nem considerando outras ofertas. Você é o agente mais honesto com quem conversei e o treinador é o melhor homem com quem já joguei. É um acordo feito. Vá pegar sua garota.

Tyler sorriu. — Parece que ela veio me pegar. Quem teria imaginado? Ela estava fugindo de mim o tempo todo.

— Não mais. Me desculpa, eu sou louca.

— Eu te disse. Eu gosto da sua loucura. — Ele se abaixou e me pegou, e eu passei meus braços em volta do pescoço dele, enterrando meu rosto em seu ombro sólido. — Quero ficar sozinho com você, Cam.

— Me leve a qualquer lugar, Tyler. — eu sussurrei. — Eu vou te seguir.

E seus braços me apertaram, aproximando nossos corações mais próximos do que eu jamais imaginei que eles poderiam estar.

Saímos do estádio depois de agradecer à banda e conversar com todos, voltando para a casa de seus pais com o seu pai. Ele sentou no banco de trás comigo, segurando minha mão, seu braço em volta de mim como se eu pudesse desaparecer se ele me deixasse ir. Mas eu não estava indo a lugar algum. Não dessa vez.

Quando chegamos à casa dele, eu quase desmaiei – era uma mansão legítima, uma casa bonita e ampla com uma entrada circular.

Não que eu não soubesse que eles eram ricos, mas de alguma forma eu não estava preparada para o que vi.

Suas irmãs e mãe estavam todas sentadas na cozinha, esperando por nós. Elas sorriram e pularam, correndo em nossa direção para nos dar abraços e parabéns.

Eu senti como se estivesse presa em um tornado de arco-íris.

— Entre, Cam. — disse sua mãe. — Você está com fome? Acabei de fazer salada de frango para sanduíches.

— Morrendo de fome.

Tyler passou a mão no meu braço. — Deixa eu ir me trocar, então talvez possamos dar um passeio?

Eu assenti, sorrindo, sentindo que ele queria me beijar, mas ele não o fez. Eu não levei nem um pouco para o lado pessoal, sabia que logo teria todos os beijos que queria.

Ele subiu as escadas e eu segui todos para a cozinha para sentar no balcão. Meg se sentou ao meu lado, sorrindo.

— Você tem alguma idéia de como foi difícil manter tudo isso em segredo de Tyler?

Eu ri. — Como vocês descobriram?

Meg riu. — Não existe nada como uma operação secreta nesta casa. Jamie é a bisbilhoteira da família. Ela ouviu mamãe e papai conspirando na noite passada e contou a Grace, e as duas me bombardearam às sete da manhã. Elas têm sorte de eu ter tido o bom senso de não me embebedar ontem à noite.

Ela fez uma careta dramática e ergueu o punho para as irmãs, que riram.

Olhei em volta para a família feliz, todos se viraram para olhar para mim com sorrisos no rosto e fomos dominados pela emoção. — Muito obrigada, Sr. e Sra. Knight. Eu provavelmente poderia ter esperado até que ele voltasse para casa, mas eu o machuquei, e eu só... eu queria fazer as pazes com ele, e eu não

poderia ter feito isso sem a sua ajuda.

O Sr. Knight riu. — Você não precisa nos agradecer. Estamos felizes em ajudar, e de qualquer maneira, isso foi mais divertido do que qualquer outra coisa.

Meg suspirou. — Eu gostaria de poder ter visto.

— Não se preocupe. — eu disse. — Darryl gravou com meu telefone. Aqui.

Entreguei e as meninas se amontoaram para assistir. Engraçado que durasse apenas alguns minutos. Que alguns minutos poderiam me levar do desespero à alegria.

Elas riram quando a banda começou, e eu girei e empurrei meus quadris no tempo da música com meus braços e ombros. Talvez eu tenha assistido muitos vídeos de rap dos anos 90 para me preparar.

Talvez também pode ter havido alguma prática de pijama na sala dançando ao som de *Kid 'n Play.*

Ninguém poderia dizer que eu não estava preparada.

Eu pensei sobre o momento. Imaginei o que teria acontecido se ele dissesse não, se estivesse machucado demais para me perdoar.

Um choque de medo passou por mim, me perguntando se ele apenas disse que me perdoava porque eu o colocara no local.

Tenha fé. Queime junto.

Meus medos desapareceram com o fôlego no momento em que ele entrou na sala, camiseta esticada no peito, mãos nos bolsos da calça jeans, sorrindo para mim como se eu fosse a única pessoa na sala, no mundo.

Ele se aproximou e parou atrás de mim. As meninas estavam assistindo o vídeo novamente, e ele se inclinou para olhar também, seu rosto suave. Quando terminou, Meg gemeu e me entregou meu telefone.

— Deus, vocês são a coisa mais fofa do mundo.

A mãe de Tyler colocou pratos na frente de todos nós com sanduíches de salada de frango, completos com batatas fritas e picles.

Ele estava perto o suficiente para eu me inclinar contra seu torso como se ele fosse uma cadeira.

— Ei. — ele disse, curvando-se um pouco. — Quer fazer um piquenique?

Estiquei o pescoço para olhar para ele, sorrindo. — Claro.

Ele beijou o topo da minha cabeça e desapareceu por um segundo, aparecendo novamente com um moletom e um cobertor mexicano dobrado sob os braços. Pegamos nossos pratos e saímos pela porta dos fundos com os sorrisos e a aprovação de sua família.

O quintal não era nem um quintal – era uma área sem cercas visíveis, com um enorme jardim no meio e um deck no centro. Uma *pagoda* estava lá com

balanços e cadeiras pendurados. Pensei que iríamos seguir por esse caminho, mas o segui em direção a uma das grandes árvores, um carvalho, pensei. Quando chegamos, ele me entregou seu prato e estendeu o cobertor nas folhas alaranjadas e douradas, e nos sentamos sozinhos pela primeira vez desde que nos vimos.

Eu nem queria mais comer. Eu só queria me enrolar nele e deitar lá para sempre.

Ele parecia se sentir da mesma maneira, pegando nossos pratos, colocando-os fora do caminho para que ele pudesse se aproximar de mim. E nos deitamos, nossos olhos grudados nos galhos da árvore, vermelhos e laranjas profundos, pontilhados pelo céu azul.

Seu braço estava em volta de mim, me segurando ao seu lado, seu bíceps debaixo da minha cabeça como um travesseiro. — Eu acho que eles gostam de você.

Eu ri. — Espero que sim. Eles se esforçaram tanto para me ajudar.

— Não estou surpreso. Eles sabem como eu me sinto sobre você. — Ele ficou quieto por um momento. — O que aconteceu quando eu fui embora? — Ele perguntou suavemente.

Eu respirei fundo e soltei. — Eu chorei. Muito.

Seu braço se apertou e ele beijou meu cabelo.

— Comi cupcakes. Isso ajudou um pouco. Então eu dormi. Ontem, acordei e liguei o jogo. Eu vi você no canto e... — Engoli em seco. — Não sei. Eu meio que perdi de novo. E quando falei com Rose, percebi que era porque eu estava sendo idiota.

— Não idiota. Assustada, mas não idiota.

— Estúpida.

— Não. Pare com isso, Cam.

Suspirei, meus olhos nas folhas enquanto o vento soprava nos galhos. Algumas folhas se soltaram e voaram até nós.

— Você sabia que Kyle estava no jogo? — Ele perguntou.

Eu pisquei, atordoada. — Não.

— Ele estava sendo reconhecido por uma doação que fez. Ele veio conversar comigo no escanteio. — Tyler fez uma pausa. — Ele me contou sobre a festa. Sobre o que ele disse.

Uma preocupação fria correu em minhas veias.

— Por que você não me contou, Cam?

— Porque eu acreditei nele.

Ele suspirou. — Você acreditou nele ao invés de em mim.

Eu respirei. — Não foi apenas por causa de Kyle.

— O que você quer dizer?

Eu esperei através de um batimento cardíaco, depois outro. — Era sobre o que eu queria falar com você antes de você sair. Não sei por que não falei com você sobre isso antes. Acho que porque não falo sobre isso com ninguém.

— Falar sobre o quê? — Ele perguntou gentilmente.

Eu o senti me observando, mas mantive meus olhos acima de nós, traçando a linha dos galhos que se separavam como veias, como capilares nos pulmões. — Há muito tempo, eu pensei que amava um garoto. Eu estava no colegial e ele era um garoto bonito e popular. E eu não era ninguém, apenas uma leitora de livros e óculos.

Mas ele me viu quando eu pensei que era invisível.

Ele não disse nada, apenas me abraçou, esperando que eu continuasse.

— Confiei nele, mesmo que mantivéssemos isso em segredo.

Eu... eu me entreguei a ele. Ele foi meu primeiro, e eu pensei...

Tyler me apertou, e eu sabia que ele já havia entendido. O conhecimento me deu coragem.

— No dia seguinte na escola, ele mal me reconheceu. Ele voltou com sua ex e me disse que estava arrependido. — Suspirei com o vazio. — O mais triste é que ele realmente se importava comigo. Mas éramos muito diferentes, ele disse. De mundos diferentes. Ele estava na quadra do baile e eu era a presidente dos *Mathletas*. Então eu decidi que nunca mais sairia com alguém com quem eu não sentia que fosse igual a mim..

— Cam... — A palavra estava cheia de dor, e eu olhei para ele.

Ele me olhou, com os olhos tristes, a testa franzida de preocupação.

Mas estendi a mão e toquei seu rosto.

— Então foi por isso. É idiota, foi há um milhão de anos atrás. E o mais importante é que você não é ele. Você nunca me trataria como ele, e eu sei disso. Eu sabia disso, mas depois que aconteceu, eu só queria consertar isso. Fortificar-me, proteger-me de que isso volte a acontecer. Mas eu estava errada, porque isso me machucou e machucou você também.

— Não é idiota. Eu gostaria que você tivesse me dito.

— Sinto muito, Tyler.

— Não peça desculpas. Eu sei porque. Mas eu quero que você saiba que se você me der seu coração, eu cuidarei dele. Vou protegê-la com meu último suspiro.

Eu me virei em seus braços e olhei para ele, meus olhos cheios de lágrimas. — Meu coração era seu desde o começo, quer eu desse ou não, mas estou dando-o a você por vontade própria.

Ele tocou meu rosto.

Eu sorri. — E eu não vou questioná-lo novamente. — Eu respirei. — Você me disse algo mais cedo, e eu não respondi. Eu deveria ter respondido, mas não tinha palavras, não consegui falar.

Mas eu quero que você saiba que eu te amo como meu amigo há tanto tempo, mas agora... eu só quero que você saiba que eu sinto o mesmo. Eu te amo, Tyler.

As palavras pareciam estranhas, palavras que eu mal expressei na minha vida toda, mas nunca soaram tão verdadeiras quanto naquele momento. Ele me beijou, dizendo com seu corpo o que ele havia dito com suas palavras, tangível e inegável.

Eu parei depois de um momento e cruzei os braços em seu peito, descansando meu queixo nas costas das minhas mãos. Ele se apoiou para olhar para mim.

— Então, o que exatamente Kyle disse sobre mim?

— Ah, não. — ele disse com uma risadinha. — Você nunca saberá. Mas eu vou te dizer uma coisa, eu o soquei por causa disso.

Uma risada saiu de mim. — Você fez?

— Eu fiz, o que é um grande negócio. Eu soquei exatamente três pessoas na minha vida toda, e duas delas antes dos treze anos.

— Eu gostaria de poder ter visto.

Ele riu. — Tenho certeza de que há uma fita em algum lugar.

Deus, eu estava tão chateado, eu poderia tê-lo matado. Ele também se virou contra mim, disse que eu não era ninguém porque não fui profissional.

Meu coração afundou com o meu sorriso. — Mentira.

O sorriso dele também foi moderado. — Sério, mas eu não avalio nada do que ele diz. Ele estava apenas tentando me irritar, e funcionou. — Ele levantou a mão direita, as juntas inchadas de frente para mim. — Mas ele levou um soco na cara, pelo que sei, então estamos quites.

Eu ri e peguei sua mão, beijando os nós dos dedos que ele usou para defender minha honra. — Meu cavaleiro de armadura brilhante, venha me salvar.

— Não, foi você quem me salvou. Você disse que não se encaixava, e eu entendi. Já me senti assim, nunca senti como se pertencesse, não fora da minha família e de você. É por isso que eu não queria te perder, o porquê que eu tentei tanto convencê-la.

Você me salvou, Cam. Não o contrário.

— Salvamos um ao outro da solidão e de nós mesmos.

— Talvez um dia você também seja um cavaleiro. — disse ele calmamente, envolvendo os dedos nos meus.

Meu coração parou por medo de que tudo fosse um sonho. — Se você me

considerar digna, eu não poderia dizer não.

Seu rosto se curvou com emoção. — Você é digna. Você é tudo.

— E com isso, ele me puxou para cima dele, deslizou a mão no meu cabelo e me beijou enquanto as folhas de outono caíram ao nosso redor como chuva.

Cavaleiro Branco.

Tyler

O dia passou em um clima estranho, rápido e lento, um sonho.

Comemos nossos sanduíches e caminhamos pelo jardim. Mostrei o balanço antigo no fundo do quintal, e ela se sentou para que eu pudesse empurrá-la. Eu a observei arquear, seus Chucks no ar e cabelos voando, o sorriso em seu rosto, um que espero nunca ter que passar um dia sem ver.

Uma visão passou pela minha mente dela em um vestido de noiva assim, Chucks no ar, a saia do vestido voando, e eu pensei sobre isso. Nem me surpreendeu, o pensamento. Eu apenas ansiava por isso, esperava que se tornasse realidade.

Voltamos para casa de mãos dadas, passando o resto do dia com minha família. O jantar foi barulhento, cheio de risadas e histórias de nossa infância – quanto mais embaraçoso, melhor, para minhas irmãs. E naquela noite, todos nos sentamos na sala da família e conversamos até Cam ficar do meu lado meio adormecida e bocejas esticavam os rostos da maioria dos Knights.

Mamãe colocou Cam no quarto de hóspedes no final do corredor, embora uma vez que estivéssemos vestidos para dormir e a casa estivesse se acomodando, eu encontrei Cam no banheiro, onde escovamos os dentes como sempre.

Ficamos no corredor escuro e nos despedimos em sussurros e promessas, odiando nos separar, desejando estar em casa onde poderíamos estar sozinhos, onde ela poderia dormir em meus braços.

Eu não queria ficar longe dela por mais um minuto.

Mas fiz o meu caminho para o meu quarto, sentindo-a pelo corredor tão tangivelmente como se eu tivesse deixado um membro com ela. Embora eu tivesse, eu supunha. Ela tinha meu coração.

Me revirei na cama por um longo tempo, pensando nela até que não aguentei mais. Me esgueirei pelo corredor, evitando as tábuas rangentes, e abri a porta, fechando-a atrás de mim suavemente.

— Você veio. — ela sussurrou.

— Eu sempre virei. — eu sussurrei de volta enquanto deslizava ao lado dela.

Ela suspirou e se mexeu até que nossos corpos estivessem colados, sua cabeça descansando sob o meu queixo. E me senti mais em casa do que nunca.

Nós não conversamos, apenas nos abraçamos ao luar. Não nos beijamos, apenas respiramos. E quando finalmente adormeci, foi com o nome dela nos meus lábios e seu corpo contra o meu.

ESPELHO

Cam

AINDA ESTAVA ESCURO QUANDO ele acordou, me deixando com um beijo e um carinho na minha bochecha, e eu voltei a dormir com um sorriso. Quando acordei novamente, o sol já havia nascido e me estiquei como um gato, esperando que ele já estivesse acordado, desejando que ele ainda estivesse na cama comigo.

Quando eu estava vestida, desci as escadas e entrei na cozinha, encontrando Tyler lá, lendo. Eu trouxe *O Hobbit* para ele, e ele estava curvado sobre ele, absorvido pelas palavras. Ele não me viu se aproximar, não até que eu estivesse perto dele, pressionando um beijo em sua têmpora.

Sua mãe estava fazendo café da manhã, ovos, bacon e batatas fritas, mas a cozinha estava vazia.

— Bom dia, Cam. — disse ela. — Dormiu bem?

Eu sorri para Tyler. — Ótimo, obrigada por perguntar. As meninas estão na escola? — Eu perguntei quando me sentei ao lado dele.

— Estão. — disse ela — e Carl também, mas ele chegará mais tarde para ver vocês dois.

Tyler franziu a testa um pouco para mim. — Quando é o seu vôo?

Meu sorriso se transformou em um sorriso. — Eu consegui ficar no mesmo voo que o seu de volta para casa, graças a sua mãe.

Ela sorriu para nós sobre o ombro. — Eu posso ter feito alguma escavação secreta de bagagem para obter as informações.

Ele riu. — Agora estou feliz por ter trazido meus recibos comigo para os dois voos.

A sra. Knight suspirou. — Eu vou sentir saudades de você. Esta viagem foi um borrão.

Eu me senti um pouco culpado. — A culpa é minha.

Ela acenou com sua espátula para mim. — Não seja boba. Tyler não ia ficar em casa por muito tempo se você estivesse aqui ou não.

Pelo menos ontem, passamos o dia juntos. Vocês dois voltam para o Dia de Ação de Graças?

Ele olhou para mim, esperançoso, e eu sorri. — Eu ficaria feliz.

Talvez também pudéssemos ir a Walnut e ver meus pais. É só uma hora e meia de distância.

— Isso certamente facilitará as férias. — disse ela, rindo, como se soubesse que passaríamos férias juntos por um futuro próximo, como se fosse o único curso de ação natural, e eu esperava que ela estivesse certa..

Tomamos nosso café da manhã e fizemos as malas, o pai de Tyler chegou bem a tempo de se despedir, como prometido. Todos nos abraçamos com a promessa de nos vermos no Dia de Ação de Graças, o que facilitou as despedidas. E então subimos no carro alugado de Tyler e partimos, acenando até sairmos do portão.

Suspirei e recostei-me no meu lugar, e ele pegou minha mão, sorrindo para mim, nossos dedos entrelaçados por todo o percurso.

No avião, ele levantou o apoio de braço entre nós e colocou minhas pernas em seu colo enquanto líamos nossos livros. Ele parava de vez em quando para conversar comigo, lia uma passagem para mim com a minha cabeça apoiada em seu ombro. Fiz o mesmo com *Mists of Avalon*, convencendo-o a ler também, escondendo o fato de ter quase novecentas páginas.

Nova York estava exatamente como tinha ficado quando a deixei na manhã anterior, mas me senti mais leve e mais feliz do que imaginava. Como se ele fosse o antídoto para o meu louco, de alguma forma me normalizando, aliviando a carga do meu fardo.

Quando chegamos em casa, o sol estava se pondo e entramos pela porta, indo direto para nossos quartos para despejar nossas coisas. Ele me encontrou no meu quarto e caiu na minha cama, e eu fiz o mesmo, rindo.

Ele apoiou a cabeça na mão e colocou a mão no meu quadril, deslizando-me para mais perto dele. Deslizei minha perna entre as dele.

— Eu gostei de ver você na minha cidade natal. — disse ele, sorrindo.

— Gostei de estar na sua cidade natal. Eu amei sua família quando os conheci na última vez em que estivemos em Nova York, mas agora não sei se eles vão se livrar de mim.

Ele riu. — Eu não sei se você vai se livrar deles. Ou de mim, aliás.

Meu coração acelerou. — Bem, o sentimento é mútuo.

Seu rosto ficou mais sério, e ele afastou meu cabelo do meu rosto, alisando-o na parte de trás da minha cabeça suavemente. — E

se você ficar com medo de novo?

— Então eu vou falar com você, e você vai me dizer que me ama, e eu vou ficar bem.

— Sem fugir?

— Sem fugir. Somente para você.

— Promete?

— Prometo. — Eu procurei seu rosto, toquei sua bochecha. — Agora *eu* te deixei com medo.

— Não, não estou com medo por mim. Estou com medo por você. Eu não quero que você se machuque, Cam. Especialmente por minha causa.

— Você nunca me machucou. Eu me machuquei. Mas eu tenho fé. Eu preciso, porque ficar sem você não é o que eu quero. Eu preciso de você, Tyler.

Ele fechou os olhos e virou o rosto para beijar minha palma.

Inclinei-me para ele, puxando-o para baixo para me beijar, seus lábios roçando contra os meus suavemente no início, depois mais fundo, sua língua varrendo meu lábio inferior. Eu os separei, deixando-o entrar, deixando-o ir. Dando a ele tudo de mim.

Suas mãos estavam nos meus cabelos, nossos corpos pressionados juntos quando chegamos o mais perto possível. Mas eu queria estar mais perto. Eu queria tudo dele.

Minhas mãos encontraram a barra da camisa e deslizaram para a pele quente e macia de seus abdominais. Elas não pararam, subindo pelo corpo dele, sentindo os cumes e vales do peito. Ele se afastou do beijo por tempo suficiente para tirar sua camisa e jogá-la antes que seus lábios pressionassem os meus novamente.

Eu me senti tão pequena quando ele me puxou para perto, tão delicada sob suas mãos que acariciavam meu queixo e pescoço, meu braço e quadril, tão cuidadoso quanto ele era firme comigo. Ele foi terno e exigente ao mesmo tempo, tirando minha camisa, soltando meu sutiã com o estalo de seus dedos, e então eles se foram.

Suas mãos eram tão fortes e ao mesmo tempo macias enquanto ele acariciava meu peito com reverência, apertando meu mamilo, curvando-se para colocar seus lábios em torno dele, circulando sua língua até meus olhos se recusarem a ficar abertos. Ele me prendeu contra ele com apenas uma mão nas minhas costas, a outra ao redor do meu peito, e meus quadris rolaram, procurando os dele, querendo a conexão que meu corpo doía para ter.

Ele se moveu pelo meu corpo, a perda de sua boca quente no meu peito instantânea, o ar frio atingindo-o, apertando-o justamente quando eu pensei que não podia sentir nada mais requintado. Suas mãos habilmente desabotoaram

meus jeans e os tiraram, movendo-se com certeza que me fez sentir desamparada sobre o fato de que ele não conseguia parar, me desejando tanto, suas mãos tremendo de necessidade. Não houve cerimônia para remover minha calcinha, e eu não precisava de nenhuma. Eu só precisava dele.

Ele se estabeleceu entre minhas pernas, beijando minha coxa, me tocando suavemente, me abrindo, me enchendo, chupando.

Minha cabeça caiu para o lado, incapaz de manter meus olhos abertos com o alívio de ele me tocar como se meu corpo fosse dele.

Ele se afastou e minhas pálpebras se abriram ao vê-lo se movendo para o suporte da cama. Eu o assisti enrolar a camisinha, suas mãos grandes acariciando seu comprimento, seu corpo nas sombras, a curva de seus ombros e peito, as cristas de seu abdômen, o V que ia de seus quadris até mais embaixo.

E então ele se abaixou, pairou sobre mim, me enjaulou em seus braços e guiou seu membro até ele estar pressionado contra mim. Eu gemia uma palavra, seu nome, um apelo, e ele flexionou, roubando meu fôlego enquanto me enchia.

Cheia, tão cheia que eu não conseguia respirar, embora ele ainda pudesse me encher mais, mas ele recuou com um suspiro trêmulo, os olhos quase fechados, os lábios entreabertos enquanto o nariz roçava o meu. E ele flexionou novamente, mais forte, me enchendo mais dessa vez.

Antes, eu tinha controle sobre a profundidade, mas desta vez foi diferente. Ele estocou mais fundo, pressionando suavemente. Era um sonho, apenas batimentos cardíacos e sensações, respirações e visões. Seu rosto, seu corpo, o meu, se unindo, se separando, lento e firme. Eu rebolei contra ele, pernas levantadas para trazê-lo ainda mais fundo, joelhos altos contra suas costelas, coxas tremendo. Ele rolou os quadris contra o ponto sensível onde nossos corpos se encontravam, se movendo para atingir o ponto sensível interior, e a cada movimento meu coração batia mais rápido, as pernas apertadas com mais força, a respiração superficial, até que ele sussurrou: — Deixe ir.

Duas palavras, e eu vim sem cerimônias, o coração parando antes de se juntar com o resto de meu corpo. E foi demais. Demais para mim, para ele, e ele veio logo depois de mim, com um impulso que me atingiu mais fundo, respirando meu nome. Ele estava em toda parte, me cercando, dentro de mim, no meu coração, na minha alma.

Ele era meu. Eu era dele. E eu sabia que nunca me entregaria a mais ninguém.

Nossos corpos diminuíram a velocidade e ele abaixou a cabeça, enterrando-a no meu pescoço. Eu o aninhei em meus braços, dedos em seus cabelos, fechei os olhos e respirei, sentindo seu coração batendo contra o meu até que batessem juntos.

Quando ele levantou a cabeça e olhou para mim, havia tanto amor que eu não aguentei, meus olhos se enchendo de lágrimas. E meus olhos espelharam os dele, meu coração e alma espelharam os dele. Éramos um, os mesmos, juntos.

Eu não conseguia falar e, mesmo que pudesse, não havia palavras no momento. Então eu o beijei e prometi a ele o para sempre, e ele prometeu o mesmo. E eu deitei em seus braços, de onde eu não sairia.

EPÍLOGO

Tyler

CAM ESTAVA PARADA DIANTE do bar do Wasted Words com uma taça de champanhe na mão, batendo com um palito para atrair a atenção de todos. A multidão virou-se para encará-la, minha linda namorada, que parecia bastante à vontade em saltos e vestido, lábios vermelhos sorrindo para Bayleigh e Martin.

— Olá. Queria agradecer a todos por terem vindo hoje à noite.

Uma voz veio de trás, dizendo: — Onde você está, pequenininha?

Todo mundo riu, e Greg apareceu ao lado dela com uma cadeira, ajudando-a a ficar de pé nela.

— Melhor? — Ela perguntou, e todos concordaram. — Boa.

Então, obrigada por estarem aqui para comemorar o noivado de Bayleigh e Martin.

A multidão aplaudiu e assobiou, e Bayleigh corou, inclinando-se para Martin.

— Agora, alguns de vocês podem ou não saber que eu era realmente cem por cento anti-Martin a princípio.

Algumas vaias vieram dos fundos, mas ela riu e levantou a mão, assentindo. — Eu sei, me ouçam. Eu meio que tenho uma reputação de juntar pessoas, e pensei que já tinha resolvido eles e tinha grandes planos para eles que não incluíam um ao outro. Mas eu não conseguia ver o que estava bem na minha frente – que esses dois eram perfeitos juntos. Não importa o que eu fiz para separá-los, eles continuavam se encontrando. A força que une os dois é mais forte do que qualquer pessoa poderia quebrar, e eu sei disso. Eu tentei. Mas se houve um momento em que fiquei feliz por estar errada, foi esse.

Todos aplaudiram e Martin ergueu o copo, passando um braço em volta dos ombros de Bayleigh.

Cam levantou o copo no ar. — Para Bayleigh e Martin: que vocês sempre

desafiem as regras e verdades do universo, se isso significa que estarão juntos. Parabéns, meus amigos.

A multidão deu seus próprios aplausos, os copos levantados.

Fui até Cam para ajudá-la a sair da cadeira e ela sorriu para mim. — Eu preciso de uma bebida que não seja tão borbulhante.

Eu ri. — Uísque?

— Sim, por favor.

Fomos até o bar onde o novo barman, Sascha, sorriu para nós.

— Olá, Cam. — disse ele com seu forte sotaque alemão, o rosto comprido curvado em um sorriso de proporções caricaturais. — Algo para beber?

— Uísque, obrigada.

— Sem problemas. — ele respondeu enquanto pegava gelo no copo. – Então, Senhorita Matchmaker, já encontrou a pessoa certa para mim?

Ela riu. — Ainda não, Sascha.

— Bem, você sabe que eu ainda estou procurando meu green card*. — ele brincou, um sorriso torto ainda em seu rosto.

— Ah, eu sei. — ela disse com uma risada. — Estou surpresa que você não tenha encontrado alguém para si. Você parece ir para casa com uma garota nova todas as noites.

Ele colocou a mão no peito enquanto servia, sorrindo de uma maneira que era auto-depreciativa e arrogante ao mesmo tempo. — As mulheres adoram o sotaque.

Ela riu. — É verdade, elas adoram. Você é o novo barman favorito de todos. Agora, se eu pudesse descobrir como fazê-lo trabalhar em lederhosen*, estaríamos prontos.

— Ah, mas eu deixei a minha em Frankfurt. — disse ele com um sorriso e um encolher de ombros enquanto a entregava a bebida.

— Obrigada, Sascha. Diga à sua mãe para enviá-lo. Pagarei pelo frete.

Ele se apoiou no bar. — Combinado. Alguma coisa para você, Tyler?

Eu levantei minha bebida. — Estou bem, obrigado.

— De nada. — Uma garota caminhou até o outro extremo do bar e ele se levantou, seu sorriso subindo mais alto quando ele invocou seu charme.

Cam balançou a cabeça. — Esse cara é um maldito fazedor de dinheiro. Olhe para ele falar com aquela garota.

Eu ri. — O homem tem habilidades. Ele receberá seu green card muito em breve se continuar assim.

Ela riu e passou o braço em volta da minha cintura, olhando para Bayleigh e Martin com um suspiro. — Estou tão feliz por eles.

— Eu também.

— Ainda me sinto mal por tudo o que aconteceu.

— Bem, deveria. Você foi muito má com eles.

Ela fez uma careta e beliscou meu braço. — Ha, ha.

Eu ri e beijei o topo de sua cabeça. — Tudo deu certo, no final.

Tudo.

— Com certeza. — Ela sorriu para mim. — Não acredito que já faz quase um ano.

— Nem eu. Estou surpreso que você ainda não tenha me deixado.

Ela riu. — Quem teria imaginado que eu teria mais risco de ir embora do que você?

Eu a apertei. — Eu.

Ela sorriu, levantando-se na ponta dos pés, e eu me inclinei para beijá-la suavemente antes que ela me puxasse pela multidão.

O ano tinha sido agitado. Eu assinei com Darryl e passei pela minha primeira Off Season. Ele havia aceitado um contrato com o 49ers, e eu estive lá com ele a cada passo do caminho. Cam dedicou seu tempo trabalhando duro no Wasted Words, e ele se tornou um ponto básico do bairro, a noite de solteiros ainda era um sucesso, todas elas. E eu ainda ia, apenas por ela.

Tínhamos passado todas as férias no Centro-Oeste, pulando entre Walnut e Lincoln, nossos pais às vezes viajando para que pudéssemos passar férias juntos. A última vez que vi o pai dela, no Dia do Trabalho, pedi sua mão.

Ele sorriu, os olhos brilhando por trás dos óculos e me deu um tapa no ombro, dizendo que ele sempre quis um filho. Me dizendo que ele sempre quis ver Cam tão feliz quanto ela estava comigo.

O anel estava escondido em um par de sapatos da casa, debaixo de uma pilha de blusas no meu armário. O plano estava firme, nossa viagem a Lincoln para o baile marcada, os pais dela estavam lá conosco, e a banda já tinha as partituras de *Crazy He Calls Me*. Tudo que eu precisava era que o tempo acelerasse e que ela dissesse sim.

Sua mão minúscula estava na minha quando fizemos as rondas, conversando com todo mundo, mas passando mais tempo principalmente com Bayleigh e Martin. Eu nunca tinha visto Martin tão feliz, nem em todos os anos em que o conheci. Os dois eram inseparáveis desde aquela fatídica noite de boliche. E Cam e eu somos inseparáveis desde que aquela banda tocou *Bust a Move.*

Ela cumpriu sua promessa. Não fugiu, não se preocupou, apenas deixou para lá, como ela disse que faria. E somos perfeitamente felizes desde então. Sem mais dúvida. Sem mais incertezas. Apenas Cam e eu, queimando juntos.

A noite terminou, e todos saíram, Bayleigh e Martin por último.

Houve abraços e parabéns, planos e promessas discutidas – Cam e eu

estávamos na festa de casamento – e então, eles se foram também.

Ficamos na frente das portas, a cidade do outro lado, prateleiras e corredores de livros atrás de nós, e eu olhei para ela quando ela olhou para cima, nossos olhos se encontrando por um longo momento, sorrisos gentis e cheios de eternidade. E quando nos beijamos, eu sabia que o nosso para sempre já havia começado.

*N.T.: O green card, oficialmente chamado US Permanent Resident Card, é um visto permanente de imigração concedido pelas autoridades de um país. Diferentemente dos outros tipos de vistos, ele não restringe ou limita as ações de quem o tem.

*N.T.: Lederhosen são calças feitas de couro, que podem ser curtas ou na altura do joelho.

Sobre a Autora



Staci fez muitas coisas até agora em sua vida: designer gráfica, empresária, costureira, designer de roupas e bolsas, garçonete. Não pode esquecer isso. Ela também é mãe de três meninas que certamente crescerão para partir um número de corações. Ela já foi esposa, embora certamente não seja a mais limpa ou a melhor cozinheira. Ela também é super divertida em uma festa, principalmente se estiver bebendo uísque, e sua palavra favorita começa com f, termina com k.

Desde as raízes em Houston até uma temporada de sete anos no sul da Califórnia, Staci e sua família acabaram se estabelecendo em algum lugar no meio e igualmente ao norte, em Denver. Eles são novos o suficiente para que a neve ainda seja mágica. Quando não está escrevendo, está jogando, limpando ou criando gráficos.

Siga Staci Hart:

Website: Stacihartnovels.com

Facebook: Facebook.com/stacihartnovels

Twitter: Twitter.com/imaquirkybird

Pinterest: pinterest.com/imaquirkybird